

Três Lendas de Tebas

1. o Demônio do Campo

Na época em que, no Egito, o paganismo decadente cedia cada vez mais terreno à nova doutrina e floresciam nas cidades e mais humildes lugarejos inúmeras congregações cristãs, os antigos demônios viam-se forçados a retirar-se mais e mais para o deserto tebano. Era um vasto ermo então completamente desabitado, pois os devotos penitentes e os eremitas ainda não se atreviam a penetrar nessa perigosa região e preferiam viver, fechados a toda comunicação com o mundo, em pequenos hortos ou palheiros vizinhos das aldeias ou para além das grandes cidades. Assim, esse grande deserto estava completamente à disposição de Belzebu, com seu exército e séquito, pois as únicas criaturas que lá habitavam eram as feras e uma infinidade de vermes e répteis venenosos. A elas se juntavam agora — desalojados de toda a parte pelos santos e penitentes — os demônios superiores e os diabos inferiores, assim como todos os seres pagãos e heréticos. Entre estes havia os sátiros ou

faunos, chamados demônios do campo ou silvanos, os unicórnios e centauros, os druidas e muitos outros espíritos; pois Belzebu exercia poder sobre todos eles e era tido como certo que, tanto pela sua origem pagã como pela conformação meio animal, eram desprezados por Deus e não podiam jamais aspirar à sua glória.

Entre esses homens-animais e ídolos pagãos derrubados nem todos eram maus; alguns só a contragosto se submetiam a Belzebu. Outros, porém, obedeciam-lhe com prazer e, em sua raiva, comportavam-se de maneira muito diabólica, visto não saberem por que motivo haviam sido expulsos de sua anterior existência, tranqüila e inofensiva, e empurrados para o seio das criaturas desprezadas, perseguidas e maldosas. Segundo as crônicas da vida do saudoso eremita Paulo e as notícias de Atanásio sobre o santo frade Antônio, parece que os centauros eram seres hostis e malignos mas os sátiros ou demônios do campo eram, até certo ponto, pacíficos e mansos. Pelo menos, está escrito que o bem-aventurado Antônio, durante sua prodigiosa viagem pelo deserto ao encontro de Paulo, deparou-se com um centauro e um demônio do campo; enquanto o primeiro o tratou com rudeza e malícia, o sátiro, pelo contrário, conversou amenamente com o santo e demonstrou até desejo de receber a sua bênção. É desse sátiro ou demônio do campo que trata esta lenda.

O demônio do campo, com outros da sua estirpe, acompanhara os demais espíritos maus até o deserto inóspito e nele vagueava. Como vivera outrora numa frondosa e bela floresta e suas relações se limitavam unicamente aos seus semelhantes e às graciosas driades, ou ninfas dos bosques, o pobre sátiro ressentia-se profundamente desse exílio para lugar tão selvático e da convivência com os espíritos e demônios malignos.

Durante o dia, gostava de afastar-se dos outros, errando solitário entre os rochedos e dunas de areia, sonhando com os lugares verdejantes e férteis de sua vida anterior, despreocupada, alegre, e cochilando umas horas na sombra rala das palmeiras esparsas. De noite, costumava sentar-se em um vale sombrio, rochoso e agreste, de onde brotava um riacho, e aí ficava tocando em sua flauta de junco nostálgicas e dolentes canções, a que sempre acrescentava uma nova. Quando escutavam, ao longe, essas melodias plangentes, os faunos lembravam, pesarosos, os melhores tempos passados. Alguns deles soltavam doloridos suspiros ou entregavam-se a penosas lamentações. Outros, que não sabiam mais do que isso, en-

tregavam-se a danças turbulentas, soltando gritos e silvos estridentes, para esquecer mais depressa o que haviam perdido. Os demônios superiores, porém, debochavam do solitário e pequeno sátiro, arremedavam-no, troçavam dele e ridicularizavam-no de inúmeras maneiras.

Pouco a pouco, depois de ter largamente meditado sobre o motivo de sua tristeza, ter chorado os antigos e perdidos prazeres, e lamentado a desprezível existência atual no deserto, o sátiro passou a discutir tais assuntos com seus irmãos. E logo se formou entre os demônios do campo mais sérios uma pequena comunidade, empenhada em investigar as causas de sua degradação e a possibilidade de refletir sobre retorno ao antigo e paradisíaco estado de espírito.

Todos eles tinham consciência de se encontrarem submetidos ao poder supremo de Belzebu e suas hostes, pois o mundo era regido agora por um novo Deus. Desse novo Deus pouco sabiam. Mas da conduta e modo de ser do Príncipe das Trevas sabiam muito. E do que sabiam não gostavam. Era poderoso, sem dúvida, e entendia muito de feitiçarias, tendo com elas dominado a todos, e suas leis eram duras e terríveis.

Mas, agora, davam-se conta de que o todo-poderoso Belzebu também fora exilado e obrigado a refugiar-se no deserto. Por conseguinte, o novo Deus teria certamente de ser ainda mais poderoso do que ele. Assim, os demônios do campo acabaram por chegar à conclusão de que seria talvez melhor para eles manterem-se-sob as leis de Deus, em vez de obedecerem às de Lúcifer. E por isso estavam ansiosos por conhecer melhor esse Deus, resolvendo procurar todas as informações possíveis sobre Ele. Então, se gostassem do que lhes fosse dito, tratariam de se aproximar d'Ele.

Assim vivia essa pequena comunidade desalentada de demônios do campo, sob a direção daquele que era exímio tocador de flauta, numa tênue esperança de que seus tristes dias pudessem ter fim. Ignoravam, porém, até que ponto era grande o poder de Lúcifer sobre eles. Mas não tardariam em sabê-lo.

Na verdade, foi por essa mesma época que os piedosos eremitas devotos deram os primeiros passos no deserto tebano, até então jamais pisado por seres humanos. Só há pouco anos Frei Paulo, e mais ninguém, ousara penetrar nessas paragens. Dele conta a santa lenda que, durante esses anos, levou uma vida de penitente, vivendo numa estreita caverna, alimentando-se unicamente da água de uma

fonte, dos frutos de uma palmeira e de um pedaço de pão que lhe era trazido diariamente das alturas por um corvo.

Foi justamente desse Paulo de Tebas que um dia o demônio do campo tomou conhecimento e como uma certa inclinação, embora tímida, o atraía para as pessoas, procurava observar e escutar freqüentemente o santo eremita. Achava maravilhoso o modo de vida desse homem; pois Paulo vivia na mais santa pobreza e em completa solidão. Não comia nem bebia mais do que um pássaro, cobria o corpo de folhas de palma, dormia sem esteira, numa estreita gruta, e suportava o calor, as geadas, os ventos e a umidade sem um queixume, sujeitando-se ainda a penitências extraordinárias, como ficar rezando de joelhos, horas a fio, numa rocha áspera, ou jejuar dias inteiros, evitando até sua tão parca refeição.

Tudo isso parecia sumamente estranho ao curioso demônio do campo que, no começo, considerou aquele homem um tanto louco. Mas logo notaria que, afinal, Paulo levava realmente uma vida triste e dura, mas sua voz, quando ele orava, tinha um timbre singularmente suave e fervoroso, como se fosse o eco de uma grande felicidade interior; no rosto descarnado pairava uma expressão de tranqüila bem-aventurança e sobre a cabeça grisalha havia como que uma auréola luminosa.

O demônio do campo ficou espiando o penitente durante dias e chegou à conclusão de que esse anacoreta era um homem feliz e recebia fluidos de uma felicidade extraterrena que brotavam de ignotas fontes. E como o ouvia louvar e evocar tantas vezes o nome de Deus, concluiu que Paulo era, certamente, um servo e amigo desse novo Deus e que seria bom pertencer-Lhe.

Assim foi que, um dia, se armou de coragem, saiu de trás de uma rocha e acercou-se do encanecido eremita. Este desviando-se dele exclamou:

— Para trás! Para trás, Satanás! — Mas, ignorando as imprecações, o demônio do campo saudou-o humildemente e, em voz baixa, disse:

— Vim porque gosto de ti, eremita. Se porventura és um servo de Deus, oh, fala-me então d'Ele, conta-me algo do teu Deus e ensina-me o que é preciso fazer para que também eu possa servi-Lo.

Ouvindo essas palavras, Paulo hesitou e, movido pela sua natureza benévola, explicou:

— Deus é amor, fica sabendo. E bem-aventurado é aquele que O serve e por Ele sacrifica sua vida. Tu me pareces um espirito

impuro, por isso não posso dar-te a bênção de Deus. Para trás, demônio!

O demônio do campo afastou-se muito triste, carregando consigo as palavras do crente. Teria dado com prazer sua vida para assemelhar-se àquele servo de Deus. As palavras Amor e Bem-Aventurança, apesar de seu significado um tanto obscuro, soavam-lhe promissoras e deliciavam seu coração, despertando nele uma nostalgia violenta, não menos doce e forte do que a saudade dos perdidos tempos passados. Após alguns dias de silenciosa inquietação, lembrou-se novamente de seus amigos que, como ele, estavam cansados de ser diabos, e contou-lhes tudo. Discutiram muito sobre o caso, suspiraram e não sabiam ao certo o que fazer.

Aconteceu então que nessa mesma época surgiu um outro penitente. Foi instalar-se num lugar ermo e uma multidão de vermes asquerosos fugia e contorcia-se diante de seus pés. Era o santo Antônio. Lúcifer, porém, irritado com a presença do intruso e temendo por sua soberania nesse deserto, logo se empenhou em usar todo seu poder para afastá-lo daqueles lugares. É do conhecimento geral os mil e um ardis a que Lúcifer recorreu para desencaminhar, assustar e afugentar o santo homem. Surgiu-lhe como uma bela e sedutora mulher, como um irmão e confrade; ofereceu-lhe deliciosas iguarias e colocou prata e ouro em seu caminho.

Como tudo fosse em vão, passou a apavorá-lo. Espancava o santo até jorrar sangue, aparecia-lhe nas mais pavorosas formas, atravessava sua caverna com hostes de diabos, espectros, duendes, sátiros e centauros, ou com verdadeiros exércitos de lobos ferozes, panteras, leões e hienas. Também o melancólico demônio do campo tinha de participar nessas cavalgadas tenebrosas mas, quando se acercava do mártir, fazia apenas gestos suaves e compadecidos. Se os seus irmãos zombavam dele, puxando-lhe a barba ou o grosseiro hábito, o demônio do campo pousava o olhar envergonhado no santo e pedia-lhe um silencioso perdão. Mas Antônio não entendia e tomava as atitudes do infeliz sátiro como chocarrice de um espírito maligno. Tendo assim resistido a todas as tentações diabólicas, pôde então viver muitos anos de solitária vida santa.

Quando chegou aos noventa anos, Deus achou por bem dar-lhe a saber que nesse mesmo deserto vivia um ainda mais velho e digno penitente, e Antônio imediatamente se decidiu a visitá-lo. Sem conhecer o caminho certo, peregrinou ao acaso pelos ermos; mas o melancólico demônio do campo seguia-o furtivamente e ajudava-o,

de modo discreto, a encontrar o rumo exato. Por fim, com a sua habitual timidez, apareceu diante de Antônio. Saudou-o com humildade e disse-lhe que ele e seus irmãos ansiavam por conhecer Deus, rogando-lhe que os abençoasse. Mas como Antônio desconfiasse dele, o sátiro afastou-se, entre lamentações compungidas, como também está escrito em todas as antigas crônicas das *Vitae Pa trum*.

Prosseguindo Antônio em seu caminho, encontrou Paulo, lançou-se-lhe aos pés e foi seu hóspede. Paulo morreu aos cento e treze anos e Antônio foi testemunha de que surgiram dois leões ferozes, rugindo lamentosamente, e com as garras cavaram a sepultura para o santo. Depois disso abandonou a região e regressou ao seu lugar anterior.

O demônio do campo presenciara todos esses acontecimentos à distância. Sentia profundamente no inocente e magoado coração que os dois santos padres o tivessem rechaçado sem consolo. Como decidira ser preferível morrer a continuar escravo da maldade e como observara, e gravara bem o modo de vida e os gestos do saudoso Paulo, penetrou na mísera caverna onde ele vivera, vestiu seus trajes de penitente, feitos de folhas de palmeira, e passou a alimentar-se de água e tâmaras, ficava horas e horas ajoelhado numa postura incômoda, cheio de dores, sobre duras pedras, e procurava imitar em tudo o eremita defunto.

Apesar de tudo, seu coração entristecia cada vez mais. Era evidente que Deus não o aceitava como a Paulo, pois o corvo que vinha diariamente visitar o ancião nunca mais aparecera. Além disso, bem vira, quando foi visitar Frei Antônio, que o mesmo corvo lhe levava o dobro do pão. Na caverna havia um fólio com os Evangelhos mas o demônio do campo não sabia ler. Em certos momentos, quando ficava ajoelhado até à exaustão e clamava fervorosamente por Deus, sentia perpassar em seu íntimo como que uma suave e furtiva sombra, um pressentimento de Sua presença, mas não conseguia chegar ao pleno reconhecimento.

Lembrou-se então das palavras de Paulo, que para a salvação é preciso morrer por Deus, e decidiu morrer. Nunca vira um seu semelhante morrer e a idéia de morte parecia-lhe algo terrível e amargo. Mas sua intenção era firme. Deixou de comer e beber, e passava dia e noite de joelhos, repetindo incansavelmente o nome de Deus.

E assim morreu. Morreu ajoelhado, tal como vira Frei Paulo. Momentos antes da morte, viu com espanto o corvo aproximar-se com um pão igual ao que costumava levar ao santo e apoderou-se dele um profundo júbilo, agora certo de que Deus aceitara o seu sacrifício e o elegera para a Redenção.

Pouco tempo depois de sua morte apareceram novos peregrinos, no intuito de se instalarem naquela região do deserto. Quando avistaram o vulto imóvel de joelhos, em traje de penitência e amparado pela rocha, acercaram-se e percebendo que estava morto, decidiram enterrá-lo cristãmente. Cavaram uma pequena sepultura, pois o morto era de pouca estatura, e entoaram preces.

Mas ao levantar o cadáver para sepultá-lo, os peregrinos observaram que, por baixo dos cabelos desgrenhados, havia dois pequenos chifres; e sob as folhas de palmeira viram ocultos dois pés de cabra. Então gritaram apavorados, crentes de que tudo não passava de uma zombaria do Príncipe do Mal. Largaram o morto e fugiram, entoando em altas vozes suas orações.

2. Os Pãezinhos Doces

As mui venerandas crônicas de antanho sobre a vida dos santos eremitas no deserto de Tebas mencionam, freqüentemente, quão variadas foram as tentações que os demônios procuraram infligir a esses bem-aventurados anacoretas. Entretanto, foi comprovado pelo exemplo de São João Egipcíaco, que a própria bondade de Deus também exporia à tentação um desses eremitas.

Vivia em Heliópolis um homem abastado que, embora não levasse precisamente uma vida censurável, gostava muito dos prazeres mundanos. Freqüentava o circo e os banhos, gostava de mulheres e como era de índole pacífica, um tanto indolente, dedicava-se sobretudo aos prazeres da mesa.

Ora, certo dia, esse bom homem, obrigado a recolher-se, após lauta refeição, com violentas dores que lhe traspassavam o corpo latejante, pressentiu que havia nisso um desígnio de Deus e, reconhecendo com pavor a futilidade de sua existência, decidiu imediatamente que, desse momento em diante, só viveria para a sal-

vação de sua alma. Passou a procurar o convívio dos devotos cristãos e a evitar todas as relações pecaminosas. Tanto se sentiu transformado pela bondade divina que fez uma promessa: doravante, recusaria todo e qualquer prazer mundano e dedicaria sua existência a orações e atos de renúncia, como eremita penitente.

Assim ele se mudou da cidade de Heliópolis para o deserto, como nessa época costumavam fazer muitos homens de fé e religiosos; procurou uma caverna num lugar ermo e lá ficou. Apenas com as próprias mãos, lavrou uma exígua leira de terra, onde semeou trigo, centeio e lentilhas para seu sustento. Seguindo o exemplo dos santos monges, jamais se alimentava enquanto o sol percorria o arco celeste, somente o fazendo após o crepúsculo e, mesmo assim, contentava-se com um punhado de cereal ou de lentilhas deixadas de molho na água de uma fonte que havia perto e onde ele se dessedentava. Imitava também os piedosos anacoretas ao reduzir sua vida cotidiana à prática de penitências e às orações e hinos em louvor a Deus.

Um anjo observava, divertido, todo esse esforço. Com outros irmãos seus, visitava amiúde essas paragens longínquas para espiar a vida dos anacoretas. O anjo sentia especial prazer em acompanhar esse penitente e, invisível, muitas vezes esteve perto dele, ouvindo seus suspiros e lamentações, as preces e orações, em testemunho a Deus de toda sua dedicação e devoção.

O anjo, depois dessa silenciosa observação, muitos anos a fio, animou-se o bastante para se acercar do trono de Deus e assim falar:

— Senhor, conheço um anacoreta do deserto que leva uma vida humilde e de incontáveis provações há muitos anos, em Tua homenagem. Permite-me que lhe leve um pouco de alegria e refrigério como sinal de Tua infinita bondade.

E o senhor indagou:

— Que tem de extraordinário esse eremita para que queiras agraciá-lo antes dos demais?

— Bem, de extraordinário ele nada fez — disse timidamente o anjo. — Seu coração é bondoso e ingênuo demais para que ele pense em fazer algo de incomum entre os eremitas. Só que eu gosto muito dele.

O Senhor sorriu e falou:

— Está bem, consinto que lhe prepares uma agradável surpresa. Mas não o estragues!

O anjo entoou um hino de louvor e apressou-se para chegar ao deserto onde vivia o penitente. O sol acabara de pôr-se na orla do deserto e o santo homem preparava-se para meter na água um punhado de lentilhas. Ao anjo ocorreu, de repente, o que deveria fazer e afastou-se, voando.

Quando, na noite seguinte, o eremita abandonava a gruta, onde costumava rezar, e que já tinha uma cova no lugar onde punha sempre os joelhos, sentiu penetrar em suas narinas um delicado e há muito não sentido aroma. E foi encontrar sobre uma mesa de pedra três pães alvos como a neve, macios como lã e doces como favos de mel. Cheirou-os, tocou-os, arrancou uma migalha e levou-a à boca. Seu rosto iluminou-se suavemente, caiu de joelhos, comeu o primeiro pãozinho e achou que tinha, realmente, gosto de mel. O segundo sabia a pêssego e desmanchava-se na boca; derretia-se entre os dentes, tal como um pêssego maduro. O terceiro, que se deixava absorver devagar, tinha um aroma ainda mais delicioso e o sabor de abacaxi. Com esse gosto na boca, o ditoso penitente suspirava baixinho, como num sonho.

No dia seguinte, iniciou suas penitências com redobrada gratidão. Ao avizinhar-se a noite, porém, lançou olhares para a posição do sol e mal o disco vermelho sumiu no horizonte correu afogado, pressuroso, para a mesa. E ali estavam mais três pães, sabendo um a maçã, outro a framboesa e o terceiro a marmelo. O pãozinho de marmelo provocou no religioso novos suspiros de gratidão.

No terceiro dia, logo após a refeição da manhã, os pensamentos do anacoreta voltavam-se apenas para a chegada da noite, imaginando com imensa curiosidade como seriam os pãezinhos daquele dia. No entanto, logrou dominar-se, rezou, flagelou-se rolando o corpo no chão áspero e rochoso, mas logo lhe acudia à idéia o sabor ora de morango, ora de pira, ora de manteiga fresca ou frango assado.

Após a refeição, já não sentia vontade de galgar novamente o rochedo e rezar. Recitou, sentado, uma breve oração de louvor e deitou-se satisfeito, dormindo a sono solto até o dia seguinte, e sonhou com toda a espécie de alimentos que há muitos anos não lhe passavam sequer pela mente. Na manhã seguinte, flagelou-se e decidiu pedir a Deus que, por favor, não lhe mandasse mais pãezinhos. Mas não conseguiu levar adiante o seu piedoso intento e procurou con\enccr-se de que, se o fizesse, seria um ingrato. Por

isso, decidiu de manhã que não comeria pãozinho algum nesse dia; relaxou um pouco ao meio-dia, quando jurou a si próprio que só comeria um pãozinho. Porém, ao pôr-do-sol, resolveu comer dois. O terceiro, de que só se deliciou com o cheiro, deixou-o ficar onde estava quando foi deitar-se. Mas não conseguiu dormir. Uma hora depois levantou-se, olhou para o pãozinho, colocou-o na palma da mão e deitou-se novamente. Passou outra hora e ei-lo de novo levantado, agora firmemente decidido a comer o pão. Mas este tinha desaparecido!

Começaram para o eremita dias ruins. Às vezes, conseguia deixar um pão ou dois, outras vezes comia todos, e nunca estava satisfeito consigo próprio. Entrementes, com a boa alimentação, o sangue voltara a seu rosto e a força a seus membros. Sonhava com bandejas carregadas de iguarias deliciosas, com ânforas de vinho de Chipre, banhos tépidos e perfumados. Finalmente, abandonou as penitências e orações, ansiando cada vez mais pelo cair da noite e mantendo-se deitado longas horas na gruta. O anjo percebeu, pesaroso, o que tinha feito. Não se atrevia a tirar por completo os pães do penitente, para que este pão duvidasse da bondade de Deus. Mas, às vezes, colocava apenas um pão, outras vezes meio pão; e quanto mais o comportamento do eremita piorava, menor a quantidade e pior a qualidade do pão que encontrava de noite sobre a pedra.

Mas não era dessa maneira que poderia ajudar o homem. Dele se apoderou uma nostalgia imensa do mundo a que renunciara e, por fim, a tentação venceu. Guardou dois pães e pôs-se a caminho da cidade de Heliópolis, em busca do antigo conforto.

O anjo presenciou com espanto o que estava acontecendo, voou para o trono de Deus, confessou-Lhe tudo e arrojou-se chorando aos pés do Senhor.

Entrementes, o eremita corria, corria ansiosamente, e seus pés saltitavam no caminho como se dançasse, e tinha a cabeça repleta de tentadoras imagens. O cansaço, porém, foi se apoderando dele aos poucos e, ao cair da noite, sentiu-se feliz por encontrar algumas choupanas onde viviam outros penitentes cristãos. Aproximou-se deles, saudou-os e pediu abrigo por aquela noite. Receberam-no fraternalmente, ofereceram-lhe água e nozes, comeram com ele e perguntaram-lhe donde vinha. E quando o peregrino lhes contou sua vida, a todos pareceu estarem na presença de um grande santo; como prova de grande respeito, solicitaram sua bênção e manli-

eram com ele um elevado diálogo repleto de bons ensinamentos e edificantes palavras. Mas o eremita a tudo escutava angustiado, pois eram bem diferentes seus pensamentos mais íntimos. Sentia-se na obrigação de contar tudo a seus companheiros e, enquanto falava de sua longa vida no deserto, percebia quão perto sua alma estivera de Deus e quanto se distanciara agora d'Ele.

Finalmente, um dos frades, um jovem, pediu-lhe um conselho e disse:

— Ajudai-me, caro e piedoso padre. Não tenho outro desejo senão entregar minha alma incólume a Deus. Mas ainda sou jovem e, por vezes, a tentação e a luxúria me assaltam. Vós, que já haveis superado tudo isso, dizei-me: como vencer as tentações?

Ouvindo essas sentidas palavras, o eremita rompeu em convulsivo pranto e confessou aos irmãos tudo o que lhe acontecera. Eles esforçaram-se por consolá-lo, rezaram com ele e conservaram-no mais alguns dias em seu meio. Depois, despediram-se dele como de uma alma novamente redimida que se encaminharia à sua velha gruta, e certamente iria fazer suas penitências, reencontrando a vida santa. Não encontrou os pãezinhos doces e teve de voltar à pequena lavoura, cuidando-a com o suor de seu rosto. Mas o anjo o acompanhou, sem ser visto, e quando a hora chegou, recebeu sua alma e, louvado seja o Senhor, levou-o finalmente liberta, para o Céu.

3. Os Dois Pecadores

Num lugar recôndito de Tebas viveram por muito tempo dois irmãos cremitas que haviam renunciado à vida mundana e resolvido, ainda jovens, levar uma vida de santa conduta, em expiação de pecados anteriores. Um deles chamava-se Basílio, o outro Justino; e, embora não fossem dados a excessos, possuíam ambos um temperamento alegre e descuidado, de modo que não tinham conseguido manter uma conduta imaculada em sua cidade natal. Basílio, o mais velho, gostava de beber e jogar dados, ao passo que o mais novo, Justino, tinha uma inclinação especial pelo convívio com mulheres e pelos prazeres do amor. Como ambos já tinham

experimentado o grande poder da tentação e a força dos maus exemplos, e conhecido o perigo de serem indulgentes para com as inclinações naturais, mas ansiavam fervorosamente por triunfar sobre si próprios, por dominar suas paixões e ser senhores de sua vontade, abandonaram o lar e todos os bens, para, levarem uma existência santa de prática religiosa e mortificação.

No início da vida de anacoretas, procuraram imitar os santos padres. Dedicavam-se a rezas e meditações, liam um livro sagrado que continha as epístolas de Paulo aos Coríntios, e alimentavam-se frugalmente das reservas que tinham levado com eles, na esperança de que, quando se espalhasse a notícia de sua santidade, receberiam o necessário para viver dos devotos e suplicantes que os visitassem. Foi, porém, uma esperança vã e bem depressa se viram esquecidos em suas tebaidas, passando necessidades.

Aos dois penitentes ocorreu, então, que o Senhor podia alimentar os profetas e os eleitos de um modo transcendente, mas não estaria, por certo, propenso a desperdiçar seus milagres com preguiçosos. Por isso decidiram trabalhar e não tardaram em receber as bênçãos celestes pelo trabalho de suas mãos. Colhiam frutas, bagos e raízes, plantaram mudas de árvores, cultivaram um pedaço de terra e nela semearam trigo e milho. Também escavaram uma alverca para receber a água pura que jorrava de uma fonte nas rochas, e com ela regavam a pequena horta. E todo esse esforço e trabalho tornou-os mais rijos e fortes, e mais fácil a luta contra as antigas paixões e desejos — bem mais fácil do que quando se dedicavam apenas a leituras e orações.

Da exígua leira, como das palmeiras e figueiras, eles apenas colhiam, entretanto, os frutos escassos que lhes supriam as necessidades cotidianas. Ei pensavam, angustiados, onde iriam conseguir o grão e a semente para lançarem à terra na próxima época das sementeiras. Também sentiam falta de algumas ferramentas e de roupas. Assim foi que cogitaram seriamente em melhorar sua precária situação e em ganhar algum dinheiro para os tempos ruins. Justino dedicou-se então a fazer cestas de ramos de salgueiros entrançados que, depois de algum treino, começaram a ser bonitas e em variados formatos. Basílio, por seu lado, adquirira em anos anteriores alguns conhecimentos de plantas medicinais e colhia-as, com afinco, onde quer que as encontrasse, secava-as e limpava com cuidado suas hastes, folhas e sementes.

Com essas atividades, para preencher o tempo, além do traba-

Iho na horta, os dois eremitas tinham esperança de que, no futuro, não passariam pelas mesmas privações anteriores. Desta vez, a esperança não os traiu. Quando empreenderam sua primeira viagem à cidade, numa caminhada de meio-dia, conseguiram vender aos mercadores por bom preço e facilmente tudo o que tinham colhido e feito, inclusive as bonitas cestas de Justino, e voltaram ao seu solitário refúgio carregados de provisões e sementes. Mas a visão da cidade, a agitação dos homens de negócios, os atrativos do comércio e a fartura de coisas não lhes fez bem. Pelo contrário, excitou-os e neles despertou as adormecidas paixões. Apesar de terem abandonado honradamente o lugar, foi mais como fugitivos do que como triunfadores que voltaram ao silêncio do deserto, para reencetarem sua luta purificadora à força de trabalho, oração e temperança.

Daí em diante, a vida dos dois irmãos transcorreu nesse ritmo por largos anos. Justino trançava suas bonitas cestas, que cada vez mais aperfeiçoava e cada vez mais lucro lhe rendiam; Basilio colhia ervas medicinais, preparava com elas pós e unguentos; e juntos cuidavam da horta, colhiam frutos e mantinham em santa ordem a pobre mas disciplinada vida. Em dias determinados, jejuavam e liam seu livro sagrado, santificavam o sétimo dia e, por vezes, recebiam a visita de irmãos, de passagem para outros e distantes eremitérios.

Só visitavam a cidade duas vezes por ano, o que era inevitável por causa das sementeiras, pois nessa região a terra podia ser semeada e dar duas safras por ano e, assim, tinham necessidade de comprar aos negociantes a cevada e a espelta, o centeio e o milho, visto que a pequena colheita era aproveitada por eles até ao último grão.

Essas peregrinações à cidade provocavam nos penitentes uma excitação cada vez maior, o que muito os angustiava, quer alguns dias antes da jornada quer depois dela, porquanto a aproximação do pecado e a visão de um mundo de prazeres lhe perturbavam o os sentidos, inflamavam no peito os antigos e malignos desejos e provocavam grande abalo no aperfeiçoamento da alma que ambos buscavam. Tudo isso só podia ser remediado posteriormente, vagorosamente, com redobradas orações, penitências e flagelos. Sim, podia-se dizer que cada uma dessas idas à cidade destruía mais da metade do que a solidão e a penitência tinham construído no coração de cada um deles. De modo que, na verdade, os dois devotos ho-

mens ficavam livres de novos pecados mas retrocediam sempre um pouco e viam-se, por isso mesmo, obrigados a multiplicar seus esforços, de ano para ano, a fim de conseguirem o tão almejado estado de santidade.

Essa era a situação de nossos bons irmãos quando chegou o tempo de voltarem a oferecer o produto de seus trabalhos, trocando-o por víveres, sementes e linho.

Nenhum deles se atrevia a proferir a palavra "cidade" mas ambos passavam as noites ansiosos, mudos, suspirando baixinho. Acercava-se a época da sementeira e Justino tinha uma enorme quantidade de cestas prontas para vender. Basílio colocou suas ervas, poções e unguentos em sacos e cestinhas aprontando tudo para a viagem.

Ele, como o mais velho, foi quem primeiro abordou o assunto.

— O que é que você acha, irmão? — perguntou. — Devemos partir amanhã, com a graça de Deus?

Justino encarou-o e, com um gemido, respondeu:

— Já que assim é preciso! Minhas cestas estão prontas. Teu coração está, porventura, tão inquieto e angustiado quanto o meu?

— Sim, meu irmão — disse Basílio, numa voz embargada de tristeza. — Já estou antevendo o falso brilho dos prazeres do mundo ofuscando-me a alma e é mister que me domine, para que meu coração não ceda às vãs seduções. Com isso quer Deus provar-nos, miseros penitentes. A Ele entrego a salvação de minha alma. Ore-mos, irmão Justino!

E ambos ajoelharam-se, lastimaram-se e rezaram até altas horas da noite. Mas tiveram de gritar e flagelar-se para não ceder ao Mal, pois a iminente visita à cidade cercava-os de um capitoso perfume, embriagava-os e fazia vacilar todas suas boas intenções, tal como as artes com que um mágico fascina as pobres crianças e as conduz a seu bel-prazer.

Na manhã seguinte, depois de dormirem muito pouco, os dois levantaram-se ao mesmo tempo. Carregavam suas mercadorias sobre os ombros; as sandálias grosseiras ressoando nas pedras. Caminhavam silenciosos mas os pensamentos voavam céleres e fixavam-se nos prazeres da cidade, com tamanha intensidade que Justino via aglomerarem-se à sua volta lindas e voluptuosas mulheres e Basílio farejava o aroma de vinhos doces e condimentadas iguarias, ouvia o rolar dos dados no tampo das mesas de mármore. E, apesar de

lutarem contra seus nefandos desejos, estes tomavam sempre o mesmo rumo, enquanto o suor lhes corria pela testa em grossas gotas e os lábios ressequidos se agitavam em mudas orações. Quem os visse não os tomaria por ingênuos peregrinos, mas por dois seres desesperados.

Chegaram às portas da cidade, na muralha do leste, uma hora antes do meio-dia. Em sua ânsia, que tanto poderia atribuir-se ao medo como à avidez, atravessaram correndo a grande porta e penetraram no febril torvelinho das ruas. Pararam no mercado e despediram-se um do outro, para que cada um fosse resolver seus negócios. Como sempre, combinaram encontrar-se em tal e tal estalagem, onde era costume fazerem uma refeição frugal e, após breve repouso, abandonarem rapidamente a cidade pérfida. E assim se separaram mais uma vez.

Aconteceu, porém, que os negócios de Justino foram resolvidos mais depressa e melhor do que em ocasiões anteriores. Logo na primeira rua por onde passou foi chamado por um atacadista, ao seu armazém, que lhe ficou com todas as cestas, sem regatear e por um bom preço, pois acabara de receber uma grande remessa de azeitonas e queria colocá-las sem demora nas cestas para mandá-las ao mercado. Assim, o eremita viu-se logo livre de sua grande carga e de preocupações, e com duas grandes moedas de prata na mão.

Agradecido, atribuiu sua sorte à providência divina e dirigiu-se imediatamente, para evitar qualquer dissabor, ao albergue onde esperava encontrar Basílio. Este, porém, estava ainda muito atarefado e não pudera chegar tão cedo.

A essa hora o albergue estava deserto e o dono dormia no chão, em cima de uma grande esteira. Justino foi sentar-se timidamente num banco, esperando paciente que o dono acordasse. O homem, porém, continuou dormindo imperturbável; mas em seu lugar apareceu logo uma jovem criada que lhe perguntou o que queria. Justino pediu pão e tâmaras. Apesar de não se atrever a olhar o rosto da moça e conservar a vista baixa, não precisou erguer os olhos enquanto ela se afastava. Viu-lhe o corpo cheio e roliço, os cabelos pretos, a nuca morena, os braços fortes e bem torneados, o movimento ondulante das ancas, belos, e delicados pés.

O pobre eremita sentiu a testa alagar-se-lhe de suores frios ante aqueles atrativos, e, enquanto ainda olhava fascinado para o vazio, sua alma confusa era tomada de vergonha, angústia e medo. Gemia baixo, limpava a testa na manga do hábito e, quando a jovem

criada voltou, manteve os olhos pregados à força no tampo da mesa. Ela aproximou-se para servir-lhe a refeição e observou atentamente o forasteiro. Notou-lhe a perturbação e, com sua inoção perversa, concluiu que aquele peixe mordera seu anzol, no que — infelizmente — tinha razão, se bem que Justino jamais o admitisse. Mas seu coração batia desordenadamente e os olhos faziam força para voltar à moça.

Ela sorriu de leve e disse, em tom grave:

— Estou vendo. Sois um penitente e santo homem. Acaso tendes dinheiro para pagar vossa comida? Sou a responsável pelo que vos servi.

Justino sacou imediatamente as duas moedas de prata e mostrou-as à moça.

— Está bem, confio em vós — prosseguiu a moça. — E ficai sabendo que tenho a contar-vos uma coisa deveras importante. Mas não pode ser aqui, pois o hospedeiro seria capaz de escutar ludo e o meu assunto é confidencial. Peço-vos, santo homem, que aceiteis sair por um instante comigo. O assunto é muito importante para mim.

Atordoado e perplexo, Justino a seguiu mas, de súbito, a moça puxou-o para seu quarto e deixou cair o corpete vermelho que lhe cobria os seios; apertando Justino contra si, sorriu-lhe de um jeito infinitamente caricioso e disse:

— Dá-me uma moeda de prata e poderás contemplar toda a minha beleza. Dá-me duas moedas e poderás dormir comigo.

Tudo isto sobreveio como o vento cálido do deserto. Justino não podia mais pensar desde que a prostituta tocara com as mãos suaves nas dele, aproximara seus olhos dos dele. Tremendo, entregou-lhe as duas moedas de prata, ouviu as risadas da moça, via-lhe sob os lençóis de linho fino os ombros e os alvos segredos brilhando. Mergulhou, perdido, em seus braços, balbuciando ternas palavras esquecidas, e pecou, inconsciente e cego como um bêbedo. Pouco depois, encontrou-se de novo sentado à mesa do albergue, pão e tâmaras à sua frente, o albergueiro roncando sobre a esteira. Como se tivesse despertado de um delírio profundo e convulso dos sentidos, encarou o dia e todas as coisas à sua volta com um olhar toldado. Deu-se conta do que fizera, levou ambas as mãos ao rosto e afundou numa tristeza infinita. O arrependimento, a vergonha e o desespero apossaram-se dele. Pareceu-lhe inacreditável o que acontecera e compreendeu que todos aqueles anos em seu árduo retiro

tinham sido apagados ante Deus, todas as penitências e esperanças destruídas.

Foi nesse estado de ânimo que Basilio o encontrou uma hora mais tarde, depois de ter resolvido seus negócios e ganho uma moeda de prata.

— Que aconteceu contigo? — perguntou-lhe Basilio assustado e pousando carinhosamente a mão no ombro do irmão.

— Ai de mim, estou perdido! — gritou Justino, lavado em pranto.

Mas não conseguindo confessar o que lhe acontecera, apenas sacudia a cabeça, desesperado, e mostrando as mãos vazias.

Basilio conduziu-o carinhosamente para fora da cidade. Diante da grande porta, Justino sentou-se numa pedra à beira da estrada e disse, com o olhar vazio:

— Me abandone aqui, bom irmão, e siga sozinho! Eu me entreguei ao demônio e não há mais esperança.

Contou-lhe tudo.

Basilio podia bem imaginar como se sentia seu desditoso irmão e não era essa a melhor hora para censuras ou sermões. Seu coração sangrava por aquela alma decaída, e no seu aflito e compassivo amor, engendrou então um bem-intencionado mas arriscado ardil para consolá-la. Esse ardil era uma mentira.

— Ah, irmão — disse ele com dissimulação e fingida vergonha — quão errado estás em pedir que me afaste! Se soubesses o que vai na minha consciência! Pois fica sabendo, querido irmão, que enquanto me esperavas na estalagem e pecavas, eu cometia coisas bem piores.

E, mentindo, contou que tivera três moedas de prata, entrara numa taverna, comera e bebera, jogara dados, tendo tomado todo o dinheiro de um moço e depois perdido tudo para outros jogadores. Humilhava-se profundamente para animar o irmão, acusava-se para consolá-lo, maculava-se para purificá-lo.

Atônito, Justino o escutava. Deu-lhe a mão, chorando, e disse:

— Ah, querido irmão, que será de nós agora?

Basilio ajudou-o a levantar-se, abraçou-o e disse consolador:

— Com Deus há perdão. Voltemos para o deserto e façamos penitência.

Percorreram o longo caminho de regresso em silêncio, cada um mergulhado em seus pensamentos, e chegaram, altas horas da noite.

à gruta. Melancólico, Justino contemplou o lugar e seu leito limpo, Não se deitou na cama de palha, mas jogou-se sobre uma pedra fria, e adormeceu ao amanhecer, após infinitas auto-acusações e votos de contrição.

Com Basílio, as coisas passaram-se de modo diferente. O que contara ao irmão era mentira e as mentiras contêm sementes ruins. Ao mesmo tempo que consolava o irmão, sua história envenenava a ele próprio e incendiava sua imaginação. Justino pecara e arrependera-se amargamente; mas ele, apesar da sua boa intenção, brincara com o pecado e assim abrira uma porta para o Mal. Agora, todos os pensamentos tomavam esse rumo e imaginava tudo o que inventara por amor a Justino nas cores mais alegres, e ardia na paixão ruim que lhe roubava o sono.

Assim foi que, nessa noite, Justino se arrependeu dolorosamente de haver pecado e Basílio, com dor não menos intensa, se arrependia de ter evitado pecar. Eis como as boas e más forças se cruzam e entrechocam no espírito do homem.

Quando, pela manhã, Justino despertou em seu duro leito, encontrou-se sozinho. Fez, em silêncio, suas orações e encaminhou-se, apesar do cansaço, para as labutas cotidianas, presumindo que seu irmão andasse pelos campos em busca de ervas. Mas, como Basílio demorasse e não tivesse aparecido sequer ao cair da noite, Justino — de nada suspeitando — acreditou, em seu humílimo arrependimento, que ele o tivesse repudiado e que depois de seu erro não quisesse mais tê-lo como irmão. Lembrava-se, sem dúvida, da confissão de Basílio mas sua própria falta parecia-lhe muito maior e mais monstruosa. Por isso se entregava a penitências mais severas, llageiava-se com varas de vime até sangrar e, de noite, só dormia sobre as pedras.

Enquanto isso, Basílio, que sumira durante a noite e caminhara secretamente para a cidade, freqüentava as tavernas gregas, com a bolsa cheia de dinheiro ganho nos dados, e saciava seus maus instintos em orgias, até cair de bêbedo.

Ora, poderá parecer que a justiça divina esquecera esses dois homens, que as dedicadas penitências de tantos anos tinham fracassado e se tornaram farsa. Mas os desígnios de Deus são insondáveis. Não Lhe passara despercebido que, nesses dois penitentes, o os desejos mundanos não tinham sido extintos e por isso os deixou decair, mas não para perdê-los. Enquanto Justino cumpria sua dura penitência, a paz penetrava em sua alma e ele reconhecia que os

maus desejos tinham sido para sempre expulsos de seu íntimo. Mas não se regozijava com isso: perseverava na humildade, procurando todas as ocasiões para castigar-se. E rogava a Deus um sinal, porquanto era seu firme propósito não pôr fim às suas mortificações até que, por vontade divina, seu desaparecido irmão voltasse e o perdoasse.

Então Deus compadeceu-se daquele espírito valoroso e fez-lhe ouvir uma voz durante o sono da noite, que lhe disse como Basílio, por compaixão, se fizera mentiroso, e de mentiroso se fizera pecador; e ordenou-lhe que procurasse o transviado, para que a misericórdia de Deus fosse concedida a ambos.

Justino empreendeu jubilosamente a viagem, antes do amanhecer; e corria como se tivesse asas nos pés, rumo à cidade — e era a primeira vez que se aproximava dela com o coração livre e sem angústias. Chegou cedo na cidade, cruzou confiante a grande porta da muralha e dirigiu-se para o mercado, em busca do irmão perdido.

Ao passar por uma taverna mal-afamada, ouviu lá dentro um pandemônio de imprecções, gritos, gargalhadas e injúrias obscenas. De súbito, rasgou-se a cortina da porta e cambaleante, enxotado a murros e pontapés, surgiu da taverna um bêbedo com as roupas rasgadas, o rosto machucado e sangrando que veio rodopiando até cair na lama. Ninguém o ajudou, pelo contrário, só insultos o acompanhavam. Cão vadio e patife lhe chamou o taverneiro, que cuspiu e lhe virou as costas.

Justino debruçou-se, horrorizado e, destruído, compadecido, sobre o miserável que com a visão turva, os olhos pestanejando, estava todo ensangüentado. E Justino reconheceu no infeliz seu irmão Basílio; tomou-o nos braços e com ele se afastou. "Tudo isto ele sofreu por minha causa", dizia Justino para si mesmo, com os olhos rasos d'água e apertando contra o peito o depravado que era o irmão dileto de seu coração. Lavou-o num poço, levou-lhe água à boca na concha da mão e amparou-o, cambaleante, através das ruas onde a turba zombava deles.

Com muito sacrifício, conseguiu levá-lo de volta à velha gruta, preparou-lhe o leito, tratou de seus membros feridos, cuidou dele e o animava com desvelo amoroso. E como à medida que o corpo de Basílio sarava mais sua alma afundava nas trevas e, no desespero, Justino não saía de junto dele, consolando-o, rezando e fazendo-o saber como a misericórdia de Deus cuidara de ambos.

Dias depois, decidiram cogitar sobre o melhor modo de honrar a Deus. Flagelariam o corpo, é claro, para dele apagar todas as manchas do pecado. Mas isso não bastaria. Resolveram então fazer um voto: nenhum deles voltaria a pôr os olhos na cidade. Juraram mutuamente que preferiam morrer à mingua de pão e água, passar por inimagináveis privações, a ter de voltar alguma vez a tratar de negócios terrenos.

E levaram daí em diante, por muitos e muitos anos, uma vida tranqüila e serena, trabalhando na santa paz do Senhor. Envelhecera, esqueceram o mundo, mas não o seu voto. E a vida de Justino e Basílio muito agradou ao Senhor.

Houve, por aquela época, um ano de safras ruins. Os campos estiolavam à mingua de água. Até as palmeiras e figueiras se recusavam a dar fruto. Os eremitas padeciam uma fome indescritível, mas longe estava do pensamento deles quebrarem o voto sagrado e procurarem o auxílio dos homens. Confiavam unicamente em Deus e se Lhe aprovesse morreriam de fome em sua gruta.

Mas quando os dois irmãos já estavam há dois dias sem alimento, sentindo que a chama da vida começava a se extinguir em seu corpo mortificado, eis que o Senhor lhes mandou um corvo a levar-lhes o pão celestial, e o deixou aos penitentes para que se alimentassem como só Deus sabe alimentar seus eleitos.

O Jovem Apaixonado

Uma Lenda

Esta história aconteceu no tempo de Santo Hilário. Na terra natal deste santo, em Gaza, vivia um casal humilde e crente, a quem o Senhor abençoara com uma linda e esperta menina. Para alegria de todos, a menina cresceu em recato, modéstia e temor a Deus, guiada pelos pais para a prática do Bem. Tanta pudicícia e suavidade de modos eram comparáveis às de um anjo do Senhor. Os cabelos escuros e sedosos esvoaçando em torno dos ombros, os olhos modestamente baixos, que longas pestanas sombreavam, caminhava ela sob as palmeiras com movimentos graciosos, esbelta e leve como uma gazela. Não tinha olhos para homem algum, pois aos catorze anos de idade, após grave doença, foi prometida por seus pais, no caso de salvar-se, como noiva de Deus. E Deus aceitara a oferenda.

Foi por essa moça pura que um jovem da mesma terra se apaixonou. Também ele era formoso e esbelto, filho de pais abastados que o haviam criado e educado com esmero. Mas desde que se apaixonara pela linda donzela não pensava em outra coisa senão buscar oportunidades para vê-la e dirigir-lhe olhares ansiosos. Mas

nos dias em que não lograva encontrá-la ficava triste e pálido, recusando alimentos e passando horas a fio entre suspiros e lamentos.

O jovem recebera uma boa educação cristã, era de índole delicada e religiosa, mas essa paixão avassaladora tornara-se dona absoluta de sua alma. Já não conseguia rezar e, em vez de elevar o pensamento para as coisas santas, recordava apenas, obsessivamente, os longos cabelos pretos da donzela, seus belos e tranqüilos olhos pestanudos, a cor e os contornos delicados de seu rosto e lábios, o alvo e fino colo, os pequenos e ágeis pés. Temia, porém, comunicar seu grande amor, pois bem sabia que ela não tencionava aceitar homem algum e pretendia devotar seu amor somente aos pais e a Deus.

Por fim, consumindo-se de desejo dirigiu-lhe extensa e fervorosa carta, na qual falava de seu grande amor e lhe implorava encarecidamente que o aceitasse para que, num futuro não muito distante, pudessem gozar uma vida conjugai feliz e abençoada por Deus. Perfumara essa missiva com finos pós da Pérsia, enrolara-a com um cordão de seda e ordenara que a entregassem à donzela, em segredo, por intermédio de uma velha criada.

Quando ela leu a carta, seu rosto fez-se escarlate, como se tivesse sofrido um ataque de rubéola. Em sua confusão inicial, inclinara-se a rasgar a carta ou mostrá-la imediatamente à mãe. Não o fez, porém, não só por conhecer o jovem desde criança e gostar dele mas também por notar que suas palavras eram repassadas de delicadeza e bondade. Decidiu então devolver a carta à velha, com as seguintes palavras:

— Devolve esla carta àquele que a escreveu e diz-lhe que nunca mais me dirija semelhantes palavras. Diz-lhe também que fui prometida a Deus por meus pais, não podendo jamais dar minha mão a um homem, e que devo e quero permanecer em meu estado virginal para servir e honrar a Deus, cujo amor é infinitamente superior e mais valioso do que qualquer afeto humano. E diz-lhe ainda que, enquanto eu não encontrar alguém cujo amor seja superior e mais valioso do que o amor a Deus, permanecerei fiel aos meus votos de castidade. A ele, porém, que escreveu esta carta, desejo que viva na paz do Senhor. E agora vai, c faz-lhe saber que nunca mais aceitarei mensagem alguma.

A criada, surpreendida por tanta firmeza, voltou a seu amo com a carta e lhe pôs a par de tudo o que a donzela lhe dissera.

Apesar das palavras de consolo da velha, o moço apaixonado entregou-se a ruidosas lamentações, rasgando as roupas e espalhando cinza e terra sobre a cabeça. Não se atrevia mais a procurar a donzela, em seus passeios, limitando-se a segui-la com olhares à distância. À noite, em sua alcova, não conciliava o sono, murmurava o nome da amada e dirigia-lhe milhares de carinhosas e doces palavras, chamando-a de sua luz, sua estrela, sua gazela, sua palmeira, sua pérola e seu consolo... e quando despertava de tais fantasias, e via-se só em sua alcova, tinha acessos de raiva, maldizia o nome de Deus, rangia os dentes e batia com a cabeça nas paredes.

Por causa dessa paixão terrena, o temor a Deus toldara-se e acabara por se extinguir de seu coração, onde apenas o demônio tinha agora acesso, dominando o jovem ao sabor de seus desígnios tenebrosos. Foi assim que, certo dia, o tresloucado rapaz jurou que possuiria a donzela, nem que para tanto tivesse que recorrer à força. Viajou para Mênfis e ingressou na escola do sacerdote pagão Asclépio, tomando com ele lições de feitiçaria. Dedicou-se com afinco, durante um ano, a tais estudos e voltou em seguida a Gaza.

Começou então a gravar signos mágicos e palavras de sortilégio em placas de cobre com infalíveis poderes de feitiço. Durante a noite, ia furtivamente colocar essas placas sob a soleira da porta onde morava a donzela.

Já no dia seguinte à aparição da primeira placa a donzela parecia mudada: seu recatado olhar cabisbaixo tornou-se mais franco, mais animado; soltou os cabelos, deixando-os ondear ao vento; desleixou as orações e serviços religiosos; e ouviram-na cantar uma serenata de amor que ninguém lhe ensinara. Esta conduta tornava-se mais escandalosa com o passar dos dias, e de noite, remexia-se nas almofadas do leito, gritando o nome do jovem, chamando-o de seu bem-amado e confessando desejos carnisais.

Essa mudança na donzela enfeitçada não podia, evidentemente, passar despercebida a seus pais. Cientes de tão estranhos modos e palavras, ficaram vigilantes, espiavam-na discretamente e tanto se apavoraram com o que ouviram uma noite que o indignado pai logo quis expulsar de casa a depravada filha. A mãe, contudo, implorou paciência; era preciso examinar bem o caso e reconhecer que a filha fora levada a tão estranho comportamento certamente por algum feitiço.

Como a donzela continuasse possessa, proferindo até blasfêmias e gritando em altas vozes que desejava seu amado, Icmbraram-

se os pais de um santo eremita, Hilário, que vivia há longos anos fora da cidade, em pleno deserto, e tão perto de Deus que todas suas preces eram ouvidas. Curara tantos enfermos e exorcizara tantos demônios que bem podia ser tido na conta — ao lado de Santo Antônio — do mais poderoso agente de Deus daqueles recuados tempos. A donzela foi então levada por seus pais a Hilário, a quem contaram tudo o que estava acontecendo e imploraram ajuda.

Hilário acercou-se da donzela e assim falou:

— Quem fez de ti, serve de Deus, um receptáculo de maus desejos?

A moça, encarando aquele que tinha o corpo esquelético e a pele queimada, começou ridicularizando-o, chamando-o de espantalho sarnento e entoando em voz dolente:

— Vede minha pele branca e macia, meu corpo liso, meus apetitosos seios!

Aterrorizados, os pais caíram de joelhos e esconderam a cabeça entre as mãos, tomados de vergonha. Mas Hilário sorriu, e reconhecendo o Diabo que se apossara da donzela, fustigou-o tanto que, sentindo-se acossado por uma força superior à sua, acabou dizendo seu nome e confessando todas as suas artimanhas. O santo expulsou violentamente o demônio, que opunha a maior resistência na alma da donzela, e esta acabou tombando sem sentidos. Quando acordou, como de um sono febril, reconheceu e saudou os pais, que choravam, pediu a Hilário sua bênção e, dessa hora em diante, voltou a ser a boa serva de Deus.

Entremetidos, o jovem esperava que os feitiços de amor fizessem efeito na donzela e a levassem a seus braços ávidos. Passava os dias acalentando essa esperança, certo de um desfecho propício, ao mesmo tempo em que a donzela, depois das provações acima narradas, reencontrava o caminho da virtude e, curada, voltava à cidade. O jovem, ao passar por uma rua, viu-a surgir ao longe e encaminhar-se na sua direção. Quando já estavam perto um do outro, ele viu que no rosto da donzela refulgia a antiga pureza e que toda ela irradiava uma beleza tranqüila, como se tivesse acabado de descer do Paraíso. Surpreendido, o jovem estacou e, envergonhado de sua malfeitoria, teve um súbito impulso de afastar-se. Mas dominou-se e, como ela se acercasse bastante, presumiu que o feitiço tivera algum efeito. Chegou perto da donzela e, tomando-lhe as mãos, disse:

— É certo, pois, que me tendes amor?

A donzela, sem enrubescer, ergueu os olhos para que ele pudesse contemplá-los como se contempla uma estrela pura e distante. Uma indescritível bondade resplandecia em seu rosto suave. Reteve entre as suas mãos a mão do jovem e respondeu:

— Sim, meu irmão, eu vos amo. Amo a vossa pobre alma e vos rogo que a liberteis do Mal. Entregai-a a Deus para que readquira a pureza e a formosura de outrora.

Uma mão invisível tocou o coração do jovem. Seus olhos encheram-se de lágrimas e ele exclamou:

— Ah, devo então renunciar ao vosso amor para sempre? Pois ordenai-me que o faça. Quero unicamente fazer aquilo que for de vosso agrado.

Ela sorriu como um anjo e disse:

— Não deveis renunciar a mim para sempre. Chegará o dia em que todos estaremos irmanados diante do trono de Deus. Tratemos pois de proceder de modo a que possamos olhá-lo sem temor e passar em Seu Juízo. Quero ser vossa amiga. Será por pouco tempo que vivereis separado de mim.

Soltou lentamente suas mãos e, sorrindo, prosseguiu em seu caminho. O jovem ficou imóvel, como que fascinado. Depois dirigiu-se para casa, fechou-a e foi para o deserto servir a Deus. Sua formosura dissipou-se, emagreceu, a pele escureceu; dividia seu turgório com os animais do campo. Quando se sentia exausto e dúvidas o assaltavam, seu único consolo era repetir centenas de vezes as palavras da donzela: "Será por pouco tempo..."

Embora o tempo se alongasse, os cabelos encanecessem e ele ficasse neste mundo até à idade de oitenta anos, o eremita pensava: Que são oitenta anos? Os anos vêm e morrem como se tivessem as asas de um pássaro. A Eternidade me espera, após este vôo breve pelo mundo. Desde os recuados tempos em que viveu esse jovem, muitas centenas de anos já transcorreram e com que rapidez serão também esquecidos os nossos atos e os nossos nomes, e não ficará outro vestígio de nossa vida senão, talvez, uma pequena e incerta lenda...

O Cerco à Cidade de Cremna

Na época dos imperadores Aureliano, Tácito e Probo, nas províncias de Isáuria, Pisidia e Lícia, na Ásia Menor, famosas há séculos como esconderijos de salteadores, vivia um certo Lidio, que era de todos o mais famigerado e temido. Era natural de Isáuria e nascera no tempo de Felipe, o Árabe. Todos os seus antepassados tinham sido também salteadores. Seu pai perdera a vida durante uma pilhagem na Lícia, seu avô e dois tios morreram enforcados à mesma época. Desconhece-se seu nome de batismo; desde os vinte anos que era chamado de Lidio e com este nome ficaria famoso por aquelas paragens.

Lidio era, por natureza, inteligente, astuto e corajoso mas ponderado em seus empreendimentos. Sabia tirar partido das pessoas e servir-se do amor ou medo que nelas despertava para conseguir seus intentos. Assim foi ascendendo, de triunfo em triunfo, e ainda jovem já conhecia o sabor da fama e do poder, sem que por isso os anos lhe trouxessem cansaço ou tédio. Só depois de ter completado trinta anos, o êxito fácil e contínuo das arriscadas façanhas o con-

venceram, movido por sentimentos de júbilo e êxtase, de sua invencibilidade. Assim foi que decidiu exceder os limites estabelecidos pelas leis divinas para, afinal, sofrer uma queda brusca e fatal.

Durante sua passagem e de seu numeroso bando pela Cilícia, juntou-se-lhes um grego jônico, de nome Hefaisto, que até então estivera a serviço de piratas cilicinos mas preferira alistar-se agora no famigerado bando de Lídio. Dai em diante, suas façanhas foram cada vez mais retumbantes, pois esse Hefaisto era homem hábil e astucioso, fértil em ardis, planos e maquinações. Dominava bem cinco idiomas, sabia desenhar mapas e entendia de espionagem, conhecia a estratégia militar e a arte de sitiá-las mas distinguia-se, sobretudo, como atirador exímio e construtor de engenhos bélicos. Inventara e construirá catapultas, com a ajuda das quais era capaz de alvejar, com impressionante precisão, quer usasse flechas, quer arremessasse pedras, o inimigo previamente visado. No combate à distância, sabia como aproveitar qualquer terreno e, durante os cercos, dirigia pessoalmente a edificação de paliçadas, a abertura das trincheiras e a escavação de minas.

Lídio apercebia-se claramente do valor desse homem. Tratava-o com afabilidade, concedia-lhe o direito de arrecadar o dobro da presa dos demais homens e honrava-o com o posto de comando imediatamente inferior ao dele. No começo, observara-o com certo receio e inveja, pois temia que esse grego de mil talentos se convertesse num perigoso rival, capaz de derrubá-lo mais dia menos dia. Mas depressa concluiu que Hefaisto o superava, certamente, em muitos talentos e ardis, porém não tinha nascido para governar. E, de fato, o grego não teria servido — apesar de sua inteligência — para liderar aqueles homens. Faltava-lhe, para tanto, o olhar dominante, os gestos imperiosos e violentos, a intrepidez pessoal, sem o que nenhum homem pode manter o controle de qualquer grupo, por menor que seja, impondo-lhe obediência e fidelidade submissa. Lídio viu seus temores dissiparem-se e o grego, por seu turno, contentava-se em ser o conselheiro dileto e o chefe imediato de Lídio, em vez de aspirar ao supremo comando.

Por algum tempo esse bando de centenas de homens manteve-se operando na pequena província de Pisídia e em parte da Panfília. Os camponeses eram despojados de seus rebanhos, trigo, frutas e vinho; as cidades e os comerciantes perdiam dinheiro, mercadorias e equipamentos, e ninguém se atrevia a opor resistência ao poderoso cabecilha. Anpustiosos pedidos de socorro e reclamações de-

esperadas eram dirigidos ao governador da província, ao imperador e ao Senado, em Roma; a toda hora eram despachadas centúrias romanas ao encontro dos salteadores, mas estas ou sofriam derrotas fragorosas, ou tinham de regressar sem pôr a vista no bando, que era exímio na arte de sumir na intransitável e acidentada cordilheira de Tauro.

Lídio, possuído de uma vaidade ofuscante por tantos êxitos obtidos, já dava a entender que, em caso de necessidade, poderia até defrontar o Império, cujo poderio se revelara tão fraco em todos os recontros com a sua gente. Passou então a provocar as autoridades, não poupando funcionários e soldados, e anunciando ocasionalmente que pretendia disputar ao imperador a posse daquelas províncias, tornando-as propriedades suas. Na realidade, não faltava muito para isso, pois Lídio incendiava e saqueava impunemente povoados, aldeias e vilas inteiras, apoderando-se do que queria a seu bel-prazer, e não só dispunha de centenas de combatentes bem adestrados e intrépidos mas, além disso, tinha por toda a parte espíões, olheiros, receptadores e aliados secretos.

Entrementes, em Roma, o valente e justiceiro Imperador Probo sucedera a um governo fraco e pusilânime. As queixas e pedidos de socorro que chegavam insistentemente daquelas mal-afamadas paragens da Ásia Menor obrigaram o novo imperador a promulgar severos editos e a enviar aos governadores das províncias flageladas pelo bando de Lídio instruções rigorosas para que desencadeassem uma verdadeira guerra contra os salteadores. Lídio logo que teve conhecimento dessas determinações de Roma exultou, pois lhe pareceu que chegara a hora de mostrar seu poderio e de zombar abertamente do Império. Como começasse a ser acochado e molestado por sucessivas patrulhas de centúrias romanas, decidiu, obstinado, possuído de grande fúria, arriscar tudo num ato de inaudita violência que servisse de lição a seus inimigos.

Edificada nas culminâncias rochosas e alcantiladas de uma das montanhas de Tauro, na província de Pisídia, erguia-se a cidade de Cremna, tida como inexpugnável por natureza e engenho humano. Fora construída de modo que três dos seus lados estavam protegidos por um abismo profundo e inacessível, e o quarto lado era protegido por uma formidável muralha. Foi essa cidade que Lídio resolveu conquistar e daí desafiar o mundo inteiro. Consultou He-faísto e alguns de seus companheiros diletos, que aprovaram o audacioso plano, logo posto em prática na semana seguinte.

Numa manhã do mês de abril, apareceram nas portas da cidade de Cremna dez homens que, sem serem vistos, tinham subido a única e íngreme estrada que conduzia até ela. Silenciosamente to-maram de surpresa as portas, sem encontrar oposição séria dos guardas, e hastearam uma bandeira vermelha, deixando as sentinelas fugirem apavoradas enquanto eles riam com gosto. Já nessa altura o bando de Lídio vinha escalando a íngreme estrada. O cabecilha, um homem moreno e bonito, de rasgados olhos pretos e maldosos, vinha na frente, montado numa mula. Não falava e limitava-se a acenar aos seus homens — que caminhavam cantando e folgando — para que se calassem e não abandonassem a ordem de marcha. Atento, vigiava todos os detalhes do percurso e a disposição da cidade alcandorada, como um ninho de águias, nos imensos penedos à sua frente. Lídio sabia que estava cavalgando ao encontro de sua maior aventura e que daquelas muralhas ele só poderia sair de novo coroadado ou morto. Observava, pensativo, as ameias audaciosamente debruçadas sobre o abismo, talvez pressentindo, no íntimo do coração, uma guinada decisiva em sua estrela, mas, como sempre, frio e firme, pois o temor era-lhe desconhecido. E, intimamente, emocionava-o pensar que, daí a pouco, o aventureiro sem pátria entraria triunfalmente como senhor numa cidade romana fortificada.

A tropa seguia-o a pé, em razoável formação. Eram mais ou menos cem homens de armas, escolhidos entre os melhores de seu bando. Depois deles, vinham as carroças com mantimentos e, finalmente, uma manada de gado roubado. O cortejo era fechado por Hefaísto, montado num pequeno cavalo pigarço; além do chefe, era o único homem que cavalgava; de baixa estatura, poucas falas e um rosto aparentemente vulgar e inofensivo, só os olhos vivos e as rugas finas denunciavam um homem capaz de mil astúcias.

A entrada realizou-se em silêncio e boa ordem. Os cidadãos entreolhavam-se, surpresos e preocupados, ninguém pensando em opor-se aos salteadores. Os vadios, que passavam os dias acocorados à sombra do lado oeste da rua, dirigiram gracejos aos homens de Lídio, que lhes retorquiam na mesma moeda.

De uma pequena casa, em cujo térreo um entalhador tinha sua oficina, saiu, quando o bando acabara de desfilar, uma jovem alta e bela que levava uma ânfora ao ombro. Hefaísto, que cavalgava por último, notou o olhar surpreendido da formosa donzela, que logo lhe agradou muito, e dirigiu-lhe uma vênica cortês, acompa-

nhada de um sorriso tranqüilizador, a que juntou os versos finais de um antigo madrigal jônico.

Lídio, entretentes, assumia a administração da cidade e fazia anunciar, por meio de arautos, que era o novo senhor de Cremna. Como seus homens respeitassem a disciplina e não pusessem em perigo a vida, bens ou liberdade dos habitantes, ninguém pôs objeções aos conquistadores. Comentava-se que ele era o famoso Lídio e muitos se alegraram de poder ver com os próprios olhos esse temido e estranho herói. Lídio mostrava-se indiferente a tudo, providenciava alojamentos para seus homens com os cidadãos mais prestimosos, cuidava da defesa, distribuía guardas pelos postos e recolhia-se a seus aposentos. A cidade tornara-se alegre e ruidosa; à maioria dos soldados era concedida hospitalidade, de boa vontade, e pelas ruas só se ouviam cantos, gargalhadas e danças. Hefaísto, porém, alojara-se na casa daquele entalhador, logrando a simpatia dessa humilde família com algumas moedas de prata. Fechado o trato, dirigiu-se animadamente e sem pressa ao encontro de seu chefe, passando a tarde sozinho com ele a discutir planos e estudar deliberações. À noite, ofereceu vinho aos anfitriões, tocou lira e entoou canções alegres, falou de outros países por onde andara e teve, sentada a seus pés, a moça esbelta de olhos castanhos, cuja cabeça repousava em seu colo, enquanto ele corria os dedos pela sua longa e sedosa cabeleira. Seu nome era Febe, e recusou-se a acompanhá-lo à alcova mas prometeu que o faria no dia seguinte, com o que Hefaísto se conformou.

No dia seguinte, Lídio recebeu a noticia de que uma legião romana fora mobilizada e se aproximava de Cremna, como ele já esperava. Dirigiu-se à praça do mercado da cidade e, tendo mandado reunir sua gente, ali fez com que toda a tropa lhe prestasse juramento de fidelidade até à morte. Imediatamente começaram os preparativos da cidade apavorada para sustentar o cerco. Duzentos cidadãos com suas famílias abandonaram nesse mesmo dia a cidade, sendo-lhes permitido levarem tudo que fosse transportável mas nada de mantimentos. Em todas as casas se ouviam lamentações mas ninguém se atrevia a contrariar abertamente as decisões de Lídio. De noite, todos os descontentes tinham abandonado a cidade e ainda no dia seguinte foram expulsas muitas centenas de pessoas, enquanto outras debandavam, tomadas de pavor.

Uma semana mais tarde surgiu na extensa planície o exército romano e, no mesmo dia em que as primeiras colunas foram divi-

sadas, regressaram a Cremna alguns cidadãos que Lídio mandara expulsar, acompanhados de um emissário do governador da província, intimando o salteador a abandonar a cidade. Silenciosamente, os cidadãos puderam franquear as portas, escoltados por homens de Lídio, mas o emissário romano ficou sem resposta.

No dia seguinte, Cremna estava cercada por numeroso exército e o sítio foi proclamado. Lídio mostrava uma expressão animada, seu plano fora meticulosamente elaborado e ele estava decidido a afundar junto com a cidade inteira antes de ceder um palmo ao sitiante. Começou por condenar os desterrados que tinham regressado na véspera com o emissário de Roma a serem lançados do mais alto e mais visível rochedo para exemplo geral. Ameaças e maldições ecoavam pelo abismo; alguns dos condenados choravam e defendiam-se com bravura, antes de serem empurrados para o precipício, outros pulavam voluntariamente. Na cidade, espalhar-se um terror silencioso. Todo mundo se apercebia das providências desesperadas que estavam sendo tomadas e não poucos passaram a temer pela vida. Quem podia planejava fugir da cidade, agora clandestinamente; os que ficavam recolhiam-se em casa, amedrontados, ou procuravam refúgio em porões e outros esconderijos, Lídio decretou que daquele dia em diante não haveria mais propriedades particulares e mandou confiscar todos os víveres e mantimentos. Ele próprio saía à rua para distribuir ordens, louvar ou repreender quem, em sua opinião, merecia uma ou outra coisa. A guarnição foi encarregada de executar trabalhos pesados. Para aumentar as reservas de mantimentos, Lídio mandou derrubar numerosas casas a fim de lavrar a terra e semear cereais.

Os poucos habitantes que continuavam residindo na cidade, apenas um terço da antiga população, em breve se viram reduzidos à extrema penúria. Pois todo o gado, as provisões de trigo, farinha, frutas, vinho e outros mantimentos foram recolhidos por Lídio e guardados em entrepostos. Era distribuída uma ração diária de carne, pão e vinho, com imparcialidade, sem atender a considerações pessoais, mas só aos que participavam nas construções da defesa e nos trabalhos do campo. Os outros ficavam à mercê da fome e da compaixão dos salteadores, que só se manifestava, geralmente, em proveito das mulheres.

Hefáisto acobertara a fuga de seu anfitrião, o entalhador, e sua mulher, tendo-lhes dado algum dinheiro para a viagem, mas conservara a filha com ele. Viviam agora juntos e a bela moça aceitara ser

sua serva e amante. Hefaisto, porém, não abandonava os seus afazeres por ela e era visto intensamente ocupado em desenhar mapas, observar os dispositivos inimigos e maquirar planos. Por vezes, quando alguns romanos se aventuravam a chegar perto demais, Hefaisto assestava neles seus terríveis canhões e destruía-os com tiros certos. Do lado dos sitiados, só ocasionalmente alguns tiros de flecha e pedradas logravam chegar à cidade. Mas também era verdade que pouco se esforçavam, pois estavam decididos a deixar os sitiados morrerem de fome. Por isso, Lídio, com a ajuda do expedito Hefaisto, tudo fazia para evitar uma futura escassez de víveres. Mandaram salgar e defumar carne, o grão de trigo e a farinha continuavam rigorosamente guardados, qualquer leira de terra era lavrada e semeada sem perda de tempo e, finalmente, Hefaisto teve a idéia de construir uma galeria subterrânea que ligasse a cidade aos campos adjacentes. Lídio imediatamente mandou pôr mãos à obra. As cavernas naturais e as fendas rochosas facilitavam o ousado intento e em poucos meses estava concluída a passagem.

Entrementes, a população ficara substancialmente reduzida. Antes de iniciado o trabalho de abertura da galeria, Lídio mandara que o portão da cidade ficasse aberto por um dia e uma multidão de bocas desnecessárias abandonara a cidade. Desde então, ninguém mais pôde sair, para que a passagem secreta não fosse descoberta pelo inimigo. E quem se recusasse a executar trabalhos pesados, queixando-se de fome, era atirado incontinenti para o fundo do abismo, onde abutres e lobos tinham lautas refeições.

A galeria subterrânea, construída sob a direção de Hefaisto, terminava num pequeno vale, cortado por um riacho, bem na retaguarda do acampamento romano. No dia em que ela pôde ser utilizada pela primeira vez, Lídio abraçou em público o grego e presenteou-o com um magnífico colar de ouro. Começava agora na cidade sitiada uma nova fase de existência alegre e confiante. Pela galeria, a cada quatro ou cinco dias, eram trazidas grandes quantidades de gado roubado ou comprado, trigo, pão, caça e muitas outras provisões. Tampouco faltavam os tonéis de vinho, e os sitiados, descansando dos pesados trabalhos do subterrâneo, recebiam rações dobradas. Ouviam-se flautas, cantos alegres, a algazarra dos jogadores de dados. As moças da cidade eram obrigadas a sair de casa para dançar nas ruas e Lídio, em pessoa, participava das orgias que tinham lugar na praça do mercado, apresentando-se com a cabeça

engrinaldada de louros. Assim foi até o verão; e os romanos continuavam acampados, exaustos e mal-humorados, à vista da alegria dos salteadores. Galgando caminhos arriscados, tentaram algumas vezes tomar de assalto a cidade, em ataques noturnos. Mas Lídio vigiava dia e noite. Quando alguma cabeça inimiga surgia nas ameias denteadas ou se ouviam passos furtivos rondando as muralhas escuras, uma saraivada de flechas, pedras e outros projéteis descia na mesma hora sobre os intrusos.

Aconteceu, porém, que numa noite estivai uma pobre camponesa pôs-se a procurar pelos campos a sua vaca, que se perdera. Num pequeno vale, cortado por um riacho, entre pedras e salgueiros, ela ia andando de um lado para outro, chamando por sua vaca quando, de súbito, escutou vozes de homens. Assustada, ocultou-se entre as pedras. De ouvido à escuta, viu estarrecida que os homens saíam do chão e desapareciam, subindo o vale na direção das colinas. Na esperança de receber uma boa recompensa, a mulher correu açodada ao acampamento e pediu para falar com um general romano. Contou-lhe tudo o que vira e recebeu uma moeda de ouro com a effigie do antigo imperador. Depois, o general dirigiu-se com seus homens ao local denunciado e preparou uma emboscada. Quando os salteadores regressavam com provisões, foram atacados de surpresa e todos eles aprisionados. A entrada da galeria foi trancada e posta sob a guarda permanente dos centuriões.

A partir desse dia, a existência despreocupada de Cremna ficou com seus dias contados. Acabou o vinho, as rações de farinha e carne foram reduzidas à metade. Lídio estava agora convencido de que a sua única saída consistia em morrer invicto, de arma na mão.

Lídio passava as noites em claro cogitando na maneira de manter a cidade em seu poder o maior tempo possível. Seu rosto andava sombrio como uma nuvem de tormenta. De espada na mão, entrava nas casas e onde quer que encontrasse alguém que ele reputasse desnecessário ou inútil, matava-o a estocadas. Somente estavam a salvo de tais crueldades os homens necessários para a guarnição militar e algumas mulheres que os salteadores possuíam em comum. Hefáisto, que se sabia imprescindível e conservava bem escondida sua amante, era o único que conservava o bom humor e via, impassível, aproximar-se a tempestade. Os demais estavam tomados de pavor, pois sabiam ter a vida ameaçada e as rações diminuídas diariamenie, colocando-os nn terrível contingência de morrerem

assassinados ou — ahernativa horrenda — de fome. Lídio deixara de dormir e, a qualquer hora do dia ou da noite, era visto sempre empunhando sua refulgente e sinistra espada. Era capaz de ficar dias a fio enclausurado em sua casa, sobre a qual pesava um silêncio abafado e funéreo, até que, súbito, surgia como uma fera que rebentasse a jaula, e matava alguma sentinela solitária que julgasse inútil, empurrando-a precipício abaixo.

Um grupo de seus homens decidiu eliminá-lo. Mas, perante seu olhar ardente e cruel, todos retrocediam acovardados. E esses homens rudes pressentiam com horror que Lídio fora dominado pelo Demônio para cumprir um destino pavoroso. Hefaísto e alguns lugar-tenentes fiéis ajudavam-no a vigiar os depósitos e seguíam-no silenciosamente, de longe, quando o tresloucado Lídio fazia suas incursões homicidas, para eliminar, pelo seu próprio punho, mais um ou dois de seus homens. Começou correndo a lenda de que ele se alimentava do sangue de suas vítimas, bebendo-o enquanto fumava.

Não tardou muito para que sua loucura o fizesse suspeitar também dos partidários mais eficientes e leais. Por isso, certa noite, decidiu rondar a casa onde vivia Hefaísto e escutou a conversa do grego com Febe.

No dia seguinte, chamou Hefaísto e disse:

— Tens uma moça escondida em tua casa. Esta noite, ao escurecer, quero que a tragas aqui.

Hefaísto ficou aterrorizado. Não estava disposto a entregar sua pombínha e como soubesse que tampouco poderia conservá-la, esperou que caísse a noite e quando a moça dormia transpassou-lhe o coração com um punhal, enrolou-a num tapete e ordenou que dois homens a levassem a Lídio.

Dias depois, estava Hefaísto junto de sua catapulta na muralha da fortaleza, observando o inimigo, quando Lídio se acercou e, sorridente, disse:

— Obrigado pela moça que me mandaste a outra noite. Era muito bonita. Já agora, poderias fazer-me um outro favor. Assesta a tua catapulta na direção daquele guarda que está no torreão superior e mata-o. Não preciso mais dele.

O grego, que sentia ainda o sangue da sua amada queimando-lhe as mãos, olhou fixamente para Lídio e replicou:

— Atira tu mesmo. Eu não tenho flechas para os meus próprios companheiros!

Lídio, enfurecido, chamou três homens que o escoltavam, submissos como cães de fila, e ordenou-lhes que despissem Hefaisto e o açoitassem. E afastou-se, não se preocupando mais com ele.

O grego sabia bem que tinha sua vida por um fio. Refugiou-se numa cisterna, esperando pela noite. Com um lençol esticado e duas varas, armou uma espécie de pára-quadras e, subindo à muralha, lançou-se sobre o abismo. Conseguiu pousar sem maiores danos na planície e dirigiu-se, cambaleante, ao acampamento romano. Deixou-se levar à presença do general e solicitou clemência, prometendo que, em troca, faria Lídio cair.

E cumpriu a promessa poucos dias depois. Com a ajuda de alguns engenheiros romanos, Hefaisto construiu uma catapulta com a qual poderia arremessar projéteis por cima das muralhas de Cremna. Ora, conhecendo bem o lugar onde Lídio costumava postar-se, nas ameias da fortaleza, observando o inimigo, Hefaisto assestou a catapulta e armou-a com umá grande lança. No momento em que achou mais provável que Lídio lá estivesse, disparou a flecha.

Com isso terminou o sítio de Cremna. A flechada perfurou um olho de Lídio e feriu-o mortalmente. Mas era tanta sua energia que ainda conseguiu sobreviver um dia inteiro, matando mais dois de seus homens. Quando sentiu, por fim, que a morte inevitável se avizinhava, quis que seus homens jurassem não entregar a cidade, após sua morte, defendendo-a até à última gota de sangue.

Mas quando o viram morto, quando seu temido olhar se apagou no rosto moreno, o bando como que despertou de um misterioso sortilégio, cuspiu no cadáver, insultou-o, profanou-o. E foi entregar-se ao desdêni e à mercê dos sitiantes.

Da Infância de Sao Francisco de Assis

— Cesco! — chamava a voz da mãe lá em cima.

Tudo era calmo e reconfortante, naquele sonolento fim de tarde italiano.

E de novo. em tom carinhoso:

— Cesco!

O menino de doze anos estava sentado num recanto snmbreado, perto da escada principal da casa, encostado a uma pedra e quase adormecido, as mãos finas cruzadas sobre os joelhos angulosos, um cacho de cabelos castanhos tombado sobre a alva testa infantil, em cujas têmeoras se divisavam ténues veias azuladas.

Como era melodiosa, essa suave, leve, alada voz materna, igual à dos passarinhos! Uma voz bondosa, terna, inconfundível e distinta, como a própria mãe. O peito cheio de amor, Francisco pensava nos insistentes chamados maternos que se iam perdendo no ar da tarde. Por instantes, sentiu as pernas tremerem-lhe levemente; queria levantar-se de vmi pulo mas a vontade loco enfraquecia e deixava-se ficar imóvel, encostado à poeira quente da pedra. Ouvia

ainda ressoar a querida voz materna no profundo silêncio da tarde ébria de sol, mas meus pensamentos já se encontravam muito longe.

Coisas maravilhosas havia neste mundo! Nem todos os homens bons podiam, como ele, escondido num recanto sombrio junto à escada da casa paterna, mimado pelo pai e aconselhado pela mãe, contemplar as casas vizinhas, os poços, os ciprestes, as montanhas longínquas e sempre iguais. Havia homens que cavalgavam pelo mundo inteiro, pela França, Inglaterra e Espanha, passando por todos os castelos e cidades, com seus palácios e catedrais. E onde estivesse acontecendo alguma coisa terrível, onde um santo e inocente homem religioso fosse condenado à morte ou uma bela princesa fosse enfeitiçada, aí surgia o herói, o cavaleiro audaz e salvador, brandindo sua espada invencível e fazendo justiça. Havia cavaleiros capazes de afugentar sozinhos um exército inteiro de mouros. Viajavam em naus até os confins do mundo e, à frente deles, os próprios ventos iam espalhando seus nomes e audaciosas façanhas por toda parte. Assim lhe fora contado ontem por Piero, o criado, a respeito do valente Orlando.

Pestanejando, Francisco fixava os olhos, entre as madeixas de cabelo caídas pela testa, na pérgula vizinha coberta de musgo. Entre as colunas de pedra do caramanchão, donde pendiam videiras, divisava-se uma nesga da paisagem distante, a extensa planície da Úmbria, as montanhas além do vale, em cujas encostas alastrava-se uma pequena cidade, com seu campanário branco, infinitamente pequena e longínqua e os horizontes azuis e, ainda mais além, o pressentimento colorido do mundo. Como seria bom conhecer tudo isso, tudo, tudo, os rios e as pontes, as cidades e os mares, os castelos reais e os acampamentos de soldados, e os cavaleiros, muitos cavaleiros, com seus estandartes e fanfarras, heróis a cavalo, formosas e nobres damas, e os torneios e justas, os saraus de harpa, as armaduras douradas, o roçar dos trajes de seda, tudo a postos, tudo esperando a vinda daquele que tivesse coragem de tomá-lo para si.

Sim, era preciso ter muita coragem. Sobretudo, para cavalgar de noite pelo deserto, quando a imensidão desolada se povoa de fantasmas e espíritos malignos, guardando as cavernas repletas de ossos humanos. Teria ele, o filho de Francisco Bernardones, tanta coragem? E se fosse aprisionado e conduzido à presença de um príncipe mouro? Ou lançado em um castelo enfeitiçado? Não, não era fácil. Era preciso uma coragem incrível e certamente havia pou-

cos que a teriam. Talvez seu pai pudesse, talvez... quem sabe? Mas se existiam outros que o haviam feito, se Orlando, Lancelote e tantos mais haviam cumprido suas heróicas missões, que caminho haveria para um jovem senão esforçar-se por igualá-los? Seria ainda possível jogar a feijões, plantar sementes de abóbora, ser artesão ou mercador, padre ou qualquer outra coisa dessas?

Na alva testa de Francisco profundas rugas se desenhavam, os olhos sumiam sob o cenho franzido. Meu Deus, como era difícil tomar uma decisão! Quantos já teriam tentado e fracassado logo de início, jovens escudeiros e cavaleiros de quem nenhuma princesa jamais ouvira falar, de quem ninguém narra as proezas, sobre quem nenhimi moço de estrebaria conta, à noite, as fabulosas aventuras! Desaparecidos, assassinados, envenenados, afogados, devorados por dragões, jogados de rochedos para abismos hiantes, enclausurados em cavernas. Tinham partido para nada, tinham sofrido privações e torturas em vão!

Francisco estremeceu. Olhava as finas mãos, coradas pelo sol. Talvez lhe fossem decepadas pelos sarracenos, talvez cravadas com pregos numa cruz, talvez devoradas por urubus. Era horrível. E pensar quanta coisa boa havia no mundo, quanta beleza, quantos prazeres, quantas guloseimas! Oh, quanta coisa gostosa. No outono, um fogo acariciador na lareira, com castanhas assando entre alegres estalidos da lenha; na primavera, as festas das flores, as nobres donzelas vestidas de branco, os longos cabelos engrinaldados. Ou um cavalo manso e obediente, como o que seu pai lhe prometera para quando completasse quatorze anos. Mas também havia muitas outras coisas, muitas mais, centenas e milhares delas, que embora fossem singelas não deixavam de ser bonitas e gostosas. Por exemplo, estar ali sentado na penumbra, o sol dançando nas pontas de seus pés, as costas contra o muro de pedra fria. Ou, de noite, ficar deitado na cama, nada sentindo de particular, apenas o suave e brando calor do crepúsculo tomando conta de seu cansaço. Ou escutar a voz da mãe, sentir sua mão alisando-lhe os cabelos. Assim era o mundo, com milhares de coisas aprazíveis — acordar e dormir, noite e dia, pai e mãe, e tantos aromas perfumados, e suaves, melódicas toadas, tantas cores, tantas!

Seria necessário menosprezar tudo isso, renunciar a tudo, pôr em risco tanta coisa bela, só pela glória de vencer um dragão (ou ser dilacerado por ele) ou ser feito duque por um rei? Tinha de ser assim? Estaria certo?

Não passava pela mente do menino que ninguém no mundo, nem o pai ou a mãe, exigiria dele tais coisas, que tudo era fruto de seu próprio coração, de seus sonhos e anseios. Pressentia o desafio. Um ideal se formara no seu íntimo. Uma vocação o chamava. Uma chama se acendera em seu peito. Mas por que a mais bela de todas as virtudes, o heroísmo, era tão difícil, tão profundamente difícil? Por que teria de escolher, de sacrificar e decidir? Não poderia fazer, simplesmente, o que mais lhe apetecesse? E o que é que lhe apeteceu, de que é que ele realmente gostava? De tudo e de nada, de tudo por um fugaz momento, de nada para sempre. Ah, essa ânsia! Ah, essa sede devoradora! E tantos tormentos presentidos, um tão grande e indefinível temor!

Irritado, batia com a cabeça contra os joelhos. Não, apesar de tudo queria ser cavaleiro. Mesmo que o matassem, mesmo que tivesse de morrer de sede no deserto, queria ser cavaleiro. Eles ficariam surpresos, Piero e Marietta, e a mãe, e sobretudo aquele estúpido professor. Regressaria montado num cavalo branco, na cabeça um elmo dourado com plumas espanholas, uma grande cicatriz na testa.

Suspirando, Francisco recostava-se na pedra, espreitava entre as colunas cobertas de musgo e o caramanchão de videiras pendentes para o horizonte enevoado e escarlate, onde cada sombra anilada era um sonho e uma promessa. No palheiro, ouvia Piero trabalhar. A faixa de sombra ampliava-se, imprimindo contornos firmes no pátio ensolarado. Sobre as colinas distantes, o céu quente ganhava tonalidades sijas e douradas.

Pelo caminho subiam várias crianças, seis ou oito meninas e meninos, aos pares, brincando de procissão. Traziam grinaldas de folhas de hera que lhes desciam pelas costas, flores dos prados nas mãos, ranúnculos e margaridas, goivos e salvas, colhidas des preocupadamente, já meio desfolhadas e murchas. Os pés descalços batendo levemente na calçada de pedra, um garoto mais velho marcava o compasso com seus tamancos. Todos entoavam uma pequena canção, em vozes infantilmente desafinadas, cujo estribilho dizia:

Mille fiori, mille fiori
A te, Santa Maria...

Assim vinha subindo a pequena procissão, trazendo consigo um pouco de colorido à deserta vereda. Na cauda do grupo, uma

menina vinha fazendo uma trança em seus cabelos, enquanto segurava na boca a outra trança e o ramilhete de flores, sem que por isso deixasse também de cantar. Algumas flores ficaram perdidas na poeira do caminho.

Francisco também cantarolou essa tão conhecida toada. Centenas de vezes tomara parte nesse brinquedo; na verdade, fora por muito tempo a sua brincadeira favorita. Agora, que já estava entre os meninos mais crescidos e participava de tantas travessuras proibidas, estranhava aquela santa brincadeira da inocente primeira infância e, como pertencia ao número das crianças extremamente sensíveis, já sua alma em transformação prenunciava melancolicamente que mesmo o júbilo e a alegria dos mais cândidos folguedos eram sentimentos efêmeros. Agora que decidira ser um herói, aquela brincadeira parecia-lhe fútil e ridícula.

Olhava com uma indiferença desdenhosa para as crianças que desfilavam cada vez mais perto de sua casa! De súbito, notou que ao lado da menina de tranças soltas caminhava um guri de seis anos, não mais, que erguia diante do rosto, com ambas as mãos, uma flor meio desfolhada. Dava largas e solenes passadas, como se estivesse vadeando um rio de alpondras em alpondras, e levantava a flor como se esta fosse um pendão. Cantava numa voz desafinada e trêmula, os olhos redondos fulgiam de devoção e júbilo.

— *Mille fiori* — entoava o guri, fervoroso — *mille fiori a te. Santa Maria!*

Quando Francisco o viu, apoderou-se dele uma caprichosa sensação, como se redescobrisse naquele instante toda a beleza e devoção desse brinquedo de flores ou, talvez, a repentina lembrança de entusiasmos ora apagados. Num salto arrebatado, correu no encalço das crianças, acnando-lhes e gritando-lhes que parassem por um momento defronte de sua casa.

Elas acederam ao pedido, obedientes. Francisco estava habituado a ver suas ordens respeitadas, pois era filho de um homem rico e acatado em toda a região. Ali ficaram esperando, as flores murchas nas mãos. A cantiga emudecera.

Entrementes, Francisco correrá ao jardim de sua mãe, num exíguo terreno inclinado e cultivado com desvelo. Havia poucas flores, os narcisos tinham murchado, dos goivos amarelos só se viam as minúsculas anteras carregadas de pólen. Mas ainda floriam dois altos arbustos de lírios roxos, os favoritos de sua mãe. Os caules grossos, cheios de seiva, estalaram nas mãos de Francisco.

Olhou para uma das flores, onde notou os filetes amarelados e peludos das anteras, entre as pétalas violáceas da corola. Teve a profunda sensação de que era uma pena arrancar tão belas flores.

Voltou correndo para onde estavam as crianças e entregou a cada uma delas um lírio. Francisco guardou um para si, colocou-se à frente da procissão e assim continuaram todos andando. Entraram numa outra ruela e as lindas e viçosas flores do jardim, além do exemplo de Francisco, que todos conheciam, fizeram com que muitas outras crianças os seguissem. Com flores e sem flores, mais e mais crianças se juntavam à procissão, e nas ruas seguintes ainda mais e mais, e quando chegaram, finalmente, à praça da catedral, quando as montanhas, no horizonte, já ardiam em reflexos rubros contra o céu anilado do crepúsculo, uma grande multidão as acompanhava. "*Mille, mille fiori...*" entoavam todos. E dançavam no adro da catedral, e Francisco, o rosto ardente, os olhos incendiados de fervor, dançava na frente da multidão. Os camponeses que voltavam de suas lidas, os vizinhos que aproveitavam a suavidade do fim da tarde para passear na praça ficavam parados para assistir ao inesperado cortejo. As donzelas elogiavam Francisco e uma delas atreveu-se a fazer o que todas queriam. Aproximou-se do belo moço e, dando-lhe as mãos, dançou com ele. Ouviram-se risos e aplausos, a inocente função religiosa inventada pelas crianças converteu-se, num abrir e fechar de olhos, numa alegre festa, tal como o riso infantil, nos lábios de uma menina, desabrochava no sorriso recatado de uma donzela.

Na hora do jantar tudo estava acabado e cada um regressou a seu lar. Francisco chegou à casa agitado e exausto, e só então deu-se conta de que acompanhara a procissão descalço e sem gorro, o que, nos últimos tempos, evitava cuidadosamente, pois suas relações eram agora com rapazes mais velhos, filhos de nobres e gente de posses da região.

Depois da refeição, quando o mandaram subir para a cama, o que ele fez não sem alguns protestos, de novo lhe pesaram na alma os sonhos de cavalaria e os inúmeros compromissos varonis que assumira. Empalideceu de raiva e desprezo por si mesmo. Como pudera esquecer tudo isso? De olhos fechados e lábios cerrados desprezava-se amargamente, como lhe acontecia amiúde. Sim, senhor, que magnífico Orlando, que valente cavaleiro, roubando as flores prediletas de sua mãe para brincar e dançar com um bando de crianças pequenas! Um bobo é o que ele era... Deus sabe como,

a um bobo como ele, poderia ter alguma vez ocorrido a idéia de se tornar um nobre e justo cavaleiro. Ah, mas como resplandecia a fachada na catedral, banhada pelos suaves tons dourados do crepúsculo, com as montanhas azuis e o céu afogueado no horizonte! Não era isso o que o arrebatava, não era isso que o atraía, ter acorrido à praça, e dançado, e cortejado a jovem camponesa que furtivamente o beijara, impelido pelo chamamento de um invisível arauto? Ah, hipócrita, leviano! Assim era tudo o que ele fazia. Começava sempre com as melhores intenções deste mundo, conduzia-se como um fidalgo altaneiro e intrépido, mas surgia lirn capricho, uma aragem, um perfume, uma tentação, e logo o nobre herói virava moleque e tolo. Francisco cravava as unhas nos punhos cerrados, gemendo de humilhação e auto-acusações. Não, para ele não haveria jamais sagrados juramentos, altas torres, duelos vibrantes... tudo isso era para os outros, para os nobres mais dignos e fortes do que ele. Oh, Lancelote! Oh, Orlando! Oh, trovas de amor entoadas por cavaleiros andantes sob as janelas de formosas princesas! Oh, proezas ardentes além das montanhas azuladas do Transimeno!

Na penumbra, a porta entreabriu-se suavemente e a mãe entrou sem ruído no quarto. Quando o pai viajava, ela dormia no mesmo quarto de Francisco. Aproximou-se do leito do filho.

— Ainda não dormes, Cesco? — perguntou a mãe, ternamente.

Ele tivera a intenção de fingir-se adormecido mas não conseguiu. Em vez de responder, tomou a mão materna entre as suas, segurando-a com firmeza. Amava aquelas mãos, aquela voz, com uma ternura quase idolatra. Ela abandonou a mão direita entre as do filho e, com a esquerda, alisava-lhe os cabelos.

— Sentes alguma coisa, filho?

Francisco manteve-se silencioso por instantes. Depois, com a voz embargada, disse baixinho:

— Mãe, eu cometi uma feia ação...

— Foi muito grave, Cesco? Conta-me...

— Hoje arranquei quase todas as tuas flores. As flores roxas, sabes, aquelas grandes. Já não as há mais no jardim.

— Eu sei, filho. Eu vi. Então foste tu? Eu desconfiava de que tivesse sido Filippo ou Graffe. Nunca tinhas feito coisa tão cruel antes.

— Eu... eu dei-me conta disso no mesmo instante. Dei as flores às crianças.

— Que crianças?

— Umás crianças que passaram. Brincávamos de *mille fiori!*

— E tu também? Tu brincaste com elas?

— Sim, de repente senti-me obrigado a acompanhá-las. Elas só tinham flores do campo, desfolhadas e murchas, eu queria que a procissão fosse mais bonita.

— Foram até a catedral?

— Sim, à catedral, como antigamente...

— Não, Cesco, isso não foi grave. Se tivesses destruído os lírios por maldade... Mas assim não, realmente assim foi até bonito. Não te preocupes!

Ele ficou silencioso e a mãe julgou-o acalmado. Mas Francisco falou de novo, baixinho:

— Não é pelas'flores...

— Não? Então por que é?

— Não posso contar.

— À tua mãe, não podes contar? Vá, dize-me por que sentes ainda a consciência inquieta?

— Mãe, eu quero ser cavaleiro.

— Cavaleiro? Bem, podes tentá-lo... Mas o que tem isso a ver com tua tristeza?

— Tem, sim! Tem muito que ver! A senhora não está me entendendo. Eu quero ser cavaleiro mas não consigo. Acabo sempre fazendo alguma travessura. Acho que ser cavaleiro é muito difícil, muito difícil... Um verdadeiro cavaleiro nunca faz maldades, ou coisas tolas e ridículas, e eu queria tanto ser assim... mas não posso! De repente, corri para junto das crianças e fui dançando à frente delas! Como uma criança pequena!

A mãe aconchegou-o no travesseiro.

— Vamos, não seja tonto, Francisco. Dançar não é pecado. Também um cavaleiro pode dançar, por vezes, quando está alegre ou quer proporcionar aos outros algumas horas de entretenimento. Não se pode ser sempre como se imagina. Os cavaleiros também têm suas horas de folga, e brincam, cantam, dançam.. Mas, diz-me uma coisa: por que queres ser cavaleiro? Por serem devotos e valentes?

— Sim, sim. E também porque se não for cavaleiro nunca poderei ser duque ou príncipe, para que todo mundo fale de mim.

— Então, é forçoso que todo mundo fale de ti?

— Oh, sim, desejo muito que isso aconteça!

— Então esforça-te para que sempre falem bem de ti. Sê bondoso, leal, honrado e justo. Caso contrário, seria de\eras ruim que andasses na boca do mundo.

Ela teve de ficar ainda alguns instantes junto ao filho, segurando-lhe as mãos. Sentia uma estranha sensação em seu peito quando pensava na infantilidade dos desejos e intenções do filho, pois sabia que, na realidade, muitas paixões e dolorosas emoções eram provocadas e muitas desditas resultavam do cumprimento de tais desejos. Este menino conheceria muito amor, isso era certo, mas quantas e quantas amarguras e decepções o aguardavam também! Provavelmente, nunca seria um cavaleiro, isso não passava de um ingênuo sonho de criança. Mas pressentia, em seu coração de mãe, que ele estava predestinado para algo de extraordinário — para o bem ou para o mal.

Na escuridão do quarto, ela fez o sinal-da-cruz sobre o filho e, baixinho, chamava-o por aquele carinhoso nome que Francisco adotaria mais tarde e pelo qual ficaria conhecido de todo o mundo: *Po verello...*

A Morte de Frei Antônio

Digníssima senhora e cara irmã em Jesus:

Conforme vosso pedido, por mim recebido, conto-vos nesta carta aquelas coisas de que gostareis de ter notícia, sem que por isso tenhais de considerar-vos devedora de tal serviço. Sois-me completamente desconhecida, porém, creio que éreis pessoa íntima do falecido, em tempos idos, e assim vos rogo que leiais com indulgência as palavras que, num momento de fraqueza, decidi enviar-vos.

Muitas pessoas há a quem a morte, que o nosso saudoso Povello chamava de doce irmã, arrebatava como dócil e fácil presa. Outras, entre as quais há muitas criaturas devotas e corajosas, só se lhe entregam após dura luta, a contragosto e como se defrontassem um inimigo odiado. Entre estas se encontrava o meu estimado Irmão Antônio, cujo passamento me encheu de tanto assombro e profundo pavor que não logro esquecer uma só de suas palavras, nem uma só ruga de seu rosto, nem um só movimento de suas mãos.

Não assisti ao derradeiro momento de sua vida mas permaneci junto dele até momentos antes de entregar a alma ao seu Criador. Quero contar-vos minuciosamente tudo aquilo que sei desse transe. A minha sincera admiração pelo saudoso irmão não me impediu, entretanto, de meditar muito e chegar à convicção de que Antônio teve uma santa morte e foi por Deus acolhido com misericórdia, como fiel servo que fora.

Aconteceu numa fria manhã e já decorreram quatro meses desde que um mensageiro de Antônio me procurou e disse:

— Levanta-te depressa e corre, pois o nosso Padre Antônio aguarda a morte e não lhe sobram mais que poucas horas!

Fiquei muito consternado, apanhei meu bordão e segui às pressas o mensageiro, atravessando a serra. O caminho era longo, íngreme e deveras penoso. Andamos seis horas até fazermos uma pausa para descansar e mais duas horas, enquanto uma grande e dolorosa inquietação nos afligia a alma, a tal ponto que nem eu nem o mensageiro tínhamos desejo de falar, trocando apenas algumas palavras insignificantes. E o mensageiro, que já caminhara metade da noite para me avisar, ficou tão exausto que tive de abandoná-lo e chegar sozinho ao meu destino. Galguei célere a cojina, como se os anos tivessem deixado de pesar em meus pés, e encontrei nosso irmão dormindo em seu leito, na sua humilde choupana. Estava muito quieto, respirando debilmente, o rosto já marcado pela vizi-nhança da morte. Sentei-me à sua cabeceira, tomei cuidadosamente sua mão nas minhas e fiquei velando. Ora, aconteceu que, idoso e com o corpo fatigado pela jornada, adormeci ali mesmo e deve ter decorrido uma hora antes que despertasse de novo. E, pasmai, era o enfermo que segurava carinhosamente a minha mão, os olhos atentos para o meu lado e sem dizer palavra! Senti-me envergonhado e muito consternado por ter adormecido.

— Irmão Antônio — disse eu — aqui estou. Vim despedir-me de vós, que estais tão perto do trono de Deus. Bem-aventurado sejais!

Antônio silenciava e sorria de um modo estranho, como se não acreditasse nas minhas palavras. Pensei que estivesse zombando do meu cochilo e humilhei-me, contrito, rogando o seu perdão e indagando que serviço poderia fazer por ele.

— Abre bem aquela porta! — disse Antônio.

Fiz como ele me mandava e um jorro de claridade inundou a

choupana. Tendo silenciado de novo, voltei a perguntar se queria mais alguma coisa.

— Abre também o teto! — disse ele, apontando para cima.

Sai da choupana e levantei duas tábulas do telhado, cheio de perplexidade por não entender o significado daquelas ordens. Quando voltei para junto de seu leito, ele tinha os olhos voltados para a abertura do teto e sorria de novo, com aquele seu estranho sorriso.

— Já não via o céu há seis dias! — exclamou ele, pedindo que me sentasse outra vez á sua cabeceira. Atendi imediatamente a seu desejo e, de súbito, começou falando alto e em tom enérgico. Os olhos brilhavam como velas e as mãos descreviam os movimentos de um tribuno falando ás multidões. Foram estas as suas palavras:

— Vós que falais da vida e da morte, que sabeis delas afinal? Qual de vós já morreu a amarga morte para que possa falar dela ou explicar como é? Mas também pouco sabeis da vida, pois vossos olhos são turvos e a mente fraca. Eu sei, eu sei o que é a vida, pois meu olhar está desperto e atento, e hoje a morte ronda meu leito. Eu sei quão grande e maravilhoso é o mundo, quão belo e terrível é o mar. E em verdade vos digo, irmão: o delgado raio de luz que o sol manda à minha choupana me alegra mais do que tudo o que recebi dos homens.

"Oh, maravilhoso sol! Oh, belos horizontes infinitos! E vós, montanhas que eu percorri, ébrio de vossa grandeza agreste e solitária! E vós, doces riachos onde me dessedentei! Oh, minha pátria distante, oh, minha juventude!

"Vós, desditosas criaturas humanas, cuja vida decorre sem prazeres, qual turvo riacho que termina o curso nas areias, antes de seu tempo e destino! Oh, descerrai vossos olhos e vede como é fascinante o mundo em que viveis! Olhai o suave e misterioso vale que o luar ilumina, o fulgor do oceano quando, sobre as ondas, o sol se levanta!

Deveras estranha me pareceu esta oração e fiquei muito preocupado, porquanto o meu santo irmão poderia subitamente fechar os olhos para sempre sem ler nos lábios o nome do Senhor. Por isso o sacudi levemente. Ele esboçou um aceno de mão e manteve-se

silencioso, por momentos, sorrindo para mim. Depois, voltou a falar em surdina, como se me confiasse um segredo:

— Irmão Januário, hoje, em vossa caminhada, haveis passado pela encosta da coluna, de cujo cimo se pode ver o mar e as grandes montanhas nevadas. Nesse lugar existe um espinheiro-bravo com a imagem de Nossa Senhora das Dores. Porventura já estivestes nesse lugar?

Como eu confirmasse, Antônio prosseguiu:

— Bom, assim o conheceis. Tereis provavelmente observado que, dessa cumeada, podemos ver os lagos ora serenos, ora encrespados pela brisa e as longínquas montanhas coroadas de neve tocando as nuvens brancas na pureza do espaço. E contemplastes, por certo, aquele espinheiro, repousastes à sua sombra, aspirastes o aroma de suas folhas, e a aragem que corria do mar, e vosso olhar esprou-se pelos belos e verdejantes prados.

— Sim — dizia eu — sim, é tudo como dizeis e eu tantas vezes contemplei, elevando nas maravilhas do Criador.

— Pois bem — cortou Antônio. — Pensai agora que nunca mais vereis tais coisas, nem as montanhas, nem o espinheiro-bravo, nem o mar, nem o lago e os luminosos prados.

— Assim será, caríssimo irmão — disse eu — não mais vereis esses lugares, senão quando fores levado pelos anjos à presença do Senhor.

— E a cidade onde nasci, e o grande rio que nela passa, tudo isso não verei mais?

— Não mais, não mais — falei de novo — pois essa é a vontade de Deus.

— Oh, meu irmão! — gritou ele, com grande exaltação. — Pois sabeis que amo infinitamente esse rio, e esse céu azul, e todas as coisas maravilhosas deste mundo mais do que a vós, a todos os homens e aos anjos do Senhor!

Neste ponto, meu coração teve um sobressalto e empalideci. Cai de joelhos à beira do leito e orei a Deus Todo-Poderoso. Depois, soergui-me e falei-lhe:

— Creio não ter ouvido bem o que dissestes. Mas vos imploro, amado irmão, dizei-me que amais a Deus sobre todas as coisas, mais que às montanhas, aos prados e aos mares deste mundo!

Ele recostou-se um pouco e vi que seus olhos estavam marejados de lágrimas.

— Senhor Deus — disse ele — eu vos amo mais do que à minha própria vida. Tende piedade de minha alma.

Depois emudeceu e eu sentei-me à sua cabeceira, e juntos choramos e suspiramos, até que o sol desapareceu da choupana. Quando a escuridão sobreveio, ele começou de novo gritando, e estendendo os braços para o alto. Pensei que seu fim estava chegando e administrei-lhe os últimos sacramentos. Permaneceu silencioso, com grande humildade, agradecendo-me depois com palavras carinhosas e fraternas. Em seguida pediu-me para ficar sozinho.

— Agora ide em paz, bom irmão — disse ele. — Sentirão vossa falta se vos atardares demais. Deixai-me morrer sozinho, pois sei que doravante temereis a morte como o fogo. Permiti que vos abençoe!

Abençoou-me com grande fervor e beijou-me como um pai a um filho querido, se bem que tivesse poucos anos mais do que eu. E o deixei, pois ele assim queria, tomando o caminho de volta. Minha alma, porém, ia repleta de desânimo, meu coração partido de tanta dor e angústia. Rezando e suspirando seguia eu pela colina quando cheguei perto do espinheiro-bravo e vi a lua nascente refletindo sua imagem no mar prateado. A tristeza apoderou-se de mim, lancei-me ao chão e assim fiquei por longas horas, como um homem morto de pancada. Quando me levantei de novo, vi os extensos vales e o céu coalhado de estrelas.

Desde aquela hora nunca mais esqueci as palavras do querido Irmão Antônio; nelas medito com freqüência e em tudo o que conheci de seu caráter e conduta. E compreendi então a inesgotável força de seu amor a Deus que fez de Antônio um ser feliz e bem-aventurado. Pois, em sua mocidade, ele fora não só um nobre rico que gozara a vida, mas também um trovador e um homem dado ao estudo das ciências do mundo, versado em grego e outras artes de que a nossa pobre alma não precisa para ganhar a eterna glória. Diz-se até que vivera em pecado com uma nobre dama, a quem dedicara poemas em versos latinos. Mesmo na época em que o conheci e já o estimava pela sua devoção e sabedoria, Antônio ainda usava expressões semelhantes às dos poetas, falando extasiado das montanhas e dos ventos como se possuíssem alma. Certa vez, chamei-lhe a atenção para o que eu julgava ser uma reminiscência profana. Em tom despreocupado, replicou:

— Por acaso não sabeis que o Poverello chama a todas essas coisas seus irmãos, e picgou às aves e a outros animais? Em boa

verdade sei que a erva do campo é sagrada e cara aos olhos do Senhor. E também os peixes, que são mudos e vivem debaixo d'água, são caros a Deus, e dignos de que lhes preguemos o Evangelho.

Assim era o seu coração, que por vezes se mostrava intransigente para com seus semelhantes, e outras tratava as coisas naturais como seres santificados, mesmo os animais, os mosquitos e outros insetos. Certa vez me disse:

— Irmão Januário, quando maltratares uma pessoa, ela poderá vingar-se ou perdoar. As inocentes plantas e animais, porém, estão entregues aos cuidados dos homens, para que os amemos e convivamos com eles como nossos irmãos mais fracos e indefesos. Quando sois caritativo com um homem, este vos retribuirá com gratidão e afeto. Mas quando poupais a vida de um inseto, de um peixe ou de uma ave, de um modesto arbusto ou de uma simples flor, o vosso gesto de amor só receberá a gratidão de Deus. E quando subires à presença d'Ele, como cristão que morreu devotamente e como pregador do Seu Evangelho, talvez o Senhor vos pergunte: "Por que pisaste naquele verme? Por que quebraste aquela flor e a jogaste fora? Por que vergaste o galho daquela árvore? Por que Me fizeste tanto dano?"

Há dez anos atrás, Antônio escreveu um longo e belo poema sobre as abelhas, seu modo de vida, como estão organizadas à semelhança de uma nação, como preparam de maneira estranha seus favos de mel. Lera-o para mim e admirei profundamente a verdade e a beleza de suas palavras. Mas, quando de uma outra vez lhe perguntei por que motivo, tendo o Senhor lhe dado o talento de um poeta, ele não preferia exaltar o sofrimento do nosso Salvador ou a vida dos bem-aventurados padres, pôs-se muito sério e não permitiu que eu continuasse.

— Mas, como! — exclamou ele. — Como me atreveria a descrever em versos a obra de Deus, se a menor das Suas criações, como a vida dessas humildes abelhas, já é tão maravilhosa e difícil de compreender?

Chega de recordações. Quereis, senhora, saber do falecimento do nosso bem-aventurado Antônio? Então registrarei o pouco que ainda chegou ao meu conhecimento após sua morte.

Depois que abandonei o moribundo em sua cabana, conforme fora de sua vontade, visitou-O um guardador de cabras que vinha de Torre e que ali permaneceu até a morte do nosso irmão. Encon-

trou-o muito debilitado, estendido sobre o leito de olhos abertos para o alto. Quando o pastor lhe perguntou em que lhe poderia ser útil, Antônio agradeceu, numa voz muito fraca, mas disse não precisar de coisa alguma. Depois ficou falando num quase inaudível murmúrio, completamente consciente de tudo o que o rodeava, parecendo rezar. Então ergueu um pouco a voz e perguntou ao pastor pelo seu rebanho, quantas cabras tinha, que nome lhes pusera para chamá-las e de que raça eram, enfim, as coisas de que os pastores costumam falar entre eles.

— Também tens cabritinhos em teu rebanho? — perguntou Antônio.

O pastor respondeu que sim e o nosso irmão falou-lhe de várias ervas que eram bons remédios para os animais muito novos, quando adoeciam. Algumas dessas ervas eram conhecidas do pastor, outras não e esjas logo o moribundo descreveu com grande exactidão.

— Não esqueças — disse ele — que todos esses animais, até mesmo os mais minúsculos, também foram criados por Deus e são milagres vivos de Sua infinita bondade. Deves dar-lhes o teu amor, não a mim, pois atenta bem no que te digo: sou um vaso quebrado e minha vida escoá-se por uma fenda incurável. Mas deves pensar em mim todos os dias de tua vida, para te alegrares de vivê-la enquanto ela durar. A vida é o dom supremo que Deus insuflou em todas as criaturas. Pois um dia chegará em que também tuas forças se esgotarão e sentirás em tua boca o travo da morte, que é mais amargo do que possas imaginar. Por muito árdua e difícil que tua vida seja, amigo, mais difícil e terrível é a morte! Fica sabendo isto para que teus dias sejam alegres e possas gozar a vida!

Fechou os olhos e pareceu descansar. As forças diminuían rapidamente. Mas de novo alteou a voz e disse estas estranhas palavras:

— Aquele que deseja e ama uma mulher sofre e passa dias difíceis, lodo o homem sente isso no coração. Mas chegará o dia em que saberá se o seu amor é retribuído e sentir-se-á então recompensado de todas as antigas dúvidas e tormentos. Mas quem deseja e ama a Deus sofre muito mais e seu sofrimento jamais terminará, pois nunca saberá ao certo se mereceu e obteve o amor de Deus.

E nada mais disse. O pastor contou, porém, que o nosso pranteado irmão percorria tudo à sua volta com o olhar iluminado, contemplava as suas próprias mãos, como que surpreendido, e sa-

culdia lentamente a cabeça. Teria então sorrído, com uma expressão inefavelmente bondosa e triste, e dado o último suspiro. Que descanse na eterna Paz do Senhor!

Mais não sei informar sobre o infausto acontecimento. Aceitai, senhora, este pouco que vos ofereço com humildade, e que Deus vos abençoe. É o que vos deseja vosso servo e irmão em Jesus,

Frei Januário.

A Má Acolhida

A maneira de ser dos homens varia, mas a Verdade é uma só, e não é raro encontrar pessoas de diferentes índoles reunidas como irmãos sob o mesmo estandarte. Mal Sao Francisco de Assis baixara à terra, livre das desilusões a que, como mortais, nem os santos são poupados, já de todos os lados afluíam fervorosos discípulos de sua doutrina de humildade e renúncia, e pela cristandade inteira se espalhavam seus ensinamentos, as palavras cândidas do mestre e o doce encanto, quase infantil, de sua mensagem de amor. Até a distante e fria Inglaterra tinham aportado alguns irmãos franciscanos e dois deles, Egidio e Gottlieb, peregrinaram fraternalmente, no ano de 1224, quando reinava Henrique III, pela sombria nação anglo-saxônica.

Dos dois, Egidio era o mais velho. Era também o mais devoto, pois já desfrutara de muitas dezenas de anos para se arrepende de sua pregressa vida profana e purificar a alma nos ensinamentos salvadores da Misericórdia Divina, como um náufrago se apega, sôfrego, à última tábua que ainda flutua, como derradeira pro-

messa de salvação. Por isso, os cristalinos ensinamentos do santo da Úmbria tinham formado em sua mente uma triste e quase sombria imagem de si próprio, e os cilícios sob o hábito eram-lhe mais preciosos do que o olhar claro, e o voto de pobreza não era, para ele, um triunfo secreto mas um recurso para atormentar, teimosa e encarniçadamente, sua carne.

Gottlieb, pelo contrário, seguia seu mestre como uma criança feliz e descuidada, sem sentir assim estar cumprindo alguma tarefa especial. Não precisava redimir-se de pecados anteriores, visto que, após uma vida pacífica e trabalhosa como jardineiro, quando moço, fora convertido pelas lípidas e consoladoras narrativas da vida do santo, que tinham soado a seus ouvidos como música celestial, e também porque lhe parecia fácil imitar o frade de Assis, vivendo do que lhe dava a mão de Deus, qual passarinho na rama. Aspirava à Graça de Deus do mesmo modo que uma pessoa sábia aspira pelo sol, e seu semblante alegre provocava, amiúde, uma repreensão (e também a secreta inveja) do amargurado peregrino Egídio, que se sentia ao lado do exuberante jovem como um inválido de guerra ao lado de um recruta.

Os dois romeiros caminhavam pelos arredores de Oxford havia nove horas. O agreste e toldado dia outonal iniciava seu precoce crepúsculo sobre a floresta e eles ainda não haviam encontrado teto' ou muro, cabana de caçador ou fumaça de chaminé que denunciasse a presença de gente. O tempo estava triste e deprimente, a luz do dia era pálida e agonizante, uma chuva fina e fria tombava a caprichosos intervalos e, de quando em vez, uma rajada violenta vergastava as urzes e as árvores da floresta, que gemiam sob o açoite do venlo, inquieto e melancólico como um rei neurótico que não sabe onde descarregar a sua raiva nem se realmente vale a pena continuar governando e por isso quer fazer saber ao mundo sua regia disposição.

— Tu verás — queixava-se exausto o irmão Egídio. — Tere-mos de passar a noite na floresta!

— Acho que isso bem pode acontecer — confirmava Gottlieb.

— Doem-me todos os ossos — gemia o mais velho — e apostaria a minha cabeça como esta região está infestada de lobos.

— Não du\ido — disse Gottlieb.

Tivera de consolar o companheiro o dia todo, esperá-lo quando se atrasava, ouvir seus lamentos e queixumes, mas agora começava a ficar cansado e pensava que o ditoso santo de Assis também

passara, com certeza, por iguais ou ainda piores transe, em suas peregrinações.

— Respondes a tudo com tanta calma — resmungou Egídio.
— Creio que te rejubilarias se eu tivesse de ficar por aqui.

— Em absoluto, irmão. Ficarei contigo, assim te prometi e assim será. Vamos entoar junto um salmo?

— Cantar? Nem penses nisso! Estou disposto a morrer, se for preciso, mas entoar salmos agora nem a própria Mãe de Deus poderia exigir isso de mim!

— Bom, era só uma idéia — disse Gottlieb, amparando o companheiro, pois parecia-lhe aconselhável estugar o passo. A chuva batia-lhes no rosto e, desde o pôr-do-sol, o vento enraivecido soprava cada vez mais forte, como se o cair da noite lhe tivesse reanimado a coragem e feito desencadear sua força ameaçadora e desastrosa. Percorriam agora a floresta e, por cima deles, escutavam o vento esbravejando nas altas ramarias, flagelando as copas quase esfolhadas. Mas, ao atingirem o urzal úmido e desabrigado, a ventania açoitava a estamemha dos seus hábitos e uivava em seus ouvidos como uma alcatéia de lobos famintos. Frei Egídio assustou-se realmente e começou sussurrando o nome de deuses e demônios dos antigos tempos'do paganismo; Gottlieb, que ignorava essa ciência, deixava-o falar mas escutava meio apavorado. Os rebanhos de nuvens baixas e escuras corriam como cavalos sem freio sobre o urzal empapado de chuva e a terra inteira parecia encolhida de medo, ante a investida de legiões aterradoras que pareciam regozijar-se em sua perversidade e aliviar assim as tenebrosas aflições de consciência.

Frei Gottlieb entoava, em voz alta, um salmo reconfortante, dentro da noite inimiga, mas seu companheiro, que se lhe agarrava com unhas e dentes, ma! o escutava, pois a ventania do outono levava para longe o som de sua voz, arrancava da boca de Gottlieb os sagrados versículos e enxotava-os, enfurecida, de roldão com folhas e galhos arrancados, para de novo se abater sobre os pobres forasteiros.

Egídio caminhava em silêncio, angustiado e cansado, arrimando-se no companheiro e revolvendo-se, cabisbaixo, em sua invenível tristeza.

Atordoados pelo vento, pela chuva e pela fadiga, quase passaram sem ver o único abrigo existente nesse descampado. Só o reconheceram quando se encontraram, de súbito, diante de um

muro grosso e de um sólido portão de madeira. Era um mosteiro. Quando pararam, aliviados, encostando-se ofegantes ao portão, pareceu-lhes escutarem do outro lado do muro, como se viesse de muito longe, um barulho extraordinário, que o vento logo se encarregava de expulsar para o descampado, afogando os sons insólitos na noite envolvente. Aguçando o ouvido, reconheceram que se tratava de manifestações de alegria e que, sem dúvida, algo se festejava lá dentro de caneco na mão.

— Ah, é lamentável que tenhamos de solicitar abrigo a tais irmãos! — disse Egídio, desgostoso. — Não é uma vergonha, ouvir através dos muros de um mosteiro, o som da roda de Satã em vez dos cânticos de louvor a Deus?

— Deixa para lá, irmão — aconselhou Gottlieb — por certo eles não nos engolirão. Mas, se preferes, passaremos aqui a noite com os lobos. Nada tenho a objetar.

— Não, não! — gritou Egídio. — Mas falarei com eles, despertar-lhes-ei a consciência para que se envergonhem e agradeçam ao Senhor termos sido enviados aqui.

— Bem, primeiro devemos entrar — acalmou-o Gottlieb. E erguendo seu bordão de romeiro bateu-o no portão com força, para que o som ecoasse lá dentro.

Passou-se um longo tempo antes que aparecesse alguém. Por cima da cabeça deles, abriu-se um postigo enquanto o porteiro observava os inesperados visitantes. Calmamente, dirigiu-se ao abade e avisou-o de que dois forasteiros batiam à porta, indagando se deveria abrir. Entrementes, Gottlieb batia de novo na porta com seu bordão.

O abade, que era dado a diversões e há muito não recebia visitantes que o distraíssem, perguntou ansioso:

— São menestréis? Certamente serão bufarinheiros ou menestréis ambulantes. Quem, senão gente dessa laia, iria vadiar pelos campos a estas horas? Vai e pergunta-lhes. Se forem menestréis deixa-os entrar e traga-os até aqui, Mas se forem mendigos ou peregrinos, ou outras criaturas enfadonhas, então finge que não escutaste e deixa que fiquem onde estão.

O irmão porteiro voltou ao postigo, pôs a cabeça de fora e perguntou:

— Ei, quem sois vós?

— Bom amigo — disse prontamente Gottlieb, olhando para cima. — Abre que estamos exaustos.

— São menestréis? — continuou o porteiro, quase aos gritos.

Mas o vento uivava, furioso, e o porteiro, que era de uma região nórdica, não entendia metade do que Gottlieb dizia lá embaixo, e Gottlieb se esforçava por entendê-lo mais ou menos.

— Pergunto se vocês são cantores ambulantes — repetiu o porteiro.

Os dois frades não entenderam, pois jamais tinham ouvido falar de menestréis e cantores ambulantes. E para acabar com aquela expectativa, Gottlieb gritou para o postigo:

— Sim, sim, é isso mesmo! Somos boa gente, não tem por que se preocupar,. Abra a porta, santo homem!

Então o frade veio abrir-lhes o portão e encarou com desdém os pobres peregrinos, desgrenhados, cambaleantes, metidos em seus buréis ensopados, enxugando os olhos com as costas das mãos.

Conduziu-os ao refeitório, onde o abade e os demais frades os aguardavam cheios de curiosidade. Tinham passado a noite, até aquele momento, inventando um novo jogo de dados; houvera uma discussão por causa disso e só voltaram a fazer as pazes depois de muita pancadaria; tinham bebido muita cerveja e agradava-lhes a idéia de uma nova distração.

— Que Deus os abençoe! — disse o abade, caminhando' ao encontro dos dois franciscanos. — Vocês são menestréis ou saltimbancos, por certo, e isso mêm agrada. Devo dizer que não o parecem. Bebam um caneco de cerveja e encham.a barriga de presunto. Verão como vos,sas habilidades funcionarão de novo.

Os dois irmãos ficaram consternados ao ouvir tais palavras, Gottlieb emudeceu e sorria estupidamente para os monges sentados em redor. Egídio, porém, sentiu-se espicaçado pelo espirito evangélico e, dando um passo solene, estendeu o braço contra o abade e gritou, cm voz estridente:

— Ai de vós, irmãos! Não somos cantores nem aventureiros mas emissários do Senhor! Somos vossos irmãos e viemos ensinar-vos o que o nosso santo mestre Francisco de Assis nos ensinou! Meditai pois, dai-nos uma frugal refeição e deixai que façamos nossas orações...

Gottlieb puxava-lhe em vão pela manga do hábito. Ainda Egídio não terminara seu retumbante discurso quando o abade, plantado à sua frente com o rosto congestionado, afastou o braço estendido do franciscano, deu-lhe um murro no peito e exclamou, colérico;

— o que, seu cachorro vadio, seu bandoleiro de estrada! Queres ser nosso irmão, tu? Queres ensinar-nos? Podes dar-te por muito feliz se não te quebro quantos dentes tens nessa boca faladora, saltimbanco! Fora daqui, vá! Hóspedes dessa laia não nos fazem falta!

Cumpriu-se o que o abade ordenara e os dedos enregelados dos peregrinos ainda não tinham amolecido no calor gostoso da lareira do refeitório e já se encontravam de novo empurrados e lançados fora do portão do mosteiro, que se fechou estrondosamente atrás deles.

Assim como os homens são diferentes entre si, também diferentemente refletem sobre as coisas e os acontecimentos. Muito tempo depois, quando os irmãos Egidio e Gottlieb já se haviam separado, cada um deles recordava essa má acolhida no mosteiro perto de Oxford, mas as respectivas versões eram diferentes e não era possível saber qual deles contava certo o que acontecera.

Frei Gottlieb assim narrava o sucedido:

— Uma vez, quando nos encontrávamos na orla do bosque, tremendo de frio, ocorreu-me que o abade, apesar de sua intenção ser diversa, não estava tão errado quanto parecia. Pois o nosso mestre Francisco muitas vezes se fizera passar por mcnestrel de Deus e nossa obrigação era aceitarmos o desafio e dcixarmo-nos tomar por menestréis e, depois, num ambiente alegre e confiante, transmitiríamos aos nossos irmãos os santos ensinamentos. Logo, não agimos com inteligência e merecemos ter de dormir aquela noite na estrebaria.

Frei Egidio, porém, contava as coisas de modo diferente e assim foi posteriormente relatado, chegando até nossos dias:

— Preferia ter de dormir com os lobos a voltar de novo àquela casa. Esperamos, porém, que o arrependimento chegasse àqueles transviados e, de fato, meia hora depois, apareceu-nos furtivamente um jovem irmão, condoído porque os emissários do Senhor tinham sido tão diabolicamente acolhidos em sua casa. Levou-nos então a um palheiro, junto da estrebaria, e dormimos sobre a palha. Nessa mesma noite, tive um sonho em que Nosso Senhor julgava esses frades, sentenciando-os a serem enforcados, o que foi feito. Quando acordamos, na manhã seguinte, de todos os frades daquele mosteiro só o jovem estava com vida; os outros apareceram mortos em suas camas e, no pescoço, marcas que só é costume vermos nos enforcados.

"Chagrin D'Amour"

Com suas belas e multicoloridas tendas, os nobres senhores estavam acampados há algum tempo às portas de Canvoleis, a antiga capital do Valois. Todos os dias se realizavam torneios, cujo prêmio era a mão da rainha Herzelaydc, jovem viúva de Kastis e formosa filha de Frimutel, o rei do Santo Gral. Entre os participantes das sucessivas justas havia destacadas figuras das cortes européias, incluindo os reis Pendragon, da Inglaterra, Lot, da Noruega, o rei de Aragão, o grão-duque de Brabante, condes e duques famosos, cavaleiros e paladinos como Morholt e Riwaiin, ambos citados no segundo canto do *Parsifal* de Wolfran von Eschenbach. Alguns interessavam-se tão-só em granjear fama pelas armas, a outros só importavam os belos olhos azuis da jovem rainha-viúva; a maioria, porém, era atraída pelas suas terras férteis, suas cidades e castelos.

Além dos numerosos fidalgos e heróis famosos, tinham igualmente afluído incontáveis cavaleiros andantes, aventureiros e andarilhos, e muitos outros pobres-diabos em busca da grande aventura.

Alguns deles, sem possuírem tenda própria, nem escudeiros, servos e cavaleiros para servi-los, acampavam ao relento, aqui e ali, tendo por único abrigo suas próprias capas. Deixavam os cavalos pastarem nos gramados, arranjavam alguma comida, com ou sem convite, e todos esperavam que um rasgo de sorte ou um acaso lhes permitisse participar dos torneios. Entretanto, suas perspectivas eram ínfimas: não dispunham de belos e fogosos corcéis de batalha e, montado num decrépito rocinante, até o mais valente cavaleiro pouca coisa pode conseguir numa justa. Por isso, muitos deles não sonhavam sequer em lutar, contentando-se em assistir aos duelos alheios e, se possível, participar da festa para tirarem dela o máximo proveito. Estavam todos muito animados nesses propósitos; todos os dias havia banquetes e saraus, ora no castelo da rainha ora nas suntuosas tendas dos nobres senhores. Na verdade, os cavaleiros pobres sentiam-se muito felizes pelo fato do resultado do torneio estar demorando tanto. Entrementes, passeava-se a cavalo, caçava-se, conversava-se, bebia-se e jogava-se, assistia-se às renhidas justas, admirava-se a opulência dos grandes, enfim, não se perdia um detalhe desses agradáveis e animados dias.

Entre os pobres e obscuros cavaleiros havia um, de nome Mareei, enteado de um baronete do sul; um jovem e esbelto aventureiro, bonito de rosto e gestos donairosos, um tanto faminto, metido numa armadura velha e desluzida, e com um não menos velho pangaré que atendia pelo nome de Melissa. Tinha, como todos os outros cavaleiros errantes, acorrido a Canvoeis para satisfazer sua curiosidade e tentar a sorte, assistir às festividades e entregar-se a alguns dias de boa vida. Mareei, porém, adquirira uma certa fama não como cavaleiro mas como trovador, pois sabia compor versos e acompanhar suas cantigas ao alaúde. Sentia-se bem no meio de tanta agitação e não pedia outra coisa senão que o grande acampamento durasse a vida toda, com suas diversões, banquetes e folganças. Ora, certa noite, um dos grandes senhores, o duque de Brabant, que se empenhara em ser o protetor do moço trovador, pediu a Marcel que o acompanhasse como membro do seu séquito, a uma ceia que a rainha ia oferecer aos nobres cavaleiros. Marcel, exultante, acompanhou o duque à capital e ao castelo. O salão do banquete estava maravilhosamente iluminado e as longas mesas pareciam vergar ao peso de bandejas carregadas das mais apetitosas iguarias. Mas o pobre moço, nessa noite, tinha seu coração triste. Vira a rainha Herzeloyde, escutado sua voz cristalina e bebido seu

suave olhar. E seu coração passara a bater de veemente paixão pela nobre dama, que parecia tão meiga e modesta quanto as suas mais humildes aias e, no entanto, se encontrava tão acima dele, tão inatingível.

Bem que poderia, como qualquer outro cavaleiro, lutar por ela. Tinha liberdade de tentar sua sorte numa justa. Porém, nem suas armas, nem seu cavalo estavam em condições propícias ao empreendimento e tampouco poderia ser considerado um famoso herói. O temor do ridículo pesava melancolicamente em seu espírito. Jamais soubera o que era medo e de bom grado arriscaria a vida num duelo pela rainha amada. Mas como comparar sua força à de Morholt, ou do Rei Lot, ou de Riwalin e tantos outros paladinos afamados, cujas proezas corriam de boca em boca! Não estava disposto, entretanto, a desistir de uma competição que era a sua única esperança. Alimentou seu cavalo a pão e bom feno, que ia mendigar pelas granjas das redondezas; cuidou de sua própria alimentação e procurou dormir com regularidade; limpou e lustrou sua armadura, pondo em tudo um desesperado empenho. E, dias depois, cavalgou cedo para o acampamento e apresentou-se para o torneio. Foi desafiado por um cavaleiro espanhol e aprestaram-se à luta. No primeiro entreechoque com lanças compridas, Mareei foi derrubado juntamente com o cavalo. O sangue jorrou de sua boca e doíam-lhe todos os ossos, mas levantou-se sem ajuda, pegou o cavalo pelo bridão e foi lavar-se num riacho retirado, onde passou o resto do dia, solitário e humilhado.

Quando, já de noite, regressou ao acampamento, iluminado pela luz dos archotes, foi chamado à parte pelo seu protetor, o duque de Brabante, que lhe disse, benevolente:

— Hoje experimentaste a tua sorte no terreno das armas. A próxima vez, quando sentires que estás em condições de tentar de novo, escolhe um de meus corcéis, querido amigo, e, se ganhares, ele te pertencerá. Mas ofereça-nos algo de bom, canta para nós uma bela canção para terminarmos o dia.

Depois do que lhe acontecera, Marcel não estava com muita vontade de cantar e participar de folguedos. Mas acedeu ao pedido, pensando no prometido cavalo. Entrou na tenda do duque, bebeu um cálice de vinho e pediu o alaúde. Cantou uma canção e outra, e mais outra, e os nobres circunstantes elogiaram-no e brindaram por ele.

— Deus te abençoe, trovador! — exclamou o duque alegremente. — Abandona a lança e a espada e acompanha-me ao meu paço. Verás como não te faltarão dias felizes.

— Sois bondoso, senhor — respondeu Marcel. — Mas promette-me um cavalo e, antes de pensar em outras coisas, quero uma vez mais tentar a minha sorte. De que me adiantariam dias felizes e belas canções, se outros cavaleiros estão lutando pela glória e o amor de uma dama?

Um deles riu:

— Queres conquistar a rainha, Marcel?

— Quero o que todos vós quereis — replicou ele, irritado. — E se não puder conquistá-la, pobre cavaleiro que sou, terei ao menos lutado e derramado por ela o meu sangue, por ela sofrido a derrota e suportado a dor! Seria mais doce para mim morrer por ela do que viver prosperamente sem ela. E quem de mim rir por isso, garanto que minha espada está bem afiada para responder-lhe!

O duque pediu calma e aconselhou cada um a retirar-se a seus aposentos. Quando todos se recolheram, o duque acenou ao cavaleiro-trovador, que também já se retirava, ordenando-lhe que ficasse. Encarou-o nos olhos e disse:

— Tens sangue novo e arrebatado, meu rapaz. Queres a todo o custo arrostar perigos e dores, derramar teu sangue generoso, por causa de uma ilusão? Não poderás ser príncipe de Valois, nem poderás ter a rainha Herzelayde como tua amante, bem o sabes. Que te adianta enfrentar um cavaleiro insignificante, ou dois, ou três, derrubando-os de suas montarias? Terás de derrotar depois os reis, os grandes cavaleiros, a mim, para alcançares o teu objetivo. Por isso te digo: se desejas lutar, começa já por mim e se não me vences abandona a tua ilusão de vez e recebe o soldo que já te ofereci.

Mareei corou mas respondeu sem hesitação:

— Agradeço-vos, senhor duque, e amanhã vos enfrentarei.

Marcel retirou-se e foi buscar seu cavalo. O animal relinchava satisfeito, comendo pão na palma da mão de seu dono, e esfregando-lhe o focinho pelo ombro.

— É, Melissa... — murmurou ele, baixinho, acariciando a cabeça do animal. — Tu gostas de mim, pobre Melissa, mas bem melhor teria sido para ambos perecermos no bosque, antes de chegarmos a este acampamento. Dorme bem, Melissa, meu pobre e fiel cavalo.

No dia seguinte, de madrugada, partiu para a cidade de Canvoles e, no caminho, trocou com um mercador seu cavalo Melissa por um par de botas e elmo novos em folha. Quando se afastava, Melissa esticou o pescoço para trás e relinchou, mas Marcel continuou andando e não voltou a cabeça uma só vez. Um cavaliço do duque trouxe-lhe um garanhão ruço, fozoso e de focinho vibrante, que escarvava impaciente a terra solta do picadeiro. Uma hora depois, o duque chegava pronto para o duelo. Na primeira investida, nenhum deles destacou-se, pois o duque queria poupar o jovem. Mas logo se enfureceu com o primarismo do seu antagonista e avançou contra ele com tamanha violência que Marcel tombou para trás, arrancado da sela e, preso num estribo, foi arrastado pelo garanhão ruço.

Enquanto o desventurado Marcel, coberto de feridas e inchações, era levado para a tenda dos criados do duque e aí tratado, anunciava-se na cidade a chegada de Gachmuret, o famoso cavaleiro, para participar no torneio. Fez sua entrada com ostentação, a fama brilhando em sua frente como uma estrela de imperecível fulgor, enquanto os demais cavaleiros famosos franziam a testa, apreensivos, os mais modestos exultavam na simples visão de seu ídolo, e a formosa Herzeloide seguia-o com olhos enlevados e faces ruborizadas. No dia seguinte, Gachmuret dirigiu-se tranqüilamente ao prado e começou desafiando, um após outro, os cavaleiros mais famosos, a todos arrancando da sela. Só se falava dele, era o grande vencedor, o que merecia a mão e as terras da rainha. Marcel também escutava os comentários que circulavam em todo o acampamento e eram o assunto do dia. Tudo fazia crer que, para Mar---, Herzeloide estava irremediavelmente perdida. Ao ouvir os elogios e louvores à intrepidez e força do galante campeão, voltava-se silencioso para a parede da tenda, rílhando os dentes e desejando a morte. Porém, saberia ainda mais: ao receber a visita do duque, em pessoa, que o presenteou com roupas cortesãs, soube que, além de vencedor do torneio, Gachmuret há muito era amado pela rainha Herzeloide. Ficou sabendo ainda que Gachmuret não só fora paladino da rainha Anfilíse, na França, como também abandonara em terras pagãs uma princesa moura com quem se casara. Quando o duque se retirou, Marcel levantou-se com dificuldade, vestiu-se e caminhou até à cidade, apesar das dores, para ver o triunfante Gachmuret. E viu-o. Era um guerreiro de imensa estatura, moreno, de músculos salientes, um verdadeiro gigante. Pareceu-lhe estar diante

de um carnicheiro. Conseguiu penetrar furtivamente no castelo e misturar-se, sem ser notado, aos convidados. E viu a rainha, a suave e diáfana Herzeloide, na sua radiante felicidade, oferecendo a boca ao herói estrangeiro. Quase no final do banquete, seu protetor, o duque, reconheceu-o e chamou-o.

— Permitis, senhora — disse o duque à rainha — que vos apresente este jovem cavaleiro? Chama-se Marcel e é exímio trovador, sua arte nos tem proporcionado muitas horas de deleite. Se for de vosso agrado, ele apresentará uma de suas canções.

Herzeloide consentiu, com um gracioso aceno de cabeça, sorrindo amavelmente para o moço e mandando que trouxessem um alaúde. Mareei estava pálido. Fez uma profunda reverência e aceitou, vacilante, o alaúde que lhe trouxeram. Enquanto dedilhava agilmente as cordas do instrumento, não tirava os olhos da rainha. Cantou então uma canção de amor que há anos compusera em sua pátria. Depois de cada sextilha havia um refrão de dois versos simples, que soavam melancolicamente e brotavam do coração magoado do trovador. E esses dois versos, que foram ouvidos nessa noite pela primeira vez, logo se tornaram conhecidos e muito cantados em toda a parte. Assim diziam:

*Plaisir d'amour ne dure qu'un moment,
Chagrin d'amour dure toute la vie.**

Terminada a canção, Marcel abandonou o castelo, perseguido pelo brilho das velas e archotes que se projetava pelas janelas na noite escura. Não voltou para o acampamento e caminhou em outra direção, para fora da cidade, noite adentro, decidido a renunciar aos ideais da cavalaria andante e a levar uma vida sem pátria, como trovador.

As festas foram se extinguindo, as tendas se estragaram, o grão-duque de Brabante, o herói Gachmuret e a bela rainha estão mortos há muitas centenas de anos, ninguém sabe hoje onde ficava Canvoleis e dos torneios em disputa de Herzeloide, quem ouviu falar? Através dos séculos, nada sobrou senão um punhado de nomes estrangeiros do sabor antigo. Mas aqueles versos do jovem cavaleiro e trovador são cantados ainda hoje.

* o prazer do amor dura apenas um momentü. / A mágoa de amor dura a vida inteira.

Hannes

Numa pequena cidade vivia um próspero artesão que se casara pela segunda vez. Do seu primeiro matrimônio tinha um filho, um rapagão forte e violento; o segundo filho, Hannes, era um menino delicado e desde pequeno considerado algo tolo.

Depois da morte de sua mãe, começaram os tempos difíceis para Hannes: o irmão o desprezava e maltratava, e o pai dava sempre razão ao filho mais velho, pois envergonhava-se de tê-lo como filho. Cada vez era maior a sua fama de menino de pouca inteligência, pois não participava das paixões e prazeres dos outros rapazes da sua idade, falava pouquíssimo e tudo suportava com invulgar estoicismo e paciência. Desde que lhe faltara o amparo materno, adquirira o hábito de passear longas horas pelos campos vizinhos, pois assim podia sair sem necessidade de autorização paterna.

Por vezes, passava metade do dia divertindo-se em observar plantas e flores, conhecer e identificar as diferentes categorias de pedras, as várias espécies de aves, insetos e outros animais, e tinha

com todas essas criaturas e coisas as mais afetuosas relações. Nesses passatempos ficava, com freqüência, completamente sozinho mas, depois, passou a ser acompanhado por crianças, e percebia-se que Hannes, que não conseguia ter algo em comum com os rapazes de sua idade, entendia-se às mil maravilhas com as crianças. Mostrava-lhes os lugares onde cresciam as plantas, brincava com elas e contava-lhes fascinantes histórias; levava-as no colo quando se fatigavam e, quando brigavam, restabelecia a paz entre elas.

No principio, não se via com bons olhos, quando os pequenos o seguiam confiantes. Depois, acostumaram-se e muitas mães ficavam satisfeitas por poderem confiar os filhos a Hannes para que tomasse conta deles.

Passados alguns anos, Hannes sofreu amargas decepções e dissabores por causa de seus protegidos. Logo que se emanciparam de seus cuidados e deram ouvidos ao que todo mundo dizia sobre ele, os mais delicados passaram a evitá-lo, os mais rudes escarnecerem dele.

Quando essas atitudes o magoavam demais, refugiava-se sozinho nos bosques, atraía as cabras com verduras e os pássaros com migalhas, reconfortando-se na companhia da natureza e dos animais, de quem não precisava temer ingratidão nem inimizade. E, durante essas horas de solidão, viu Deus observando o mundo por cima das densas nuvens de trovoadas e viu o Salvador caminhando pelos silenciosos atalhos da floresta. Com o coração pulsando forte, Hannes ocultou-se entre os arbustos até que ele passasse.

Quando chegou a hora de escolher uma ocupação, uma profissão, não entrou, como seu irmão mais velho, para a oficina paterna; preferiu sair da cidade e ir viver nas fazendas, fazendo serviços de pastoreio. Conduzia os rebanhos de carneiros e cabras, as varas de porcos, as manadas de gado e até, vez por outra, gansos e patos para os campos de pascigo. Tão bem tratados andavam os animais á sua guarda, que já o conheciam e obedeciam-lhe mais docilmente do que a qualquer outro pastor. Os fazendeiros depressa se deram conta disso e não tardou que confiassem ao jovem pastor seus maiores e melhores rebanhos. Mas quando Hannes tinha de ir à feira, na cidade, seu andar era tímido, os gestos humildes, e os operários troçavam dele, os estudantes punham-lhe apelidos e seu irmão, envergonhado, voltava-lhe as costas como se não o conhecesse. Além disso, Hannes fora por ele enganado: o pai morrera, vítima de uma epidemia, e o irmão ficara com a metade da he-

rança a que Hannes tinha direito, sem que este o notasse ou, se acaso o notou, protestasse. O que economizava do salário de pastor entregava-o às crianças ou aos pobres, quando não comprava uma coleira nova para uma cabra ou uma vaca, com um sonoro chochalho que muito lhe agradava ouvir.

Assim muitos anos se passaram, e Hannes já não era mais jovem. Pouco sabia da vida das pessoas mas conhecia bem o tempo e os ventos, o crescimento da grama e as colheitas, o gado e os cães; conhecia todos os animais, um por um, pela beleza ou força, pelo temperamento ou idade, e além do gado estava familiarizado com as aves e os pássaros de todos os gêneros, seus costumes e raças, com os lagartos, cobras, abelhas, insetos, com as martas e os esquilos. Era muito versado em plantas e ervas, entendia de terra e água, de estações e fases da lua. Apaziguava as brigas entre os animais no cio, tratava e curava os feridos e doentes, criava filhotes órfãos e jamais imaginou que pudesse fazer outro trabalho senão o de pastor e vaqueiro.

Certo dia, quando estava deitado na orla do bosque, à sombra de um frondoso pinheiro manso, e vigiava o gado, veio correndo da cidade uma mulher que penetrou no bosque, passando por ele, sem o notar. Como parecesse muito agitada, Hannes seguiu-a com os olhos e logo percebeu que a intenção da mulher era cometer algum dano a si própria, pois atara uma corda ao galho de uma árvore e ocupava-se agora em colocar um laço em torno do pescoço.

Hannes correu para junto dela, colocando-lhe a mão no ombro e impedindo-a de levar avante sua intenção. A mulher deteve-se assustada, e encarou-o com hostilidade. Então, Hannes, com voz tranqüilizadora, supHcou-lhe que se sentasse e, falando-lhe como se o fizesse a uma criança desamparada, conseguiu que a infeliz lhe confessasse os motivos de sua aflição. Disse ela que não podia viver mais com o marido e, apesar disso, Hannes pressentia que ela ainda o amava. Deixou-a desfiar suas queixas até vê-la um pouco mais calma. Depois, tentou consolá-la o melhor que sabia, falando-lhe de outras coisas: de seus trabalhos no campo, dos rebanhos, de sua amizade com os animais do bosque e, finalmente, pediu-lhe que voltasse ao lar e tentasse fazer as pazes com o marido. A mulher retirou-se, chorando baixinho, e, por algum tempo, Hannes não a viu nem ouviu falar dela.

Mas, no princípio do outono, a mesma mulher aproximou-se do bosque, na companhia do marido e do cunhado. Estava alegre e

agradecida; contou ao pastor a história de sua reconciliação com o marido e suplicou-lhe que desse seus conselhos e conforto ao cunhado, que ali estava com eles. O homem contou a Hannes os motivos de sua aflição, fruto de uma série de adversidades: era moleiro e seu moinho pegara fogo; pouco depois, perdera um filho; e tinha agora a mulher muito doente. Na maneira como o pastor o escutava e olhava, nas palavras com que lhe oferecia consolo, havia uma estranha e indescritível força. Sem dar-se conta, Hannes fazia um inefável bem ao infeliz e dava-lhe novo ânimo para enfrentar a vida. Agradecidos, despediram-se dele.

Não passou muito tempo e o cunhado daquela mulher apareceu de novo, trazendo agora um amigo precisado de conselhos. O amigo voltou em outra ocasião, acompanhado de outro homem, e este viria pouco depois com outro amigo. Logo correu pela cidade que o pastor Hannes sabia curar depressões, apaziguar brigas e ajudar com prudentes conselhos os indecisos e os desesperados.

Muitos ainda escarneciam dele mas quase todos os dias era procurado por alguém em busca de ajuda. A um jovem perdulário e patife levou ao bom caminho; aos sofredores insuflava paciência e esperança, e houve grande sensação quando, por seu intermédio, chjas famílias inimigas e ricas fizeram as pazes.

Alguns falavam de feitiço mas, como o pastor não aceitava de ninguém, em agradecimento, recompensa de espécie alguma, as censuras dos incrédulos e as suspeitas dos supersticiosos caíam por terra e o humilde Hannes era cada vez mais procurado como se fosse um virtuoso eremita. Histórias e lendas sobre a sua vida e pessoa eram ouvidas e benquistas por toda a parte; dizia-se que os animais do bosque o seguiam, que ele entendia a voz dos pássaros, que era capaz de fazer chover e de afastar os raios.

Entre os que ainda falavam de Hannes com desprezo e inveja estava seu irmão mais velho. Chamava-o de tolo e bobo, e numa noite de bebedeira jurou, em altos gritos, que iria pôr fim àquela história. Dito e feito. No dia seguinte, pôs-se a caminho com dois companheiros, em busca do irmão. Encontraram o pastor num urzal, guardando o gado. Vendo-os chegar, Hannes saiu ao encontro deles, recebeu-os afavelmente, ofereceu-lhes pão e leite, perguntando pela saúde de todos e de seus familiares. Antes que o irmão pudesse proferir as feias palavras que trazia em mente, os modos do pastor tinham-no emocionado tanto que lhe suplicou perdão, banhado em pranto, e voltou arrependido à cidade.

Este último incidente acabou por fazer calarem os maledicentes e a história passou a circular com detalhes cada vez mais completos, uns verídicos, outros imaginados, e um jovem compôs até um poema sobre o caso.

Quando Hannes atingiu os cinqüenta e cinco anos de idade, começou uma época deveras ruim para a cidade. Tudo nasceu de uma rixa entre cidadãos por motivo fútil mas correu sangue e este gerou, inevitavelmente, inimizades terríveis. Algumas das mortes repentinas foram atribuídas a assassinatos e criminosos envenenamentos e quando as paixões exacerbadas atingiram o auge, surgiu uma epidemia que começou por dizimar as crianças, em quantidade assustadora, depois atacou os adultos e, em poucas semanas, a população ficou reduzida a um quarto.

Justamente nessa época morria também o velho governador da cidade e o desânimo e o desprezo tornaram-se insuportáveis na coletividade castigada por dissensões civis e doenças. Bandos de saltadores campeavam à solta nas ruas, pondo em risco a vida e os haveres dos desditosos sobreviventes. Só os bandoleiros conservavam a cabeça fria; o resto da população vivia desvairada — os ricos recebiam cartas ameaçadoras e os pobres já não tinham o que comer.

Um dia, Hannes resolveu descer à cidade para visitar alguns de seus protegidos. Encontrou um morto, outro agonizante, um terceiro órfão e na miséria. Casas vazias, ruas cheias de medo, horror e desconfiança. Quando atravessava a praça do mercado, com a alma dolorida à vista de tanta desgraça que vitimava sua terra natal, foi reconhecido por algumas pessoas. Logo grande multidão de desesperados o seguiu, não deixando que Hannes escapasse. Sem saber como, encontrou-se diante do paço municipal, empurrado para o alto da escadaria, frente a frente com um mar de gente que ansiava por palavras de consolo e esperança.

Naquele instante, levado pelo desejo ardente de minorar tanto infortúnio, o pastor estendeu os braços para o alto e falou ao povo emudecido, da doença e da morte, do pecado e da salvação, e terminou com uma extraordinária e consoladora confidência. Ontem, disse Hannes, vira Jesus sobre a colina da cidade, o Redentor que estava a caminho para pôr fim a toda a miséria. E enquanto comunicava tais novas, seu rosto brilhava tão intensamente de compaixão e amor que pareceu a alguns ser ele próprio o Redentor, enviado por Deus para salvá-los.

— Trazei-o aqui! — gritava a multidão. — Trazei-nos o Redentor para que nos ajude!

Apavorado, Hannes deu-se conta, subitamente, do potencial de esperanças que evocara naquela gente. Seu espírito toldou-se e, pela primeira vez, compreendeu que a miséria do mundo era bem maior e mais poderosa do que a sua própria confiança. Aos infelizes que se aglomeravam diante dele já não bastava ouvir falar do Salvador, queriam vê-Lo entre eles, tocar Suas mãos, ouvir Sua voz para não desesperarem.

— Erguerei minhas preces ao Senhor — prometeu Hannes, com a voz embargada. — Procurá-lo-ei durante três dias e três noites, impiorar-lhe-ei que me acompanhe.

Cansado e confuso regressou o profeta ao campo, acompanhado até às portas da cidade pela multidão entusiástica. Entrou no bosque, de semblante triste, e pôs-se a procurar aqueles lugares onde pressentira, outrora, a presença de Deus. Rezando, mas sem esperança e com o coração pesado de maus presságios, vagueou às cegas entre árvores indecifráveis. Sem querer, Hannes, do pastor e amigo das crianças, tornara-se para muitos o vigário que lhes incutia fé, que os amparava e a tantos salvara em angustiosos transes. E concluía que tudo fora em vão, afinal; que o Mal era inextinguível e tinha um lugar vitorioso no mundo.

Quando, no quarto dia, regressou à cidade, vergado e caminhando lentamente, o rosto envelhecera e o cabelo embranquecera. Silenciosamente, o povo esperava-o desde as portas e alguns se ajoelharam quando ele passou.

Mas ele terminaria a vida com uma mentira que, ao mesmo tempo, era uma verdade pura.

— Viste o Senhor? Que foi que ele te disse? — perguntou o povo.

E Hannes ergueu os olhos e respondeu:

— Assim ele me disse: Vai e morre pela tua cidade, como eu morri pela salvação do mundo.

Por um momento, o pavor e a decepção tomaram conta da grande multidão. E, de súbito, um ancião adiantou-se, soltou uma terrível imprcação e cuspiu no rosto do profeta.

Hannes caiu e, em silêncio, enfrentou a ira do povo.

O Contador de Histórias

Num convento da região toscana, empoleirado nas alturas dos Apeninos, um santo e idoso varão estava sentado à janela de sua estreita e aconchegante cela. Lá fora, o sol ardente de um verão prematuro banhava os muros, o amplo adro que lembrava a praça-d'armas de uma fortaleza, a escadaria de pedra e a íngreme ladeira que conduziam, penosamente, do vale adormecido sob o impacto do calor até o convento. Mais abaixo, os férteis e verdes prados, os olivais, os vinhedos, os milharais, os coloridos pomares, e os povoados alvinitentes, com seus muros caiados e esguios campanários. E, ao fundo, as imensas montanhas escalvadas e avermelhadas, aqui e ali salpicadas, em seus socalcos, por minúsculas cercas brancas onde se recolhia o gado leiteiro.

Sobre o largo parapeito, o venerando frade colocara, à sua frente, um pequeno livro. Era um volume em pergaminho encadernado e, na capa, reluziam as iniciais cor de cinabre. Já o tinha lido e agora passava sua mão pálida, distraidamente, sobre o pequeno volume, sorrindo pensativo e balançando levemente a ca-

beca. O livro não fora retirado da biblioteca do convento nem poderia pertencer-lhe, pois não continha orações nem meditações, não era um *Vitae Patrum* nem um missal. Era uma coleção de novelas em italiano, um *novellino* publicado há bem pouco tempo, e em suas páginas finamente impressas podiam ser lidas coisas delicadas e grosseiras, requintadas histórias de cavaleiros e seus amores, ao lado de narrativas picarescas, travessuras de aventureiros sagazes e desventuras mordazes de maridos traídos.

Apesar de seu aspecto piedoso e da dignidade de sua condição eclesiástica, Dom Piero não tinha motivos para se escandalizar com os temas dessas histórias frívolas e contos burlescos. Ele próprio presenciara e gozara desse mundo animado, e fora autor de numerosas novelas em que a delicadeza do tema competia com o sabor da narrativa. Em seus verdes anos de juventude, tanto soubera cortejar bem as donzelas e, furtivamente, galgar balcões proibidos, como aprendera a contar, mais tarde, as próprias aventuras e também as alheias. Se bem que nunca tivesse publicado qualquer livro, ele e suas histórias eram conhecidas por toda a Itália. Preferia adotar um tipo mais requintado de apresentação: mandava copiar seus opúsculos em folhas separadas, com delicadas iluminuras, e enviava-os em volantes a este ou aquele amigo, como presentes, de modo que cada um recebia uma história diferente, ora lisonjeadora, ora edificante, ora burlesca. Esses preciosos pergaminhos circulavam de mão em mão, desde os palácios reais aos paços episcopais; suas histórias eram recontadas e copiadas inúmeras vezes, e não tardou que fossem conhecidas nos mais longínquos castelos, lidas nos galeões em alto-mar e nas berlindas que corriam pelas estradas, chegando finalmente às oficinas dos artesãos, aos conventos, aos tranqüilos recantos dos passais das abadias e até às lojas maçônicas.

Mas tudo isso acontecera já há algum tempo. Muitos anos tinham decorrido desde que a última novela falante saíra de sua pena. Ele sabia, sim, que em muitas cidades havia tipógrafos aguardando sua morte, como lobos esfaimados, para então fazerem coleções de suas histórias e noveletas e com isso ganharem bom dinheiro. Dom Picro envelhecera e há muito perdera o gozo por escrever. Com a idade, o ânimo divorciara-se dos temas galantes e burlescos e, apesar de não ser propenso à ascese, dedicava-se à profunda contemplação dos seres e das coisas. Uma vida feliz e repleta de eventos saciara por muitos anos seu espírito mas, depois, chegou a ocasião de trocar esse pequeno e colorido mundo dos pra-

zeres terrenos por vastos, insondáveis horizontes eternos; e mergulhara numa silenciosa meditação sobre o estranho e insolúvel mistério que entrelaça as coisas finitas com o Infinito. Contudo, o seu alegre modo de pensar de outrora não fora abatido pela vida austera de contemplação a que se dedicava; Dom Piero via alegremente chegar a sua hora de repouso como se fosse o prenúncio da chegada natural do outono, quando os frutos maduros, saturados de exuberância e viço, inclinam-se, exaustos, para a terra-mãe.

Assim desviou ele o olhar do livro para contemplar, deliciado, a alegre paisagem estival que se desfrutava da janela. Viu os camponeses trabalhando a terra, as parselhas de cavalos puxando carroças carregadas até o meio e que iam parando nos portões das fazendas para recolher mais cargas; um grupo de crianças brincando junto de um açude; até o mendigo andrajoso que subia, amparado a um bordão, pela comprida ladeira. Sorrindo, Dom Piero pensou em dar alguma coisa ao mendigo, se ele viesse até ao convento; levantando-se, passeou uma vez mais os olhos pela paisagem, como se quisesse fixar com todos os pormenores a íngreme ladeira, com a grande curva empedrada diante do portão, onde uma galinha solitária esgravatava, inquieta e vigilante; o riacho prateado, onde se espelhava o reflexo do moinho; os muros cálidos, onde corriam lagartixas ágeis, agitando as caudas, erguendo os pescoços esguios para o sol, e os olhinhos escuros e inexpressivos em busca de insetos incautos, parando, de repente, ofegante, como se aspirassem com prazer o ar vibrante de calor, para logo correrem de novo, impelidas por ignoradas decisões, sumindo como flechas nos interstícios das pedras. Dom Piero saiu da cela, caminhou ao longo do extenso corredor ladeado de dormitórios e desceu para o claustro sonolento. O irmão jardineiro atarefava-se içando o balde pesado de dentro da fria profundidade da cisterna e os espirros de água iam cair ruidosamente de volta à toalha líquida e invisível. Encheu um copo, colheu um dourado fruto dos berh tratados limoeiros e espremeu-lhe o suco na água. Depois, bebeu-a em goles vagarosos.

Voltou para a cela e, à janela, silenciosamente, deixou vagar os olhos pelas hortas, prados e montanhas. Fixou os muros de uma quinta que estava situada à margem da ladeira, numa suave colina, e imaginou um portão ensolarado, por onde saíam criados com cestas carregadas, cavalos e bois puxando carroças, suados e pacientes; crianças gritando, galinhas espavoridas, gansos atrevidos. E

saudáveis moças, coradas e robustas, entregues às tarefas domésticas. Desviou lentamente os olhos para um renque de ciprestes e imaginou-se então deitado à sua sombra, descansando como um viandante chegado de longínquas terras, uma pena de perdiz no chapéu, um livro picaresco no bolso e uma canção nos lábios. E, na orla do bosque, onde as sombras intermitentes das árvores se projetavam na vasta clareira do prado, sua visão imaginava agora um piquenique ao ar livre: via jovens sentados sobre as margaridas ou passeando aos pares, trocando carinhosas palavras e gestos amorosos, e grandes cestas com iguarias e frutas; e, quase enterradas na terra fria, ânforas de gargalo estreito em que flutuavam pedrinhas de gelo trazidas de casa.

Dom Piero estava habituado a deleitar-se na observação do mundo visível, e, quando lhe faltava outro motivo de recreação, cada pedaço de terra, visto de sua janela ou de uma berlinda, servia-lhe de distração. As ocupações, as lutas, as intrigas dos homens faziam-no, como a um espectador em posição privilegiada, sorrir com indulgência. Regozijava-se por tudo o que seus semelhantes valessem ou possuíssem mas também tinha bons motivos para crer que, como humilde frade que efa, aos olhos do Senhor representava pouco mais do que o pobre servo da fazenda, o mendigo andrajoso ou a criança campesina brincando à beira do açude. E enquanto deleitava os olhos livremente nas verdejantes paisagens, seu espírito ágil voltava, em rápidos vôos, aos cenários alegres de sua própria juventude, como se essa deliciosa visão retrospectiva se sobrepusesse ao luminoso quadro que contemplava da janela. E recordava as animadas caçadas, quando ainda não sonhava sequer em usar um hábito, as cavalgadas vertiginosas, as noites cheias de serenatas e sussurrantes diálogos, o tilintar de taças, e D. Maria, a vaidosa, e Marietta, a gentil moleira, e as noites de outono em que ia visitar em Prato a loura Julieta.

Sentado, conservava o olhar nos píncaros das montanhas amantistas, como se naquelas alturas permanecessem ainda o fulgor e o aroma dos tempos idos, como se brilhasse ainda um sol que há muito já se pusera nas paisagens mentalmente revividas. À sua memória voltavam os anos da adolescência. Ah, isso sim, fora irrecuperavelmente perdido e nem a lembrança lograva evocar com nitidez fiel! Aqueles sentimentos primaveris e ansiosos de um corpo e de uma alma em evolução, aquela sede de saber, de ter informações seguras sobre o mundo e a vida dos homens, de entender os

mistérios do amor! E como fora inconscientemente feliz naqueles anos de dolorosa inquietação, de ansiosas interrogações! Tudo o que ele mais tarde viu, entendeu e sentiu foi belo e doce; porém muito mais belos e doces tinham sido aqueles anos de sonhos, ânsias e suspeitas maravilhosas de sua feliz adolescência.

Por vezes, uma nostalgia pungente assaltava o ancião. E, nesses instantes, surpreendia-se desejando voltar mais uma vez, uma única e fugidia vez, àqueles inefáveis momentos em que parava, hesitante, diante da cortina da vida e do amor, ignorando se o que suas mãos procuravam desvendar, tateando, era algo maravilhosamente desejável ou tenebrosamente execrável! Mais de uma vez escutara, sentindo o rubor subir-lhe às faces, as conversas dos amigos mais velhos e experientes. E mais de uma vez a graciosa vênua de uma mulher, de cuja vida amorosa se sabia ou supunha algo, fizera-lhe o coração pulsar descompassado.

Dom Piero, entretanto, não era homem de se afligir por meras lembranças nem sacrificar o seu bem-estar atual por causa de nostálgicos sonhos. Fez, de súbito, uma careta bem-humorada e pôs-se a assobiar entre dentes uma velha e alegre canção. Depois, pegou novamente no livro e divertiu-se passeando no poético jardim policromo das palavras que lhe falavam de aventuras deliciosas, enquanto a água jorrando das fontes se misturava ao murmúrio das moças e às melodiosas carícias dos pares apaixonados, ocultos na folhagem dos bosques. Aqui e ali, saudava um bom jogo de palavras, ou uma acertada imagem, uma pequena e lasciva frase subordinada, que o autor soubera engenhosamente pôr em relevo, apesar de, na aparência, pretender escondê-la, ou até um palavrão bem empregado, no momento certo. E, do mesmo modo, também franzia o cenho ocasionalmente e pensava que, nesta ou naquela passagem, teria escrito diferente. Algumas frases recitava a meia voz, como se pela entonação pudesse sentir melhor o ritmo dos fatos que os olhos liam. Pelo rosto inteligente perpassava, às vezes, uma expressão hilare que acendia minúsculos lampejos em seus olhos.

Assim como pode acontecer que, sem que o queiramos, o nosso espírito vagueie por recônditas paragens e se demore em divagações que são mais fantasias do que lembranças reais, enquanto nos ocupamos nesta ou naquela tarefa imediata e concreta, também o espírito de Dom Piero, sem que soubesse explicar bem por que

errava pelos distantes tempos de sua adolescência e revolteava, inseguro, em redor de adormecidos segredos, tal como as falenas ajeitam diante de uma janela iluminada mas fechada.

Passada uma hora. Dom Piero largou novamente o livro e foi sentar-se em sua cadeira, diante da escrivaninha. Os pensamentos erradios ainda não tinham voltado à austeridade da cela monástica e Dom Piero hesitava entre chamá-los ao presente ou ceder à vontade de permanecer ainda mais algum tempo nesse mundo de lembranças distantes. Tomou a pena entre os dedos finos e começou rabiscando numa tira de papel os contornos de uma figura alta e esbelta de mulher. Com sereno prazer, a mão branca do frade foi acrescentando folhos ao vestido, ensombrando relevos, retocando aqui, esbatendo ali, e apenas o oval do rosto continuava vazio de traços e expressão, que para tanto não bastava a sua habilidade de desenhista. Quando ele, balançando criticamente a cabeça, decidiu traçar as linhas dos olhos e da boca, concluiu que, em vez de ter insuflado vida à figura, a tornara ainda mais inexpressiva e morta, como uma boneca sem alma nem fogo interior. A luz do dia extinguia-se aos poucos. e Dom Piero ergueu os olhos para a janela. As montanhas passavam por todos os cambiantes de cor, coroadas agora por um céu afogueado em prenúncios de ocaso. Pela ladeira regressavam rebanhos e carroças, grupos de campônios, pisando a poeira cintilante, caminhavam silenciosos na distância, nas aldeias próximas ouvia-se o repicar dos sino^, na hora suave do Angelus, e quando tudo isso esmorecia, finalmente, ficava apenas pairando no ar imóvel o zunzum abafado de alguma cidade distante, talvez Florença. Do vale subia o perfume das rosas e, com o entardecer, as encostas das montanhas adquiriam um tom azul-escuro e aveludado, recortando-se num céu opalino. Dom Piero, com um gesto largo, acenou para as montanhas como se quisesse varrê-las, nesse instante, de seus olhos, e considerou prosaicamente que já era hora de jantar. A passos largos, dirigiu-se ao refeitório do convento.

Ao aproximar-se, escutou vozes animadas de estranhos, o que indicava a presença de visitantes. Estugou o passo, curioso, e dois forasteiros se ergueram de seus cadeirões quando Dom Piero entrou no refeitório, logo imitados pelo abade.

— Estais chegando atrasado, Piero — disse o abade. — Meus senhores, eis o homem por quem esperáveis! Por favor. Dom Piero, quero apresentar-vos ao Sr. Luigi Giustiniani, cavalheiro de Veneza, e seu primo, o jovem Giambattista. Estes senhores vêm em

longa jornada de Roma e Florença e dificilmente teriam sabido da existência deste ninho das montanhas se não fossem atraídos pela vossa presença aqui, que lhes foi revelada em Florença.

— Realmente? — retorquiu Piero, sorridente. — Talvez não seja bem assim e os senhores tenham, antes, obedecido à voz do seu sangue, que certamente não os deixaria passar por convento algum sem entrar.

— Como assim? — perguntou o abade, surpreso, enquanto Luigi sorria.

— Dom Piero — disse ele alegremente — parece ser homem dotado de poderes oniscientes, para recordar tão inesperadamente antigos casos familiares.

E Luigi relatou ao abade, em poucas palavras, a história invulgar de seus antepassados. Um jovem que muito cedo envergara o hábito descobriu, certo dia, ser o único herdeiro varão do seu nome, pois toda a estirpe masculina dos Giustiniani de Bizâncio parecera em curto período. Para que a família não se extinguisse, o papa desobrigara-o de seus votos e casara-o com a filha do doge. Desse matrimônio houve três filhos. Mas logo que eles cresceram, o pai casou-os com mulheres de poderosas famílias e voltou ao mosteiro, onde ainda hoje vive em severa penitência. Luigi era um dos filhos desse frade.

Dom Piero ocupou seu lugar na mesa e respondia urbanamente às amabilidades que fluíam da boca dos venezianos, em seu modo brando de falar. Estava um pouco cansado mas não o deixou transparecer e quando aos pratos de peixe se seguiram as aves, ao branco e seco Bolognesi se seguiu o vigoroso Chianti envelhecido na adega do convento, os olhos do frade se animaram e sua fisionomia adquiriu maior vivacidade.

Retiradas as travessas de iguarias, ficaram apenas sobre a mesa as taças de vinho, os gomis e as bandejas de frutas. O refeitório estava imerso numa penumbra difusa. Pelas estreitas janelas ogivadas, abertas nas grossas paredes forradas interiormente de azulejos, filtrava-se a luz tênue do entardecer e, mesmo quando foram acesos os candelabros, a claridade agonizante ainda foi visível por algum tempo nas vidraças. Do lado de fora das janelas chegavam, de quando em vez, os ruídos que subiam da profundidade do vale, o trilo de uma cigarra na serenidade da noite de verão, o latido de um

cão, o ranger incansável de um moinho, os risos e descantes de um alaúde. A brisa lépida e perfumada chegava-lhes às narinas e pequenos insetos noturnos, de asas iridescentes, como que banhadas numa poalha de prata, esvoaçavam em torno das velas, donde a cera escorria em grossos pingos.

À mesa, os convivas mantinham uma conversa espirituosa, onde não faltavam os episódios alegres, os casos amorosos e as anedotas picantes. Tinham começado pelas novidades políticas e os mexericos do Palácio Vaticano, depois discutiram questões literárias e, finalmente, vieram à baila questões amorosas, quando os jovens hóspedes principiaram a narrar certas aventuras galantes, pedindo conselhos aos seus anfitriões. O abade limitava-se a escutá-los em silêncio, acenando lentamente a cabeça. Mas Dom Piero fazia comentários e apartes que surpreendiam os demais convivas, quer pela competência dos juízos como pela exatidão da forma. Entretanto, o ânimo jovial do velho frade era mais propenso a levar tais assuntos para as observações jocosas do que para os ensinamentos graves e, por isso, depois de ter afirmado que um homem experiente era capaz de descobrir, na mais completa escuridão e por indícios infalíveis, se uma mulher era loura ou morena, logo sentenciou — contrariando aparentemente as palavras que acabara de proferir — que tudo era incerto e contraditório nas mulheres, que de três elas conseguiam fazer um par e ao branco chamavam preto.

Os venezianos estavam ansiosos por arrancar-lhe alguma de suas famosas histórias e recorreram disfarçadamente a mil ardis para tentá-lo. O velho, porém, mantinha-se reservado e limitava-se a interrompê-los com breves sentenças e teorias, e, em tom de brincadeira, era ele quem, astutamente, provocava os outros para contarem suas próprias aventuras, que incorporava divertido ao tesouro de sua incrível e rica memória. Escutava também alguns casos já seus conhecidos de longa data, agora apresentados em novas roupagens fantasiosas, mas evitava desmascarar o plagiador; tinha bastante idade e senso para saber que as boas e antigas histórias só são bonitas e alegres quando um jovem acredita ter ele próprio passado por aquelas experiências e as narra como coisa pessoal.

Por fim, o jovem Giambattista impacientou-se. Bebendo um gole de vinho tinto, empurrou a taça para longe e dirigiu-se a Dom Piero.

— Venerável senhor — disse ele — sabeis tão bem quanto eu que estamos morrendo de ansiedade por escutar uma história de

vossa boca. Já nos arrancastes pelo menos uma dúzia de histórias, que de bom grado contamos na esperança de ouvir-vos uma melhor, nem que fosse, tão-só, para nos envergonharmos de nossas veleidades. Por favor, alegrai-nos com uma de vossas tão afamadas novelas!

Piero trincava, em silêncio, um figo molhado em vinho e, enquanto o saboreava, seu semblante estava pensativo, como se uma secreta amargura o toldasse.

— Esqueceis, nobre moço, que já não sou mais o cronista leviano de outros tempos, mas um velho dedicado à perfeição de sua alma e a quem só resta, agora, escrever a epígrafe para a própria sepultura?

— Perdão — interrompeu vivamente Giambattista. — Vós dizíeis há pouco palavras sobre o amor que poderiam envaidecer qualquer jovem que as proferisse.

Luigi juntou-se ao pedido. Piero sorria enigmaicamente. Tinha resolvido ceder às súplicas. Porém, decidira contar uma história que, assim esperava, decepcionaria de uma vez por todas a curiosidade dos jovens. Afastou calmamente o candelabro de três braços, meditou por instantes e aguardou que todos emudecessem para começar a falar.

As chamas das velas projetavam sombras longilíneas na toalha, sobre a qual se espalhavam alguns figos e limões verdes e amarelos. Pelas ogivas das janelas espiava a noite estrelada. Os três ouvintes recostaram-se em seus cadeirões e baixaram os olhos para o chão de ladrilho vermelho, onde a sombra da mesa se alongava até morrer suavemente na escuridão do refeitório. No vale, tudo já emudecera e tal era o silêncio que foi possível escutar, ao longe, os cascos de um cavalo atravessando, a passo lento e cansado, um caminho difícil — tão lento que era impossível dizer se o cavaleiro se afastava ou se aproximava.

E Piero contou:

— Esta noite, falamos várias vezes sobre o beijo e discutimos que espécie de beijo poderá causar mais felicidade. É um assunto que aos jovens cabe responder. Nós, velhos, já lhe perdemos o sabor e vencemos há muito a tentação. Sobre questões de tanta importância para os moços podemos responder apenas com o que

nos oferece a turva memória. É recorrendo à minha modesta memória que vos quero contar, pois, a história de dois beijos que me pareceram, ao mesmo tempo, os mais doces e mais amargos de toda a minha vida.

"Contava eu, nessa época, dezesseis ou dezessete estouvados anos. Meu pai ainda possuía uma casa de campo vizinha de Bolo-nha, nas faldas dos Apeninos, onde eu passara a maior parte da infância e adolescência. Foi essa a época, quer acrediteis ou não, que me parece ainda hoje a mais bela de minha vida. Há muito já teria visitado essa casa ou mesmo a adquirido para retiro se ela não tivesse caído, por questões de herança, nas mãos de um de meus primos, com quem nunca me entendi bem, desde criança, e que, aliás, representa o papel principal na minha história.

"Era um belo verão, não muito quente, e eu morava com meu pai e aquele primo na pequena casa de campo, para onde ele fora convidado como hóspede e meu companheiro. Meu pai ainda era relativamente moço, um nobre abastado e de digno caráter, que a todos nós, rapazes, servia de modelo nas artes de montar e caçar, na esgrima e nos jogos de destreza, enfim, em *artibus vivendi et amandi*. Ainda era ágil, de bela presença e havia bem pouco tempo casara-se outra vez.

"Meu primo, que se chamava Alvise, tinha por essa época vinte e três anos e, devo admitir, era um jovem de bonita aparência e grande desenvoltura. Não só esguio e bem proporcionado de corpo, como de belos e longos cabelos que caíam em cachos, um rosto saudável e corado, movimentos graciosos e elegantes. E, além desses predicados físicos, era um conversador e cantor aceitável, dançava razoavelmente e tinha a fama de ser um dos mais requisitados entre as mulheres da região. Que nos detestássemos mutuamente era compreensível, por muitas e boas razões. Ele tratava-me com intolerável presunção e irônica benevolência e, como eu tinha uma mentalidade bastante desenvolvida para a minha idade, aquele tratamento depreciativo me molestava e ofendia. Sendo eu já, também, um bom observador, descobrira alguns de seus segredos e intrigas, o que Alvise sabia, é claro, e muito lhe desagradava. Por vezes, tentava cativar-me com modos amáveis e fingidos, mas eu entendia seu intuito e não me impressionava. Fosse eu um pouco mais velho e experiente, teria sabido explorar tal situação e obtido dele quantos favores quisesse, esperando o momento propício para derrubá-lo do pedestal da vaidade! Apesar de já ,ser bastante cres-

cido para detestá-lo, desconhecia outras armas, além da aspereza e teimosia, para lidar com o meu primo e, em vez de devolver-lhe suas flechas envenenadas, deixava que elas se enterrassem ainda mais na minha carne, com indignação impotente. Meu pai, a quem essa mútua aversão não passara despercebida, ria-se dela e ainda zombava de nós por isso. Ele gostava do belo e elegante Alvise e não seria o meu comportamento hostil que impediria de convidá-lo amiúde para o nosso convívio.

"Assim estávamos morando juntos nesse verão. A nossa casa de campo situava-se numa colina e, sobre os extensos vinhedos, podíamos abranger com a vista as longínquas planícies. Fora construída, pelo que sei, no tempo dos Albizzi, os nobres gibelinos banidos de Florença. Era cercada por um belo jardim que meu pai mandara proteger com um muro novo. Sobre o portão tinham sido esculpidas em pedra as armas da nossa família, ao passo que, na porta da casa, ainda se via o brasão dos antigos proprietários, quase irreconhecível, pois fora gravado em pedra frágil e quebradiça. No mato que cobria o resto da colina havia excelente caça, onde eu cavalgava todos os dias, umas vezes sozinho, outras acompanhado de meu pai, que se empenhara nesse verão em ensinar-me a arte da falcoaria.

"Como já disse, eu era então um adolescente, vivendo aquela breve e estranha fase em que já perdemos a alegria e espontaneidade da infância mas ainda não atingimos a segurança e a audácia da virilidade. Idade em que os jovens caminham na vida como se percorressem uma estrada quente que não sabem ao certo onde vai dar, entre jardins fechados por altos muros, curiosos de saber o que acontece atrás deles, lascivos sem objetivo certo, melancólicos sem razão plausível. Naturalmente, escrevi uma porção de élogos e outros poemas semelhantes, mas não me apaixonara ainda senão pelas minhas próprias visões poéticas, apesar de crer que estava morrendo de melancolia por uma paixão verdadeira. Assim andava eu numa febre constante, procurava a solidão e achava-me a criatura mais irremediavelmente infeliz. Meu sofrimento foi dobrado pelo fato de mantê-lo ciosamente oculto. Pois estava certo que nem meu pai nem o detestado Alvise me teriam poupado ao seu escárnio. Também escondia os meus belos poemetas, como um avarento guarda seus ducados de ouro. Tinha um pequeno cofre mas não o julgava bastante seguro em casa e, por isso, levava-o furtivamente para o campo e aí o enterrava com meus papéis. E todos os dias

ção, o ranger incansável de um moinho, os risos e descantes de um alaúde. A brisa tépida e perfumada chegava-lhes às narinas e pequenos insetos noturnos, de asas iridescentes, como que banhadas numa poalha de prata, esvoaçavam em torno das velas, donde a cera escorria em grossos pingos.

À mesa, os convivas mantinham uma conversa espirituosa, onde não faltavam os episódios alegres, os casos amorosos e as anedotas picantes. Tinham começado pelas novidades políticas e os mexericos do Palácio Vaticano, depois discutiram questões literárias e, finalmente, vieram à baila questões amorosas, quando os jovens hóspedes principiaram a narrar certas aventuras galantes, pedindo conselhos aos seus anfitriões. O abade hmitava-se a escutá-los em silêncio, acenando lentamente a cabeça. Mas Dom Piero fazia comentários e apartes que surpreendiam os demais convivas, quer pela competência dos juízos como pela exatidão da forma. Entretanto, o ânimo jovial do velho frade era mais propenso a levar tais assuntos para as observações jocosas do que para os ensinamentos graves e, por isso, depois de ter afirmado que um homem experiente era capaz de descobrir, na mais completa escuridão e por indícios infalíveis, se uma mulher era loura ou morena, logo sentenciou — contrariando aparentemente as palavras que acabara de proferir — que tudo era incerto e contraditório nas mulheres, que de três elas conseguiam fazer um par e ao branco chamavam preto.

Os venezianos estavam ansiosos por arrancar-lhe alguma de suas famosas histórias e recorreram disfarçadamente a mil ardis para tentá-lo. O velho, porém, mantinha-se reservado e limitava-se a interrompê-los com breves sentenças e teorias, e, em tom de brincadeira, era ele quem, astutamente, provocava os outros para contarem suas próprias aventuras, que incorporava divertido ao tesouro de sua incrível e rica memória. Escutava também alguns casos já seus conhecidos de longa data, agora apresentados em novas roupagens fantasiosas, mas evitava desmascarar o plagiador; tinha bastante idade e senso para saber que as boas e antigas histórias só são bonitas e alegres quando um jovem acredita ter ele próprio passado por aquelas experiências e as narra como coisa pessoal.

Por fim, o jovem Giambattista impacientou-se. Bebendo um gole de vinho tinto, empurrou a taça para longe e dirigiu-se a Dom Piero.

— Venerável senhor — disse ele — sabeis tão bem quanto eu que estamos morrendo de ansiedade por escutar uma história de

vossa boca. Já nos arrancastes pelo menos uma dúzia de histórias, que de bom grado contamos na esperança de ouvir-vos uma melhor, nem que fosse, tão-só, para nos envergonharmos de nossas veleidades. Por favor, alegrai-nos com uma de vossas tão afamadas novelas!

Piero trincava, em silêncio, um figo molhado em vinho e, enquanto o saboreava, seu semblante estava pensativo, como se uma secreta amargura o toldasse.

— Esqueceis, nobre moço, que já não sou mais o cronista leviano de outros tempos, mas um velho dedicado à perfeição de sua alma e a quem só resta, agora, escrever a epígrafe para a própria sepultura?

— Perdão — interrompeu vivamente Giambattista. — Vós dizíeis há pouco palavras sobre o amor que poderiam envaidecer qualquer jovem que as proferisse.

Luigi juntou-se ao pedido. Piero sorria enigmaticamente. Tinha resolvido ceder às súplicas. Porém, decidira contar uma história que, assim esperava, decepcionaria de uma vez por todas a curiosidade dos jovens. Afastou calmamente o candelabro de três braços, meditou por instantes e aguardou que todos emudecessem para começar a falar.

As chamas das velas projetavam sombras longilíneas na toalha, sobre a qual se espalhavam alguns figos e limões verdes e amarelos. Pelas ogivas das janelas espiava a noite estrelada. Os três ouvintes recostaram-se em seus cadeirões e baixaram os olhos para o chão de ladrilho vermelho, onde a sombra da mesa se alongava até morrer suavemente na escuridão do refeitório. No vale, tudo já emudecera e tal era o silêncio que foi possível escutar, ao longe, os cascos de um cavalo atravessando, a passo lento e cansado, um caminho difícil — tão lento que era impossível dizer se o cavaleiro se afastava ou se aproximava.

E Piero contou:

— Esta noite, falamos várias vezes sobre o beijo e discutimos que espécie de beijo poderá causar mais felicidade. É um assunto que aos jovens cabe responder. Nós, velhos, já lhe perdemos o sabor e vencemos há muito a tentação. Sobre questões de tanta importância para os moços podemos responder apenas com o que

nos oferece a turva memória. É recorrendo à minha modesta memória que vos quero contar, pois, a historia de dois beijos que me pareceram, ao mesmo tempo, os mais doces e mais amargos de toda a minha vida.

"Contava eu, nessa época, dezesseis ou dezessete estouvados anos. Meu pai ainda possuía uma casa de campo vizinha de Bolonha, nas faldas dos Apeninos, onde eu passara a maior parte da infância e adolescência. Foi essa a época, quer acrediteis ou não, que me parece ainda hoje a mais bela de minha vida. Há muito já teria visitado essa casa ou mesmo a adquirido para retiro se ela não tivesse caído, por questões de herança, nas mãos de um de meus primos, com quem nunca me entendi bem, desde criança, e que, aliás, representa o papel principal na minha história.

"Era um belo verão, não muito quente, e eu morava com meu pai e aquele primo na pequena casa de campo, para onde ele fora convidado como hóspede e meu companheiro. Meu pai ainda era relativamente moço, um nobre abastado e de digno caráter, que a todos nós, rapazes, servia de modelo nas artes de montar e caçar, na esgrima e nos jogos de destreza, enfim, em *artibus vivendi et amandi*. Ainda era ágil, de bela presença e havia bem pouco tempo casara-se outra vez.

"Meu primo, que se chamava Alvisé, tinha por essa época vinte e três anos e, devo admitir, era um jovem de bonita aparência e grande desenvoltura. Não só esguio e bem proporcionado de corpo, como de belos e longos cabelos que caíam em cachos, um rosto saudável e corado, movimentos graciosos e elegantes. E, além desses predicados físicos, era um conversador e cantor aceitável, dançava razoavelmente e tinha a fama de ser um dos mais requisitados entre as mulheres da região. Que nos detestássemos mutuamente era compreensível, por muitas e boas razões. Ele tratava-me com intolerável presunção e irônica benevolência e, como eu tinha uma mentalidade bastante desenvolvida para a minha idade, aquele tratamento depreciativo me molestava e ofendia. Sendo eu já, também, um bom observador, descobrira alguns de seus segredos e intrigas, o que Alvisé sabia, é claro, e muito lhe desagradava. Por vezes, tentava cativar-me com modos amáveis e fingidos, mas eu entendia seu intuito e não me impressionava. Fosse eu um pouco mais velho e experiente, teria sabido explorar tal situação e obtido dele quantos favores quisesse, esperando o momento propício para derrubá-lo do pedestal da vaidade! Apesar de já ser bastante cres-

cido para detestá-lo, desconhecia outras armas, além da aspereza e teimosia, para lidar com o meu primo e, em vez de devolver-lhe suas flechas envenenadas, deixava que elas se enterrassem ainda mais na minha carne, com indignação impotente. Meu pai, a quem essa mútua aversão não passara despercebida, ria-se dela e ainda zombava de nós por isso. Ele gostava do belo e elegante Alvise e não seria o meu comportamento hostil que impediria de convidá-lo amiúde para o nosso convívio.

"Assim estávamos morando juntos nesse verão. A nossa casa de campo situava-se numa colina e, sobre os extensos vinhedos, podíamos abranger com a vista as longínquas planícies. Fora construída, pelo que sei, no tempo dos Albizzi, os nobres gibelinos banidos de Florença. Era cercada por um belo jardim que meu pai mandara proteger com um muro novo. Sobre o portão tinham sido esculpidas em pedra as armas da nossa família, ao passo que, na porta da casa, ainda se via o brasão dos antigos proprietários, quase irreconhecível, pois fora gravado em pedra frágil e quebradiça. No mato que cobria o resto da colina havia excelente caça, onde eu cavalgava todos os dias, umas vezes sozinho, outras acompanhado de meu pai, que se empenhara nesse verão em ensinar-me a arte da falcoaria.

"Como já disse, eu era então um adolescente, vivendo aquela breve e estranha fase em que já perdemos a alegria e espontaneidade da infância mas ainda não atingimos a segurança e a audácia da virilidade. Idade em que os jovens caminham na vida como se percorressem uma estrada quente que não sabem ao certo onde vai dar, entre jardins fechados por altos muros, curiosos de saber o que acontece atrás deles, lascivos sem objetivo certo, melancólicos sem razão plausível. Naturalmente, escrevi uma porção de élogos e outros poemas semelhantes, mas não me apaixonara ainda senão pelas minhas próprias visões poéticas, apesar de crer que estava morrendo de melancolia por uma paixão verdadeira. Assim andava eu numa febre constante, procurava a solidão e achava-me a criatura mais irremediavelmente infeliz. Meu sofrimento foi dobrado pelo fato de mantê-lo ciosamente oculto. Pois estava certo que nem meu pai nem o detestado Alvise me teriam poupado ao seu escárnio. Também escondia os meus belos poemets, como um avarento guarda seus ducados de ouro. Tinha um pequeno cofre mas não o julgava bastante seguro em casa e, por isso, levava-o furtivamente para o campo e aí o enterrava com meus papéis. F todos os dias

passava pelo esconderijo para certificar-me de que o meu tesouro ainda lá estava.

"Durante uma dessas excursões de cavador de tesouros, vi meu primo parado na orla do bosque me observando. Imediatamente mudei de rumo, como se não o tivesse visto mas conservando-o, de soslaio, sob olhares cautelosos. Na verdade, acostumara-me, por curiosidade e antipatia, a vigiá-lo constantemente. Instantes depois, vi surgir no campo uma jovem e bonita criadinha que servia em nossa casa aproximar-se de Alvise, que a esperava. Abraçou a moça pela cintura e desapareceu com ela no bosque.

"Fui tomado de uma agitação febril e, ao mesmo tempo, de uma inveja surda daquele primo que eu via colher facilmente frutos que, para mim, ainda estavam altos demais. Durante o jantar, Alvise olhava-me com intensidade, pois supunha que, de alguma forma, eu podia notar nos seus olhos ou em seus lábios, que ele estivera beijando e gozando as delícias do amor. Dai em diante, não pude mais ver aquela criadinha da casa sem sentir arrepios lascivos, que tanto me davam prazer quanto inexplicavelmente me doíam.

"Naquele verão, meu primo veio com a notícia de que tínhamos vizinhos. Um homem rico de Bolonha e sua linda e jovem esposa. Alvise já os conhecia havia algum tempo e foi hospedar-se na casa de campo do casal, que não distava muito da nossa, situada um pouco mais abaixo, na encosta da colina.

"Este homem também era conhecido de meu pai e, creio eu, parente afastado de minha falecida mãe, que descendia da família dos Pepoli. Mas disso não tenho certeza. Em Bolonha residiam num palácio vizinho de Collègio di Spagna. A casa de campo era, porém, propriedade da esposa, por herança de família. Ambos, assim como os três filhos, que nessa época ainda não haviam nascido, já faleceram; e dos personagens da minha história só eu e meu primo Alvise sobrevivemos até hoje, ambos velhos e cansados, sem que por isso simpatizemos um com o outro.

"Logo no dia seguinte à chegada de nossos vizinhos, durante um passeio a cavalo, cruzamos com o bolonhês. Cumprimentamos e meu pai convidou-o e à sua esposa para nos visitarem em breve. Nosso homem aparentava ser da mesma idade de meu pai; mas não era minha intenção compará-los pois enquanto meu pai era de elevada estatura e donairoso, o outro era atarracado e feio. Dirigiu-se a meu pai com muita polidez, dedicou-me algumas pala-

vras afáveis e prometeu visitar-nos no dia seguinte; meu pai convidou-o então para o almoço. O vizinho agradeceu e separamo-nos com muitos cumprimentos recíprocos e satisfação ainda maior.

"No dia seguinte, meu pai mandou que se preparassem, requintadas iguarias e que a mesa fosse ornamentada, em homenagem à distinta dama, com grinaldas de flores. Aguardávamos os visitantes com grande excitação e expectativa, e quando ouvimos a carruagem aproximar-se de nossa casa meu pai acorreu a esperá-los fora do portão, ajudando a formosa senhora a descer. Sentamo-nos todos à mesa num ambiente de alegria e, durante a refeição, eu não pude deixar de admirar mais Alvise do que meu pai. Ele sabia dizer aos nossos hóspedes tantas coisas divertidas, lisonjeiras e curiosas — sobretudo à senhora — que a animação era constante, os risos e comentários bem-humorados não paravam. Naquele momento, tomei a decisão de aprender também a valiosa arte de conversar.

"Mas o que mais me ocupava, entretanto, era observar a jovem fidalga. Ela era, na verdade, excepcionalmente bela, alta e esbelta, elegantemente vestida, e seus movimentos eram naturais, graciosos, sem afetação. Bem me recordo que usava na mão esquerda, a que estava do meu lado, três anéis de ouro com grandes pedras engastadas, e do pescoço pendia um cordão também de ouro, de três voltas, com pequenas medalhas florentinas. Quando a refeição estava prestes a findar, tendo eu passado mais tempo a contemplar a jovem do que comendo, senti já estar loucamente apaixonado por ela. Pela primeira vez eu conhecia realmente aquela doce e pernicioso paixão com que tanto sonhava e sobre a qual escrevera versos.

"Retirada a mesa, encaminhamo-nos todos para o jardim, a fim de repousarmos um pouco nas frescas sombras e deliciarmo-nos com a animada conversa sobre assuntos diversos. Meu pai pediu-me que recitasse uma ode latina e fui muito elogiado pelos nossos hóspedes. A tarde passou espantosamente depressa e ficou decidido jantarmos todos na *loggia*. Só quando começou a escurecer, é que nossos vizinhos se levantaram para regressar a casa. Ofereci-me imediatamente para acompanhá-los mas Alvise já se antecipara e tinha seu cavalo preparado. Despediram-se efusivamente de meu pai e a carruagem partiu, escoltada por Alvise, enquanto eu ficava olhando-os desaparecerem na curva da estrada, pálido de inveja e frustração.

"Nesse fim de tarde e na noite que se lhe seguiu tive, então, a primeira oportunidade de saber por experiência própria alguma coisa sobre o amor ou, pelo menos, sobre uma das formas de amar. Tão profundamente feliz estivera durante todo o dia, na mera contemplação da jovem fidalga, tão infeliz e desconsolado fiquei desde o instante em que ela deixou nossa casa. Com que mágoa e despeito ouvi meu primo regressar, uma hora depois, fechando ruidosamente o portão e entrando em seus aposentos. Fiquei o resto da noite revolvendo-me no leito, sem poder dormir, irrequieto, suspirando, esforçando-me por reconstituir, traço por traço, o belo rosto de nossa vizinha, a cor de seus olhos, os contornos das mãos, os gestos e cada uma das palavras que proferiu. Murmurava seu nome, Isabella, repetia-o centenas de vezes, ternamente, e foi um milagre que, no dia seguinte, ninguém tivesse notado minha aparência exausta e perturbada. Não fiz outra coisa o dia inteiro senão arquitetar planos astuciosos que me proporcionassem uma desculpa plausível para rever Isabella e, se possível, receber dela alguma prova de afeição. Era evidente que eu me atormentava em vão, pois não tinha experiência alguma e é sabido que, no amor como na guerra, até os mais felizes começam sempre por provar o sabor da derrota.

"No dia seguinte, atrevi-me a sair na direção daquela casa de campo, o que facilmente podia fazer sem ser observado, visto que estava situada justamente na orla do bosque. Ocultei-me cuidadosamente no arvoredo e fiquei horas a fio espiando a casa, sem que me fosse dado ver mais do que um indolente e gordo pavão, uma criada cantando e uma revoada de pombos brancos. Passei a correr todos os dias para o meu esconderijo e, por duas ou três vezes, fui recompensado com a visão de Isabella, passeando no jardim ou recostada numa janela.

"Com o tempo, fui ganhando audácia e consegui penetrar furtivamente no jardim, cujo portão quase sempre se encontrava aberto e cuja vista estava protegida da casa por um reaque de arbustos. Era sob estes que me escondia, podendo daí observar os vários caminhos serpenteantes do jardim. Ficava bem perto de um pequeno e gracioso pavilhão de recreio onde Isabella costumava passar grande parte da manhã. Oculto sob os arbustos ficava eu metade do dia, sem sentir fome ou cansaço, tremendo de prazer e medo, sempre que podia vislumbrar a bela mulher.

"Um dia, cruzei com o bolonhês no bosque e com redobrada alegria corri para o meu posto de observação, já que sabia não estar

o marido em casa — o que, aliás, era um dos motivos de meus tremores de medo. Por isso me atrevi ainda mais nesse dia, penetrando no jardim e indo ocultar-me, junto de um frondoso loureiro, ao lado do pavilhão de recreio. Escutei ruídos lá dentro, dando-me a certeza de que Isabella, lá se encontrava. Julguei, em dado momento, ter escutado também sua voz, mas tão sussurrada que não pude ter certeza. Pacientemente, aguardei no meu esconderijo que ela surgisse e, ao mesmo tempo, já começava a ficar apavorado com a idéia de que o marido regressasse e casualmente me descobrisse em tão comprometedor situação. A janela do pavilhão que dava para o meu lado estava, infelizmente, fechada por uma cortina azul que me impedia de espiar para dentro. Mas isso me tranqüilizava de algum modo, pois tampouco eu podia ser surpreendido por quem estivesse no pavilhão.

"Depois de ter esperado mais de uma hora, pareceu-me que a cortina azul se mexia, como se alguém estivesse parado atrás dela e tentasse espiar discretamente o jardim. Escondi-me o melhor que pude, pois não me encontrava a mais de três passos da janela. O suor começou a escorrer pela minha testa e o coração pulsava tão ruidosamente que temi ser surpreendido.

"O que aconteceu em seguida foi mais brutal do que uma punhalada em meu coração inexperiente. A cortina azul foi rapidamente puxada para um lado e um homem pulou pela janela com a agilidade de um gamo. Mal me recuperara de minha consternação quando caí num ainda mais doloroso espanto, pois reconheci naquele homem audacioso o meu inimigo e primo Alvisé. A compreensão raiou em mim como um corisco ofuscante. Tremi de raiva e ciúme, pouco faltando para sair do esconderijo e saltar em cima do meu detestado rival.

"Alvisé erguera-se do chão, sorridente, e olhava cautelosamente em redor. Logo depois, Isabella, que saíra do pavilhão pela porta da frente, contornou-o lépida, sorriu para o amante e murmurou carinhosamente: 'Vá agora, Alvisé, vá! *Addio!*'

"Inclinou-se para ele, abraçaram-se e trocaram um beijo. Foi um único beijo, mas tão demorado, tão ardente e sôfrego, que o meu coração deve ter ultrapassado, nesse instante, as cem batidas. Jamais presenciara de tão perto uma tal manifestação de amor, que até então só conhecia dos romances e poemas. E a contemplação da minha *donna*, com os lábios vermelhos e sequiosos colados na boca de meu primo, era uma cena de enlouquecer.

"Esse beijo, meus senhores, foi para mim o mais doce e, ao mesmo tempo, o mais amargo de quantos até hoje eu próprio dei ou recebi... excetuando, talvez, um outro de que também vos falarei.

"Nesse mesmo dia, quando minha alma ainda sangrava como passarinho ferido, fomos convidados pelo bolonhês para ir a sua casa, onde retribuiria a hospitalidade que recebera na nossa. A visita seria no dia seguinte. Eu não queria ir mas fui obrigado por meu pai. Assim passei mais uma noite amargurado e sem dormir. Pela manhã, montamos nossos cavalos e fomos descendo lentamente para a casa de nossos vizinhos, entrando pelo portão e atravessando o jardim que eu já tantas vezes pisara furtivamente. Enquanto eu me sentia amedrontado e com o peito cheio de angústia, Alvise, pelo contrário, olhava para o pavilhão de recreio e os loureiros com um sorriso triunfante que me enlouquecia,

"Também desta vez meus olhos ficaram pregados o tempo todo em Isabella, mas essa contemplação só servia para aumentar o meu inferno, pois defronte dela sentara-se o odiado Alvise e eu não conseguia encará-los sem recordar, com cruel nitidez, a cena da véspera. Apesar disso, eu não arredava os olhos dos vermelhos e fascinantes lábios dela. A mesa estava posta com pratos e vinhos requintados, a conversa corria alegre e descuidada mas eu não estava gostando e recusava-me a participar na animação geral. De minha boca não saiu palavra nem sorriso e, para mim, a tarde parecia mais longa e monótona que uma Semana Santa.

"Durante o jantar, surgiu na sala um criado para anunciar que estava no pátio um mensageiro que queria falar com o dono da casa. O bolonhês pediu desculpas a seus hóspedes, prometendo voltar num instante e saiu. Meu primo conduzia a conversa, com a sua habitual desenvoltura. Mas, como eu já suspeitava, meu pai descobrira o que se passava entre Alvise e Isabella e divertia-se desfrutando o embaraço de ambos com insinuações e perguntas indiretas. A certa altura dirigiu-se à dama e, em tom de brincadeira, perguntou:

'— Dizei-me, *donna*, a quem de nós três mais gostaríeis de dar um beijo?'

"Ela riu alto e respondeu depressa:

'— A todos prefiro aquele bonito moço!'

"E levantando-se de sua cadeira, puxou-me para si e deu-me

um beijo... mas não como aquele que eu vira na véspera, demorado e ardente, senão um beijo leve e frio.

"Creio que esse foi o beijo que me despertou mais desejo e mágoa, entre todos os que recebi de uma mullier amada.

Piero esvaziou seu cálice, levantou-se e retribuiu as gentilezas dos venezianos, acenou uma boa-noite para o abade e, pegando em um dos candelabros, saiu vagarosamente. Já era bastante tarde e 'os dois hóspedes recolheram-se também a seus aposentos.

— Gostaste dele? — perguntou Luigi, já deitado, no escuro.

— Que pena. Acho que Piero está ficando velho — respondeu Giambattista, bocejando. — Estou realmente decepcionado. Em vez de uma boa novela, revolveu antigas recordações de infância.

— Com as pessoas idosas é sempre assim — disse Luigi, espreguiçando-se debaixo do lençol. — Mas ele não só fala muito bem, como c assombrosa a boa memória que ele tem.

Dom Piero metia-se, naquele momento, em sua cama. Tinha sono. Arrepentia-se de não ter contado alguma coisa diferente, em que a sua vaidade não saísse tão ferida, o que poderia ter feito facilmente.

Mas uma coisa o alegrava e o fazia sorrir do fundo do coração: seu dom de improvisar não diminuirá com o peso dos anos. Pois toda sua história, incluindo a casa do campo, o primo, a criadinha, a *donna*, o marido baixo e feio, o loureiro, o pavilhão e os dois beijos, tudo, tudo não passava de uma fábula inventada de momento a momento.

o Tritão

(De Uma Crônica Antiga)

Apesar do grande número de humanistas que havia na Itália, no início do século XV, ocorriam nessa época coisas realmente estranhas, entre Nápoles e Milão, bem mais estranhas do que acontecem hoje em dia; pelo menos, era o que pensavam os cronistas de então, que, malgrado a argúcia e muito saber, arregalavam os olhos de espanto e confessavam, com a maior franqueza, como era aparágio de sua profissão, não saber explicar tão extraordinários eventos.

Numa cidade do litoral — não muito grande mas antiquíssima e célebre pelas suas muitas obras de arte e ciência — fora edificada uma bela igreja sobre o lugar de um antigo templo dedicado a Netuno, há muito soterrado. Depois de concluída, passou a ser visitada por gente vinda de todas as partes e era causa de muita admiração e júbilo, salvo para os invejosos habitantes de uma cidade vizinha.

Ora, aconteceu que, pouco depois da consagração da bela igreja pelo bispo, desencadeou-se sobre a cidade uma violenta tempes-

lade que, durante quatro dias e quatro noites, varreu toda a costa com uma força inaudita. Vários barcos de pescadores foram a pique com homens e ratos, um grande galeão, carregado de mantimentos, afundou à vista da costa, e da torre da recém-construída igreja a pesada cruz dourada foi arrancada pelas rajadas *de* vento. Na queda, furou o telhado da igreja e ficou suspensa, mutilada e retorcida, no vigamento interno da nave. Alguns acharam que o seu formato atual era semelhante a um tridente e concluíram daí que se tratava de um ato de vingança do ofendido Deus do Mar, sobre cujo templo a nova igreja fora edificada. Outros, esforçando-se por demonstrar a improcedência dessas conjeturas, perdiam-se em explicações e não tardou que a cidade inteira se dividisse em veementes debates e controvérsias. O grande historiador Marcus Salestris apresentou na câmara dos edis uma douda dissertação sobre a vida e a história dos deuses marítimos, um imponente trabalho repleto de citações e referências às obras quer dos antigos cronistas quer dos modernos teólogos, e que concluía com a afirmação peremptória de que os deuses do mar, tão venerados e temidos pelos crentes da antigüidade, tinham sido todos exterminados ou, talvez, alguns deles lograssem evadir-se para outros oceanos desertos e ignorados, para além dos continentes conhecidos.

A essa conspícua tese respondeu o não menos famoso orador Cesarius, numa tribuna pública. Embora reconhecesse a sabedoria e os méritos de Salestris, defendia ele com idêntica convicção a tese oposta e, para muitos, sumamente provável, da contínua existência dessas divindades; corroborava suas palavras com a citação copiosa de crônicas e relatos dos navegadores de épocas mais recentes, onde eram narrados muitos casos de encontros entre homens e entidades marinhas pagãs.

Entrementes, a terrível borrasca amainara e, se bem que o mar ainda estivesse muito agitado, os pescadores e outros trabalhadores que exerciam seus misteres nas praias e sobre as águas voltaram às suas ocupações.

Ora, certa manhã, as mulheres dos pescadores entraram correndo na cidade, muito alvoroçadas, e gritaram que fora lançado à praia um homem nu, com o corpo coberto de sargaços. Supunham ser o cadáver de um dos infelizes que pereceram durante o vendaval, e logo uma grande e curiosa multidão começou afluindo ao litoral. Levavam redes, varas e cordas e não faltaram os que sugeriram explicações lendárias quando se aproximaram do corpo, que

balouçava suavemente, coberto de algas e sargaços, ao sabor da ressaca. As mulheres carpíam e rezavam, as crianças olhavam apavoradas para o corpo de uma brancura quase translúcida, de que se via ora o peito, ora uma das mãos, no vaivém continuo das ondas.

Por causa do solo movediço e dos muitos bancos de areia, achou-se aconselhável recolher o cadáver com uma rede de arras-tão, jogada de três barcos. Homens experientes nas labutas da pesca encarregaram-se da tarefa e conseguiram pescar o corpo.

Mas logo se ouviu um grito de pavor da multidão; o corpo cercado pela rede agitava-se violentamente, debatia-se na sua prisão, estendia os braços e, de repente, soltou um berro tão feroz, tão horripelantemente desumano, que gelou o coração de todo mundo. Simultaneamente, com um impulso terrível, jogou-se para o alto, e os que estavam mais próximos dele puderam então ver que, em vez de pernas, o prisioneiro tinha uma longa e escamosa cauda.

— Um monstro! Um tritão! Um monstro marinho! — gritavam todos em uníssono, e não poucos fugiram. As mulheres benziam-se e escondiam os filhos sob os xales. Os pescadores nos barcos porém, apesar de amedrontados, mantiveram-se firmes e continuaram puxando o prisioneiro para terra. Desvencilharam-no então da rede e amarram-no com sólidas cordas. Depois, jogaram-no sobre uma carroça de duas rodas e conduziram-no para a cidade, em meio à gritaria e tumulto do povo.

Entrementes, a notícia já se espalhara por todas as ruas, levada adiante pelos primeiros fugitivos da praia, e uma grossa multidão afluíu imediatamente à praça do mercado, para onde se dirigia a carroça.

"Matem!" e "Esquartejem!", era repetido por centenas de vozes mas ninguém se atrevia a chegar muito perto do prisioneiro, estreitamente vigiado pelos que o haviam trazido na carroça.

Além das grandes figuras da cidade que compareceram à praça, estavam o governador e o prefeito; houve deliberações acaloradas. O historiador Salestris e o orador Cesarius foram os primeiros a acercar-se do monstro para o observarem detalhadamente. Apesar de suas opiniões divergirem em outras ocasiões, agora os dois estavam de acordo em que era preciso conservar o tritão com vida. E, contra a vontade do povo, conseguiram convencer as autoridades e as pessoas importantes da terra a permitirem que, amar-

rado como estava, o prisioneiro fosse jogado na cisterna do mercado, onde poderia sobreviver.

A cisterna foi isolada por sentinelas e o povo circulava, excitado, na esperança de poder ver mesmo de longe o estranho monstro. Nesse ínterim, o conselho da edilidade, com a ajuda da sábia opinião de Salestris e Cesarius, reunia-se em plenário para estudar as medidas que deveriam ser futuramente adotadas. Os dois eruditos foram autorizados a examinar com cautela o tritão e receberam a incumbência de falar com ele, se fosse possível.

Dirigiram-se à cisterna, onde as sentinelas continuavam impedindo a aproximação dos curiosos mais afoitos. O tritão encontrava-se deitado no fundo da cisterna de pedra e só depois de várias horas conseguiram atraí-lo à superfície, com peixes e pedaços de pão. Quando emergiu, os dois sábios logo notaram que o tritão conseguira livrar-se da rede e das cordas. Salestris e Cesarius fizeram ao mesmo tempo o sinal-da-cruz, de que o monstro riu. Depois dirigiram-lhe a palavra, ora em italiano, ora em latim. Mas ele nada entendia, apesar de, aparentemente, escutar os dois homens com a maior atenção e, tanto por gestos como por sons incompreensíveis de um estranho e bárbaro idioma, tentar dizer alguma coisa.

Nova assembléia foi convocada na câmara mas nada resultou de concreto. Cesarius manifestou isua convicção de que tinha de haver algum idioma em que seria possível comunicar-se com o tritão. Àquela época vivia na cidade um marinheiro do sul que trabalhava para um armador de navios mercantes. O homem falava correntemente o idioma dos sarracenos e foi convidado a entrevistar-se com o monstro na cisterna, mas tampouco ele se fez entender. Achou possível, todavia, que o prisioneiro falasse grego, pois embora não falasse esse idioma, já o ouvira muitas vezes em suas viagens pelo Mediterrâneo e achava os seus sons semelhantes aos que o tritão emitia.

Era preciso encontrar então alguém que falasse grego. Porém, não se achava ninguém na cidade que o soubesse, pois o conhecimento desse idioma é muito pouco divulgado. Salestris, entretanto, sabia que o médico Charíkles, que morava na cidade vizinha, possuía livros gregos e se gabava de seus estudos de medicina grega. Ora, ninguém tinha vontade de conceder à odiada cidade vizinha o triunfo de mandar chamar Charíkles para solucionar o mistério do tritão.

Houve nova assembléia dos edis e, após acirrado debate, foi decidido, já ao cair da noite, chamar-se o médico em segredo. Cesarius foi incumbido dessa missão, embora a contragosto. Na madrugada seguinte, dirigiu-se a cavalo à não muito distante cidade vizinha e procurou Charikles. Fez muitos elogios a sua sapiência e, finalmente, pediu-lhe que o acompanhasse, sem fazer muito alarde. O médico respondeu que nenhum interesse tinha em prestar serviço à terra inimiga da sua, mas, por amor à ciência e mediante uma boa recompensa, acompanharia Cesarius.

E assim, no meio da tarde, reuniram-se em torno da cisterna as personalidades da cidade, os sábios e o médico Charikles. O tritão emergiu e sustentou o tronco fora da água, com os dois braços apoiados no rebordo da cisterna. Charikles falou-lhe em italiano e latim, sem resultado. Falou-lhe então em grego e, mal dissera algumas frases, o monstro logo emitiu uns sons ásperos e estranhos.

— Muito bem — disse o médico dos circunstantes. — Ele está respondendo.

— A mim pareceu — comentou Salestris — que o monstro não fala a mesma língua de Vossa Senhoria.

— Fino ouvido tendes, douto Salestris — retorquiu Charikles, sorrindo. — O tritão fala grego, na verdade, mas o antigo dialeto jônico, o mesmo em que foram compostas as rapsódias de Homero.

Charikles continuou falando com o tritão até que esse, farto de ser molestado, deu um mergulho e desapareceu nas fundas águas da cisterna. Muitas horas depois, resolveu voltar à superfície e dar a Charikles o seu recado. Contou-lhe que era um mensageiro do Deus Posêidon, que estava enfurecido por terem levantado, no lugar do seu antigo templo, uma igreja que cultuava um outro e estranho Deus. Por isso ordenara aquela tempestade, matando pescadores e marinheiros, destruindo seus bens e danificando a torre e o teto do novo templo. Se os habitantes da cidade se atrevessem a consertar esses estragos, a vingança do Posêidon não teria limites. Além disso, ordenava, como penitência, a construção de uma estátua sobre a cisterna da praça do mercado.

Charikles recebeu um generoso presente e foi acompanhado por dois nobres, de regresso à sua cidade, até metade do caminho. Na noite seguinte, ouviu-se um grito medonho por três vezes e quando, pela manhã, o povo se aproximou da cisterna, o tritão desaparecera para sempre, sem deixar vestígios. Logo depois a cisterna foi coberta e sobre ela colocada uma estátua de Netuno. O

buraco no telhado da igreja não foi reparado e por ele passavam o sol, a chuva e o vento. Isso ajudou ao rápido desmoronamento do outrora belo templo, que era o orgulho da cidade e a inveja da cidade vizinha. Durante mais de um século as ruínas estiveram abandonadas, até desaparecerem os derradeiros vestígios. No seu lugar foi edificada, já no século XVII, a bela igreja barroca que hoje conhecemos.

O Anão

Assim começou Cecco, o velho contador de histórias, certa noite no cais:

— Com a vossa permissão, meus senhores, vou contar-lhes hoje uma história muito antiga, sobre uma formosa dama, um anão e um filtro de amor, de que também tratam, aliás, todas as antigas e modernas histórias e aventuras.

"A senhorita Margherita Cadorin, filha do nobre Battista Cadorin, era em sua época a mais bela entre as mulheres de Veneza, e os poemas e canções compostos em sua homenagem eram mais numerosos do que os arcos do Palácio dos Duques, no Grande Canal, ou as gôndolas que trafegam entre a Ponte dei Vin e a da Dogana, numa noite de primavera. Pelo menos uma centena de moços e velhos fidalgos, tanto de Veneza como de Murano e até de Pádua, não era capaz de fechar os olhos nenhuma noite sem que sonhasse logo com ela, nem despertar de manhã sem ficar ardendo na ânsia de contemplá-la. Em toda a cidade poucos seriam os jo-

vens fidalgos que não tivessem ainda sentido ciúmes de Margherita Cadorin. Não tenho competência bastante para descrevê-la e contentar-me-ei em dizer que era loura, alta, esbelta de corpo como um cipreste novo, que a brisa acariciava delicadamente sua cabeleira e o chão se fazia macio para que ela o pisasse, e que Ticiano, quando a viu, teria expressado o desejo de, durante um ano inteiro, a mais ninguém pintar senão aquela bela mulher.

"De vestidos, rendas e bordados, pedrarias e jóias, brocados bizantinos, à formosa dama nada faltava; era opulenta e faustosa a vida que se levava em seu palácio. Só se pisavam espessos e coloridos tapetes da Ásia Menor, os armários guardavam copiosas baixelas de prata, as mesas resplandeciam de finos damascos e belíssimas porcelanas, os pisos eram de mosaico maravilhosamente trabalhado, os tetos e paredes revestidos de gobelinos sobre seda e brocado, ou de belas pinturas e quadros dos melhores artistas da época. Tampouco havia falta de criadagem, nem de gôndolas com remadores.

"Todas essas agradáveis e deliciosas coisas havia também em outras casas, certamente; maiores e mais ricos palácios do que o dela, armários mais cheios ainda, baixelas, tapetes e jóias mais numerosos e de maior valia. Veneza, nessa época, era muito farta e abastada. Entretanto, a preciosidade que somente Margherita possuía e que provocava a inveja de famílias muito mais ricas era um anão chamado Filippo, que não chegava a ter sequer dois côvados de altura e era dotado de duas pequenas gibas, enfim, um fantástico homúnculo. Filippo era natural de Chipre e quando o senhor Vittorio Battista o trouxe de uma de suas viagens, apenas sabia falar o grego e o sírio; mas, agora, falava um veneziano tão puro como se nascido na Riviera ou na paróquia de San Giobbe. Tanto quanto sua ama era bonita e esbelta, assim era feio e disforme o anão; ao lado do corpo aleijado de Filippo, ela parecia duplamente bela, duplamente alta e atraente, como a torre da igreja de uma das ilhas ao lado dos casebres dos pescadores. O anão tinha as mãos enrugadas, morenas e disformes nas juntas; seu andar era indescritivelmente ridículo, o nariz grande demais, os pés muito largos e com as pontas para dentro. Contudo, trajava como um príncipe as roupas talhadas exclusivamente em seda e tecidos dourados.

"Só esse aparato já era o suficiente para fazer de Filippo uma preciosidade; talvez não existisse, não apenas em Veneza mas em toda a Itália, incluindo Milão, uma figura mais exótica e burlesca; e

muitas majestades, altezas e senhorias teriam pago a peso de ouro, com o maior prazer, se porventura estivesse à venda o homúnculo cipriota.

"Mas se em outras cidades e cortes existiam também anões capazes de rivalizar com Filippo no tocante à pequenez e fealdade, todos ficavam muito abaixo dele no que se referia às aptidões e vivacidade de espírito. Se dependesse apenas da argúcia e inteligência, o anão podia muito bem ter assento no Conselho dos Dez ou chefiar uma embaixada. Não só falava três idiomas com perfeição como tinha vastos conhecimentos de História, de Jurisprudência e de inventos científicos, sabia contar histórias antigas e outras, de sua própria imaginação, dar bons conselhos ou maquinar arditos planos e, se quisesse, podia facilmente levar qualquer pessoa ao riso mais estrepitoso ou ao desespero mais profundo.

"Nos dias bonitos, quando a *donna* ia sentar-se na varanda para aclarar ao sol sua cabeleira, como estava em moda nessa época, fazia-se sempre acompanhar de duas aias, do papagaio africano e do anão Filippo. As aias umedeciam e penteavam os longos cabelos de Margherita, estendiam-no solto para que corasse, molhavam-no com orvalho colhido no roseiral e águas gregas, ao mesmo tempo que a punham a par de tudo o que acontecia ou estava para acontecer na cidade: casos de morte, festejos, casamentos, nascimentos, roubos e episódios engraçados. O papagaio batia as asas policromas e mostrava suas habilidades: assobiar uma canção em voga, berrar como uma cabra e gritar 'boa noite'. Filippo agachava-se ao lado de sua ama, muito quieto ao sol, e lia alfarrábios e rolos antigos, prestando tão pouca atenção ao palavratório das moças quanto aos mosquitos'que enxameavam a varanda. E todas as vezes acontecia que, passado algum tempo, o papagaio baixava a cabeça, bocejava e adormecia; as aias abrandavam o ritmo da conversa e acabavam por emudecer, fazendo seu serviço em silencio e com gestos cansados. Pois haverá no mundo lugar onde o sol do meio-dia seja mais quente e amodorrante do que na açotéia de um palácio veneziano? Por essa altura, a senhora já estava mal-humorada e impaciente, brigando impetuosamente com as aias porque haviam deixado secar demais seus cabelos ou o haviam penteado desajeitadamente. E, então, chegava infalivelmente o momento em que gritava para as moças:

— Tirem-lhe o livro!

"As aias retiravam o livro dos joelhos de Filippo e este erguia os olhos, irritado, mas dominava-se e perguntava à sua ama o que queria dele.

'— Conta-me uma história! — ordenava ela.

'— Tenho de pensar! — respondia o anão. E pensava.

"Ora, acontecia que, por vezes, o tempo que Filippo levava em sua meditação era longo demais para Margherita, que se zangava e o reprendia. Mas ele balouçava a cabeçorra pesada, grande demais para a sua estatura, e respondia, impassível:

'— Vossa Senhoria deve ter um pouco mais de paciência. Uma boa história é como uma boa montaria. A caça brava vive escondida e é preciso armar emboscadas e ficar de tocaia horas e horas a fio, na boca dos precipícios e florestas. Os caçadores mais apressados e impetuosos afugentam a caça e nunca obtêm os melhores exemplares. Deixai-me, pois, pensar!

"Mas, desde que tivesse meditado o tempo bastante e começasse a falar, não mais parava enquanto não tivesse contado a história completa, que corria ininterrupta e fluente como um rio descendo montanhas abaixo e em cujas águas tudo se reflete — desde a pequena folha de grama até o azul da abóbada celeste. O papagaio cochilava, às vezes rangendo o bico recurvo durante o sono; a água dos canais imóvel, de modo que o reflexo das casas era nitido e constante, como se existissem autênticas fachadas submarinas, o sol ardia sobre o terraço plano e as jovens aias lutavam desesperadamente contra a modorra. O anão, porém, jamais ficava sonolento e convertia-se num mágico, num deus ou num imperador todo-poderoso, assim que iniciava mais uma demonstração de sua arte. Apagava o brilho e o calor do sol e arrebatava sua ama, que o ouvia em religioso silêncio, ora por sombrios e pavorosos bosques, ora até o fundo azul e frio do mar, ora por ruas de exóticas e maravilhosas cidades, pois Filippo aprendera a arte de narrar no Oriente, onde essa função é altamente apreciada e seus praticantes são considerados uma espécie de magos, capazes de brincar com a alma dos ouvintes como uma criança brinca com a bola.

"Filippo jamais começava suas histórias em países estranhos, para onde o espírito do ouvinte não podia voar com força própria. Principiava sempre com algo que os olhos pudessem ver, fosse uma fivela de ouro ou um lenço de seda, sempre alguma coisa presente e ao alcance da vista; depois, imperceptivelmente, levava a imaginação do ouvinte para onde ele muito bem queria, contando quem

tinham sido os antigos donos desta ou daquela jóia, seus artífices ou mercadores, de modo que a narrativa corria lentamente e com naturalidade da açotéia do palácio para o barco do mercador, do barco para o porto, do porto para o galeão que balouçava suavemente ao largo e do galeão para as mais longínquas e exóticas paragens do mundo. Quem o escutava, absorto em suas palavras, julgava estar fazendo a viagem e, embora continuasse tranqüilamente sentado em Veneza, o espírito já vagava, alegre ou receoso, pelos mares distantes e as regiões mais fascinantes. Assim era a maneira de Filippo contar suas histórias.

"Além dessas maravilhosas invenções que quase sempre eram inspiradas em contos orientais, Filippo também era mestre nas narrativas que diziam respeito a aventuras e acontecimentos extraordinários da história antiga e moderna, mormente as peregrinações e sofrimentos do Rei Enéias, os terríveis mistérios de Creta, as proezas do Rei João em Chipre, as kndas do mago Virgílio e as inúmeras viagens de Américo Vespúcio por novas terras. Finalmente, ele próprio sabia inventar e contar de improviso as mais estranhas histórias. Um dia, estando sua ama a olhar o papagaio adormecido, voltou-se de chofre para Filippo e perguntou:

^ — Oh, ser onisciente, o que é que o meu papagaio está sonhando agora?

"O anão pensou por instantes e contou, a seguir, um longo sonho, como se ele próprio fosse a exótica ave. Quando concluiu, o papagaio acordou, bateu as asas, berrou como uma cabra e gritou 'boa noite'. Outra vez, a senhorita apanhou uma pedrinha e atirou-a por cima do parapeito do terraço na água quieta do canal. Quando a ouviu bater embaixo, perguntou:

' — E agora, Filippo, para onde vai a minha pedrinha?

"E o anão logo contou como a pedra, ao sabor das águas, encontrou medusas, peixes, caranguejos, ostras, marinheiros afogados, espíritos do mar, sereias e tritões, cuja vida e ações ele bem conhecia, podendo descrever tudo com a maior exatidão e pormenores sem conta.

"Apesar da senhorita Margherita, como tantas outras donzelas ricas e formosas, ter um coração duro e cruel, ser caprichosa e altiva, para o querido anão era toda simpatia e atenções, zelando para que fosse bem e honrosamente tratado. Só a si mesma às vezes

consentia divertir-se atormentando-o, o que não era nada demais, pois Fiiippo era propriedade sua. Por isso, de súbito, tirava-lhe todos os livros, encerrava-o na gaiola do papagaio ou fazia-o tropeçar no piso reluzente dos salões. Mas nada disso era feito com más intenções e Fiiippo jamais se queixava, embora nunca esquecesse as diabruras de que era vítima e amiúde incluísse em suas fábulas e contos breves insinuações e advertências. A ama aceitava-as serenamente, com o semblante muito compenetrado. A preocupação dela, porém, era irritá-lo excessivamente, pois todos acreditavam ser o anão possuidor de segredos e manhas aprendidos no estudo das ciências ocultas. De fonte segura sabia-se que Fiiippo conhecia a arte de falar com diversos animais e era infalível na previsão de tempestades e cheias. Mas, em geral, calava-se quando alguém insistia em abordá-lo com tais perguntas e limitava-se a encolher os ombros tortos, balançando comicamente a cabeçorra. E os curiosos, de tanto rir, esqueciam suas perguntas.

"Como todo ser humano tem necessidade de afeiçoar-se a uma alma irmã e demonstrar sua capacidade de amor, também Fiiippo tinha, além da paixão pelos livros, uma estranha amizade por um cachorrinho preto, que lhe pertencia e a quem tratava com a um filho, até dormindo com ele. Fora presente de um admirador mal-sucedido à senhorita Margherita e por esta dado ao anão, ainda que levada por circunstâncias anormais. Aconteceu que, logo no primeiro dia, o cachorrinho sofreu um acidente: foi atingido por um alçapão, quando este estava sendo fechado. Quiseram matá-lo, por ter fraturado uma pata e por pena do sofrimento do pequeno animal. Então Fiiippo interveio, pedindo o cachorrinho para si. A ama presenteou-o, e o anão tratou-lhe os ferimentos. O cachorrinho sarou e afeiçoou-se a seu salvador, dando-lhe grandes provas de gratidão. Mas a perna curada ficou torta e, por isso, o animal mancava e movia os quartos traseiros de través, fazendo-o combinar ainda mais com o seu aleijado dono. Isso, aliás, deu pretexto a que Fiiippo escutasse muitos gracejos.

"Se bem que essa amizade entre o anão e o cachorro pudesse parecer ridícula às pessoas, nem por isso era menos sincera e afetuosa. Creio que muitos dos poderosos e ricos fidalgos de Veneza nem de longe eram tão efusivamente estimados pelos seus melhores amigos quanto o pequeno bassê de pernas tortas por Fiiippo. Este chamava-o de Filipinno — donde saiu o apelido abreviado de Fino — e tratava-o com tanto carinho quanto a uma criança; conversava

com eie, arranjava-lhe petiscos, deixava-o dormir em sua pequena cama de anão e brincava com ele horas seguidas, em resumo, transmitia todo o amor de sua infeliz e errante vida a um animal inteligente e grato. Por esse motivo, Filippo teve de suportar muitas zombadas e sarcasmos da criadagem e até de sua ama. Mas — como veremos — tal afeição entre o anão e seu cachorrinho nada tinha de cômica, pois levaria, pelo contrário, toda a casa às maiores desgraças.

"Enquanto inúmeros fidalgos, ricos e de bela aparência, pou-savam os olhos em Margherita e ficavam com sua imagem para sempre gravada no coração apaixonado, ela continuava orgulhosa, distante e fria, como se não existissem homens no mundo. De fato, até a morte de sua mãe, não só fora educada de um modo muito severo por uma certa *Donna Maria*, da família dos Giustianini, mas também era, por natureza, avessa ao amor e, com razão, considerada a mais bela e mais desumana criatura de Veneza. Por sua causa morrera um jovem fidalgo de Pádua, no decurso de um duelo com um capitão da guarda milanesa; e quando lhe contaram as últimas palavras que o vencido dirigira à mulher de seus sonhos, antes de soltar o derradeiro suspiro, nem uma tênue sombra de compaixão ou dor foi vista no formoso rosto de Margherita. Escarnecia constantemente dos sonetos que lhe eram dedicados. Quando, quase ao mesmo tempo, dois pretendentes — das mais conceituadas e nobres famílias da cidade — vieram cerimoniosamente pedir a sua mão, ela obrigou o pai, apesar dos insistentes rogos e argumentos persuasivos do velho fidalgo, a rejeitar ambos os pedidos, o que provocou um longo e sério desentendimento entre as famílias.

"Porém, o pequeno e endiabrado deus alado não gosta de deixar escapar uma presa, ainda mais quando se trata de uma tão bonita quanto Margherita. Já se viram muitos casos em que as mulheres mais difíceis e inacessíveis foram justamente as que se apaixonaram de maneira mais fulminante e impetuosa, tal como depois de um inverno muito rigoroso vem o degelo e logo se lhe segue a primavera tépida e florida. Ora, durante uma festa nos jardins de Murano, foi isso o que aconteceu: Margherite entregou seu coração a um jovem cavaleiro e navegador que acabara de

regressar das terras do Levante. Chamava-se ele Baldassare Morosini e cumpre dizer que não ficava atrás da jovem dama, que dele não retirava os olhos, nem na esbelteza de seu corpo viril nem na nobreza da linhagem. Se em Margherita tudo era luminoso e frágil, nele tudo era forte e escuro; através do bronzeado da pele percebia-se que andara largo tempo sulcando os mares e percorrendo estranhos países. Pela vivacidade da fisionomia era fácil entender que se tratava de moço audaz e amigo de aventuras; no rosto queimado, os olhos cintilavam como relâmpagos fulminantes; a testa ampla era refúgio certo de pensamentos penetrantes e ardentes.

"Assim, era inevitável que Baldassare notasse logo a presença de Margherita e, ao descobrir o seu nome, tratou imediatamente de ser apresentado a Battista e sua filha, o que aconteceu entre muitas cortesias e palavras lisonjeiras. Até o final da festa, procurou Baldassare manter-se, tanto quanto a etiqueta permitia, próximo a Margherita, que escutava e bebia as palavras dele, como se ouvisse atentamente o evangelho, apesar de dirigidas mais a outras pessoas do que a ela. Como é fácil de imaginar, o senhor Baldassare viu-se freqüentemente obrigado a contar suas viagens, façanhas e perigos passados, e fazia-o com tanta desenvoltura e vivacidade que não havia quem não se deleitasse ouvindo-o. Na realidade, suas palavras eram dedicadas a uma única ouvinte e essa não deixava escapar nem uma sílaba. Baldassare contava as mais estranhas aventuras com tanta naturalidade como se fossem acontecimentos rotineiros de sua vida e pudessem ocorrer a qualquer dos circunstantes; e nunca emprestava grande evidência à sua própria pessoa, como os marinheiros e, sobretudo, os jovens costumam fazer. Apenas uma vez, quando descrevia um combate com piratas africanos, é que mencionou uma grave cutilada que recebera na refrega e cuja cicatriz cortava o seu ombro esquerdo. Margherita escutava-o ao mesmo tempo fascinada, febril e apavorada.

"Quando os convivas começaram a se retirar, Baldassare acompanhou Margherita e seu pai até à gôndola e ainda ficou largo tempo parado no cais, observando o brilho vacilante das tochas da gôndola que se afastava suavemente na laguna escura. Só quando a perdeu completamente de vista voltou para junto de seus amigos da pérgula iluminada por vistosos balões à moda veneziana, onde os jovens fidalgos e algumas bonitas donzelas passaram boa parte da noite cálida e estrelada, bebendo vinho grego e mordiscando passas escuras e doces. Entre eles havia um certo Giambat-

tisla Gentarini, um dos mais abastados e folgazões de Veneza. Giambattista acercou-se de Baldassare e disse, rindo:

'— Não imaginas como eu gostaria que nos contasse esta noite as aventuras amorosas em que te envolverste durante as tuas viagens! Vejo, agora, que meu pedido será vão pois a bela Cadorin se apossou de teu coração. Mas saberás, porventura, que essa bela moça além de um coração de pedra não tem alma nenhuma? É como uma pintura de Giorgione, cujas mulheres, realmente, estão acima de toda a crítica mas não possuem carne nem sangue, apenas existem para regalo dos nossos olhos. Sinceramente te aconselho, amigo: afasta-te dela, a menos que tenhas vontade de ser o terceiro rejeitado e viraes motivo de escárnio da criadagem dos Cadorin!

Baldassare, porém, limitava-se a dar gargalhadas gostosas e não via por que se justificar. Esvaziou alguns canecos do adocicado vinho de Chipre, cor de azeite de oliva, e dirigiu-se para casa mais cedo que os outros.

"Logo no dia seguinte foi visitar o velho senhor Cadorin, em seu bonito palácio, e esforçou-se por todos os meios em conquistar a sua simpatia. À noite, ofereceu a Margherita uma serenata, com vários trovadores e cantores, e foi bem-sucedido: ela escutava numa das janelas e, por instantes, saiu do balcão e debruçou-se, enlevada pela melodia. Naturalmente, a cidade inteira falou disso no dia seguinte, e os ociosos e mexeriqueiros já começavam a murmurar que havia noivado à vista e qual seria o dia marcado para as núpcias, antes mesmo de Morosini vestir sua roupa de gala para ir fazer o pedido de casamento ao pai de Margherita, pois desprezava o costume da época, segundo o qual não se devia solicitar pessoalmente a mão e sim através de amigos Íntimos. Mas não tardou que os faladores vissem, com satisfação, os seus vaticínios confirmados.

"Quando Baldassare expressou ao senhor Cadorin o desejo de tornar-se seu genro, o velho não fez qualquer objeção mas disse, taciturno:

'— Meu caro e jovem senhor, por Deus vos juro que não menosprezo a honra que vosso pedido significa para a minha casa. Rogo-vos, porém, que renunciéis ao vosso intento, assim poupando-vos e a mim muito dissabores e contrariedades. Como tendes viajado muito e por longo tempo estivestes ausente de Veneza, por certo ignorais quantos desgostos essa desventurada menina já me causou. Dois honrosos pedidos foram rejeitados sem motivo algum.

Minha filha nada quer saber do amor e dos homens. Reconheço que a tenho mimado demais e talvez não tenha forças bastante para quebrar energicamente sua teimosia.

"Baldassare ouviu cortesmente mas não retirou o pedido e, pelo contrário, empenhou-se em encorajar o velho e timorato senhor, reconfortando-lhe o espírito e encorajando-o. Por fim, Cadorin prometeu falar com a filha.

"Pode-se imaginar qual tenha sido a resposta da senhorita. Embora fizesse algumas objeções insignificantes, apenas para manter a habitual aparência altiva e representar ainda, diante do pai, o papel de dama inacessível, seu coração há muito já dissera sim, antes dos lábios proferirem. Logo que recebeu a resposta favorável, Baldassare apresentou-se com um delicado e valioso presente, colocando no dedo de sua prometida uma aliança de ouro e pedrarias, beijando pela primeira vez aquela bela e orgulhosa boca.

"Os venezianos tinham agora algo para comentar e invejar. Ninguém se lembrava de ter visto alguma vez um par mais belo. Ambos eram altos e esbeltos, e a dama apenas a grossura de um calêlo mais baixa do que Morosin. Ela era loura, ele moreno de cabelos escuros, e ambos caminhavam de cabeça erguida, pois um não ficava atrás do outro em nobreza e orgulho.

"Só de uma coisa não gostava a noiva: é que seu noivo e senhor declarara ter de voltar em breve a Chipre, a fim de ultimar alguns importantes negócios. Só depois dessa viagem poderiam celebrar-se os sponsais, com os quais a cidade inteira já se regozijava como por uma grande festa pública. Entrementes, os noivos gozavam sem perturbações a sua felicidade; Baldassare não deixava que faltassem as diversões de toda a espécie, as serenatas, os presentes, as surpresas, e reunia-se a Margherita sempre que dispunha de um momento. Burlando um outro costume, também fizeram juntos um passeio secreto pelos canais, em gôndola coberta.

"Se, por um lado, Margherita era soberba e até um pouco cruel, o que não surpreende em uma jovem e mimada fidalga, por outro, o seu noivo era, por natureza, impulsivo, prepotente e pouco afeito a levar em conta os sentimentos alheios. Quanto mais se esforçara por representar, antes do noivado, o papel do fidalgo afável, requintado e comedido, mais cedia agora, que alcançara plenamente seu objetivo, aos seus instintos inatos. Além disso, como marinheiro e abastado homem de negócios, era autoritário, rude em suas decisões, e estava acostumado a viver de acordo com os próprios

desejos, pouco se preocupando com os interesses alheios. Ora, por mais estranho que isso pareça, Baldassare desde o principio discordou de muita coisa que notara no ambiente doméstico de sua noiva. Em particular, sentia repugnância pelo papagaio, pelo cachorrinho Fino e o anão Filippo. Sempre que os via uma surda irritação se apoderava dele e procurava mil maneiras de torturá-los, levar Margherita a desgotar-se de seus habituais companheiros. Toda vez que Baldassere entrava no palácio e sua voz soava na escadaria, o cachorrinho fugia ganindo, o papagaio batia as asas espavorido e berrava como uma cabra, o anão contentava-se em remorder os lábios, refugiando-se num mutismo obstinado. Para ser justo, devo dizer que Margherita, se nada fazia pelos animais, pelo menos intercedia em defesa de Filippo, tentando justificar seus préstimos e virtudes; mas, naturalmente, não se atrevia a irritar o amado e, assim, era-lhe impossível evitar algumas pequenas crueldades.

"O papagaio teve rápido fim. Um dia em que o senhor Morosini o torturava novamente, espetando-o com uma varinha afiada, o pássaro enfurecido agarrou-lhe um dedo com seu poderoso bico e fez-lhe um golpe profundo. Com o dedo sangrando, Baldassare ordenou incontintnti que torcessem o pescoço do papagaio. Foi jogado no estreito e escuro canal que passava na parte dos fundos do palácio e ninguém deu importância ao fato.

"O cachorrinho não teria melhor sorte. Um dia em que ouviu o noivo de sua dona subir os degraus da entrada, Fino foi esconder-se num vão escuro da escadaria, pois era seu costume desaparecer sempre que Baldassare se acercava. Desta vez, porém, talvez porque tivesse esquecido na gôndola alguma coisa que não podia ficar confiada à criadagem, Baldassare deu meia volta e desceu, inopinadamente, os degraus da escada. Fino, assustado com a súbita aparição, latiu alto e armou um pulo tão precipitado e sem jeito que foi esbarrar nas pernas do senhor Morosini, que por um triz não caiu. Tropeçando, aproximou-se do portão, para onde Fino, cheio de medo, também corria. Aí, já tendo conseguido reequilibrar-se, Baldassare praguejou furiosamente e, vendo o cachorrinho nos degraus que davam para o canal, aplicou-lhe um violento pontapé. O pobre animal foi jogado longe, para o meio da água.

"Nesse mesmo instante, atraído pelos latidos e ganidos de Fino, o anão surgiu no portão e foi colocar-se ao lado de Baldassare que observava rindo os esforços do cachorro tentando, mesmo es-

tropiado, nadar para a margem. Ao mesmo tempo, atraída pelo barulho, Margherita assomava ao balcão do primeiro andar.

'— Por amor de Deus, mandai uma gôndola buscá-lo — implorava Filippo, ofegante. — Ordenai que o recolham, minha ama! Ele está se afogando! Oh, meu Deus, Fino! Fino!

"Mas o Senhor Baldassare ria e segurava o remador que já se aprestava para soltar a gôndola e ir em socorro do cachorrinho. De novo Phlippo ergueu o olhar suplicante para o balcão mas Margherita já desaparecera, sem dizer uma palavra. Então, Filippo arroubou-se aos pés do seu carrasco, suplicando-lhe que poupasse a vida do seu cachorrinho. Mal-humorado, Baldassare ordenou-lhe que voltasse para casa e não o importunasse com bobagens. Mas Filippo, com lágrimas nos olhos, permaneceu imóvel no cais até o pequeno e convulsivo Fino afundar nas águas mansas.

"Filippo dirigiu-se então ao sótão do palácio, próximo às traves escuras e imundas do telhado. Agachou-se a um canto, a grande cabeça apoiada nos joelhos, e o olhar fixo num ponto do espaço à sua frente. Veio uma camareira intimá-lo a comparecer imediatamente à presença de sua ama, depois veio um laçao, mas Filippo não se moveu. E quando, já de noite, ele continuou imóvel e agachado no vão escuro, foi a sua própria senhora quem subiu, pessoalmente, levando um archote na mão. Parou diante dele e contemplou-o, por instantes.

'— Por que não te levantas? — perguntou ela.

"Filippo nada respondeu.

'— Por que não te levantas? — repetiu Margherita.

O homúnculo ergueu os olhos para a dona e murmurou:

'— Por que matastes meu cachorrinho?

'— Não fui eu quem o matou.

'— Poderieis tê-lo salvo e o deixaste morrer... Oh, meu Fino!

"Nesse ponto, Margherita ficou deveras irritada e ordenou ao anão que se levantasse e descesse para o quarto dele e fosse dormir. Phlippo obedeceu-lhe, sem dizer palavra, e durante três dias vagueou pelo palácio como uma alma penada, mal tocando nos alimentos, não prestando atenção ao que lhe diziam nem ao que se falava à sua volta.

"Entrementes, a jovem dama foi acometida de grande inquietação. Chegara aos seus ouvidos, de diversas fontes, uma porção de coisas bastante desagradáveis a respeito de seu noivo e que muito a

preocuparam. Dizia-se, por exemplo, que o jovem senhor Morosini era um inveterado galanteador e tanto em Chipre como em muitos outros lugares onde parava, no decorrer de suas viagens, tinha inúmeras amantes. Isso era realmente verdade e Margherita ficou cheia de dúvidas e medo. Pensava, sobretudo, na nova viagem que o noivo anunciara para breve. Durante alguns dias esteve indecisa sobre o que fazer e limitava-se a suspirar amargurada. Mas chegou o momento em que não agüentou mais e, certa manhã, quando Baldassare foi visitá-la, contou-lhe tudo o que sabia e não escondeu nenhum de seus receios.

"Baldassare sorriu.

'— O que te contaram, querida e formosa noiva minha, pode ser em parte mentira mas, asseguro-te, que muito disso é a pura verdade. O amor é como uma onda: ela vem, nos levanta, nos arrasta, sem que possamos resistir-lhe. Mas sei bem o que devo à minha noiva e filha de tão nobre casa. Podes, pois, abandonar todas as preocupações a tal respeito. Conheci, é certo, muitas mulheres lindas e por algumas me apaixonei. Mas nenhuma pode igualar-te, amada Margherita.

"E porque sua força e desassombro irradiavam um fascínio irresistível, ela escutava-o em silêncio, sorria e acariciava a mão rija e morena do noivo. Mas, assim que ele se retirou, todos os seus receios voltaram e não a deixaram mais em paz. Por isso a tão orgulhosa donzela sofria agora a secreta e humilhante dor do ciúme. Não conciliava o sono durante a noite, revolvendo-se entre os finos lençóis de seu leito.

"Em sua aflição, recorreu de novo a Filippo que, entretentes, voltara ao seu normal, fingindo ter esquecido completamente a morte infame de seu cachorrinho. Voltara a sentar-se no terraço, lendo seus livros ou contando histórias, enquanto Margherita clareava os cabelos ao sol. Uma só vez aludiu àquele triste caso. Tendo Margherita perguntado em que é que ele pensava, nesse momento, disse Filippo com a voz embargada:

'— Que Deus abençoe esta casa, minha querida ama, pois em breve a abandonarei, vivo ou morto.

'— Por quê? — indagou ela, surpreendida.

"O anão encolheu os ombros, em seu jeito ridículo:

'— Eu o sinto, senhora, eu o sinto. O pássaro morreu, o meu fiel cachorrinho está morto, para que servirá o anão?

"Margherita proibiu-o severamente de continuar com tal gênero de conversa e o anão emudeceu. A dama pensou que Philipppo tivesse esquecido seus sombrios desejos e contou-lhe suas próprias dúvidas e preocupações. O anão pôs-se então a defender Baldassare, de modo nenhum deixando transparecer o rancor que ainda lhe guardava. Assim procedendo, logrou alcançar de novo a amizade de sua senhora.

"Numa noite de verão, quando do mar chegava um pouco de brisa fresca, Margherita embarcou com o anão em sua gôndola e deixou-se embalar ao longo dos canais. Quando já estavam perto de Murano e Veneza, flutuando ao longe com uma alucinante visão branca, pairando sobre a laguna prateada, ela ordenou a Filippo que lhe contasse uma história. E estava recostada nos coxins de seda e o anão permanecia agachado a seus pés, as costas voltadas para a alta e recurvada proa da gôndola. Do lado de Murano chegava o eco do repicar de sinos. O gondoleiro remava indolentemente, meio adormecido, e a sua figura curvada, empunhando o comprido remo, refletia-se nas águas manchadas de algas. Vez por outra, passava-lhes perto uma barcaça de carga ou um barco de pesca, com vela latina, cujo triângulo pontiagudo eclipsava por instantes a visão das torres da cidade.

'— Vá, conta uma história — repetiu Margherita.

"Filippo inclinou para a frente a cabeça disforme, brincando com as borlas do gibão, meditou por momentos e contou o seguinte:

'— Muito antes de eu ter nascido, aconteceu a meu pai uma coisa bem estranha, no tempo em que ele ainda viria em Bizâncio. Exercia então a profissão de físico e conselheiro em certos casos difíceis, pois não só aprendera a arte da medicina mas também a da magia, com um sábio persa que vivia em Esmirna. Seus conhecimentos eram igualmente vastos nas artes de curar o corpo e a alma. Mas, como fosse um homem honesto, alheio a fraudes e adulações, dedicando-se exclusivamente ao seu ofício, sofria a inveja e o despeito dos charlatães e embusteiros. Desgostoso com isso, sonhava com o dia em que pudesse regressar à sua pátria. Porém, o meu pobre pai não queria fazê-lo sem conseguir amealhar primeiro um pequeno cabedal nessas terras estranhas, pois sabia que os seus estavam atravessando, em casa, uma situação deveras

difícil. Quanto menos a sorte lhe sorria em Bizâncio, vendo os impostores e ignorantes enriquecerem sem esforço algum, mais triste e amargurado meu bom pai ia ficando e, em seu íntimo, perguntava se não seria possível a um homem probo sair da miséria, sem recorrer aos métodos que faziam a fortuna dos charlatães. Não lhe faltava uma numerosa clientela e já auxiliara centenas de pessoas em transe difíceis, mas eram principalmente os pobres e humildes que a ele acorriam, e meu pai sentia vergonha em aceitar mais do que uma quantia muito modesta pelos seus serviços.

'Em situação tão precária, meu pai estava quase decidido a abandonar a cidade a pé e sem dinheiro, ou a procurar trabalho em algum navio. Mas pretendia esperar mais um mês, pois, pelas leis da astrologia, parecia-lhe possível ser favorecido pela sorte nesse período. Mas esse prazo também se venceu sem alteração alguma e meu pai, tristemente, juntou seus poucos haveres e decidiu partir na manhã seguinte.

'Naquela noite, pôs-se a caminhar pela praia, fora da cidade, e não é difícil adivinhar quão sombrios e aflitivos seriam seus pensamentos, a poucas horas de partir para sempre. O sol já mergulhara havia muito no horizonte e as estrelas refletiam sua luz branca nas águas serenas do mar.

'De súbito, meu pai julgou perceber bem perto dele um suspiro plangente. Olhou em redor e, como nada visse, assustou-se muito, pois considerava aqueles misteriosos lamentos um mau presságio para sua viagem. Como os gemidos e suspiros se repetissem, agora mais altos, animou-se um pouco e indagou:

— Quem está aí?

— 'Ouvii então um murmúrio à beira da água e, dirigindo-se para lá, enxergou no pálido cintilar das estrelas um vulto claro, estendido na areia. Presumindo ser um naufrago, acercou-se solícito. E eis que, com espanto, viu erguer-se das águas, até meio corpo, a mais bela, a mais esbelta sereia, branca e reluzente como a neve ao sol. Quem poderá descrever a surpresa do meu bom pai quando a nereida se lhe dirigiu em voz suplicante:

— Sois o mágico grego que mora na rua amarela?

— Sim, sou eu — disse meu pai, solícito. — Que desejais de mim?

'A bela sereia começou de novo a lamentar-se e, estendendo os braços esculturais, suplicava a meu pai que se compadecesse dela e lhe preparasse um eficaz filtro de amor, pois estava se consumindo de paixão não correspondida pelo seu amado. Ao mesmo tempo, pousava os lindos olhos suplicantes com tanta ansiedade nos de meu pai, que tocou seu bondoso coração. Resolveu imediatamente ajudá-la mas, antes, perguntou de que maneira ela poderia recompensá-lo. A sereia prometeu-lhe então um colar de pérolas tão comprido que uma mulher poderia passá-lo oito vezes em torno do pescoço.

— Mas — acrescentou ela — nada receberás enquanto eu não me certificar de que o filtro produziu o efeito desejado.

'Quanto a isso, meu pai não precisava preocupar-se, pois estava certo da eficiência de sua arte. Correu de volta à cidade, abriu de novo sua bagagem e preparou com tanta pressa os amavios solicitados pela sereia apaixonada que pouco depois da meia-noite já estava outra vez na praia, acorrendo ao local do encontro. Entregou à nereida um vidrinho com o precioso filtro e convidou-a a aparecer novamente na noite seguinte, para lhe informar do resultado e entregar-lhe a prometida recompensa. Regressou então a casa e passou o resto dessa noite e o dia seguinte na mais febril expectativa. Embora não duvidasse da eficácia de seu filtro, não sabia ao certo se poderia confiar na palavra da sereia. Possuído dessa dúvida, meu pai, ao cair da noite, encaminhou-se novamente para o local apazado e não precisou esperar muito para que a sereia emergisse das ondas, bem perto dele.

'Meu pobre pai ficou deveras apavorado ao ver o que provocara com sua arte! Quando a sereia se aproximou sorridente, estendendo-lhe com a mão direita um pesado colar de pérolas, viu atravessado nos braços dela o cadáver de um jovem extraordinariamente belo que, pelas roupas, reconheceu ser um marinheiro grego. Seu rosto estava pálido e exangue, os cabelos flutuavam ao sabor das ondas, e a sereia apertava-o contra o peito, como a um menino.

'Quando meu pai se apercebeu da enormidade do crime para que concorrera inadvertidamente, amaldiçoou-se a si próprio e à sua arte; a sereia mergulhou de repente com o seu

amado, num breve torvelinho de espuma. Na areia, à beira-mar, encontrava-se o colar de pérolas. Como a desgraça já não podia ser remediada, meu pai apanhou-o e levou-o sob a capa até a casa, onde o desmanchou para vender as pérolas separadamente. Com o dinheiro obtido dirigiu-se a um navio que zarpava para Chipre, crente de que se livrara da miséria de uma vez para sempre. Mas o sangue de um inocente manchava aquele dinheiro e nova desgraça se abateu sobre meu pai. O navio foi atacado por um galeão de corsários. Roubaram-lhe todo o dinheiro das pérolas e, depois, destruíram o navio a tiros de bombarda. Meu pai só conseguiu chegar à sua pátria dois anos depois, como um náufrago andrajoso e faminto.

"Durante toda a narrativa, a jovem senhora manteve-se recostada nos coxins, escutando atentamente. Quando, por fim, Filippo se calou, ela tampouco interrompeu o silêncio que caiu sobre a gôndola. Meditava no que acabara de ouvir. Em dado momento, o gondoleiro parou de remar, como se aguardasse a ordem de sua dona para regressar a casa. Margherita sobressaltou-se, como se despertasse de um sonho, acenou ao gondoleiro e correu as cortinas. A gôndola mudou de rumo e, agora, varava apressada as águas, deslizando velozmente, como um cisne negro, na direção da cidade. Filippo olhava, calmo e grave,- para a largura escura, como se estivesse imaginando alguma nova história. Logo chegaram à cidade, cruzando o Rio Panada e vários canais menores, até chegarem ao embarcadouro do palácio.

"Nessa noite, Margherita dormiu inquieta. Como o anão previra, a história do filtro mágico fizera passar pela sua mente a idéia de utilizar o mesmo recurso para prender solidamente o coração de seu noivo. No dia seguinte, falou com Filippo sobre o assunto, mas por vergonha, não o abordou diretamente, senão por meio de perguntas indiretas. Com o semblante risonho, mostrou curiosidade em saber de que eram feitos os amavios, se continham sucos venenosos ou letais, se o paladar não despertava a desconfiança de quem os bebesse e assim por diante. O arguto Filippo respondia impassível a todas as perguntas e fingia não entender os desejos secretos de sua ama, de modo que ela teve de lhe falar cada vez mais claramente. Por fim, Margherita perguntou-lhe, sem rodeios, se havia alguém em Veneza capaz de preparar tais amavios.

"Filippo deu uma risada fanhosa e disse:

'— Com mui pouca capacidade me julgais, minlia senhora, se porventura supuestes que não aprendi com meu pai, que era tão grande sábio, nem mesmo esses rudimentares princípios da magia. Pois ficai sabendo que estais redondamente enganada a meu respeito.'

'— Quer dizer que tu mesmo poderás preparar tais filtros? — disse a dama, exultante.

'— Ora, nada mais fácil — retorquiu Filippo. — Só não entendendo por que precisais de meus serviços, se estais prestes a atingir vossos desejos e tendes como noivo um dos mais belos e ricos homens de Veneza.

"Mas a formosa Margherita não desistiu de seus intentos, que Filippo bem sabia quais eram, e ele submeteu-se à vontade de sua dama, embora opondo aparente resistência. O anão recebeu dinheiro para comprar as ervas necessárias e os componentes secretos. Se tudo desse certo, foi-lhe prometida para mais tarde uma considerável recompensa.

"Dois dias depois, Filippo dava por terminado o seu trabalho e foi com o filtro mágico aos aposentos de sua senhora, colocando um vidrinho azul sobre o toucador espelhado. Como se aproximava célere o dia da viagem de Baldassare a Chipre não havia tempo a perder. No dia seguinte, convidou a noiva para um novo passeio secreto de gôndola, logo após o almoço, quando ninguém, por causa do forte calor dessa época do ano, se atrevia a fazer passeios. Pareceu a Margherita e ao anão que essa seria a oportunidade adequada.

"Quando, na hora marcada, a gôndola de Baldassare veio atracar junto ao portão dos fundos do palácio, por onde a saída era mais discreta, Margherita já o esperava, com Filippo a seu lado. Depois que os noivos se instalaram no camarim, o anão saltou também para bordo, carregando uma cesta de pêssegos e uma garrafa de vinho em cristal lavrado, e foi sentar-se aos pés do gondoleiro. Ao senhor Morosini desgostava a presença do anão mas evitou fazer comentários, pois achava aconselhável ceder agora, mais do que nunca, aos caprichos da noiva.

"O remador zarpou do cais. Baldassare fechara cuidadosamente as cortinas, ficando na discreta intimidade do camarim. Filippo agachara-se tranqüilamente na popa da gôndola e contemplava o casario do Rio dei Barcaroli por onde o remador levava a embar-

cação até alcançar a laguna á saída do Grande Canal, na altura do velho palácio Giustiniani, que nessa época ainda tinha um pequeno jardim. Hoje, como todo mundo sabe, ergue-se nesse lugar o soberbo Palazzo Barozzi.

"Às vezes, no camarim fechado, ouviam-se risos abafados ou o som de um beijo, entre fragmentos de conversa. Filippo não estava curioso. Olhava, por sobre as águas, para a ensolarada Riva, ou para a esguia torre de San Giorgio Maggiore, ou ainda para as colunas dos leões da Piazzetta, que ficavam ao longe. Vez por outra, piscava o olho para o remador ou entrelinha-se agitando a água com uma fina vara de salgueiro, que encontrara no fundo da gôndola. Seu rosto estava tão feio e impassível como de costume, nada refletindo de seus pensamentos íntimos. Estivera recordando seu cachorrinho Fino, afogado, e o alegre e ruidoso papagaio, estrangulado; e ponderava que a depravação e a perversidade vitimam por igual os homens e os animais, que neste mundo nada se pode prever e só a morte é certa. Recordava ainda seu pai, e sua terra natal, sua vida inteira, e uma expressão irônica aflorou a seu rosto quando pensou que, por toda parte, os mais sábios estão sempre a serviço dos tolos e dos néscios, que a vida da maioria das pessoas não passa de uma comédia de mau gosto. E sorriu, contemplando seu rico traje de seda.

"Estava Filippo ainda quieto e silencioso, sorrindo de suas próprias meditações, quando aconteceu-aquilo que ele esperava há alguns momentos. De dentro do camarim soou a voz de Baldassare e logo a de Margherita, que chamava:

'— Onde deixaste o vinho e as taças, Filippo?

"O senhor Baldassare estava com sede e era hora de administrar-lhe o filtro, na taça de vinho.

"Desarrolhou o vidrinho azul, despejou o líquido numa taça e completou-a com o vinho tinto. Margherita afastou as cortinas e o anão serviu-a, oferecendo-lhe o cesto de pêssegos. Depois estendeu a taça a Baldassare. Ela lançava-lhe olhares interrogativos e parecia inquieta.

"O senhor Baldassare levou a taça aos lábios mas seu olhar caiu sobre o anão, plantado à sua frente, e a alma encheu-se-lhe de tenebrosas suspeitas.

— Em malandrins da tua espécie nunca se pode confiar — disse Baldassare, baixando a taça. — Antes de eu beber, prova tu primeiro este vinho!

"Filippo não pestanejou.

— O vinho é bom, senhor.

'Mas o outro continuava desconfiado.

'— É bom mas não te atreves a bebê-lo, é isso, canalha?

'— Perdoai, senhor, mas não estou acostumado a beber vinho.

'— Pois te ordeno que o faça. É sempre tempo de nos acostumarmos às boas coisas. Vamos! — E acrescentou irritado: — Nem uma só gota passará pelos meus lábios enquanto não beberes primeiro!

'— Não vos amofineis por tão pouco, senhor — replicou Filippo, que se inclinou, tomou a taça das mãos de Baldassare, bebeu um gole e devolveu-a. Baldassare observou-o por instantes e tragou o resto do vinho de um fôlego.

"Fazia muito calor e a laguna cintilava com um fulgor ofuscante. Os amantes procuraram de novo a sombra do camarim, protegidos pelas cortinas. O anão voltou a sentar-se no chão da gôndola, passou a mão pela testa e contraiu a feia boca num ríctus doloroso.

"Ele sabia que dentro de uma hora já não estaria com vida. A taça não continha um filtro de amor mas uma forte dose de veneno. Uma estranha expectativa tomara conta de sua alma, prestes a soltar-se do monstruoso cativado daquele corpo às portas da morte. Olhou para trás, para a cidade branca e dourada, e lembrou-se dos pensamentos a que ainda há pouco se entregara. Silencioso, olhou para o espelho lacustre, como se nele visse refletida sua própria vida. Como tinha sido pobre e monótona... um sábio a serviço de tolos, uma tragicomédia insípida. Quando sentiu que as batidas de seu coração se tornavam irregulares e a testa se lhe cobria de suores frios, soltou uma risada amarga e deitou-se no fundo da gôndola.

"Ninguém lhe prestou atenção. O remador estava de pé, quase adormecido, eternamente apoiado ao longo remo. Atrás das cortinas, Margherita, assustada, viu seu amado Baldassare contorcer-se de repente, tentar levantar-se para, em seguida, cair arfante no seu regaço e, instantes depois, morrer. Em altos prantos, tresloucada de dor, precipitou-se para fora do camarim. No fundo da gôndola, jazia o seu anão, como que adormecido.

"Foi essa a vingança de Filippo para a morte de seu cachorriinho. O regresso da gôndola com os dois cadáveres encheu Veneza de espanto e horror.

"*Donna Margherita* enlouqueceu, porém ainda viveria alguns anos mais. Por vezes, sentava-se no seu balcão e gritava, sobre o parapeito, para cada gôndola ou barca que passava:

'— Salvem-no! Salvem o cachorrinho! Salve o pequeno Fino!

"Mas já todos a conheciam e ninguém mais ligava ao que ela dizia.

Uma Noite com o Doutor Faustus

Estava o Dr. Johann Faustus sentado em sua sala de jantar, na companhia de seu amigo, o Dr. Eisenbart (bisavô, aliás, do posteriormente tão famoso médico). Os restos do lauto jantar foram retirados da mesa, as pesadas taças de ouro cinzelado cheiravam a vinho velho do Reno, e os dois menestrelis que tinham tocado durante a refeição, um tangedor de alaúde e um tocador de flauta, acabaram saindo.

— Vou dar-te agora a prometida prova — disse o Dr. Faustus, levando sua taça à boca e deixando escorrer pela garganta um trago do precioso vinho velho. Já não era mais um homem novo e, nessa altura, estaria a dois ou três anos de seu terrível fim.

E prosseguiu:

— Como já te expliquei, o meu fâmulos inventa, por vezes, alguns aparelhos estranhos, com os quais pode ver e ouvir coisas que estão muito distantes de nós, ou que já aconteceram ou estão ainda ocultas no insondável futuro. Hoje, iremos tentar o futuro. O moço planejou algo muito curioso. Assim como já nos mostrou.

por diversas vezes, heróis e donzelas do passado, famosas pela sua beleza, através de seus espelhos mágicos, inventou recentemente um aparelho para os ouvidos, uma espécie de trompa acústica que nos permite ouvir sons oriundos de um futuro distante.

— Não será, querido amigo — perguntou Eisenbart — que o espirito do teu servo está ludibriando-te um pouco com suas manhas? í

— Não o creio — retorquiu Faustus. — Para a magia negra, o futuro não é, de modo algum, um dominio inacessível. Tu sabes que sempre partimos do pressuposto fundamental de que todos os acontecimentos do universo estão sujeitos, sem exceção, à lei da causa e efeito. Por conseguinte, nada se pode alterar no futuro, pois nada é possível alterar no passado. Assim, estando o futuro fixado pelas leis imutáveis da causalidade, ele já existe, já se encontra estabelecido algures, só que ainda não o vemos nem sentimos. Tal como o matemático e o astrólogo podem antecipadamente calcular, com o maior rigor, a hora em que começará um eclipse solar, também poderíamos, se para tanto existissem métodos e aparelhos apropriados, tornar visível e audível qualquer outro evento futuro. Mefistófeles, o meu servo, inventou justamente um dispositivo mágico para o ouvido; construiu um aparelho que nada mais é senão uma armadilha para captar os sons emitidos nesta sala e que poderão ser reproduzidos fielmente daqui a centenas de anos. Em contrapartida, capta muitas espécies de sons futuros. Já fizemos numerosas experiências com esse mecanismo. Às vezes, é claro, nada soa. Foi porque batemos num vácuo futuro, numa época e espaço que nada de audível estava ocorrendo. Outras vezes, porém, escutamos sons diversos, vozes de pessoas que viverão num futuro distante, estranhos ruídos metálicos cuja origem não posso sequer imaginar. Já ouvimos, inclusive, trechos de um longo poema em que os feitos do Dr. Faustus, isto é, os meus feitos, são eloqüentemente cantados. Mas... basta de conversa. Façamos a experiência.

Ao seu chamado, aconteceu o gênio da casa, com o usual hábito cinza-escuro. Colocou sobre a mesa um pequeno aparelho com uma campânula acústica e recomendou vivamente aos senhores que evitassem fazer qualquer comentário durante o funcionamento da máquina. Depois, fez girar um pequeno botão e o aparelho começou emitindo um zumbido baixo e contínuo.

Por muito tempo só se escutou esse zumbido, com os dois

doutores mergulhados na maior expectativa. De súbito, irrompeu da campânula um som jamais ouvido, uma algazarra violenta, diabólica, furiosa, que não se podia dizer se jorrava da goela de um dragão, ou se de uma multidão de demônios encoleri/ados. Quando a algazarra moderava um pouco, ouvia-se então uma espécie de voz humana, ameaçadora, impaciente, frenética, que dava ordens, praguejava, gritava, em curtos e estridentes arrancos, como se o dono dessa voz estivesse sendo perseguido e mordido por um dragão dentro daquela sala. O Dr. Eisenbart empaiideceu e só se sentiu aliviado quando os gritos horríveis loram sumindo na distância, até se perderem completamente.

Houve um novo silêncio mas logo soou uma outra voz, esta distintamente humana e masculina, como se viesse de muito longe. O seu tom era seguro e preceptório, como o de um pregador exaltando as virtudes do paraíso. Os dois doutores puderam escutar o que parecia serem fragmentos de um discurso e tomaram notas sobre as ardósias preparadas que tinham colocado sobre a mesa, uma ao lado de cada um deles. Anotaram, por exemplo, estas frases:

"... e assim, o ideal das empresas econômicas, seguindo o exemplo vivo da América, está prestes a alcançar a sua realização vitoriosa... Quando, por um lado, o conforto e o bem-estar dos trabalhadores atingiu um ponto nunca visto... 1- podemos afirmar, sem receio de exageros, que os sonhos pueris de um paraíso na terra, que alimentaram as gerações anteriores, graças às técnicas atuais de produção, encontram-se a caminho da..."

1)c novo o silêncio. Ouviu-se então outra voz, uma voz grave e séria, que assim falou:

"Meus senhores, peço agora a vossa atenção para um poema do grande Nicolaus Unterschwang, do qual poderemos dizer que, como ninguém, soube perscrutar no âmago do nosso tempo, com uma penetração extraordinária, o sensato e o insensato, o plausível e o absurdo da nossa existência.

Dcn Schornstein halt er ind der Mand.
An bciden Backen tragt er Flosscn,
Und nach dem Barometerstand
Sleigt er auf Leitern ohne Sprossen.

So 'fieigt er lange Leitern Lang
Mil Wolkcن in dem Mantelfutter,
Nach eincm Leben wird ihm bang,
Inh überkomnit die Wankelmutter."*

O Dr. Faustus conseguiu anotar a maior parte dessa poesia, que Eisenbart também copiava diligentemente.

Uma voz sonolenta, sem dúvida a voz de uma senhora idosa ou de uma solteirona, tornou-se naquele instante audível e dizia:

"Programa cacete! Foi para coisas como essa que teriam inventado o rádio? Ah, um pouco de música, resta-nos isso."

De fato, ouviu-se em seguida uma música. Era uma melodia muito rítmica, sensual, agressiva, ora estridente, ora lânguida, em que os instrumentos de sopro pareciam cacarejar ou insultar, em modulações maliciosas e obscenas, ao ritmo de estranhos tantas que, por vezes, eram abafados pela voz de um cantor, uivando e chorando em palavras de um idioma desconhecido.

Nos intervalos das músicas, ouviam-se regularmente estes versos misteriosos:

Teu cabelo provoca admiração,
Sc tratado sempre com Gogó!

De tempos em tempos, surgia de novo aquela algazarra ameaçadora, grilos de dragões raivosos, abafados repentinamente por uma voz colérica que prometia um novo apocalipse.

Quando o gênio da casa desligou, sorrindo, a sua máquina, os dois sábios enlrcolharam-se perplexos, numa sensação esquisita de embaraço e vergonha por terem sido testemunhas involuntárias de

* Apoia uma das mãos à chaminé. / A Sú<-a cobre-llic as bochechas / E, conforme o barômetro, / Sobc escadas sem degraus. / Assim galga longas escadas. / Com nuvens no forro d() capote. / Teme pela vida, em sobressalto, .' I; estaca, vacilante, com vertigens.

acontecimentos que lhes pareciam sumnmente vexatórios. Ambos rleram suas anotações e mostraram-nas mutuamente.

— O que pensas de tudo isso? — perguntou o Dr. Faustus, finalmente.

O Dr. Eisenbart sorveu um gole de vinho de sua taça, olhou para o chão e ficou longo tempo calado e pensativo. Por fim, falando mais para si próprio do que para o amigo, disse:

— É horrível! Não há dúvida de que a humanidade, de cuja vida tivemos uma pequena amostra, enlouqueceu. São os nossos descendentes, os filhos de nossos filhos, os bisnetos de nossos bisnetos, que ouvimos a dizer coisas tão assustadoras, tão tristes e confusas. São eles que soltam gritos pavorosos, que cantam e recitam poesias tão idiotas. Os nossos descendentes, amigo Faustus, chegaram à loucura.

— Eu não me atrevo a afirmá-lo com tanta certeza — respondeu Faustus. — É certo que a tua opinião nada tem de improvável, mas talvez seja mais pessimista do que o necessário. Se aqui, em nossa tranqüila sala, ressoaram esses tresloucados sons, cheios de desespero e obscenidade, isso não significa, forçosamente, que toda a humanidade tenha enlouquecido. É possível que no lugar onde agora nos encontramos venha a existir, daqui a algumas centenas de anos, um hospício. Também pode ser que o aparelho tenha captado os sons de algum grupo de pessoas completamente cbrias, alguma bacanal futura, uma orgia em que os convivas troquem suas idéias .sem nexo. Pensa na gritaria da multidão frenética. Não te lembra, porventura, uma celebração de carnaval? Acho que soa de modo deveras parecido. Mas o que mais me impressionou foram aqueles outros sons, aqueles gritos de dragões raivosos, aqueles uivos metálicos que não me parecem poder sair de gargantas humanas nem de instrumentos musicais. Esses, sim, me pareceram verdadeiramente diabólicos. Só um ser demoníaco seria capaz de vomitar semelhantes sons.

Volloii-se para Mefistófeles:

— Sabcrás tu, porventura, alguma coisa sobre isso? Poderás elucidar-nos que gênero de voz, ou som, ou grilo, acabamo'. de ouvir?

— Ouvimos realmente sons diabólicos — respondeu sorrindo o gênio da casa. — O mundo, meus senhores, que já é hoje, em boa parle, propriedade do Diabo, pertencer-lhe-á totalmente dentro de um certo prazo de tempo c formará uma nova província do Inferno.

Os senhores, em minha opinião, manifestaram-se de modo bastante negativo sobre o som e a linguagem dessa futura província terrestre do Diabo, Pois, na verdade, acho um notável progresso que também no Inferno venha a ter, em breve, música e poesia. Belial é quem tem essa seção a seu cargo. E creio que está realizando um excelente trabalho.

As Três Tílias

Há mais de cem anos, existiam no verde cemitério do Hospital do Espírito Santo, em Berlim, três antigas e belíssimas tílias, tão altas e copadas que cobriam todo o cemitério, como uma abóbada, com seus ramos, galhos e folhas entrelaçados. A origem dessas três admiradas tílias remontava, porém, a vários séculos atrás e é contada da seguinte maneira:

Viviam em Berlim três irmãos que cultivavam entre si uma amizade tão profunda, uma confiança tão sólida, como só muito raramente se vê. Certa noite, o mais novo deles saiu sozinho, sem dizer coisa alguma aos irmãos, pois pretendia ir encontrar-se com uma moça, numa ruela afastada, para passearem juntos. Mas, antes de chegar ao local do encontro, quando caminhava alegremente e entregue a seus devaneios amorosos, ouviu um gemido abafado e agonizante, que lhe pareceu vir de um recanto sombrio e solitário entre duas casas; dirigiu-se para lá, supondo tratar-se de algum animal ferido, ou mesmo de uma criança a quem acontecera alguma desgraça e esperava por ajuda. Porém, quando chegou ao lugar

escuro de onde partiam os gemidos viu, apavorado, um homem estendido numa poça de sangue; abaixou-se e perguntou, compadecido, o que lhe acontecera e o que poderia fazer pelo infeliz, mas só teve como única resposta um débil sussurro e um arfar entrecortado, de quem já está nos estertores agônicos; o desgraçado recebera uma facada em pleno coração e, pouco depois, morria nos braços de quem intentara acudi-lo.

O jovem não sabia o que fazer. Consternado e perplexo, decidiu prosseguir com passos vacilantes em seu caminho pela rua, o assassinado já não dava mais sinal de vida e já nada adiantava ele continuar ali de braços cruzados. Porém, ao entrar na ruela encontrou-se com dois policiais de ronda. O jovem pensou se deveria solicitar a ajuda deles ou afastar-se silenciosamente, já que o problema, afinal de contas, não lhe dizia respeito. Os guardas, entretanto, notaram o ar assustado do moço e, acercando-se viram-lhe os sapatos e as mangas da camisa manchados de sangue. Ora, não hesitaram em prendê-lo imediatamente, arrastando-o à força. Ele lhes contou, suplicante, o que acontecera, mas os guardas nem lhe davam ouvidos. Encontraram o cadáver, já quase frio, e levaram o suposto assassino para o cárcere, amarrando-o com grilhões e mantendo-o sob severa vigilância.

No dia seguinte, foi ouvido pelo juiz. O cadáver foi trazido e só então, à luz do dia, o jovem reconheceu no assassinado um aprendiz de ferreiro com quem fizera, tempos atrás, alguma camaradagem. Mas, antes, já declarara não conhecer o assassinado e nada saber sobre ele. Com isso ficou mais reforçada a suspeita de que o tivesse esfaqueado e depois a situação agravou-se quando começaram desfilando as testemunhas que conheciam o morto; uma delas declarou que o jovem, tempos atrás, tivera ligações com a vítima, que tinham sido até bons amigos mas sobreviera uma disputa entre eles, por causa de uma moça, e daí em diante não mais se deram. Havia nisso alguma verdade, mas só uma pequena parcela, que o inocente admitiu, reiterando sua completa inocência e implorando não só justiça mas clemência.

O juiz não duvidou que ele fosse o assassino e conseguiu dispor de suficientes provas para condená-lo e entregá-lo ao carrasco. Quanto mais o acusado insistia em sua inocência, mais culpado parecia aos olhos do tribunal.

Entrementes, um de seus irmãos — o mais velho fora ao campo para tratar de negócios — esperava em casa pelo caçula inútil-

mente e, já alarmado, saiu em sua busca. Quando o informaram de que o irmão fora levado a tribunal e acusado de homicídio, embora o negasse tenazmente, ele correu logo à presença do juiz.

— Meritíssimo Juiz — disse ele — tendes preso e condenado um jovem inocente! Soltai-o! Fui eu o assassino e não quero que um inocente sofra por mim. Tive uma séria desavença com o ferreiro e o segui ontem à noite. Quando o vi encostar-se naquele recanto escuro para satisfazer uma necessidade, saltei sobre ele e cravei-lhe uma faca no coração.

Surpreendido, o juiz ouviu a insólita confissão e ordenou que o algemassem e vigiassem até ser esclarecido o caso. Assim os dois irmãos ficaram acorrentados no mesmo cárcere, porém o mais novo ignorava o que o outro fizera por ele para salvá-lo e continuou insistindo em sua inocência.

Decorreram dois dias sem que o juiz pudesse apurar algum fato novo para elucidar aquele dilema e já se encontrava propenso a dar crédito ao homem que se confessara assassino. Nesse ínterim, regressou o irmão mais velho que estivera a negócio fora de Berlim. Não encontrou ninguém em casa e soube pelos vizinhos o que acontecera ao irmão caçula e como o outro se entregara ao juiz. Nessa mesma noite, dirigiu-se à casa do magistrado, fez com que o despertassem e arrojou-se a seus pés, com as seguintes palavras:

— Nobre Senhor Juiz! Vossa Senhoria tem dois inocentes a ferros que sofrem por minha culpa. O aprendiz de ferreiro não foi assassinado nem pelo meu irmão caçula nem pelo outro, pois fui eu o autor do crime. Não posso suportar por mais tempo o remorso de vê-los sofrer sem culpa e rogo a Vossa Senhoria que os mandeis soltar. Prendei a mim, que estou pronto a pagar o meu crime com a vida.

O magistrado estava agora mais perplexo do que nunca e não viu outra solução para o caso senão mandar prender também o irirlão mais velho.

Na manhã seguinte, quando o carcereiro foi levar ao irmão mais novo sua ração de pão, entregou-a pelo postigo da cela, dizendo:

— Bem que eu gostaria de saber qual de vocês três foi, afinal, o celerado.

Por mais que o jovem o interrogasse e pedisse uma explicação para aquelas palavras, o carcereiro nada mais quis adiantar, porém o infeliz concluiu que seus irmãos tinham vindo apresentar-se à

justiça para salvarem sua vida à custa da deles. Rompeu então em altos gritos e pediu que o levassem de novo à presença do juiz. Foi levado, arrastando os grilhões, e disse, com a voz entrecortada de soluços:

— Oh, digno Juiz, perdoai tê-lo feito esperar tanto pela verdade! Mas eu supunha não ter sido visto quando perpetrava o crime e, assim, não haver quem provasse minha culpa. Mas agora reconheço que tudo tem de seguir seu caminho reto e não posso nem quero continuar negando que fui eu quem, realmente, assassinou o ferreiro. Sou eu que tenho de expiar com a minha pobre vida esse crime sem perdão.

O juiz arregalou os olhos de espanto e já nem queria acreditar no que ouvia. Sua surpresa era indescritível e, no íntimo, começava a se arrependar por ter de cuidar de tão estranho caso, em que para um único crime apareciam mais autores do que era preciso. Fez o preso voltar a sua enxovia e mandou vigiar igualmente os outros dois irmãos. Meditou longamente sobre o assunto, pois bem via que só um deles podia ser o assassino e os outros dois se entregavam ao carrasco por generosidade de alma e puro amor fraterno.

Suas cogitações não tinham fim e o juiz apercebeu-se de que, em semelhantes situações, os raciocínios humanos comuns não levavam a uma conclusão definitiva. Teria de recorrer ao discernimento de uma autoridade superior à sua e por isso mandou que os presos ficassem bem guardados enquanto ele solicitaria uma audiência ao príncipe eleitor, a quem relatou minuciosamente o caso.

O príncipe ouviu com a maior admiração e, no final, disse:

— Raro e curioso caso me contaís! Pressinto, em meu coração, que nenhum dos três cometeu o assassinato, nem mesmo o mais novo que vossos guardas prenderam, e que a verdade é aquela declarada no começo pelo mais moço. Porém, como se trata de um assassinato, não podereis soltar o suspeito sem razão plausível. Por isso, vou apelar a Deus Nosso Senhor para que seja Ele próprio o juiz desses três fiéis irmãos e que fiquem entregues ao Seu julgamento.

Assim foi feito. Chegara a primavera e, num dia quente e luminoso, os três irmãos foram levados para fora da cidade, a um lugar verdejante onde teriam de plantar cada um deles uma nova e viçosa tilia. Mas foi-lhes ordenado que plantassem as tílias não com as raízes para baixo mas com as verdes e tenras copas metidas na terra e as raízes voltadas para o céu. A árvore que morresse ou

secasse primeiro, essa teria sido plantada pelo assassino. Seria esse o irmão sentenciado.

Assim cada um dos três irmãos plantou sua árvore, com o maior desvelo, os galhos enterrados na terra, as raízes apontadas para o alto. Não tardou muito, porém, que nas três pequenas árvores comesçassem a romper novos brotos, dos brotos surgissem novas folhas e, dentro em breve, as raízes fossem encobertas por novas copas verdejantes, como sinal de que os três irmãos estavam inocentes. E as tílias cresceram, floresceram, tornaram-se grandes e robustas árvores, e durante muitas centenas de anos foram vistas e admiradas no cemitério do Hospital do Espírito Santo, em Berlim.

A Involuntária Viagem de Anton Schievelbeyn Pelas índias Orientais

Que seja, em parte, para eterna lembrança de meus cometidos pecados e sua consumada expiação e, mormente, para honra e glória de Deus Nosso Senhor, de tudo o que hei guardado e assentado de minhas viagens e peregrinações por longes mares e exóticas terras, conforme ao Senhor aprouve, vou dar fiel relação. Sobre-tudo, das muitas e notáveis caridades que o Senhor, em Sua benevolência, praticou em mim, grande e mísero pecador.

Primeiramente, devo narrar com brevidade as minhas circunstâncias e destinos antecedentes, quando, mui jovem ainda, naveguei pelo mar e fui testemunha de estranhas e terríveis aventuras. Quando cheguei ao Cabo da Boa Esperança, onde os flamengos estavam tenazmente melhorando sua recente colônia, ora com liberdade, ora com acolhida hostil, deles fui hóspede e recebi generosas provas de hospitalidade, pois tão doente eu estava que não me atrevia sequer a pôr fé na minha sobrevivência. Mas recuperei-me e toda a minha juvenil animação voltou. Ajudava prazeroso os holandeses, traba-

Ihava com afinco e, mais tarde, casei com minha cara esposa, que era então uma senhora viúva. Tornei-me um homem abastado, possuía casa, terras de boa sementeira e de pasto, e duzentas ovelhas africanas, brancas e pretas.

Ora, tendo conseguido tão considerável prosperidade, e como de mim não tinham sido inteiramente banidos os pendores levianos da mocidade, o demônio tentou-me de novo e assim me tornei um presunçoso, só pensando em comer e beber, em gozar uma boa vida e trabalhar pouco. Tinha bons e numerosos amigos que me acompanhavam alegremente, mas a minha mulher não gostava disso, me advertia com sensatas palavras e me recriminava dizendo: "Como pudestes, caro esposo, tornar-vos tão preguiçoso e perverso? Esperais, acaso, que Satã vos conquiste a alma e a percais nas chamas da perdição eterna?" Eu, porém, não dava ouvidos. Nos momentos em que suas recriminações realmente me agastavam, sentia vontade de bater-lhe, mas, acima de tais impulsos, estava o muito medo que lhe tinha. Ela era extraordinariamente robusta e trabalhadora, muito afeita aos rudes trabalhos da lavoura, cuidava zelosamente das terras e gados e rezava sempre ao Senhor, com muitos e desgostosos suspiros. Mas tudo era em vão pois eu tudo desperdiçava, consumia e desbaratava em meus vícios perdulários, que o Senhor me perdoe em Sua grande misericórdia, amém.

Ora, como a minha cara esposa era mulher de muita esperteza e invenção, e como não visse em mim desejos de arrependimento que a consolassem, maquinou uma ardilosa solução que passo a contar. Certa noite em que eu estivera comendo e bebendo com três bons companheiros e na casa não havia mais do que alegria, cantos e risos, fui deitar-me, altas horas, embriagado. Seria desnecessário dizer que logo dormi profundamente. Por isso me assustei quando, de madrugada, senti que me puxavam e arrancavam do leito. Comecei gritando em altos brados e vi minha mulher entrar no quarto, acercar-se de mim e dizer: "Aquietai-vos, que tudo se faz com meu consentimento. Nada tendes a recear". Havia quatro homens fortes que me vestiram a roupa, em gestos de grande pressa, tiraram-me para fora de casa, sentaram-me numa carroça e me ataram com sólidas cordas. Creio que qualquer outro homem, em tal vicissitude, ficaria tão terrivelmente apavorado quanto eu. Perguntei o que estavam fazendo comigo. Minha boa esposa chorou muito e disse, com triste semblante: "Tereis de despedir-vos agora". Despedi-

me e beijei-a, em altos prantos. Os homens subiram na carroça, sentaram-se a meu lado e não disseram palavra. Seguimos, em trote largo, na direção do porto, soltaram-me do banco e levaram-me para bordo de um lugre holandês, entregando-me ao capitão. Colocaram-me uma carta na mão, gritaram *adieu* e desceram para terra. Tentei logo segui-los mas fui agarrado e tive de permanecer a bordo, em grande aflição. Mais tarde, entregaram-me ainda um pequeno baú. A uma hora da tarde, ouviu-se o tiro de largada e o lugre zarpou para o mar.

Vieram então buscar-me, disseram os serviços de bordo que eu tinha de fazer e tornei-me um marinheiro, o que, aliás, já fora quando moço mas estava muito longe de pensar em sê-lo de novo. Esse dia, que me parecia ser o mais triste de minha vida, foi o vigésimo terceiro do mês de maio do ano da graça de mil seiscentos e cinqüenta e oito. Logo soube pelos meus companheiros que o lugre vinha do seu porto de origem, nos Países Baixos, e estava na rota de Batávia. Carregava diversas mercadorias e também tinha alguns passageiros, entre eles o Dr. Walter Schultz, de Amsterdã, físico e homem de muita ciência, a quem fiquei, mais tarde, devendo a vida.

Na primeira hora de folga, abri a carta que era dirigida "ao meu amado e mui estimado esposo Anton Schievelbeyn" e que dizia o seguinte:

"É mister que partais, o que deveras me entristece, mas não vejo como pudesse ser diferente. A gula e a luxúria em que vivíeis não condiziam com os deveres de um bom cristão e muito receei de que vossa alma estivesse condenada às penas do inferno. Não poderia eu desejar tal destino ao meu caro esposo e, por isso, mandei que vos pusesses nesse navio, para que vossos vícios carnis se percam e aprendais de novo a trabalhar. Com a ajuda de Deus, tenho a certeza de que ficareis bom de novo e, no vosso regresso, sereis acolhido com muita alegria. Oraí bastante e vos peço que me mandeis uma carta de Batávia."

Ficou, pois, devidamente esclarecido que tudo não passara de um arдил de minha esposa. Isso desgostou-me muito, amaldiçoei-a pelo torpe embuste e resolvi nunca mais voltar. Viajaria por terras desconhecidas e permaneceria em cada uma delas o tempo que me aprouvesse. Endureci meu coração e logo recuperei o habitual bom humor. Só me desagradavam os pesados trabalhos de bordo. Co-

mecei então fazendo amizade com os tripulantes, o que me deu mais ânimo. Todo bom marinheiro, quando está muito tempo em terra, fica deprimido e nostálgico, mas logo que salta para um bote e rema até o seu navio, ganha alma nova e sua alegria cresce à medida que se afasta de terra firme. Eu começava também a sentir a mesma coisa, porque o ambiente era de boa camaradagem e quase acreditava já não ter sido senão marinheiro toda a minha vida. Se eu fosse contar tudo o que passei e aconteceu comigo durante essa viagem, talvez não conseguisse acabar nunca. Tentarei, pois, ser breve.

Quando estávamos a 39 ou 40 graus do Pólo Sul, começaram soprando uns perigosos ventos de oeste. Fazia muito frio e o céu estava coberto de nuvens escuras de maus presságios, as quais se desfaziam muitas vezes em chuva grossa ou nevascas sobre nós. Porém, os tripulantes mais experimentados diziam que era um vento favorável, pois nos empurraria mais depressa para as índias Orientais. Na verdade, o lugre corria assustadoramente veloz sobre o mar encapelado, cobrindo aproximadamente umas quarenta e cinco milhas por dia, durante quatorze dias. Então aconteceu o que meu coração prenunciava. Um terrível tufão se abateu sobre nosso navio, que se chamava *Orcan*; a bússola girava como doida e era impossível ouvirmo-nos uns aos outros. A aflição era tanta que todos gritaram: afundamos! afundamos! Todos rezávamos com muito e sincero fervor, certos de que nossas preces poderiam ser ouvidas apesar dos uivos medonhos da tempestade: Senhor! Senhor, ajudai-nos! Por aí se vê como estávamos completamente desesperados. Finalmente raiou a madrugada e, como por encanto, a tormenta amainou e a ventania abrandou, como se os raios do sol a tivessem derretido e afogado no mar. Porém muitos tripulantes adoeceram, sentiam muita febre e convulsões, e os dois médicos que viajavam a bordo não eram suficientes. Grande pecador que sou, fui um dos primeiros a cair doente e, apavorado, pensei que chegara a minha hora. Quis então redimir-me e passei horas rezando e suspirando, muito contrito, confessando minhas culpas. Mas Deus abençoara os remédios que o Dr. Schultz me dava e, para grande espanto meu, sarei seis dias depois. Recuperei a minha alegria e esqueci tudo. Entrementes, o filho de um rico mercador foi acometido de raiva, atirou-se na água e, embora o procurássemos com afinco, desapareceu para sempre.

Pouco depois, apanhamos ventos contrários do sudeste e o

Orcan não avançava, como se tivéssemos pegado uma calmaria. Depois de rondarmos largo tempo, conseguimos, enfim, aproar à baía de Sillebar, em Sumatra. Não posso relatar tudo o que aí nos aconteceu, mas desejo apenas mencionar que os Índios, de uma tribo chamada Orankay, foram traiçoeiros e falsos. Era uma terra fértil onde cresciam nozes indianas, figos, bergamotas e outros frutos, mas nada conseguimos receber, além de um pouco de água doce. Os nossos bons intérpretes, que tinham ido a terra para comprar leite e ovos, foram mortos pelos índios. Zarpamos de novo e, já em mar alto, fomos outra vez colhidos por violentos vendavais que nos obrigaram a lançar âncora, o que num dia aconteceu nada menos de sete vezes, e já estávamos no mês de setembro.

Mas, finalmente, no dia 5 de outubro, fundeamos diante da mui famosa cidade de Batávia. O senhor guarda-mor subiu a bordo para ver se tínhamos mercadorias escondidas. E vieram muitos chineses, que viviam em grande número na cidade. Compraram-nos mercadorias e trouxeram nozes, alfarroba, limões, figos, e de tanto comer fiquei outra vez doente, durante três dias. Tivemos então de descarregar o lugre, a fim de seguirmos depois para Banda, a terra da noz-moscada. Porém, decidi ficar na belíssima Batávia. Recebi o meu soldo e saltei em terra. Dias depois, chegou ao porto um navio com destino à Holanda. O capitão precisava de homens e perguntou se eu queria engajar-me. Era uma boa oportunidade para regressar e ajustar contas com minha mulher, mas eu era teimoso e, além disso, a cidade de Batávia parecia-me um delicioso paraíso e resolvi ficar mesmo por lá.

Admirei, sobretudo, os diligentes chineses. Usam o cabelo fantásticamente comprido, o que é um antigo costume desse povo pagão. E se alguém lhes corta os cabelos, passa a ser tão odiado pelos chineses que nada de bom da parte deles lhe poderá advir. Também os vemos jogando assiduamente e qualquer um deles é capaz de perder em pouco tempo todos os seus haveres, seus escravos e escravas, até sua mulher e filhas, que os ganhadores logo vendem como escravas, guardando as mais bonitas para serem suas concubinas. Quando isso lhes acontece, arrancam os pêlos das barbas em grande desespero e ficam tão pelados que quem os vir pela primeira vez julgará que são mulheres, e muitos marinheiros voluptuosos já foram enganados por causa disso. Os chineses enterram seus mortos num lugar especial, fora da cidade, em redor de uns templos com telhados e portas arqueados, onde depositam imensos

pratos com iguarias e longas liras de papel pintado, com o que pretendem subornar o diabo.

Os Índios daqui são completamente diferentes. Muitos são com freqüência torturados na roda, por ordem de seus amos brancos e chineses, e fumam muito ópio (uma erva perigosa) até ficarem completamente fora de si. Então correm pelas ruas e gritam *Amok!*, o que na língua deles quer dizer que matarão qualquer um que lhes apareça. E a verdade é que matam muita gente quando ficam possessos e depois são punidos na roda, porquanto a justiça da terra não tolera essas loucuras pagãs.

Lembrei-me agora que na carta me foi pedido que enviasse novas de Batávia à minha esposa. Trazia sua carta sempre comigo mas não queria escrever-lhe, pois ainda sentia muito rancor em meu peito e estava decidido a abandoná-la definitivamente. Quanto mais me recordava de meu antigo conforto e fácil manutenção, mais me revoltava o ardil com que minha esposa me expatriara à força. Decidi hospedar-me numa estalagem onde viviam muitos marinheiros de várias nações — holandeses, alemães, franceses e outros. Levavam uma vida ociosa e só embarcavam quando precisavam de dinheiro para beber e jogar. Fui bem recebido e logo passei a fazer parte do alegre grupo, nada me faltando para comer e beber. Também havia jogo o dia todo, muito barulho e bebedeiras, e grande número de bailarinas indianas e chinesas, tocando harpa e fazendo exóticas danças que muito excitavam a malta. Também apresentavam comédias com máscaras medonhas e gritos assustadores.

Desgraçadamente, devo confessar que fui induzido por um velho marinheiro a provar o veneno da erva pagã, o ópio, e fiquei muito doente; quando me curei nunca mais quis fumar essa droga maldita.

Nessa estalagem, que pertencia a um holandês, havia uma serva indiana, de nome Sillah, muito bonita e esbelta de corpo, tez morena mas não muito escura. Eu gostava muito dela mas Sillah não queria saber de marinheiros. Ela era muçulmana e nascera na cidade de lapare.

Muitas vezes passei nela cidade, ora sozinho, ora na companhia da malta; vi muitas e assombrosas raridades, templos, lugares sagrados, árvores e plantas estranhas, palmeiras de leque e cravoárias. As semanas passaram e o meu dinheiro acabou até o último dobrão, derretido como neve em março. Mas eu não estava dis-

posto a voltar a servir como marinheiro. Voltei à estalagem pensando no que fazer e encontrei Sillah. Dirigi-lhe galanteios sumamente lisonjeiros e perguntei-lhe se não gostaria de me dar um beijo. Respondeu que não: só eu casando com ela. Ri-me muito e deixei-a partir.

Em janeiro, a maior parte dos meus companheiros voltava a embarcar, espalhados por diferentes navios. Despedimo-nos com grandes provas de amizade e tive vontade de chorar. Fiquei completamente só, sem dinheiro, sem saber que rumo tomar.

Nesses dias tristes, abordei novamente Sillah e perguntei-lhe se estava disposta a casar comigo. Eu não contara a ninguém que não era solteiro, que era casado há muitos anos com aquela que era a causadora de meu angustioso transe. A moça respondeu que sim. Porém, não poderíamos casar em Batávia e teríamos de ir viver em outra ilha. Assim, procurei serviço num dos navios que estavam no porto e engajei-me num galeão chamado *Henriette Louyse*, que zarpava para Amboina. Levávamos arroz e açúcar e no retorno carregaria noz-moscada e especiarias para Batávia.

Partimos no dia 7 de fevereiro, esperando eu encontrar bom trabalho na Real e Benemérita Companhia das Índias Orientais, uma ambição que logo se realizaria. Do que aconteceu nesta viagem limite-me a contar que sofremos grossas tempestades e corremos sérios perigos, como no arquipélago de Sonda e outros lugares; às vezes, julgávamo-nos prestes a ir a pique e rezávamos (menos a minha Sillah, que era de crença muçulmana); e até os marinheiros mais corajosos, que costumam ser também os maiores pecadores, ora praguejavam, ora rogavam a Deus que nos acudisse. Vi muitos chorarem lamentavelmente. Perdemos doze homens, entre eles um nobre, que era primo do governador de Tarnaten, uma pequena ilha onde existe uma montanha que vomita fogo. O nome dele era Korss e foi tragado pelas águas.

Enfim, após todas essas provações, avistamos terra no dia 24 de maio. Amboina está construída à sombra da Fortaleza de Victória. Aí saltei com a minha formosa Sillah. O galeão abasteceu-se de água e mantimentos e logo continuou viagem para outras ilhas. Sillah e eu discutimos o que fazer. Ela já me dissera que, em caso de necessidade, estava disposta a abandonar o paganismo. Mas concluímos ser preferível ocultar das gentes o nosso verdadeiro estado. Não nos casamos mas eu sempre dizia que Sillah era minha mulher e não foi preciso ela abandonar sua crença turca. Por esse

motivo. Deus Nosso Senhor me procurou mais tarde e castigou-me com justa severidade.

Apresentei-me ao governador Hutsat, na Fortaleza de Victória, e pedi-lhe que me arranjasse um ofício. Depois de ter-lhe contado uma história falsa sobre mim, ofereceu-me uma horta e uma pequena casa de junco, na qual eu e minha indiana fomos morar.

No princípio foi bom, pois estávamos longe de perigos. Tudo corria bem, e Sillah sabia cuidar de um homem. Tínhamos o que comer todo dia, e depois do almoço deixava-me ficar na cabana, um pouco entediado. Sillah trabalhava na horta colhendo coco, sagu e cravo. Vivemos juntos dessa maneira por quase um ano. Com o tempo comecei, porém, a ficar arrependido de tão errante vida. Sentia saudades da minha fazenda nas faldas da Montanha da Mesa e uma ânsia cada vez maior de voltar a casa. Apesar de agora nada me faltar, sentia-me estranhamente inquieto e insatisfeito. Raramente comia outra coisa além de sagu e pirão, e também peixe de salmoura. Cansei-me de tão monótona comida e perdi o apetite. Também já me saciara de Sillah e não mais copulava com ela, censurando-me asperamente por ter coabitado com uma paga herética.

Após várias tentativas frustradas, consegui subir sozinho, em março de 1660, a bordo de um navio holandês, sem ser visto. Era um veleiro que estava carregando noz-moscada para Batávia. Fiquei muito alegre quando vi que nos afastávamos cada vez mais do porto. Desejei de todo o coração muita sorte e paz a Sillah, e já me via de volta ao Cabo e à minha legítima esposa. Mas, em minha ingenuidade, não pensara nos desígnios de Deus. Em breve se abatiam sobre nós ventos contrários, era impossível fazer uso das velas e tivemos de lançar ferro continuamente. Pouco depois acabou a água potável e começamos a passar terríveis provações. Muitos adoeceram, outros lamentavam-se, choravam e gemiam confrangedoramente. Nesse terrível desespero descobrimos, de súbito, uma ilha. Ancoramos ao largo e arriamos com presteza um bote onde cabiam onze homens, sendo eu um deles. Remamos vigorosamente rumo a terra mas as costas eram tão rochosas e escarpadas que não encontramos lugar para varar o bote e tão violenta era a ressaca que temíamos que o bote virasse e se desfizesse de encontro às rochas, destruindo completamente as nossas esperanças. Porém, alguns de nós sabíamos nadar, inclusive eu, e conseguimos chegar a uma praia. Só um dos meus companheiros morreu afogado nos imensos

vagalhões da ressaca. Logo corremos para um pequeno riacho, louvamos a Deus e cada um bebeu tanta água quanto podia. Depois, voltamos correndo à praia, a fim de chamarmos os que ficaram no bote. Mas ele já não mais ali estava onde o havíamos deixado e não sabíamos se fora levado pelo vento ou tragado pelo mar violento. Gritamos, berramos a plenos pulmões, mas foi tudo em vão. Nesse momento, sentimo-nos terrivelmente assustados, lançando-nos ao chão e assim ficando por longo tempo, como mortos insepultos. A situação era deveras desesperadora e não poderíamos sobreviver por muito tempo, quanto mais pensar em rever terras habitadas.

Até hoje não pude saber qual foi o destino do nosso bote e acredito piamente que tenha afundado. Assim ficamos cinco homens na praia deserta, gritando ainda por mais duas horas, clamando em altas vozes e olhando o mar tempestuoso que nos separava do mundo. Aconselhamo-nos sobre o que fazer e, não achando solução, permanecemos um dia e uma noite naquele lugar e quase morríamos de fome por nada encontrarmos para comer. Passado algum tempo, um de meus companheiros, de nome Koellen, disse que não queria continuar ali de braços cruzados e que deveríamos partir em busca de alimento pelo interior da ilha. Eu estava de acordo com ele, e também um outro marinheiro de nome Karlsen, mas os dois restantes não queriam sair da praia, esperançosos no regresso do barco. Então despedimo-nos, com muito afeto e comoção, deixando os dois na praia e partimos para o interior da ilha. Por todos os lados encontrávamos apenas rochas estéreis e íngremes, comemos as folhas de uma árvore desconhecida para matar a fome e fortalecer o corpo. Subimos pensosamente os rochedos escorregadios, cruzamos terríveis abismos, sob o bramido de poderosas cataratas e no dia seguinte caímos desfalecidos, sem forças para avançar mais em tão inóspita natureza. A fome nos maltratou odiosamente e eu teria ficado muito agradecido aos céus se me enviassem uma tigela de pirão da boa Sillah.

Estendemo-nos inanimados sobre os rochedos, durante toda a noite; víamos a morte certa nos rondando e, em nossa aflição, apelamos para a misericórdia de Deus. Nunca uma oração cristã foi dita em vão e desconheço um caso em que as preces ao Senhor sejam completamente infrutíferas. O nosso bondoso Pai escutou nossos lamentos no ermo e, pela manhã, sentimo-nos armados de novo ânimo e caminhamos em outra direção. Encontramos algumas raízes e ervas, bebemos em rios perigosos, sem cuidar de saber se

neles havia jacarés ou não, e acercamo-nos novamente da costa, mas num ponto diferente daquele que havíamos deixado dias antes.

Após tantos perigos e tormentos, o coração de cada um de nós pulou de júbilo quando avistamos um barco de pescador encalhado na praia. Logo descobrimos um atalho entre as rochas, por onde seguimos com alvoroço. Na orla do mato encontramos uma choupana de pescadores e, dentro dela, um velho índio que se alimentava apenas da pesca. Quando nos viu aparecer de súbito, o sangue gelou-se-lhe de susto, pois estávamos tão exaustos, famintos e andrajosos que mais parecíamos almas penadas do que criaturas vivas, além de que o ancião jamais vira brancos por aquelas paragens. O meu companheiro de nome Karlsen dirigiu-se-lhe cortesmente em malaio e contou-lhe nossas desditas. O eremita serviu-nos arroz e peixe seco e nós agradecemos ao Senhor essa inesperada graça. Comemos cautelosamente, pois nossas tripas estavam muito ressequidas do prolongado jejum e um excesso de alimento poderia nos matar. O eremita instruiu-nos sobre as artes da pesca e, já reconfortados, lançamo-nos ao mar na sua pequena canoa e pescamos com muito êxito. Permanecemos na companhia desse bom índio durante vários meses, pescando e secando o peixe sobre as rochas. Plantamos um pouco de arroz e tremoço e não passamos necessidades. Mas cada dia que passava a nossa tristeza era mais pesada, pois minguadas eram as nossas esperanças de poder abandonar a ilha e regressar a outras terras e à nossa pátria. Tínhamos as roupas em farrapos, os cabelos e as barbas estavam muito compridos, em suma, parecíamos mais três selvagens ou demônios da floresta do que seres cristãos e civilizados. Passávamos dias inteiros sem proferir palavra, acorados na praia olhando o mar e chorando em silêncio, sem encontrarmos consolo.

Em uma noite de chuva e forte ventania, deitamo-nos todos na choupana, acendemos uma pequena fogueira e não conseguimos dormir. Então, um dos meus companheiros levantou-se, jogou um galho nas chamas e propôs que cada um contasse uma história de aventuras, começando ele por contar a sua. Depois tocou a vez do meu outro companheiro e nunca na minha vida eu escutara histórias tão terríveis como nessa noite de tempestade, pois ambos tinham sofrido muito, tinham conhecido naufrágios, ataques de corsários, doenças, fome, e percorrido nações e povos estranhos em muitas e desvairadas terras de que eu não tinha notícia.

Mas quando narrei fielmente as minhas aventuras, os meus

companheiros caíram sobre mim, dando-me pontapés e socos, chamando-me de hcrege, malvado e adúltero. Eu gritei e daí em diante não falei nem quis ouvir mais nada. Dei-me conta de minha depravação e, ajoelhado no escuro, chorei e rezei com veemência. Então, os meus dois companheiros ajoelharam-se também ao meu lado e rogamos em voz alta que Deus nos desse um meio de sair daquela ilha e nos permitisse voltar à nossa terra, pois já tínhamos sofrido resignadamente nossa cota de miséria, aflição e infortúnio. O reconhecimento de meus pecados confrangia-me o coração como se um rochedo me esmagasse o peito e roguei aos meus companheiros que me perdoassem, pois Deus nos estava castigando tão duramente por minha culpa, que era o mais ímpio e malvado dos três. Eles consolaram-me carinhosamente, perdoaram-me e ainda me ajudaram com orações, intercedendo em meu favor junto aos seus santos protetores.

Quando o tempo amainou, fomos novamente explorar a ilha mas não encontrávamos nada que nos fizesse entrever uma saída. Tampouco nos atrevíamos a avançar demais no mar com a frágil canoa do eremita. Duas vezes avistamos navios, louvamos o Senhor e gritamos e acenamos mas tudo foi em vão. Jogávamo-nos desesperados na praia, molhando a areia com nossas lágrimas quentes. Mais alguns meses passaram e, numa tarde serena, o bondoso eremita índio morreu, para nossa grande e sincera dor, e sepultamo-no cristãmente, pensando que a ele devíamos nossa vida. Colocamos sobre sua campa uma cruz de ébano, madeira muito abundante na ilha.

Em nosso desespero, como nenhum de nós quisesse continuar naquela selvática e solitária ilha, após muitas orações fervorosas, decidimos partir na pequena canoa do ancião. Bem sabíamos quão poucas eram as esperanças de cruzar o oceano com vida mas preferíamos tentá-lo a ficar apodrecendo até que o Senhor se decidisse levar-nos. Embarcamos então na canoa, pusemos-lhe dentro algum peixe seco, arroz e sagu, e içamos uma pequena vela. Assim largamos para o alto-mar, sem esperança de chegar a outras terras, porém confiantes em encontrar, pelo menos, um navio que nos recolhesse.

Após remarmos dois dias, vimos formarem-se imensas nuvens negras puxadoras de água, assim chamadas porque parecem chupar a água do mar para seu pesado ventre e que entre os marinhei-

ros têm o nome de tornados. Quando vimos esse espetáculo correndo perdemos toda a coragem, lançamo-nos de bruços no fundo da canoa e clamamos por socorro. Deus compadeceu-se de nossa tão prolongada miséria e, em sua misericórdia, mandou-nos um galeão inglês. Mas, apenas mal havíamos entrevisto esse instrumento do Senhor e o tornado desabou sobre nós, com espantosa violência e ruído, desmantelando a frágil canoa num remoinho e jogando-nos às ferozes ondas. Ainda ouvi meu amigo Koellen gritar "Que Deus nos acuda", e preparamo-nos para morrer com resignação.

Naqueles instantes de pavor extremo, vi que um bote a remos enviado pelo navio estrangeiro se aproximava rapidamente de mim com sete homens que, com perigo da própria vida, acorriam temerariamente a salvar-nos. Mas só puderam recolher Koellen e eu, pois nosso terceiro companheiro, de nome Karlsen, já se afogara e os vagalhões, altos como navios, nada nos deixavam ver à nossa volta. Estávamos completamente exaustos e nossos salvadores nos tomaram em seus braços e nos levaram para bordo do galeão. Agradecemos comovidos a esses homens generosos e ajoelhamo-nos no convés, dando graças a Deus. Levaram-nos imediatamente para dormir, deram-nos vinho e alimentos, e no dia seguinte já nossas forças voltavam, mais pelo ânimo de nos vermos a salvo e a caminho de nossa terra do que por vontade do corpo. Então fui passear pelo tombadilho e, de repente, tive um grande susto, pois entre os passageiros avistei a minha boa Sillah, a quem deslealmente abandonara em Amboina. Ela, porém, não me reconheceu, pois eu tinha a barba pela cintura e o rosto mais negro do que o de um selvagem africano e ninguém me tomaria, nem ao meu companheiro, por cristãos. Fiquei bem quieto e tratei de esconder-me de Sillah.

Sua majestade o rei da Inglaterra não se encontrava, nessa época, em paz com os holandeses e, por isso, o galeão não pôde tocar em Batávia. Contei ao capitão tudo o que me acontecera e o que padecera até aquele dia e todos os que me ouviram, até muitas pessoas nobres e distintas, ficaram muito admiradas com a minha longa odisséia. Então roguei encarecidamente ao comandante que me deixasse ficar no Cabo, que era a minha terra natal, oferecendo-me para trabalhar a bordo sem soldo até lá chegarmos. O nobre marinheiro concordou mas ordenou que eu fizesse primeiro a barba e ficasse de novo com a minha aparência de homem civilizado. Há muito eu já tinha vontade de fazê-lo mas obedeci contrariado, te-

mendo que Sillah me reconhecesse. Barbeei-me, então, pois uma ordem do capitão vale tanto quanto uma do papa, com a diferença de que a bordo existem chicotes e vergas para acalmar os insubordinados. A primeira vez que cruzei com Sillah minhas pernas tremeram como se tivesse sido atacado de sezões mas a moça indiana não me reconheceu, tão mudado de aparência eu estava, após as longas privações sofridas.

Nesta nova travessia ainda aconteceram muitos contratempos mas seria enfadonho relatá-los, pois já relatei e escrevi muito e com isso fiz mais do que era necessário. Finalmente, enxerguei a Montanha da Mesa e não contive o pranto ao rever o Cabo depois de tantos anos, ansioso também por saber se encontraria minha esposa e amigos com vida. Despedi-me do capitão com muitos agradecimentos, abracei e beijei o meu bom companheiro Koellen, e, finalmente, pisei a terra da qual estivera separado cinco anos. Quando cheguei à cidade só encontrei caras novas. Tinham feito uma nova e ampla rua de que muito me admirei, sem contar muitas outras mudanças e novidades. Percorri toda a cidade como se fosse um estranho que ali chegasse pela primeira vez. Atravessei o campo pelo mesmo caminho por onde me haviam levado à força cinco anos atrás, e as lágrimas saltavam-me dos olhos, entre jubiloso e receoso. Vi então as minhas terras, muito bem cuidadas, os milheirais e os vinhedos, os pomares de belas frutas, e meu coração ansiava por possuir de novo todas aquelas boas coisas, e voltar a ver minha cara esposa, e apertá-la contra o peito.

Quando cheguei a minha casa, gelaram-se-me as veias e meu corpo ficou paralisado de medo e tremores. Escutei muitos gemidos e lamentos, gritos e altos prantos dentro de casa e não sabia por quê. Enquanto ali estava, indeciso e não me atrevendo a entrar, a porta abriu-se de repente e minha esposa saiu desvairada e lavada em lágrimas, não dando sequer pela minha presença. Então acerquei-me dela e estendi-lhe os braços. "Quem sois vós?" — perguntou ela, arregalando os olhos como se tivesse visto um espectro de outro mundo. "Sou vosso esposo e viajei cinco anos" — respondi. Então ela me reconheceu e ficou muito assustada. "Por que chorais tanto e estais tao aflita?" — indaguei carinhosamente. Ela, muito agitada, suplicou que me calasse e levou-me para dentro de casa mas não para nossos aposentos. Empurrou-me apressadamente pela escada do sótão e quando aí chegamos fechou a porta com muita cautela, e tudo isso me deixou muito perplexo.

Em voz baixa, pediu-me então que lhe contasse fielmente tudo o que me acontecera, sem faltar à verdade. Conteí-lhe tudo, apenas ocultando, por mutias e compreensíveis razões, o caso de Sillah e as farras na estalagem, quando provei até ópio. "Por que não me escrevestes, como vos pedi?" — perguntava ela, banhada em lágrimas.

Contou-me então tudo o que acontecera na minha ausência. Esperara por mim dois anos, com toda a fidelidade. Depois, supondo-me perdido para sempre, desposara outro homem, de nome Ehlers, a quem agora pertencia, juntamente com minhas fazendas e tudo o que antes fora minha propriedade. Mas esse Sr. Ehlers estava agonizando e por essa razão minha esposa, que então era a esposa dele, estava chorando e lamentando-se tanto. E então ela disse: "Ficai escondido até que ele morra." E eu fiquei escondido no sótão durante cinco dias e cinco noites, em grande aflição e miséria, mas não me esquecia de agradecer ao Senhor, de todo o coração. Sua benevolência e a maravilhosa justiça de Suas decisões, pois no sexto dia houve Ele por bem chamar o Sr. Ehlers a Sua augusta presença e certamente lhe reservou dignos aposentos em Sua mansão celestial.

Desci cautelosamente do desconfortável sótão, vesti bonitas e vistosas roupas e assim me tornei de novo um marido e homem rico, cercado pelo carinho de minha boa esposa, a quem consolei em sua tristeza. Nunca mais me entreguei aos antigos vícios da gula e luxúria, vivendo correta e dignamente. E assim Deus me ajude doravante a ficar no bom caminho com Sua inesgotável misericórdia, amém. E que assim seja para Sua maior glória, amém!

A Captura

No dia 30 de julho de 1672, morreu o Sr. De Sainte-Croix em seu refúgio perto da Place Maubert. Os historiadores, para os quais nada é inviolável e, apesar de toda sua ciência, nunca mostram grande compreensão pelo valor de certos gestos, provaram recentemente que, depois de longa enfermidade, o Sr. De Sainte-Croix morrera em seu leito como qualquer outra pessoa idosa. Se realmente foi essa a verdade, convenhamos em que perde de longe, por sua mediocridade, para a lenda. Pois era voz corrente na época que a morte pavorosa do envenenador De Sainte-Croix ocorrera em circunstâncias bem diversas. Durante a fabricação de seus finíssimos e letais pós, protegia-se ele, constantemente, com uma máscara de vidro para evitar a aspiração das venenosas emanções. Porém, um dia a máscara caiu-lhe do rosto durante essas delicadas manipulações e De Sainte-Croix morreu fulminado em seu laboratório. A veracidade desta versão é corroborada pela estranha circunstância do sinistro homem ter deixado todos seus perigosos papéis e venenos espalhados pela casa na mais completa desordem,

como se a morte o houvesse colhido de surpresa. Enfim, inclino-me mais a aceitar a lenda do que as doutas conclusões dos historiadores, as quais ainda são mais desacreditadas pelo que adiante relatemos e que delas faz, realmente, um conto de fadas mais inverossímil do que a pretensa lenda.

Ora, como dissemos, o envenenador De Sainte-Croix, amante e cúmplice dos monstruosos crimes cometidos pela bela Sr? De Brinvilliers, morreu no dia 30 de julho. Pela apuração judicial do espólio, essa senhora ficaria gravemente comprometida, pois seriam fatalmente descobertas suas cartas para De Sainte-Croix. Assim que tomou conhecimento de que o cofre de seu amante, onde as cartas eram guardadas, cairá nas mãos da justiça, não poupou esforços para recuperá-lo, antes que ele fosse aberto. Baldadas foram essas tentativas desesperadas e a comprometedora caixa foi aberta em juízo no dia 22 de agosto, tendo a Sr. De Brinvilliers sido imediatamente convocada a depor. Fez-se representar, porém, pelo seu procurador e soube logo depois que um cúmplice de seu amante fora encarcerado. Sem perda de tempo, a Sr. De Brinvilliers evadiu-se para a Inglaterra. Entrementes, seu processo correu todo o outono e inverno, e só em março foi anunciado o veredicto condenando o cúmplice de De Sainte-Croix à morte infamante na roda, enquanto a Sr? De Brinvilliers era sentenciada *in contumaciam* à decapitação pelo machado. O tribunal declarara-a culpada da morte por envenenamento de seu pai e dois irmãos.

Como, simultaneamente, foram-lhe confiscados os bens, e o seu marido — o incrivelmente tolerante Sr. De Brinvilliers — agora preocupava-se tanto com ela quando o fizera durante suas aventuras amorosas com De Sainte-Croix, a requintada senhora, até então habituada a uma vida de luxo e lazeres, encontrou-se numa situação melindrosa e, segundo parece, implorou até a ajuda de sua irmã, aquela mesma irmã contra cuja vida atentara durante anos. Assim vivia a condenada em Londres, procurando manter-se sempre ao corrente da evolução do seu caso.

O Rei Luís XIV interessou-se pessoalmente pelo processo, que suscitara grande escândalo nos meios palacianos, e determinou que a justiça usasse de todos os recursos para cumprir a sentença, fazendo voltar ao reino a foragida. Assim, a expatriação da Sr? De Brinvilliers foi tratada em Londres com os altos magistrados de sua majestade britânica, mas, devido às formalidades e diligências que

sempre ocorrem em semelhantes casos, a solução do assunto foi sendo protelada e madame continuava circulando impunemente, apesar do rei de Inglaterra já ter prometido sua devolução à França. Quando, por fim, todas as dificuldades foram vencidas e preenchidos todos os requisitos para a entrega da sentenciada, a Sr^a De Brinvilliers já tinha desaparecido de Londres.

Consta que ficou algum tempo na Picardia e houve notícias dela em diversos lugares de Flandres. Teria sido vista em Valenciennes e Cambrai e, finalmente, refugiara-se em Luetlich.

Aí foi recebida hospitaleiramente em um convento e, nesse lugar inviolável, a Sr^a De Brinvilliers acreditava ter escapado ao perigo. Realmente, deixou de ser molestada por espões e beleguins da justiça e as notícias começaram a ser cada vez menos alarmantes, fazendo-a supor que seu caso entrava no esquecimento. Sentiu-se de tal modo aliviada que, daí a pouco tempo, já estava de romance com um tal Monsieur Theria.

Entretanto, havia um estranho pormenor que a todos intrigava muito: essa inescrupulosa e egoísta mulher levava constantemente consigo uma escritura, a que chamava de sua confissão, e onde anotava toda sua vida, desde sua prematura perda da virgindade, até uma extensa lista de crimes e abusos de toda a espécie. Só é possível explicar essa mórbida mania, por causa do medo ou superstição, assim como, mais tarde, não pareceria sentir tantos remorsos ao ver-se diante do carrasco do que por ter negado o mistério da Última Ceia. Por isso era de crer que conservasse essa lista para, no temor das punições eternas, poder fazer uma confissão completa *in extremis* de seus crimes e vícios, sem esquecer um só detalhe; e assim, guardava a escritura num cofrezinho em seu quarto.

Convém salientar que, de um modo geral, a aventureira não se deixara abater pela sua própria desgraça. Chegou mesmo a propor ao marido, que permanecera na França, vir juntar-se a ela em Luetlich, o que ele recusou. Entrementes, vivia ela como hóspede naquele convento, sem ser molestada e, na falta de maiores empreendimentos, dedicava-se à sua aventura amorosa com Theria, o que não a detinha, porém, de ser acessível a outros e levianos contatos galantes.

Aconteceu que, num dia de março, apareceu no convento um abade francês que perguntou pela formosa Sr^a De Brinvilliers e por ela foi logo recebido. O abade era um homem muito bonito, ainda jovem, de requintadas maneiras e cujo sotaque francês logo

agradou à madame. Indagado sobre a razão de sua visita, deu uma resposta amável.

— Estou realizando uma longa viagem — disse ele, sorridente — que me obriga a visitar alguns conventos. Fui então informado, casualmente, de que a senhora encontrara guarida neste lugar, o que muito me alegrou. E assim quis eu aproveitar a oportunidade de conhecer uma tão formosa e nobre dama, hoje tão perseguida pela desgraça, e dirigir-lhe algumas palavras de consolo. Paris inteira deplora vosso amargo destino e admira-se — que digo eu? — indigna-se até com o fato de os adversários da honrada casa De Brinvilliers terem conseguido pôr as Cortes Gerais contra Vossa Senhoria, a ponto de obterem tão injusta quão ignominiõsa condenação. Tanto mais me alegro por saber que madame se encontra aqui em segurança, onde poderá tranqüilamente aguardar o momento em que se faça justiça, cuja ausência tanto sentimos no cruel veredicto de Paris. Não poderá madame imaginar que falta sua formosa presença está fazendo nos salões de Paris.

Tais palavras Mme. De Brinvilliers não escutava há muito tempo e lhe soaram aos ouvidos como um glorioso coro angelical. Lutou, por instantes, contra as lágrimas que teimavam em saltar-lhe dos olhos e, num relance, viu pelas hsonjeiras palavras do abade tudo o que havia perdido. Ah, sim! Ela ainda era bela, requestada e da mais nobre aristocracia. Se fora obrigada a renunciar, de momento, ao gozo de sua grande riqueza, isso não continuaria assim por muito tempo e os que haviam manchado seu nome sofreriam rigoroso castigo.

Depois de uma animada e consoladora conversa de uma hora, o elegante abade beijou a mão da madamç e fez as suas despedidas, sem que deixasse de perguntar, eventualmente, se lhe seria permitido aparecer de novo, pois sua estada em Luettich demoraria ainda um ou dois dias mais. A dama concedeu-lhe jubilosamente essa permissão e acrescentou que a oportunidade de um novo encontro seria para ela não só valiosa, pelo conforto espiritual que lhe proporcionava, como a desejava ardentemente. Na verdade, confessou, teria um grande desgosto se o senhor abade não voltasse a visitá-la.

O requintado sacerdote prometeu voltar e deixou madame numa agradabilíssima excitação. Devido a essa inesperada visita sentia-se agora, de novo, uma mulher do mundo, uma aristocrata celebrada cujo regresso a Paris seria acompanhado pelos olhares ardentes de muitos cortesãos cobiçosos, e, sobretudo, acreditava ter

impressionado bastante o belo e mundano abade, o suficiente para fazê-lo prolongar sua estada em Luetlich por causa dela, se outros motivos não tivesse.

Essa suposição da experiente mulher revelou-se, no outro dia, não ser sem fundamentos. Na manhã seguinte, o abade apareceu cedo, porém não antes da hora apropriada para ser recebido por uma nobre dama em sua vilegiatura campestre. O sacerdote, vestindo uma elegante sotaina de seda preta, apresentou-se com um ramo de lírios, flor rara nessa época do ano, e reencetou sem demora a conversa no ponto em que a deixara na véspera. A conduta de ambos era agora mais desenvolta e amigável, o processo e a precária situação de madame não foram sequer mencionados e a conversa transcorreu animada, em torno de assuntos frívolos e galantes, tendo a Sr.^a De Brinvilliers exibido todo o seu charme, ao que o abade respondia com ditos espirituosos que muito envaideciam a sua interlocutora. O íntimo colóquio desenrolava-se entre gracejos e galanteios que cada vez mais acendiam na dama o desejo de recuperar sua antiga posição nos salões parisienses. Finalmente, o audacioso abade atreveu-se a dar um beijo no ombro de madame, gesto que não foi repellido nem censurado. De ousadia em ousadia, ele acabou caindo de joelhos aos pés da aventureira e, em palavras ardentes de paixão, confessou que sua intenção de abandonar Luetlich era agora impossível, que se sentia irremediavelmente preso aos encantos de madame e toda sua ambição era poder ficar até ao fim da vida junto de tão formosa e fascinante mulher. Segurava-lhe a mão, que cobria de beijos cálidos, encostou a cabeça no seu colo e, perturbada, ela alisava-lhe sorridente os cabelos pretos e sedosos com a mão livre.

— Senhor abade — murmurou ela, complacente. — Vossa Reverendíssima esquece que nos encontramos num convento. Assim como gosto de sua fogosa juventude e me desvanece sua inclinação por mim, também lhe devo recordar que sou hóspede desta santa casa e devo merecer especial consideração por ser uma indefesa e perseguida mulher. Rogo que compreenda a minha situação e não me exponha ao perigo de perder tão cara hospitalidade.

— Mas, por certo, minha preciosidade! — sussurrava ardentemente o apaixonado. — Como poderia eu atrever-me a algo que mereça a tua censura e reprovação! Diz-me ao menos que poderei esperar-te num lugar seguro e discreto, e convidar-te a passeio em minha carruagem! Ah, como te amo, *mon bijou!*

Ela ainda fez algumas objeções formais mas acabou cedendo e o encontro foi aprazado para a manhã seguinte, depois de discutidas algumas precauções, num lugar discreto fora da cidade. Pela primeira vez, o abade puxou-a contra si e beijou-a, sem protestos, quantas vezes quis. Depois, ela empurrou-o suavemente para a porta e passou o resto do dia pensando, alvoroçada, em sua nova e excitante aventura.

Leu um pouco o seu manuscrito e, ao passar os olhos pela extensa confissão, estava longe de lembrar-se dos castigos do inferno para sua alma pecaminosa e, pelo contrário, encarava sua vida audaciosa e egolatra como um belo e violento incêndio que estivesse atingindo agora o auge e cuja extinção pertencia ainda a um futuro muito distante.

No dia seguinte, ataviou-se requintadamente, colocou alguns dos lírios perfumados em seu generoso decote e, envolta numa capa escura, dirigiu-se a pé ao encontro marcado. Fora da cidade, numa vereda limitada pelos muros de dois jardins, ficou aguardando a chegada do galã enquanto respirava, perturbada, os aromas capitosos de ar primaveril. Instantes depois, ouviu o ruído de uma carruagem que se aproximava rapidamente. Adiantou-se para a beira do caminho, pisando a grama úmida, e viu a berlinda despontar na curva, diminuir a marcha e estacar ao seu lado. Por uma janela viu o belo e sorridente rosto do abade, que se inclinou para fora, a fim de ajudá-la a pôr o pé no estribo.

Nesse momento, ouviu passos atrás de si e sentiu-se fortemente agarrada por braços implacáveis. Apavorada, ainda teve tempo de voltar a cabeça e ver-se cercada por três, quatro, cinco estranhos, e logo desmaiou, com um terrível grito que espantou os cavalos, ao reconhecer o uniforme dos policiais parisienses.

Quando, passados alguns minutos, voltou a si, estava sentada na berlinda, puxada por dois cavalos, que corria velozmente pelas estradas, escoltada por cinco cavaleiros. Ao seu lado ia já sentado o abade, que usava agora o uniforme de oficial do real corpo de polícia de Sua Majestade o rei de França. Era o Cabo Desgrais, que as cortes francesas haviam destacado para a captura da criminosa e que realizara sua missão com a ajuda dessa falsa comédia amorosa, pois quisera evitar a detenção no próprio convento, com receio de uma eventual revolta do povo.

Assim chegou ao termo a história da Sri" De Brinvilliers. E, embora se debatesse para que o seu manuscrito não fosse confis-

cado por Desgrais, a verdade é que não precisou preocupar-se mais com ele, pois no curto espaço que mediou entre a captura e a execução capital em Paris não teve ela tempo nem oportunidade para acrescentar mais nenhuma anotação em sua tenebrosa lista.

O Silvícola

Nos alvares do primeiro século, antes da jovem humanidade ter-se espalhado pelo mundo, os nossos remotos ancestrais eram silvícolas. Viviam em grupos na penumbra das densas florestas tropicais, em constante briga com seus parentes mais próximos, os macacos, e acima deles só reconheciam uma divindade e uma lei: a selva. As florestas eram seu lugar, refúgio, berço e túmulo, não podendo imaginar a existência fora delas. Tímidos por natureza, os silvícolas evitavam aproximar-se da orla da floresta e algum que tivesse sido atraído para lá, por circunstâncias especiais, durante a caçada ou em fuga, vinha contar aos companheiros, tremendo e cheio de pavor, como era o vazio ofuscante para além da selva, onde se via brilhar o nada terrível sob o calor mortal do grande disco amarelo. Aí vivia um velho silvícola que há muitos anos fora perseguido por feras e procurara refúgio além da orla da floresta, ficando cego em pouco tempo. Era agora uma espécie de homem santo e pregador, e chamava-se Mata Dalam (o que tem olhos internos); compusera um cântico da selva que era entoado durante

as grandes tempestades e os silvícolas obedeciam-lhe fielmente. Sua fama e segredo consistia em ter visto o Sol com seus próprios olhos e não ter morrido em consequência disso.

Os silvícolas eram homens baixos e morenos, muito peludos, andavam com o tronco inclinado para a frente, tinham olhos mortíços e inquietos. Sabiam caminhar indistintamente como homens ou como macacos. Acocoravam-se nos galhos das árvores com a mesma segurança com que se sentavam no chão. Ainda ignoravam o que eram choupanas ou casas, mas já sabiam adornar suas armas e ferramentas. Faziam arcos e flechas, lanças e maças de madeira resistente, penduravam ao pescoço colares feitos de ráfia, bagos e nozes secas e também usavam na cabeça, nos lábios, nas orelhas e nos braços, dentes de javali, garras de tigre, cocares de penas de papagaios, conchas dos rios. Através da imensa floresta passava um grande rio de que os silvícolas só se atreviam a pisar as margens sob a escuridão da noite e muitos ainda não o tinham visto sequer. Os mais audazes atreviam-se, por vezes, a sair da floresta à noite, e riam do fraco brilho da Lua, espiavam os elefantes tomando banho e, através das copas das árvores mais baixas, espantados, viam as estrelas refulgentes penduradas nos mangues que se entrelaçavam no desaguadouro do rio. Mas nunca se arriscavam a olhar o Sol, que era tido como coisa sumamente perigosa e que, no verão, desferia raios mortais, cegava ou enlouquecia quem enfrentasse seus reflexos de fogo.

Ora, a essa tribo de silvícolas, que era guiada pelo cego Mata Dalam, pertencia também o jovem Kubu, reconhecido como líder e porta-voz dos homens insatisfeitos da sua idade e geração. Pois, na verdade, existiam descontentes entre os mais jovens, depois que Mata Dalam envelhecera e se tornara autoritário e despótico. Cego como era, gozara até então do privilégio de ser alimentado pelos demais elementos da tribo, em troca dos conselhos que dava e dos cânticos que compunha. Com o tempo, porém, Mata Dalam começou introduzindo novos e incômodos hábitos que, segundo dizia, tinham-lhe sido revelado pela divindade tutelar da floresta, durante o sono. Alguns dos jovens afirmavam, entretanto, que o velho não passava de um embusteiro e procurava apenas imaginar leis que lhe dessem mais vantagens.

Uma das novidades que Mata Dalam introduziu foi uma festa da Lua Nova. Sentava-se no meio de uma roda, tocando num tanta feito de um tronco oco de árvore, e os outros silvícolas tinham de

dançar na roda e cantar o *golo elah* até caírem extenuados. Então, cada um perfuraria a orelha esquerda com um espinho e as moças dirigir-se-iam ao velho para que ele também lhes perfurasse uma orelha com o espinho.

Kubu e alguns de seus companheiros tinham-se recusado a obedecer a esse novo costume e procuravam convencer as moças a resistirem também. Num dado momento, tiveram a esperança de quebrar o domínio do velho. Mata Dalam iniciara as festividades de mais uma Lua Nova e estava perfurando a orelha esquerda das moças. Uma delas, porém, das mais robustas, gritou terrivelmente e debateu-se com desespero, resistindo à ordem do velho cego que, de súbito, estendeu o braço e perfurou com o espinho um olho da moça, e o olho escorreu. A infeliz soltava gritos lancinantes e clamava por socorro e todos os jovens acudiram-na. Quando viram o que acontecera, emudeceram confusos e enfurecidos, pensando que chegara o momento de acabar com o poderio do cruel ancião. Cercaram-no, com um ar de desafio triunfante que o cego não podia enxergar mas pressentiu quando Kubu o agarrou por um ombro. Mata Dalam ergueu-se então, largando o seu tanta, e com uma voz aguda proferiu uma maldição de tal modo horrível que todos fugiram apavorados e gelou o coração do próprio Kubu. O velho gritava palavras que ninguém entendeu direito mas que pela veemência e tom pareciam ser coisas tão violentas quanto as maldições lançadas, muitos séculos depois, pelos homens de Deus sobre os infiéis e pecadores. Que dizia o colérico Mata Dalam? Ele profetizava que os olhos de Kubu serviriam de comida aos corvos e que suas entranhas torrariam ao sol no descampado vazio. Depois, o velho — que nesse momento se investia de mais poder que nunca — chamou novamente a moça a que furara um olho e, quando a teve junto dele, gemendo e chorando, espetou-lhe o espinho no outro olho e todo mundo assistiu à cena medonha num silêncio aterrado, sem se atrever sequer a respirar.

— Tu irás morrer fora da floresta! — gritou o velho para Kubu.

Depois dessas palavras, os outros membros da tribo evitavam falar com o jovem, a quem passaram a considerar um banido, um maldito sem esperança. "Fora" significava, em resumo, fora das sombras protetoras da floresta, fora do convívio da tribo, queimaduras do Sol e o vazio ardente e mortal.

Kubu também estava aterrorizado. Andava longe dos outros e, quando alguém se acercava, fugia a esconder-se num tronco oco. Dias e noites a fio, sem dormir, Kubu vacilava entre um medo mortal e uma grande teimosia. Surgiriam os homens da sua tribo para matá-lo? O Sol irromperia na floresta e cercá-lo-ia com seus raios fulminantes? Ou poderia contar com alguns amigos e aliados para a grande vingança? Porém, não apareciam flechas nem lanças, nem Sol e seus dardos de fogo, nada. Apenas um cansaço profundo e a gritante voz da fome.

Então, Kubu rastejou para fora da árvore, atento aos ruídos e quase com uma sensação de desapontamento pelo silêncio que o envolvia.

"Nada tem mais força do que a maldição do pastor", pensava ele. Procurou alimentos e quando sentiu de novo a vida pulsar em seu corpo, uma onda violenta de ódio e orgulho se apossou dele. Kubu não voltaria mais para junto dos seus. Viveria doravante isolado como um eremita, um renegado a quem o velho cego dirigira terríveis maldições. Ficaria só, recusaria todo o contato com seus irmãos, afugentá-los-ia até, se se aproximassem mais, ou melhor, iria vingar-se.

Meditou longamente sobre tudo o que acontecera. Recordou todas as dúvidas, tudo o que lhe parecera fraude e, sobretudo, o tanta de Mata Dalam e suas festividades. E quanto mais pensava mais claro via: sim, tudo era fraude, tudo não passava de mentiras e ardis. Dai foi um passo também duvidar até de coisas que antes considerava verdadeiras e tabus. Que dizer do tal deus da floresta de que o cego falava? E do cântico da selva que ele inventara? Oh, também nisso nada existia de verdadeiro, tudo era fingimento e mentira! E, vencendo um secreto medo, entoou o cântico da selva com voz trocista, trocando todas as palavras, e gritou três vezes o nome da divindade da floresta, que ninguém podia pronunciar sem sofrer a pena do ostracismo, exceto o velho cego. E tudo ficou quieto como antes, nenhuma tempestade se desencadeou, nenhum raio o fulminou!

O jovem solitário assim vagou durante dias e semanas, rugas profundas cavadas em sua testa, o olhar febril e penetrante em que pairavam estranhas interrogações. De noite, ia também onde ninguém se atrevera: caminhava pela margem do rio durante a Lua Cheia, Contemplava primeiro o reflexo do disco pálido nas águas, depois erguia os olhos para o céu e corajosamente, olhava a Lua e

as estrelas cara a cara e nada, nada lhe aconteceu. Passou a ficar noites inteiras sentado à beira do rio, deliciado com seu próprio atrevimento impune, extasiando-se na contemplação da claridade proibida. E pensava. Muitos planos audazes e terríveis lhe vinham à mente. A Lua é minha amiga, pensava ele. E as estrelas são minhas amigas. Mas o velho cego é meu inimigo. Então, talvez "Fora" seja melhor do que o nosso "Dentro" e, quem sabe, toda essa santidade da nossa floresta não passe de um embuste. E assim foi que Kubu, de uma geração perdida nos mais remotos tempos do mundo, teve pela primeira vez a ousada e genial idéia de amarrar alguns troncos de árvore com ráfia, sentar-se sobre eles e deslizar rio abaixo. Seus olhos brilhavam de excitação e o coração batia-lhe com violência. Mas logo teve de desistir. O rio estava coalhado de jacarés.

Não lhe restava outro caminho para o futuro senão abandonar a floresta, ao longo da margem, se realmente existisse um fim da floresta, e aventurar-se pelo vazio ardente, pelo "Fora" maligno. Aquele monstro, o Sol, tinha de ser enfrentado e vencido. Pois — quem podia saber? — não seria a doutrina do Sol ruim mais uma mentira?

Este pensamento, o último de uma cadeia febril e audaciosa, fez Kubu estremecer. Sim, nenhum homem se atrevera ainda a abandonar voluntariamente a floresta e a defrontar o Sol. Ficou mais alguns dias meditando e, finalmente, encheu-se de coragem. Dirigiu-se, em passo furtivo, para o rio que brilhava sob a luz de pleno dia. Agachou-se à beira da água e procurou, ansioso, o reflexo do Sol no espelho líquido. O fulgor magoou-lhe os olhos e teve de fechá-los rapidamente, ofuscado. Instantes depois, abriu-os e tentou de novo. E tentou mais uma vez, e outra vez, até que conseguiu. Era possível, sim, um homem podia suportar o Sol e até o fazia mais alegre e corajoso. Kubu passou a ter confiança no Sol. E amou-o, ainda que pudesse matá-lo, e sentiu ódio pela escura, úmida e podre floresta, onde seus irmãos se agachavam amedrontados e donde ele, o jovem e corajoso Kubu, fora banido.

Agora, sua determinação tinha amadurecido e saboreava-a como um fruto doce e suculento. Fez um martelo de pau-ferro, colocando-lhe um cabo fino e leve, e foi procurar de madrugada o velho Mata Dalam. Encontrou-lhe o rastro, seguiu-o e, assim que o viu na sua frente, desferiu-lhe um golpe na cabeça. O velho caiu fulminado e de sua boca contorcida escorria uma baba ensangüentada. Kubu colocou sua arma sobre o peito do morto e, para que todos

soubessem que o matara, gravou penosamente na superfície lisa do martelo, com uma concha, um círculo com diversos raios em torno: a imagem do Sol.

E partiu, decidido, rumo ao "Fora" distante, caminhando de manhã à noite pela selva em linha reta, durante dias e dias, cruzando riachos e pântanos escuros e, finalmente, terras altas com pedras manchadas de musgo, como ele jamais vira, e encostas ainda mais íngremes, barrancos e desfiladeiros. Mas a floresta parecia ser eterna. Por mais que andasse nunca via seu fim. No alto das colinas olhava à sua volta e tudo era selva densa e escura. Kubu parou, cansado e triste, e pensou que talvez estivesse proibido aos seres da floresta, por uma divindade poderosa, abandonarem seu mundo verde e silencioso.

Com a teimosia dos jovens, Kubu decidiu, porém continuar em frente. E então, uma noite, depois de ter subido cada vez mais alto, sentindo que o peito se enchia de um ar cada vez mais leve e mais seco, encontrou subitamente o Fim. A floresta terminava e, com ela, o chão também. A selva mergulhava ali no vazio, como se, naquele lugar, o mundo se houvesse partido em dois. Nada enxergava além de uma longínqua e tênue vermelhidão e, por cima, algumas estrelas.

Kubu sentou-se na beira do mundo e amarrou-se com cipós para não cair lá embaixo. Passou a noite acororado, numa grande excitação, sem fechar os olhos, e quando viu os primeiros clarões de luz pôs-se em pé de um salto, esperando a chegada do dia, debruçado sobre o vazio.

Listras douradas começaram a alastrar no céu azul-pálido e todo o vazio parecia tremer de expectativa, como ele próprio tremia, pois jamais vira a alvorada num espaço tão amplo e puro como aquele. Depois, feixes de luz incandescente começaram se acendendo do outro lado do abismo e, de súbito, viu o disco imenso e rubro subir lentamente para o céu, lentamente, até ficar suspenso e desprender-se da planície cinzenta e morta que logo ganhou tons azuis-escuros, depois azuis mais claros, e reflexos prateados, e já não era mais um vazio sem fundo. Kubu contemplava o mar.

Diante do trêmulo silvícola desvendava-se agora todo o "Fora". A seus pés, a montanha descia até profundidades enevoadas. À sua frente, rochedos de formas caprichosas onde o Sol punha reflexos policromos de pedras preciosas. De um lado, espreguiçava-se o mar gigantesco, beijando a costa branca e orlada de espuma.

Do outro, a montanha com seu arvoredor balouçando suavemente na brisa reconfortante. E dominando tudo, mar, arvoredor, montanhas, as mil coisas e as mil formas novas e estranhas, o Sol — despejando cascatas de luz sobre um mundo que se oferecia em mil cores sorridentes.

Kubu não conseguiu olhar para a face do Sol. Mas via sua luz correr na maré colorida, envolver as montanhas, as ilhas distantes e azuis, dourar as copas das árvores, beijar as corolas das flores. E o jovem silvícola caiu de joelhos, inclinando o rosto para o chão, reverenciando os deuses desse mundo radiante. Ah, quem era ele, Kubu? Um pequeno e sujo animal que levava até então uma vida completamente surda, num buraco pantanoso, na penumbra da selva, tímido e esquivo, servindo a divindades infames. Mas ali estava o mundo diante de seus olhos e seu supremo deus era o Sol. O longo e ignóbil sono de sua vida na floresta ficava agora muito para trás, começava a apagar-se em seus olhos e em seu espírito com a imagem pálida do sacerdote cego e morto. Com a ajuda de pés e mãos, Kubu começou descendo o íngreme abismo, em direção à luz e ao mar. Ébrio de felicidade, todo seu ser fremia ao acercar-se de uma terra onde, Kubu estava certo, viviam homens lúcidos, fortes e livres — seres que só aceitavam o Sol por seu único Senhor.

Um Passeio Há Cem Anos

No alto de uma colina ensolarada, coberta de vinhedos para o sul, surgiram correndo um atrás do outro, em ágeis e elegantes passadas, como travessos colegiais em férias, dois jovens em trajes de viagem, levando cada um sua sacola pendurada ao ombro por uma alça.

— Eh, eu fui o primeiro! — gritou Jonas Finckh, rindo triunfante por ter sido o vencedor da corrida de brincadeira até o cimo da colina e o primeiro a avistar o Lago Boden.

Seu amigo seguira-o de perto e logo parou a seu lado, corado da corrida e resfolegando profundamente. A visão da paisagem ampla e profunda que se descortinava à sua frente deixou-o fascinado.

— O Lago Boden! — murmurou entre dentes, feliz e quase

sem acreditar que tivesse diante dos olhos aquele famoso lago de que tanto ouvira falar em criança e agora se encontrava quase ao seu alcance.

— Sim, o Lago Boden... — repetiu Jonas. — Desta vez, a nossa corrida não foi em vão, como já nos aconteceu duas vezes. Só por isso merecemos um bom quarto de hora de repouso para contemplar a gosto toda esta beleza.

Tiraram as mochilas e sentaram-se à margem do caminho, empoleirados num muro coberto de musgo e trepadeiras. Era a primeira grande excursão da vida deles e absorviam com uma avidez impaciente toda a beleza do mundo, a alma cheia de reverência pelos milagres que a natureza lhes revelava e, ao mesmo tempo, ansiosos por novas conquistas e sensações de vitória. Havia quatro dias que, de hora em hora, um novo fragmento do mundo se abria para eles — do qual só tinham notícia por ouvir falar ou através da livrêsca e cacete sabedoria escolar. Tinham cruzado rios e vales cujos nomes conheciam há anos sem que, quando lhes diziam os nomes estranhos, pudessem imaginar a que realidades magníficas tais nomes correspondiam. E há três dias que esperavam atingir a fronteira e o grande lago, entrando em novas e desconhecidas terras. Pois era intenção de ambos, ao cruzar os desfiladeiros dos Alpes, passarem à Itália, onde a imaginação dos dois amigos situara há muitos anos o paraíso.

Entretanto, o muito que tinham falado até agora, em sua caminhada, e o muito que tinham ansiado sobre o país de sonho que para eles era a Itália foi esquecido, momentaneamente, perdidos na vertigem do primeiro contato com a grandeza do panorama que se desenrolava a seus pés, numa sinfonia policroma que se dilatava na direção de três pontos cardinais. Da colina onde estavam para o lago, a paisagem descia em suaves degraus cobertos de vinhedos e pomares até o espelho azul e sereno das águas, onde todo o cenário em volta se refletia com impressionante nitidez, fazendo com que a extensão de terra, árvores e céu parecesse ainda maior". Outras colinas, coroadas de pequenos bosques, emolduravam o lago a toda a volta e, por detrás delas, escalonavam-se as vertentes montanhosas, salpicadas de granjas, castelos e conventos que também vinham depositar carinhosamente suas imagens invertidas na imensa toalha azul. Ao longa das margens, aqui e ali, viam-se pequenos povoados, com seus campanários, algumas casas de campo sonolentas e quietas, tudo muito nítido, muito arrumado e limpo; e, nas águas

do lago, deslizavam minúsculas embarcações de pescadores e de recreio.

— Olha, uma vela! — exclamou Gustav Weizsácker, maravilhado, pois era a primeira vez na vida que ele via o alvo e suspenso triângulo de uma vela, nitidamente iluminado por um raio de sol.

Seu amigo Finckh tocou-lhe suavemente no braço, apontando para o longe e para o alto, na direção sul. Gustav seguiu com os olhos o braço estendido do companheiro e, entre alegre e assustado, deu com as vertentes enevoadas e cinzentas das montanhas dos Alpes, fechando o horizonte, e das quais somente os picos se recortavam, cristalinamente brancos, numa fileira cerrada que apontava para o azul eterno do céu estívac. Pela forma e pela cor, esses picos mais pareciam aos dois amigos pertencerem à atmosfera onde pairavam, como que suspensos sobre as nuvens, do que à terra sombria das vertentes. Mas, apesar de tudo, era uma visão esplendorosamente ameaçadora.

Os dois companheiros levantaram-se então de um salto, felizes e fascinados, sentindo aquela profunda excitação e misteriosa angústia que apertam o coração juvenil, quando é surpreendido por visões e experiências cujo poder o sobrepuja.

Tinham-se afastado um do outro, deslumbrados pela grandeza do panorama envolvente, correndo os olhos ora pelo lago e suas margens silenciosas, ora na direção dos Alpes, cujas torres de pedra escura, manchadas de neve nas cristas, ofereciam à inquieta imaginação dos dois rapazes, a sugestão de mil formas e segredos.

Só o pudor impedia que Jonas e Gustav caíssem nos braços um do outro, presos de emoção. De súbito, sem que pudesse conter-se por mais tempo, Jonas Finckh começou a dançar, acenando o chapéu e cantando em voz alta à maneira tirolesa, dando vazão ao seu entusiasmo. Jogava o chapéu e o bordão para o ar, agarrava-os de novo, correndo e rindo; apertou o amigo contra o peito e foi sentar-se outra vez no muro do caminho, saciado e sem fôlego. Essa explosão juvenil, com que dera largas às suas emoções, contagiara também Gustav, que foi sentar-se ao lado de Jonas, de olhos brilhantes, falando-lhe com expansiva desenvoltura:

— Vês ali? Aquele pico mais alto e pontiagudo deve ser o Sántis, bem lá na frente. Fica à esquerda do nosso caminho. Jonas, amanhã ou depois estaremos em plenos Alpes, não te parece? Quer saber uma coisa? Ainda são mais bonitos do que eu imaginava!

Penduraram novamente a mochila ao ombro e desceram vaga-

rosamente serra abaixo, na direção do lago que lhes parecia cada vez mais azul à medida que se acercavam de suas margens. Conjecturavam amiúde a que distância se encontrariam delas, opinando ora um ora outro, e a voz deles denunciava a ânsia alegre de se encontrarem no coração daquela paisagem que os empolgava, fazendo com que caminhassem cada vez mais rápidos, não cogitando de novas pausas para repouso e como que impelidos por uma embriaguez de distância e de posse de toda aquela beleza circundante. Logo as montanhas nevadas e os horizontes mais longínquos submergiram nas frondosas copas dos pomares, que pareciam cada vez mais extensos e verde-escuros, até que o caminho alcantilado se converteu suavemente em planície e os dois rapazes avançaram apressados ao encontro das tépidas margens do grande lago. Aqui, um portão e uma bem cuidada alameda, logo adiante uma pequena povoação sorridente que parecia acolhê-los numa festa de flores, com jardineiras coloridas debruçadas de cada janela, os risos invisíveis de crianças brincando nos pátios e as tabuletas convidativas das estalagens, donde lhes chegavam as vozes alegres dos aldeões em ruidoso convívio.

Como era bonita a rua ensolarada! Mas a impaciência delpor por atingirem o lago não os deteve e, saudando jocosamente as tabuletas das tavernas — Hecht, Anker, Linde, Adler... — estugaram de novo o passo e, de súbito, ao desembocarem de uma outra rua, estacaram fascinados: o campo aberto oferecia-se uma vez mais a seus olhos e a extensa toalha de água vinha quase beijar-lhes os pés, serena e refulgente. Envolveu-o o aroma deliciosamente estranho do lago e quedaram-se estupefatos, diante da inesperada animação da praia: meninos descalços com compridos caniços de pesca, redes de pesca cintilando na areia, botes de remos amarrados em estacas e, mais para o meio do lago, barcos a vela ancorados e balouçando suavemente na marola; e outros varados na praia, com seus costados escuros a seco.

E, dominando tudo, com mil reflexos de madrepérola, a imensa planície líquida que em breve eles estariam atravessando. Se ainda não era o porto de Gênova nem um dos tão falados mares do Sul, a vastidão das águas, o aroma forte de maresia, as silhuetas de barcos e velas eram como que uma prelibação e, sem que realmente se apercesse disso nem trocassem qualquer palavra a respeito, os dois jovens sentiam-se já novos Odisseus, êmulos daquele que Homero cantara.

Procuraram um marinheiro que os levasse para o outro lado. Encontraram um homenzinho de barba grisalha, ocupado em consertar sua barca, e perguntaram-lhe se poderia levá-los e quanto tempo duraria a travessia.

— Hum... Um par de horas — respondeu ele vagarosamente. — Mas vocês terão de esperar até que haja mais passageiros. Já estão aí outros dois, um par de forasteiros que mandou a carruagem na frente e preferiu atravessar por água. E daqui a meia hora chegará a mala-posta, que com certeza vai trazer mais alguns passageiros.

Gustav Weizsäcker ficou um tanto desapontado com a informação.

— Eu tinha imaginado uma travessia mais bonita — disse ele — só nós dois num pequeno bote.

— Se quiserem, isso também é possível — respondeu o velho. — Mas nesse caso a travessia vai custar quatro florins, ao passo que na barca grande, que tem de fazer a viagem de qualquer maneira, custa apenas vinte cruzados por cabeça e, além disso, têm outros companheiros de graça. E no bote a remos já alguns se têm sentido mal quando se levanta um vento fresco e o lago fica meio ruim para quem não é herói do mar.

— Pois é, acho que vamos esperar pela barca — disse Jonas. — Os florins andam curtos e tampouco somos heróis do mar. Eu, pelo menos, não sou.

O amigo concordou; reservaram lugares, deixaram suas capas e mochilas na barca e resolveram fazer horas voltando à cidadezinha por onde tinham há pouco passado. Deram um giro pelo mercado, pararam observando as brincadeiras das crianças nas ruas muito limpas, compraram pão, lingüiça e pediram na *Linde* que lhes enchessem os cantis de vinho tinto da região. Depois, ainda tiveram tempo de subir à torre da igreja e, do alto, contemplar a paisagem, até que o trote pesado dos cavalos, o tinir dos guizos, a trompa do correio e o ruído das rodas no empedrado da calçada lhes anunciou a chegada da mala-posta. Encaminharam-se então para a praia, encurtando caminho pelas ruas mais próximas, pois de maneira nenhuma queriam perder a saída da barca.

Mas ainda demoraria um bom tempo. O distinto casal que, por causa da travessia do lago, deixara sua carruagem fazer vazia o trajeto de contorno, já se encontrava instalado à popa da barca,

junto de suas malas de couro. Outros dois viajantes ainda passeavam tranqüilamente pela praia, enquanto pelo molhe do embarcadouro eram levadas para a barca diversas mercadorias. Foram carregados alguns caixotes, fardos e cestos, que os moços do cais estavam à meia-nau. Depois apareceu um tanque cheio de peixes vivos. Logo foram rebolados para bordo alguns barris de vinho. Os nossos dois viajantes observavam essas simples manipulações com a curiosidade de pessoas do campo, a quem raramente ou nunca era dado ver as fainas da gente ribeirinha. Ambos viam carregar um barco pela primeira vez e parecia-lhes que não existia maneira mais bonita e atraente de viajar.

Assim que o molhe ficou livre, entraram para a barca. De bordo chamaram os passageiros mais morosos e afluiu muita gente que os dois rapazes ainda não tinham visto. Todo mundo se debruçou na amurada e algumas pessoas mandavam lembranças para as que estavam paradas no embarcadouro, diziam adeus, outras faziam pedidos, trocavam-se brincadeiras e a pesada barca começou a se afastar do molhe, empurrada por dois possantes remadores com o auxílio de uma comprida fateixa apoiada no paredão do cais. E a viagem principiou, embalada ao ritmo dos dois enormes remos, cujas pás cortavam silenciosamente as águas.

O casal era formado de um senhor de meia-idade e uma jovem, possivelmente sua filha. Estavam sentados no meio da barca, em lugares especiais. Tinham sido colocadas para eles duas confortáveis poltronas, enquanto os demais passageiros tinham apenas a sua disposição compridos bancos de madeira. O senhor vestia-se à vontade, mas elegantemente; teria quase sessenta anos. A filha era muito jovem, de bonito corpo, mas tinha o rosto semi-encoberto por um véu azul. Sentavam-se ambos com gestos displicentes de pessoas ricas, nos lugares de honra. O velho, munido de um binóculo forrado de couro, observava detidamente a paisagem do lago e, por

vezes, conversava com a moça em voz baixa. Jonas estava inclinado a identificá-los como ingleses e até já se referia ao velho senhor como "o Lorde", Mais tarde, porém, souberam que era alemão de Bremen e Jonas converteu-o, com algum pesar, de lorde para senador.

Depois de girarem um pouco pela barca, nossos dois amigos também se sentaram. Com a travessia calma, a anterior excitação foi declinando e acostumaram-se à idéia de estar vogando sobre as águas azuis, envoltos na paisagem deslumbrante.

Um dos seus companheiros de viagem foi sentar-se perto dos remadores e das cargas, mas, depois, quando o calor apertou mais, deitou-se em cima de uma pilha de sacos vazios. Um outro ficou sentado perto dos dois rapazes e, instantes depois, juntou-se ao grupo o velho marinheiro com quem trataram o embarque. Jonas perguntou os nomes de diversas povoações disseminadas pelas margens, e como se chamava aquela montanha, e se havia muito peixe no lago. E assim começou uma conversa entre todos eles, na base de uma maior confiança. Jonas Finckh cortou um pedaço de lingüiça e serviu-se e ao seu companheiro. Depois beberam um gole de vinho mas ofereceram também ao barqueiro e ao outro homem que se sentara perto deles.

— Assim é que já bebemos do vosso vinho — disse o velho barqueiro, sorridente — e com prazer retribuiríamos a vossa gentileza com a nossa hospitalidade. Nós dois somos aqui da região do lago; eu vivo da minha barca e do meu ofício e esse aí é estalajadeiro em Appenzell. Vocês, porém, vieram de longe e aqui são forasteiros. Se tiveram vontade de falar, o tempo não lhes faltará para nos contarem donde vêm e para onde viajam.

— Não tenha dúvida — respondeu Finckh. — Servirá para matar o tempo. Quanto a mim, estudei quatro anos (é certo que me pareceram muito mais) filologia e literatura clássicas e irei ser mais tarde professor de latim na minha terra. Estudei em Heidelberg e Tübingen mas a minha terra natal é Reutlingen. Espero que isso não se note muito no meu sotaque. E o destino da minha viagem, com alguns pequenos desvios, é Roma, onde reina o papa e onde antigamente se falou o melhor latim. Ganhei o dinheiro para a viagem dando lições de gramática e copiando apostilas mas como, ainda assim, não desse para ir até Roma, um velho tio meu, que simpatizou mais com a minha idéia de viajar do que com a minha profissão de professor, deu-me o restante e ainda me ofereceu esta

bonita bengala, com o cabo de galho de veado, que ele usou em seus tempos quando vagava pelo mundo, exercendo a profissão de ourives. Bom, agora é a tua vez, Gustav!

O amigo sorriu, meio encabulado. Não era filólogo nem falava com tanto desembaraço quanto Jonas. Também notara que o distinto casal do "senador" e sua filha estava prestando atenção à conversa, com expressão divertida. Gustav tossiu para limpar a voz e não se saiu assim tão mal em seu breve discurso. Sua região natal era o vale do baixo Neckar e se seu pai ainda fosse vivo por certo Gustav teria também estudado numa universidade, seria doutor e exerceria uma digna profissão. Mas, infelizmente, seu pai falecera prematuramente e o filho não tinha queda alguma para os estudos superiores. Como sua mãe o mimara muito, acabando sempre por permitir, depois de muitos suspiros, que ele fizesse o que melhor lhe apetecia, Gustav decidiu ser aquilo que ambicionara desde criança: pintor. Concluirá recentemente o curso da Academia de Belas-Artes, recebera uma bolsa de estudos, e por isso estava a caminho da Itália, o paraíso dos pintores, na companhia de seu amigo de infância e meio-primo. Sua vantagem sobre Jonas era que este teria de regressar à Alemanha para ser professor dentro de dois ou três meses, ao passo que ele continuaria em plena liberdade, podendo desenhar, pintar e percorrer a Itália à vontade e o tempo que quisesse,

O distinto casal continuava escutando atentamente e trocava comentários em voz baixa, sorrindo por vezes. Então, o "Lorde" aproximou-se do pequeno grupo e disse:

— Como em tão exíguo espaço somos todos vizinhos, é impossível isolar uma conversa das outras. Peço permissão para tomar parte da vossa.

O estalajadeiro de Appenzell tirou o chapéu, os dois amigos levantaram-se e fizeram uma reverência, inclinando a cabeça, e todos ajudaram, solícitos, a trazer os dois cadeirões de honra para o grupo.

— Já sei quem são os senhores — disse o velho senhor, cortesmente, com seu sotaque nórdico. — Quanto a nós dois, pouco há que dizer. Sou de Bremen, donde venho agora. Não sou letrado, como aquele jovem — e apontou para Jonas — nem artista, como seu amigo. Sou um simples comerciante hanseático e tenho negócios em Milão. Esta moça é minha filha e como tem ouvido

muito sobre as belezas da Itália e estava ansiosa por fazer esta viagem, resolvi trazê-la comigo, escolhendo este magnífico trajeto. De passagem, poderei visitar a cidade de Chur, onde um velho amigo meu, um suíço do cantão de Graubünden, tem residência e negócio. Com ele estive por longos anos nas índias Ocidentais?

— Então o senhor já conhece um bom pedaço do mundo — comentou o marinheiro. E a conversa passou a girar sobre a maneira como as pessoas se conhecem, perdem-se de vista e voltam a encontrar-se. Cada um dava um exemplo.

O filólogo entabulou com o "senador" uma animada conversa, que os demais escutavam atentamente e em que a experiência da vida do velho comerciante travava animado duelo com a erudição do moço Jonas e sua ânsia de saber ainda mais. Gustav, o pintor, mantinha-se calado mas, como quem não quer nada ou como quem admira a paisagem ao fundo, olhava de soslaio para a bonita jovem de Bremen; admirava sua cabeça recortada de perfil no azul; o rosto, do qual retirara o véu, era moreno pálido e a cabeleira, loura e brilhante, estava penteada num bando que lhe descobria apenas o fino lóbulo da delicada orelha, prendendo-se em coque na elegante nuca. Gustav estudou-lhe o nariz delgado, a sobancelha espessa sobre um olho grave e pestanudo, a boca de lábios vermelhos e entreabertos. Era um perfil digno de ser fixado na tela de um artista. A moça mantinha-se impassível diante dos olhares insistentes e discretos do moço. Era, sem dúvida, muito diferente do que Gustav imaginava como beleza nórdica mas, apesar de tudo, uma criatura encantadora. Via-a calma, movendo a cabeça inteligente para ouvir um trecho da conversa que mais lhe interessava e logo a desviando para o cenário, fazendo gestos desenhados e nobres, enfim, tinha o porte e as maneiras de uma jovem rica, bem-educada e para quem as viagens pelo mundo não constituíam novidade. Apesar disso, havia algo nela que tocava profundamente Gustav, como se necessitasse de uma ternura compassiva, ela, que estava numa posição bem superior à dele e certamente não via no fortuito companheiro de viagem mais que um jovem deslelegantemente trajado, tímido e deslumbrado com sua primeira viagem. O que mais o impressionava talvez fosse o contraste entre a aparência fria, controlada e levemente distante da moça e sua grande juventude. Gustav, que ao lado dela parecia um escolar bisonho, contava pelo menos três ou quatro anos mais do que ela, com certeza.

Na margem para onde a barca rumava, povoações cintilavam no meio da folhagem verde e continua das encostas e, sobre as montanhas, evolava o vapor das nuvens. Gaivotas sobrevoaram a embarcação, soltando por vezes gritos breves e crocitantes.

Numa pausa da conversação, ouviu-se na distância, vindo das montanhas, o canto cheio e melodioso de um tirolês, cujo eco se perdeu sobre as águas do lago.

— Ouviram? — perguntou Jonas. — Foi um grito de tirolês, vindo da Suíça, não foi?

— Foi, sim — disse o velho marinheiro, sorridente. — Você nunca o tinha escutado?

— Não, é a primeira vez! Como é sonoro!

— Bom, se vocês gostam disso, então dirijam-se aqui ao nosso amigo Tobler. Ele é de Appenzell, e entende do assunto.

Tobler, que estivera humildemente silencioso durante toda a conversa, embora atento, foi animadamente instado pelos três viajantes a demonstrar sua arte.

— Pois não, pois não — dizia ele rindo. — Mas receio que o nosso canto típico seja rude demais para os ouvidos da senhorita e a aborreça.

— Que dizes disto, Christa? — perguntou o comerciante de Bremen.

E ela também insistiu com o suíço, que imediatamente se levantou, deu um passo para o lado e executou belos trinados tiroleses. Deixou a melodia erguer-se, primeiro lenta e contida na peito, logo apressada, em falsetes que pareciam voar, nostálgicos da montanha, em sucessivas e indômitas revoadas, cobrindo toda a superfície do lago. Os demais viajantes escutavam-no, surpreendidos e estranhamente comovidos. O canto era, simultaneamente, tão primitivo e tão calculadamente artístico, refletia tão bem o espírito alegre e, ao mesmo tempo, teimoso desse povo de pastores, que parecia chegar-lhes de séculos passados e, entretanto, ajustar-se idealmente ao dia e à paisagem, ao azul lacustre, ao sol e ao bailado das nuvens sobre as montanhas.

De novo o homem de Appenzell erguia a voz de múltiplas tonalidades, ora plangente, ora estridente, cujo eco permanecera no ar quieto mesmo depois dele voltar a sentar-se no banco e agradecer os elogios entusiásticos dos ouvintes com um sorriso discreto e manhoso.

A senhoriia de Bremen parecia ter desfrutado um prazer especial no canto tirolês. Seu pai olhava-a alegremente.

— Em nenhum lugar — disse ele — o canto soa melhor e mais digno do que sobre a água. Que pena não sermos todos cantores!

Jonas Finckh piscou o olho, significativamente, para Gustav, Este fez-lhe um breve sinal de voha, acenando negativamente com a cabeça, e ficou muito vermelho. Mas já era demasiado tarde. Jonas já se dirigia aos circunstantes, pedindo a atenção para uma simples e antiga canção. Naturalmente, não seria interpretada por grandes artistas e nenhum deles seria capaz de soltar um único trinado à maneira do Tifol. Mas sempre tinham gostado das antigas canções tradicionais e freqüentemente as cantavam juntos.

— Qual canção? — perguntou Gustav, ainda contrafeito.

Mas quando Jonas trauteou uma canção estudantil, cuja letra era um pouco forte demais, o pintor recusou a sugestão, assustado, e para evitar protestos começou logo cantando:

"Innsbruck, ich muss dich Lassen,
ich fahr dahin mein Strassen,
ins fremde Land dahin..."*

Tornou-se evidente que o jovem Gustav não tinha papas na língua quando se tratava de cantar. Olhando em frente, sem fixar os olhos em qualquer dos ouvintes, cantou com uma bonita e robusta voz de tenor toda a antiga e bela canção; o filólogo fazia a segunda voz e ambos honravam condignamente a maravilhosa melodia.

O pintor desejava que a canção, em vez de apenas três estrofes, tivesse vinte ou mais; todo seu ser vibrava e sentia uma felicidade deliciosa e embriagante, como se estivesse entoando a melodia unicamente para a bela Christa e fosse uma confissão secreta dos sentimentos que ela lhe despertara. E quando, no final, cantou *Até que eu volte outra vez!*, as palavras pareciam doer-lhe nu coração e na garganta. Por quanto tempo ainda? A barca atracaria, o marinheiro e seus remadores regressariam ao ponto de partida, a bela moça entraria na sua carruagem, ele seguiria a pé por outros caminhos, e tudo se dissiparia aos quatro ventos, como se nada houvesse acontecido!

* Innsbruck, devo deixar-te / E seguir o meu caminho / Para terras estranhas...

Por enquanto, a bela imagem ainda estava presente e Gustav teve a indescritível ventura de notar um eco da sua canção no rosto da moça. O agradecimento verbal, porém, ficou a cargo do pai, que lhe pediu outra canção. A anterior frieza da expressão dela desvanecera-se. Seus olhares se encontraram e Gustav percebeu que a pose aristocrática e distante que o mantivera até então gelado dera lugar a um sorriso meigo de reconhecimento e gratidão. O pintor, embora pressentisse que ela não o via ainda como um igual, tinha a certeza de que a rigidez inicial fora quebrada e se estabelecia um elo de compreensão humana, uma sensação de empatia e até mesmo uma certa admiração.

Ele conhecia uma bela quantidade de ternas canções e gostaria de poder cantar todas para aquela moça. Mas Jonas Finckh insistiu em que já tinham sido muitas as emoções românticas e que agora se devia cantar alguma coisa alegre. O marinheiro e o suíço aplaudiram a idéia e os dois rapazes entoaram uma atrevida canção acadêmica, onde se falava de cerveja, de dívidas e tinir de sabres, o que não caía muito bem ao coração do pintor. Christa ria com gosto e batia palmas. Gustav, embora ficasse satisfeito por vê-la tão alegre, preferia lembrá-la com o anterior olhar meigo e pensativo. A barreira erguera-se de novo e ele fora um tolo ao supor que a moça não riria de uma canção animada... ou mesmo dos dois insignificantes estudantinos.

Aquele outro passageiro que ficara dormindo em cima dos sacos acercou-se do grupo e entabulou uma conversa de negócios com o homem de Appenzell. O senhor de Bremen e sua filha arrasaram seus cadeirões um pouco para trás, mas não para a anterior posição de inacessibilidade.

— É uma sensação esquisita — disse Finckh ao comerciante de Bremen. — Passamos algumas horas com pessoas que nos eram completamente estranhas, rimos, cantamos, falamos como velhos conhecidos e, depois, o mais provável é que nunca mais as vejamos.

O comerciante sorriu e acenou afirmativamente com a cabeça:

— Sim, durante as viagens é sempre o que acontece. Por isso devemos comportar-nos convenientemente, aprender um pouco com a experiência de cada um, fazer até uma certa amizade mas não extrair de cada encontro ocasional mais do que um proveito momentâneo e uma recordação agradável.

Isto foi dito amavelmente e sem qualquer inflexão intencional. Só o jovem pintor, com a sensibilidade apurada de um apaixonado, desconfiou de uma advertência nas palavras do velho, como se este temesse que alguém pretendia abusar da generosidade dessas relações de viagem e tentaria, quem sabe, prolongá-las inconvenientemente.

— Como sou pintor — disse Gustav, pausadamente — prefiro encarar este momento como uma tela magnífica. O lago maravilhoso, os Alpes distantes e, para Seu e nosso deleite. Deus não só nos concedeu hoje um formoso dia como reuniu nesta barca um grupo de pessoas que apreciam o belo e sabem desfrutá-lo. Assim, estas poucas horas de travessia, que nunca mais esquecerei, representam para mim uma tela perfeita, irretocável. Sem dúvida a conservarei no meu espírito mas, como toda pintura, reflete um momento único, desligado do antes e depois. É o presente puro, não perturbado por relações passadas nem por qualquer esperança de continuidade futura.

O senhor de Bremen escutou surpreendido as inesperadas palavras do até então discreto jovem.

— Muito bem, jovem artista — disse ele, afavelmente. — Suponho tê-lo compreendido e dou-lhe toda a razão com o maior prazer. Aliás, creio que pode sentir-se satisfeito, em plena consciência, com nossa travessia, pois você não só usufruiu como deus. Pela parte que me toca, porém, não posso negar que nestas horas aproveitei muito e faço pouco.

Os dois rapazes interromperam-no com alguns protestos delicados e Gustav, sobretudo, afirmava não ser de opinião de que tivesse dado mais do que recebido. Não se atrevia, contudo, a explicar os motivos dessa convicção, no que poderia deixar transparecer um elogio excessivamente entusiástico à bela moça.

— Mas não quero, absolutamente, perder a única oportunidade de mostrar-lhes a minha gratidão e simpatia — prosseguiu o senhor de Bremen. — Espero, pois, que não se importem, quando chegarmos a terra, de fazer-nos companhia numa alegre refeição.

Wezsacker, apesar da perspectiva de ficar mais uma hora junto da moça, já mergulhara demais em suas torturas íntimas — antevendo a iminência da despedida irremediável — para que o convite o alegrasse. Se proporcionara algum prazer com seu canto, não lhe parecia natural que fossem pagos com a condescendência de um almoço ou jantar. Se aceitasse o convite, estaria dando à bela estranha todo o direito de considerá-lo, com menosprezo, um pobre coitado, um estudante vagabundo que cantava para comer. Por isso, com sua resposta, deu ao velho senhor mais um motivo de admiração.

— Meu caro senhor — disse Gustav, com o semblante muito sério. — O seu amável convite vai muito além do que merecemos. Asseguro-lhe que eu e meu amigo cantamos para nosso próprio prazer. Ficaria muito penalizado se aceitasse algo que não mereço e ainda menos pretendi.

— Mas, estimado jovem, não terá pensado seriamente em tal coisa! — exclamou o comerciante, cheio de assombro.

Mas Jonas Finckh interveio rapidamente.

— Claro que não! Gustav tem de se portar sempre com tanta solenidade! Vamos, primo, por que não haveríamos de aceitar o amável convite deste senhor? Não seja tão esquisito. Dentro em pouco estaremos em terra.

E assim ficou combinado, enquanto todos se acotovelvavam na amurada para ver o desembarcadouro, à sombra dos esguios e altos olmos que ocultavam a estrada para a pequena cidade vizinha. Uma atraente estalagem tinha as janelas iluminadas, perto do cais.

A tarde estava a meio quando a barca atracou e desembarcou seus passageiros. O barqueiro e os remadores transportaram para terra as cargas e foi o próprio dono da barca quem carregou até à estalagem as malas do "senador" e sua filha. O comerciante recompensou-o generosamente e o homem voltou muito satisfeito para bordo, cobrindo logo os dois cadeirões com uma lona.

O homem de Appenzell e o seu amigo saudaram o grupo e afastaram-se. Os dois rapazes pagaram ao barqueiro, despediram-se dele e, tal como haviam visto o "senador" fazer, deram uma gorjeta aos remadores. Depois levaram cada um sua mochila para a estalagem, por cuja porta a moça já desaparecera, enquanto o pai falava com o proprietário. Jonas e Gustav mantiveram-se discretamente afastados. Então o senhor de Bremen olhou em volta,

percebeu que os dois rapazes o esperavam e ,dirigiu-se-lhes em voz alta:

— Infelizmente, tenho de pedir-lhes um pouco de paciência. O estalajadeiro diz que só teremos uma refeição pronta daqui a uma hora. Mas conto com vocês! Espero que o tempo lhes passe rápido. Entrementes, eu irei descansar um pouco.

Acenou-lhes rapidamente e entrou por sua vez na estalagem. Finckh disse que lhe estava apетecendo dar um passeio de bote a remos. Gustav persuadiu-o a dar uma volta na lancha do estalajadeiro. Jonas saltou para dentro e, para diversão de dois garotos que o observavam, atrapalhou-se todo com os remos, fazendo a água espadagnar à volta da lancha, sem conseguir dar-lhe um rumo certo. Gustav, entretanto, passeava ao longo da praia, indo até a extremidade saliente da pequena enseada, donde a estalagem sob os olmos, o ancoradouro e um trecho do lago eram vistos como numa tela perfeita, em suas cores serenas e transparentes. Em sua mochila, trouxera alguns materiais de pintura e um caderno de papel de desenho para esboços. Com o coração agitado e comovido, sentou-se no tronco de uma árvore recém-cortada e começou a desenhar a paisagem diante de seus olhos, com a casa onde ele sabia estar repousando agora a senhorita de Bremen.

Freqüentara uma boa escola e tinha grande prática, sobretudo no desenho delicado, reproduzindo fielmente todos os cambiantes e tonalidades da paisagem. Não era sua técnica esboçar a carvão grosso uma cena paisagística ou um detalhe arquitetônico, jogando com sombras arrojadas e produzindo com grande rapidez e violência uma mancha mais ou menos suportável. Não. Ele preferia empregar o *crayon* fino, registrando no papel todos os pormenores, todas as peculiaridades de um modelo, com uma ânsia febril de realismo, não menosprezando um pássaro pousado no galho de uma árvore, a trepadeira de um velho muro ou a carroça abandonada no recanto de um quintal. Gustav queria expressar em seus desenhos, com toda a veemência, o respeito que sentia perante a criação divina, por mínima que ela fosse.

Esse trabalho absorvente e consciencioso suscitava nele um alívio profundo; e quando seu jovem e inexperiente coração se opunha às flechadas de um amor sem esperança, o lago tranqüilo, as frondosas copas de arvoredo, as pedras e a areia da praia, as montanhas ao fundo conjugavam-se em seus lápis para proporcionar-lhe aque-

i 1 e consolo que nunca foi negado a um coração puro quando, com suas obras, sabe honrar a Deus. Absorto em seu trabalho, Gustav reproduzia as formas harmoniosas da enseada e os contornos rígidos da barca ancorada, as janelas e cornijas da estalagem. Quando notou que lhe faltaria tempo para aquarelar o desenho, dedicou-se com duplo empenho ao esboço e aos sombreados, demorando-se nas folhagens dos olmos e castanheiros, nas sebes dos jardins, nas projeções de luz coada através das árvores e nas vertentes das montanhas.

Se o resultado de seu esforço lhe agradasse, pensava oferecer o desenho como lembrança e presente de despedida à senhorita de Bremen, acreditando com isso atenuar um pouco a embaraçosa impressão de esmola da refeição oferecida. Achava Gustav que já seria uma pequena vitória de seu secreto amor deixar confiado às mãos da bela Christa algo que lhe pertencia do fundo da alma, para que assim ficasse um testemunho do encontro e, talvez, um incentivo para suaves lembranças. Tudo isso não estava muito de acordo com as suas inteligentes palavras de há pouco, na barca, quando falou a respeito do valor do momento presente, mas a verdade é que coincidia com seus sentimentos atuais e com a canção que entoara em homenagem à moça. Enquanto dava os últimos retoques na paisagem, pôs-se novamente a entoar a canção, em voz baixa mas não tão baixa que não pudessem alimentar a esperança de ser ouvido na estalagem:

"Innsbruck, ich muss dich Lassen,
ich fahr dahin meine Strassen,
in fremde Land dahin;
mein Freud ist mir genommen,
die ich nit weiss bekommen,
wo ich im Elend bin.

Gross Leid muss ich jetzt tragen,
das ich allein tu klagen
dem liebsten Buhlen mein;
ach Lieb, num lass mich Armen
im Herzen dein erbarmen
dass ich muss dannen sein!

Mein Trost ob allen Weiben,
dein tu ich ewig bleiben,
stet, treu, der Ehren frumm:
num müss dich Gott bewahren,
in aller Tugend sparen,
bis das ich wieder kumm!"*

A canção e o desenho terminaram juntos e, apesar dele não parecer ao artista um trabalho definitivamente bom, tampouco o julgou indigno de ser oferecido à moça, acompanhando-a onde quer que ela fosse e pelo tempo que desejasse, como prova de uma afeição não confessada e lembrança das agradáveis horas da travessia.

Enquanto ele, observando a folha, meditava, deixando que alguns pensamentos inquietos brincassem com o impossível, surgiu na enseada o licenciado Finckh, remando agora mais seguro de si do que uma hora antes, mas dando mostras de fadiga e ansioso pela refeição.

— Ainda trabalhando? — gritou Jonas para o amigo, que se sobressaltou ao ouvir-lhe inesperadamente a voz.

Gustav quis levantar-se rapidamente mas caiu para trás, com a horrível sensação de uma súbita e inexplicável paralisia. Assustado e confuso, sob o olhar do companheiro que ria a bandeiras despregadas, tentou levantar-se de novo mas o mesmo e arrepiante obstáculo o prendeu outra vez, obrigando-o a permanecer sentado.

Apavorado, Gustav Weizsáchker compreendeu, de repente, a sua situação. Não estava paralisado mas colado! Com o calor, os fundilhos das calças tinham aderido fortemente à resina do tronco recém-cortado onde ele se sentara para desenhar. Cuidadosamente, procurou soltar-se. Não o conseguiu e agora chamava aflito o amigo, clamando por sua ajuda. Jonas, assustado, procurou um local

* Innsbruck, devo deixar-te / E seguir o meu caminho / Para terras estranhas; / Minha alegria morreu / E nem sei como suportar / A aflição em que estou. // Grande mágoa em mim carrego / Que eu só lamento e confesso / Á adorada amante minha; / Ah, querida, deste coitado / Que teu coração se condoa / Porque tenho de partir. // Meu consolo, apesar de outras mulheres, / É que serei eternamente teu. / Sempre fiel e devotado à honra, / E agora que Deus te abençoe / E te conserve toda a virtude / Até que eu volte outra vez! /

propicio para atracar a lancha e saltar. Correu pela arreia e acerrou-se, perplexo, de Gustav.

Quando o pintor lhe explicou o que acontecera, Jonas não conteve o riso mas, depois, deu-se conta de que o amigo estava realmente numa situação critica.

— Não vejo outra solução — disse ele. — Deves tirar a calça e depois tentaremos soltá-la com cautela. Se puxarmos, com certeza se rasgará e não tens outra para vestir.

Gustav negava-se a despir-se por mais que o amigo o quisesse convencer de que era o único jeito. Embora não houvesse vivalma nas proximidades, o lugar onde ele se encontrava era visível de todas as janelas da estalagem. Preferia suicidar-se ali mesmo a admitir a hipótese da moça de Bremen acercar-se de uma janela e dar com ele vergonhosamente agachado, procurando libertar as calças da resina do tronco. Não! Teria de encontrar um processo mais digno.

Implorou ao amigo que comparecesse sozinho ao jantar. Podia dizer-lhes que caíra doente, que tinha fugido ou morrera afogado no lago. Mas Jonas era de outra opinião e sua vontade prevaleceu.

Contou até três e deu um puxão enérgico em Gustav, arrancando-o do traiçoeiro assento. E o milagre aconteceu. A calça, feita de fazenda grossa, resistira vitoriosamente ao violento impulso e saíra intata da prova. Apresentava apenas algumas nódoas que não eram motivo de preocupação imediata.

Aliviado, Gustav encaminhou-se com o amigo para a estalagem e, após curta espera, foram ambos conduzidos pela proprietária a uma pequena e alegre sala do andar de cima.

Aí encontraram uma mesa posta para quatro pessoas, muito bem decorada, com talheres de prata sobre a toalha de damasco, pratos de bela porcelana e reluzentes copos de vinho branco e tinto ao alcance da mão. Para os dois amigos aquilo era, evidentemente, um modo de viajar e comer bem diferente do que estavam habituados. O pintor, por enquanto, mantinha seu desenho escondido sob

uma pilha de roupa branca que vira em cima de uma mesa, antes de entrarem na sala de jantar. Ainda tivera tempo de raspar um pouco, na penumbra da escada e com a ajuda de sua faca de explorador e um lenço molhado, as manchas de resina dos fundilhos das calças. Para evitar novos transtornos, experimentou sentar-se numa cadeira e, para sua grande alegria, concluiu que a força adesiva da resina diminuirá bastante e que ele, com certa prudência, poderia erguer-se com dignidade a qualquer momento em que isso fosse preciso.

De pé junto de uma janela, os nossos amigos aguardavam, com certo embaraço, a chegada do senhor de Bremen e sua filha. O lago ainda estava inteiramente iluminado pelo sol, que também jogava seus reflexos suaves de um entardecer iminente nas paredes da sala, cobertas de papel onde predominavam figuras mitológicas.

A estalajadeira, com um avental branco muito aseado, já trazia a terrina de sopa quando entraram os anfitriões: o velho, com sua roupa muito bem escovada, fizera a barba e tomara um banho perfumado; a filha, porém, mudara de vestido e usava agoía um azul-marinho muito formal, penteara-se cuidadosamente, e o ambiente ganhou certo ar de comemoração festiva, apesar do acanhamento inicial dos dois rapazes. Saudarani-se efusivamente e logo tomaram seus lugares na mesa. A senhora servia a refeição; seu marido, o estalajadeiro, com o mesmo paletó de riscado com que o tinham visto ao entrarem, enchia os copos de vinho. Depois da sopa, veio uma travessa de caldeirada de peixes do lago, sobre cujas nomenclaturas ictiológicas não houve maneira de chegarem a acordo.

A travessa de peixe foi retirada e substituída por um tenro assado de vitela, que liquidou com o acanhamento inicial dos rapazes. Reutlinger, sobretudo, esforçava-se por manter uma animada conversa, embora não muito erudita, que não seria a mais apropriada para mesa. O pintor, que discretamente experimentava, uma vez por outra, a aderência das calças à cadeira e passava a palma da mão esquerda, sem que o notassem, entre os fundilhos e o tampo, a fim de assegurar-se da separação, teve a felicidade de ficar sentado defronte da bela moça, podendo contemplá-la dos melhores ângulos. Gustav admirara a desenvoltura e destreza com que ela trinchava os peixes e separava a carne branca das espinhas; e sentia de novo, apesar de ela ser-lhe em tudo superior, aquela inexprimível sensação de que a encantadora criatura a sua frente preci-

sava de um amparo, de um carinho muito especial que não possuía. Entretanto, a moça não lhe dava qualquer motivo aparente para ele suspeitar dessa necessidade de proteção ou ajuda; pelo contrário, quando Gustav se servia muito frugalmente, era ela quem tomava a iniciativa de colocar-lhe no prato, por diversas vezes, mais alguns bocados escrupulosamente escolhidos. Christa perguntou-lhe então por que motivo resolvera fazer essa viagem e como poderia viver sozinho num país distante e estranho sem a ajuda de ninguém. Gustav abriu então para ela uma pequena janela de sua modesta vida de pintor e Christa divertiu-se muito quando ele disse que sabia muito bem cuidar de uma casa e até entendia um pouco de cozinha.

Assim decorria o almoço em meio a essas conversas inconseqüentes e sempre que Gustav tentava desviá-la para um assunto que lhe parecia mais sério e importante, falando de seus quadros e do que esperava ainda pintar um dia, ela voltava àquelas bagatelas domésticas e ficava sabendo muito mais da vida dele que ele da dela. Mas Gustav nem notava isso, pois para um jovem enamorado dar ou receber é tudo a mesma coisa.

Na rua, a bonita carruagem do senhor de Bremen já o aguardava e seus jovens amigos manifestaram desejo de ir andando, para aproveitar o resto de luz antes da noite os obrigar a acampar em algum lugar. O "senador" comentara, durante a refeição, que talvez lhes fosse possível encontrarem-se de novo, possivelmente em Milão. Mas o atento pintor não reconheceu nas palavras do velho senhor qualquer espécie de convite nem lhes deu seu endereço em Milão. Era apenas uma amabilidade formal. A hora da despedida aproximava-se e um reencontro era mais do que problemático.

Quando ergueram os copos, pela última vez, brindando ao êxito da viagem de cada um, e todos se levantaram da mesa, Weizsäcker correu a apanhar o desenho sob o monte de roupa branca e ofereceu-o à senhorita de Bremen. Ela olhou a folha, surpreendida, não queria acreditar que fosse um presente, passou-o às mãos do pai e dizia que nada fizera para poder aceitar coisa tão preciosa. O pai também pôs algumas objeções mais logo acedeu e disse, cordialmente:

— Você quis assim demonstrar que o artista é sempre o homem mais rico e em condições de fazer ofertas mais requintadas aos simples cidadãos. Nisso tem toda razão. Não sou entendido em arte, meu caro jovem, e não posso dirigir-lhe elogios nem ao seu

talento, como seria apropriado nesta ocasião. Mas quando olho vocês dois, amigos leais e bons companheiros, é com o maior prazer que lhes digo: continuem sempre assim, tão bons camaradas como até agora, viajantes corajosos e de espírito são, e o mundo os acolherá sempre com simpatia e louvor.

Assim se separaram. Jonas e Gustav partiram, rumo ao crepúsculo que se anunciava do lado das montanhas. Jonas, excitado pelo bom vinho, marchava alegremente e assobiava. O outro, seguia calado e resignado. Pensava num quadro que pretendia pintar mais tarde: um luminoso céu de verão sobre os picos das montanhas longínquas e, embaixo, a superfície fulgurante de um lago tendo em primeiro plano a amurada de um navio, onde se debruçava uma linda moça morena-clara, de cabelos louros, a metade do rosto encoberta por um véu azul.

Ainda não tinham caminhado meia hora quando atrás deles soou o trote largo de uma parelha e o ruído de rodas na estrada. Desviaram-se para a beira da estrada, aguardando a passagem da veloz e bem equipada carruagem e, antes desta alcançá-los, entoaram em voz alta:

"Ach Gott, wie weh tut Scheiden,
hat mir mein Herz verwundt;
so trab ich über die Heiden..."*

Pondo a cabeça de fora da carruagem castanha, o senhor de Bremen e sua bela filha acenaram para os dois amigos; os caminhantes corresponderam alegremente, acenando com os braços levantados e, quando a carruagem já ia longe, ainda podiam ver um véu azul flutuando fora da janela, até desaparecer numa curva do caminho.

"Devia ter plantado um jardim...", entoava Jonas Finckh, começando a segunda estrofe da canção interrompida, pois os dois amigos, como bons cantores, não estavam habituados a deixar coisa alguma pela metade. Desta vez, porém, o pintor não o acompanhou e quando Jonas lhe chamou a atenção para isso, Gustav sacudiu vivamente a cabeça, puxou o lenço e assoou-se com ruidosa energia.

* Oh, Deus, como dói a separação / Que feriu o meu coração; / Assim eu caminhava pelo urzal... /

Dentro e Fora

Era uma vez um homem chamado Friedrich, devotado às coisas do espírito e de vastos conhecimentos. Gostava, porém, de concentrar todo o seu saber num modo particular de pensar e menosprezava todos os demais. Tinha na mais alta estima a Lógica, essa tão magnífica disciplina, e os conhecimentos a que dava o nome geral de "Ciência".

"Duas vezes dois são quatro", costumava ele dizer. "É nisso que eu acredito e é partindo dessa verdade que um homem deve usar o raciocínio."

Não ignorava, é claro, que existiam muitas outras maneiras de pensar e interpretar as coisas, mas não as considerava "ciência" e, portanto, não lhes dava importância. Conquanto fosse um livre-pensador, não era intolerante no que dizia respeito à religião. Nisso comportava-se de acordo com a atitude de tácita anuência dos cientistas. Há muitos séculos a Ciência ocupava-se de tudo o que existia no mundo, e estimulava o desejo de investigar e saber, com exceção de um único objeto: a alma humana. Deixava-a a cargo da religião

e não tomava a sério as especulações que ela fazia sobre a alma mas, enfim, tolerava-as porque, com o decorrer dos séculos, tinham-se convertido num hábito. Assim, no tocante à religião, Friedrich mantinha uma atitude tolerante mas o que profundamente lhe repugnava e enfurecia era tudo o que envolvesse e fosse reconhecido como superstição. Somente admitia o pensamento místico e as explicações mágicas entre povos ignorantes e atrasados quer de uma antigüidade remota, quer da atualidade primitiva e inculta de certas regiões exóticas. Desde que existia uma Lógica e uma Ciência, deixara de fazer sentido recorrer a esses recursos obsoletos e duvidosos.

Assim pensava e assim argumentava Friedrich. Quando ao seu redor se manifestavam indícios de superstição, irritava-se e era como se tivesse sido tocado por algo hostil e pernicioso.

O que mais o aborrecia era encontrar tais indícios entre seus iguais, homens cultos que estavam tão familiarizados quanto ele com os princípios do raciocínio científico. E nada lhe era mais doloroso e insuportável do que ouvir certas idéias blasfemas como a que escutara, recentemente, de um homem de elevada cultura, que afirmara esta coisa absurda: "O 'pensamento científico' não é, provavelmente, a mais elevada, rigorosa e intemporal forma de pensamento mas, pelo contrário, a mais transitória, vulnerável e perecível entre todas as formas de pensar." Essa irreverente e perniciosa opinião tinha seus adeptos, isso não podia Friedrich negar, mas era um reflexo da miséria gerada pelas guerras, pela subversão e pela fome que assolavam o mundo, e surgira como uma advertência, uma desculpa e um aviso fantasmagórico escrito sobre um muro branco.

Quanto mais Friedrich sofria com a existência dessa nefasta idéia, mais veementemente hostilizava os que a propagavam ou aqueles que supunha esposarem-na secretamente. Na verdade, só alguns raros homens de erudição tinham franca e abertamente confessado sua concordância com a nova corrente de pensamento que, se lograsse expandir-se e triunfar, destruiria provavelmente os alicerces da cultura e provocaria o caos no mundo. Ora, até esse momento, ainda não se chegara a tal ponto e os cientistas que tinham defendido abertamente a nova idéia eram tão poucos que podiam perfeitamente passar por indivíduos excêntricos ou fanáticos. Porém, uma pequena gota do veneno, uma tênue irradiação desse pensamento, já era perceptível aqui e ali. Nas camadas do

povo e entre as pessoas semicultas já se notava o florescimento de uma série de seitas, de escolas, de correntes com seus mestres e discípulos, pregando ensinamentos em que a Lógica e a Ciência não tinham vez. O mundo começava de novo a se povoar de superstições, artes ocultas, magia negra, misticismo, necromancia e outras manifestações que o racionalismo quase extinguiu e que era urgente combater de novo. Mas a Ciência, talvez em virtude de um sentimento de íntima fraqueza e de mal compreendida tolerância, silenciava.

Um dia, Friedrich foi visitar um de seus amigos, com quem já realizara diversos estudos. Há muito tempo que não se viam e, enquanto subia as escadas, procurou lembrar-se de quando estivera pela última vez na casa desse amigo. Embora pudesse gabar-se, habitualmente, de uma excelente memória, desta vez não conseguiu recordar esse pormenor. Insensivelmente, deixou-se possuir de uma certa irritação e desapontamento, ao bater à porta.

Quando saudou o amigo Erwin, Friedrich notou logo na fisionomia jovial que lhe retribuía o cumprimento um certo sorriso de afabilidade comedida, que não lhe parecia ter visto nunca nos tempos de quase diária convivência mútua. Friedrich pressentiu imediatamente que, por detrás desse sorriso, havia algo de irônico ou hostil e, no mesmo instante, lembrou-se daquilo que ainda há pouco estivera inutilmente vasculhando na memória: o seu último encontro com Erwin. Sim, lembrava-se muito bem que, embora não tivesse discutido, separara-se dele com surda irritação, porquanto lhe parecia que Erwin não o apoiava como devia, nessa época, nos ataques que vinha desencadeando contra o pensamento místico e supersticioso. E também já se lembrava por que motivo não voltara a procurar Erwin durante largo tempo.

Era estranho como poderia ter esquecido tudo isso! Na verdade, evitara o convívio do amigo unicamente por causa dessa divergência, fato que ele sabia o tempo todo, muito embora arranjasse sempre outros motivos para protelar uma nova visita a Erwin.

Eis que estavam agora frente a frente e parecia a Friedrich que a pequena brecha de outrora se ampliara de um modo assustador. Em seu íntimo, sentia que entre ele e Erwin faltava agora algo que sempre existira, aquela atmosfera de sólida cooperação, de imediata compreensão e, até, de mútua simpatia resultante de inclinações e propósitos comuns. Em vez disso, Friedrich encontrou na sua frente uma expressão de estranheza, como se através do próprio sorriso de

Erwin pudesse espreitar para o vazio que havia lá dentro. Cumprimentaram-se, falaram do tempo, que era feito de fulano e sicrano, como iam de saúde... e Deus sabe como, a cada palavra proferida, Friedrich via aumentar a sensação angustiante de incompreensão recíproca, de estarem falando como dois desconhecidos perfeitamente alheios aos problemas um do outro e não encontrarem um motivo que os conduzisse a uma boa e agradável conversa. Erwin continuava com seu comedido sorriso afável, que Friedrich já começava a odiar.

Numa pausa do penoso diálogo que se arrastava havia alguns minutos, Friedrich viu na parede do tão conhecido gabinete de estudo de Erwin, uma folhinha de papel presa por um alfinete. Essa imagem tocou-o fortemente, despertando velhas lembranças: recordou que, durante os anos de estudante, Erwin tinha o costume de conservar assim, diante dos olhos, uma sentença de algum pensador ou os versos de algum poeta. Levantou-se e foi ler a folhinha na parede.

Nela estava escrito, com a disciplinada caligrafia do colega, a seguinte frase: "Nada está fora, nada está dentro. Pois o que está fora está dentro."

Friedrich empalideceu e manteve-se imóvel por instantes. Aí estava! Aí estava o que ele tanto temia! Em outra época, talvez tolerasse aquilo, talvez encarasse aquela frase com indulgência, como uma inofensiva e, em última análise, compreensível manifestação de sentimentalismo, digna de ser estudada. Mas agora era diferente. Tinha a certeza de que aquelas palavras não tinham sido anotadas por causa de uma fugaz disposição poética nem por um capricho que fizera Erwin retomar, após tantos anos, um hábito da juventude. O que ali estava escrito, naquela parede, era uma confissão do que ocupava atualmente o espírito do amigo: era uma prova de misticismo. Erwin era mais um renegado.

A passos lentos, dirigiu-se ao amigo, cujo sorriso resplandecia de novo.

— Explica-me aquilo — intimou Friedrich.

— Não conhecias essa sentença? — indagou Erwin, amavelmente, erguendo a cabeça.

— Sim, claro que conheço! É uma sentença mística, puro gnosticismo! Talvez tenha alguma poesia, não discuto. Mas o que eu desejo que me expliques é por que a tens pendurada na parede.

— Com todo o prazer — replicou Erwin. — Essa sentença é

uma espécie de introdução à nova epistemologia, a cujo estudo me dedico atualmente e à qual devo algumas felizes realizações.

Friedrich mal podia esconder seu desgosto.

— Dizes que é então uma nova ciência do conhecimento? E acaso isso existe? Que nome tem?

— Oh, na verdade, só é nova para mim. De um ponto de vista histórico, é uma ciência bem antiga e respeitável, embora a conhecessem sob outro nome: Magia.

A negrada palavra! Eis que ela fora pronunciada! Friedrich, profundamente surpreendido, quase assustado, diante de uma confissão tão clara, via-se frente a frente com seu inimigo supremo, na pessoa do amigo. Sentiu arrepios e permaneceu calado. Não sabia se estava mais próximo da cólera ou se da compaixão e das lágrimas. De qualquer modo, foi assaltado por uma terrível sensação de perda irremediável. A amargura não o deixava encontrar palavras. Depois, com uma ironia forçada na voz, indagou:

— Abandonaste, então, a carreira de cientista para te tomares um... um feiticeiro, é isso?

— Exatamente — retorquiu Erwin sem hesitar.

— Aprendiz de feiticeiro, eh?

— Correto.

Friedrich calou-se de novo, literalmente perplexo. Ouvia-se o tique-taque de um relógio do quarto vizinho, tal o silêncio que reinava no gabinete.

— Sabes que, com isso, deixaste de ter qualquer coisa em comum com a Ciência, que essa tua epistemologia não tem nenhuma relação com a verdadeira teoria do conhecimento, enfim, que nenhuma seriedade pode haver num estudo que se baseia em falsas premissas? E também deves saber, sem dúvida, que não pode haver qualquer relação entre nós dois?

— Eu sinto o contrário — respondeu Erwin. — Mas se colocas as coisas nesse plano... que posso eu fazer?

— O que podes fazer? — interrompeu Friedrich, quase gritando. — Não sabes o que podes fazer? Acabar com essa brincadeira de mau gosto, com essa triste crença em artes sobrenaturais, indigna de um homem de saber! Romper completamente e para sempre com tudo isso! É tudo o que te resta fazer, se acaso queres conservar a minha amizade e o meu respeito.

Erwin sorria, embora já não parecesse tão jovial quanto antes.

— Falas assim — disse ele em tom baixo, de maneira que a voz irritada de Friedrich ainda parecia ressoar no gabinete — falas assim como se tudo dependesse da minha vontade, como se estivesse em meu arbítrio escolher um ou outro rumo, Friedrich. Mas não é assim. Não me compete optar. Não fui eu que escolhi a magia. Foi ela que me escolheu.

Friedrich soltou um profundo suspiro.

— Então passe bem. — E levantou-se, sem estender a mão ao amigo.

— Assim não! — exclamou Erwin, agora mais agitado. — Não, assim não quero que me deixes. Imagina que um de nós estivesse moribundo. Seria assim... seria desta maneira que nos despediríamos?

— Qual de nós, Erwin, é o moribundo?

— Creio ser eu, Friedrich. Quem quer renascer deve estar disposto a morrer primeiro.

Friedrich acercou-se novamente da folhinha na parede e releu a sentença sobre o que está dentro e fora.

— Bom — disse ele, por fim. — Tens razão, nada adianta separarmo-nos zangados. Seja como tu dizes, vamos supor que um de nós está moribundo. Eu também poderia ser o moribundo. Porém, antes de partir, quero fazer-te uirwpedido.

— Agrada-me isso ouvir — disse Erwin. — Que poderei fazer por ti, como despedida?

— Vou repetir a minha pergunta inicial, que foi ao mesmo tempo uma intimação: explica-me essa sentença e trata de fazê-lo o melhor que possas — disse Friedrich, apontando para a folhinha.

Erwin refletiu por momentos e disse:

— Nada está fora, nada está dentro. O significado teológico tu o conheces tão bem quanto eu. Deus está em toda parte. Ele está nos espíritos e na natureza. Tudo é divino porque Deus está em tudo e para Ele não existe fora nem dentro. Está identificado com todas as coisas. A isso chamavam outrora panteísmo. Vamos agora ao conceito filosófico: a separação de dentro e fora é um hábito mental mas não é forçosamente necessária. Existe para o nosso espírito a possibilidade de transcender as fronteiras que lhe foram traçadas e atingir o Além. E é para além dos limites do nosso mundo e da estrutura de pares opostos e antagônicos, como o Bem e o Mal, o Belo e o Feio e tantos outros, que se abrem novos e

diversos conhecimentos. Ah, meu caro amigo, devo te confessar: desde que se operou essa mudança em meu pensamento, nunca mais houve para mim palavras e frases, enunciados e sentenças de um só sentido, senão que cada palavra, cada frase, passou a revestir-se de dezenas, centenas de significados. E é nesse ponto que começa aquilo que tu mais temes e detestas: a Magia.

Friedrich franziu o cenho e quis interrompê-lo mas Erwin olhou-o, tranqüilizador, e prosseguiu:

— Permite-me que te dê um exemplo. Leva daqui uma coisa que me pertença, algum objeto e, de vez em quando, observava-o. Verificarás que, ao contemplá-lo, o objeto em si, com suas características próprias e limitadas, suscitará no seu íntimo muitos outros significados, por exemplo, a nossa antiga amizade, este encontro e uma infinidade de outros pensamentos que nada têm a ver com esse insignificante objeto.

Erwin olhou ao seu redor, levantou-se e retirou de uma prateleira uma estatueta de porcelana vidrada entregando-a a Friedrich. E então disse:

— Aceita isto como presente de despedida. Quando este objeto, que ora entrego em tuas mãos, estiver dentro e fora de ti, volta a visitar-me! Porém, se continuar sempre fora de ti, como está agora, isso significará que a nossa despedida de hoje foi para sempre!

Friedrich ainda tentou dizer alguma coisa mas Erwin já lhe estendia a mão, apertando-a e dizendo adeus com uma expressão que não dava lugar a mais palavras.

Friedrich desceu a escada (há quanto tempo subira ele aquela escada!), caminhou vagarosamente rumo a casa, a pequena estatueta apertada na mão, perplexo e, muito no seu íntimo, desolado. Parou diante da porta, sacudiu por instantes o punho onde se encontrava a estatueta e, irritado, sentiu vontade de espatifar no chão aquela coisa ridícula. Não o fez e, mordendo os lábios, entrou em casa. Nunca se sentira tão conturbado, tão atormentado por sentimentos contraditórios.

Procurou um lugar onde pôr a estatueta do amigo e colocou-a na última prateleira de uma estante de livros. Ali ficaria por enquanto.

Durante o dia, Friedrich olhava uma vez ou outra para a estatueta, meditando sobre sua procedência e sobre o significado que tão inofensivo objeto poderia ler em sua vida. Era uma pequena

imagem humana, de um deus ou ídolo antigo, não muito humana, de fato, pois tinha dois rostos, como o deus romano Janus. Era de porcelana grosseira e muito mal-acabada. O seu vidrado tinha rachado, talvez por excesso de calor. Certamente não era um trabalho saído das mãos de artífices gregos ou romanos. Mais parecia ter sido moldada por algum povo primitivo da África ou das ilhas do Pacífico. Sobre as duas faces, que eram réplicas uma da outra, esboçava-se um sorriso apático, inerte e descorado: era até chocante como o pequeno duende podia desperdiçar seu tempo com um sorriso tão tolo.

Friedrich não conseguia habituar-se àquela imagem. Era-lhe inteiramente repugnante, desagradável, embaraçava-o, incomodava-o. Tirou-a de estante e colocou-a sobre a estufa. Dias depois, retirou-a da estufa e levou-a para o armário. Mas a estatueta de duas caras constantemente lhe surgia diante dos olhos, sorrindo-lhe fria e estupidamente, impunha-se-lhe à vista, exigia atenção. Duas ou três semanas depois, Friedrich retirou-a de seu gabinete e colocou-a na ante-sala, entre algumas fotos da Itália e diversas recordações que de lá trouxera, mas tão insignificantes que ninguém olhava para elas. Agora, pelo menos, Friedrich só veria o ídolo primitivo nos momentos em que saía ou entrava em casa, passando rapidamente por ele e sem sequer o olhar de perto. Mas a verdade é que, mesmo sem querer admiti-lo, a estatueta também ali o incomodava.

Como esse mostrengo de duas caras, esse pedaço de barro mal-acabado, tinha penetrado em sua vida e o atormentava!

Meses depois, Friedrich regressou de uma curta viagem — de vez em quando, empreendia essas excursões como se algo o impelisse a fazê-lo, movido por uma súbita intranquilidade — entrou em casa, passou pela ante-sala, foi saudado pela sua governanta e leu a correspondência que o aguardava. Estava, porém, inquieto e distraído, como se tivesse esquecido algo importante; nenhum livro lhe apetecia ler, em nenhuma cadeira se sentia confortável. Decidiu examinar seus próprios sentimentos: o que lhe estava acontecendo, de repente? Teria esquecido alguma coisa importante? Sofrerá algum contratempo? Comera algo prejudicial? Tentava lembrar-se. Refletia e procurava concluir se essa incômoda sensação o acometera antes de entrar em casa, ou depois, na ante-sala, ou... Teve um brusco sobressalto e correu para a ante-sala, procurando instintivamente com o olhar a estatueta de porcelana.

Uma estranha sensação lhe percorreu o corpo quando não viu em seu lugar o ídolo de duas caras. Como poderia ter desaparecido? Teria fugido em suas pequenas pernas de barro? Voado? Algum estranho feitiço o chamara para as longínquas paragens donde viera?

Friedrich reagiu, sacudindo a cabeça e reprendendo-se, sorridente, pelo despropósito de sua angústia. Deveria, em primeiro lugar, descobrir a estatueta em algum outro ponto, procurando-a calmamente na casa. Talvez, distraído, a tivesse mudado de lugar. Depois, não a encontrando, chamou a governanta. Embaraçada, confessou que aquela estatueta lhe escorregara das mãos, quando arrumava a ante-sala.

— E onde está?

Não existia mais. A empregada tivera-a várias vezes em suas mãos, parecia-lhe uma peça resistente. Mas ao cair desfizera-se em mil pedaços, irrecuperável. Levara os pedaços ao vidraceiro e ele, rindo de sua ingenuidade, jogara-os fora.

Friedrich mandou a governanta retirar-se. Sorriu. Não ficara contrariado. Por Deus, que não sentia pena alguma pela perda do feio manipanso. Estava livre dele. Agora teria sossego. Era o que deveria ter feito logo no primeiro dia: espatifado aquela coisa em mil pedaços! Agora se percebia do que sofrerá todo esse tempo! Como o ídolo lhe sorria com sua dupla cara indolente, maliciosa, velhaca, diabólica! Já que a estatueta não mais existia, podia confessar: sim, ele temia, sinceramente temia, aquele pedaço de barro cozido. Não era, afinal, um símbolo de tudo o que para Friedrich era hostil e insuportável, tudo o que ele tinha na conta de pernicioso, degradante e a ser implacavelmente combatido: superstição, obscurantismo, forças inimigas da clareza de consciência e de espírito? Não representava aquela brutal força telúrica, aquele distante terremoto que ameaçava, por vezes, destruir a verdadeira cultura sob um caos de trevas? Aquela mísera imagem não lhe roubara o seu melhor amigo — não só o roubara como o convertera em adversário? Bom, a coisa tinha desaparecido. Quebrada. Morta. Era bom assim, muito melhor do que se ele próprio a tivesse quebrado.

Friedrich continuou dedicado a seus estudos e tarefas.

Mas parecia uma maldição. Agora, quando já se habituara mais ou menos à presença da ridícula estatueta e a vê-la no seu lugar da ante-sala; quando, com o decorrer do tempo, já se lhe tornara

familiar e indiferente... começava a sentir sua falta! Sim, sentia falta dela. Toda vez que passava pela ante-sala e via o lugar vazio que a estatueta costumava ocupar, uma estranha angústia se aposava de Friedrich. O vazio ampliava-se em toda a ante-sala, penetrava no seu gabinete de estudo, nos quartos, um vazio estranho e cruel por toda a casa, como a súbita ausência fria de um parente muito querido.

Dias horríveis e piores noites vieram torturar Friedrich. A falta do ídolo de duas caras obcecava-o e dominava seus pensamentos. Já não era apenas quando passava pela ante-sala e via o lugar vazio, oh não, Friedrich sentia-se impelido a pensar nele a qualquer momento, desalojando de seu espirito tudo o mais. Era como se a própria estatueta tivesse fisicamente se instalado em sua mente e, de modo implacável, fosse roendo, devorando, tudo o mais que lá dentro encontrara, gerando em seu íntimo um vazio semelhante ao que criara no resto da casa.

Como se quisesse convencer-se do absurdo que era lamentar a perda do insignificante objeto, recordava-o mentalmente em todos os seus pormenores. Revia-o em toda sua tosca fealdade, com seu sorriso velhaco e... sim, chegava mesmo a tentar, com a boca torcida, imitar aquele sorriso! Assediava-o a pergunta: as duas caras seriam realmente iguais? Uma delas, talvez por causa de uma pequena rachadura do vidro, não teria uma expressão ligeiramente diferente da outra? Uma expressão algo interrogativa? Como o sorriso da Esfinge? Ah, e como era pavorosa a cor da pintura! Era verde... não, também tinha azul. Ou era cinza? Tinha a certeza de que também havia um pouco de vermelho. Era um vidro que Friedrich encontrava agora em muitos outros objetos: via-o no faiscar de um raio de sol, batendo na vidraça de uma janela, nos reflexos da chuva que batia nas pedras da calçada.

Sobre o vidro da estatueta também pensava muito durante a noite. Dava-se conta de que "vidro" era uma palavra esquisita, desagradável, falsa, petulante. Analisava-a, decompunha-a com raiva, soletrava-a furioso. Só o diabo saberia dizer a que soava, de fato, essa palavra ruim, cheia de duplos sentidos. Finalmente, lembrou-se de ter lido há muitos anos, durante uma viagem, um livro que simultaneamente o espantara, torturara e, de modo secreto, o fascinara. Chamava-se *A Princesa Vidrada*. Era uma verdadeira maldição! Tudo o que se relacionava com a estatueta — a cor, o vidro, o sorriso — significava hostilidade, veneno, feitiço. A

Princesa também fora transformada por um inimigo que escondera sua maldade sob o artifício de um sorriso. E recordou então o estranho sorriso do seu ex-amigo Erwin, quando lhe entregou a estatueta! Tão estranho, tão veladamente hostil.

Friedrich lutava corajosa e virilmente contra essa obsessão que lhe torturava o espírito e não se pode dizer que fosse malsucedido em sua batalha. Pressentia nitidamente o perigo e não queria enlouquecer. Preferia mil vezes morrer. A lucidez mental era imprescindível, a vida não. E admitiu que talvez isso fosse o resultado de uma obra de magia, que Erwin, com a ajuda dessa estatueta, o tivesse enfeitado de algum modo, fazendo com que ele, o defensor implacável da inteligência esclarecida da Ciência, caísse em poder dessas forças ocultas. Mas... se isso fosse verdade, se ele era capaz de admitir essa possibilidade... então existia, sim, então a magia era uma realidade! Não, era preferível morrer a admitir semelhante coisa!

Um médico receitou-lhe passeios e abluções. À noite, procurou algumas vezes distrair-se nas tavernas movimentadas. Mas pouco adiantava. Amaldiçoou Erwin e amaldiçoou-se a si próprio.

Certa noite, estava ele deitado em sua cama e, como ocorria com frequência nessa época, desperto antes do tempo, sem conseguir conciliar de novo o sono. Sentia-se indisposto e assustado. Perdera a antiga confiança nos poderes absolutos de sua inteligência. Queria raciocinar, pi-ocurar conforto em algumas frases lúcidas, tranqüilizantes, algo como "dois e dois são quatro". Mas nada lhe acudia à mente, ficava balbuciando frases indistintas e confusas, articulando palavras sem sentido exato. Por vezes, seus lábios moviam-se instintivamente para proferir aquela frase que vira escrita algures, que já tivera diante dos olhos, não sabia bem onde. E balbuciava-a entre dentes, como se quisesse narcotizar-se, como se tentasse voltar do caminho estreito à beira de um abismo insondável para as delícias do sono perdido.

De súbito, ao falar mais alto, as palavras apenas balbuciadas penetraram, de chofre, em sua consciência. Friedrich as conhecia. Ouvira-as nitidamente. Sua própria voz clamava: "Sim, agora estás dentro de mim!" Compreendeu imediatamente o que isso significava. Sabia que essas palavras se referiam à estatueta de porcelana e que, nessa hora da noite, com um rigor implacável, a profecia de Erwin estava se cumprindo: aquela figura grotesca que ele tivera em

suas mãos e olhara com desprezo já não estava mais fora dele, estava dentro! "Pois o que está fora está dentro."

Levantou-se de um salto, como se gelo e fogo percorressem seu corpo a um só tempo. O mundo girava vertiginosamente à sua volta. Friedrich vestiu-se às pressas, saiu de casa e correu, envolto pela noite da cidade adormecida, à casa de Erwin. Viu luz acesa no conhecido gabinete de estudos do velho amigo. O portão estava aberto. Tudo parecia indicar que era esperado. Trêmulo, empurrou a porta do gabinete de Erwin e apoiou-se, quase desfalecido, na escrivaninha. Com o rosto iluminado pela suave luz do abajur, Erwin sorria. Levantou-se de sua poltrona e, afavelmente, disse:

— Então vieste. Isto é bom.

— Tu estavas à minha espera? — murmurou Friedrich.

— Espero-te, como sabes, desde o instante em que saíste de minha casa, levando o meu pequeno presente. Aconteceu, por acaso, aquilo que te disse aquela vez?

— Aconteceu — sussurrou Friedrich. — O teu ídolo está agora dentro de mim. Não o suporto mais.

— Posso ajudar-te? — indagou Erwin.

— Não sei, não sei. Faz o que quiseres. Fala-me de tua magia. Explica-me como o ídolo poderá sair novamente de mim.

Erwin colocou a mão no ombro do amigo. Levou-o até uma poltrona e convidou-o a sentar-se. Depois, dirigiu-se carinhosamente a Friedrich, num tom quase paternal.

— O ídolo sairá novamente de ti. Confia em mim. Confia sobretudo em ti mesmo. Com ele aprendeste a crer. Agora terás de aprender a amá-lo. Sim, ele está dentro de ti mas já sabes que não morreu. Por enquanto, tampouco é algo com vida. Circula em ti como um espectro, um fantasma sem vida própria. Acorda-o, fala com ele, indaga-o, insufla-lhe vida. Friedrich, ele é tu mesmo! Não o odeies, não o temas, não o tortures... cx)mo tens torturado aquele pobre ídolo que és tu! Meu pobre amigo, como te amarguraste a ti próprio!

— É esse o caminho da magia? — perguntou Friedrich, afundado na poltrona, a expressão envelhecida. Sua voz era um suspiro.

— Esse é o caminho — respondeu Erwin. — E o passo mais difícil já deste. Poderás negar a tua própria experiência? Que o fora pode tornar-se dentro? Tens vivido além das fronteiras dos pares opostos. Pareceu-te um inferno? Pois acredita, amigo, que é o céu. É o céu que te espera. E que nome se poderá dar, se não o de

magia, a algo que troca o fora por dentro, não por coação, não com sofrimento, como até agora aconteceu contigo, mas livremente por uma imposição da nossa própria vontade? Assim poderás invocar o teu passado e o teu futuro, pois ambos se encontram dentro de ti. Até hoje, Friedrich, tens sido escravo do teu intimo. Aprende a ser o teu senhor. Isso é magia!

No Pavilhão de Pressel

Um Conto da Velha Tübingen

Corria o ano vinte do século passado e se os destinos do mundo pareciam, nessa época, diferentes dos de hoje, o fulgor do sol era idêntico e o vento não soprava então de maneira diversa da de agora sobre o verde e tranqüilo vale do Neckar. Um bonito e alegre dia do começo de verão amanhecera sobre os terraços em socalco das colinas circunjacentes e viera abraçar festivamente a cidade do Tübingen, envolvendo em sua luz o castelo e os vinhedos, o Neckar e o Ammer, a universidade e a igreja do seminário, mirando-se nas águas frescas e cristalinas do rio e pousando, de quando em vez, uma sombra suave de nuvem na calçada reluzente da Praça do Mercado, batida pelo sol.

No instituto teológico, os jovens e turbulentos seminaristas tinham acabado de levantar-se da mesa do almoço. Saindo de roldão do refeitório, conversavam, riam e discutiam pelos velhos e ressoantes corredores de pedra ou no espaçoso claustro, onde se projetavam as longas e recortadas sombras do edifício. Alguns seminaristas deixaram-se ficar junto das portas abertas dos quartos, for-

mando animados grupos; outros preferiram ir desfrutar sozinhos essas horas quietas da matina que antecedem o início dos deveres estudantis. Uns, alegres e efusivos, outros, mais graves ou sonhadores, todos eles refletiam no rosto adolescente o belo dia de verão; e muitos dos sonhos que ardiavam na mente de alguns desses jovens, cujos nomes ainda hoje são respeitados por outros jovens agradecidos e apaixonados, resplandeciam — sem que eles o suspeitassem — na fronte pueril e generosa de cada um deles.

Numa das janelas que dava para o Neckar encontrava-se o estudante Eduard Morike, contemplando deleitado a verdejante paisagem matinal que se divisava do alto da coluna do seminário; um casal de andorinhas esvoaçava alegremente, em velozes e caprichosas curvas, e o jovem tinha um sorriso distraído com seus lábios finos.

Eduard completara há pouco vinte anos e, pelo seu inesgotável e efervescente bom humor, era muito estimado pelos colegas. Não raras vezes lhe acontecia, porém, em meio aos mais agradáveis momentos, ficar subitamente tenso, o olhar surpreso e comovido, como se tivesse sido empurrado de repente para diante de uma obra-prima, um quadro de inacreditável beleza, despertando nele ignoradas emoções; e como, nesses instantes, pressentia que toda a beleza do mundo nada mais era do que pálida sugestão de algo que somente seus olhos percebiam, despertava em sua alma uma secreta e fina dor. Tal como a solução de sal ou a fria água invernical precisam tão-só de mais um leve toque para se transformarem em puros cristais, assim no espírito poético do jovem Eduard a visão do Neckar, correndo entre renques de árvores, com suas copas verdejantes e alinhadas ao longo das margens silenciosas, do buliçoso casal de andorinhas e da paisagem levemente enevoada das montanhas transfigurou-se num quadro imóvel, cristalizado por seus delicados sentidos numa realidade poética infinitamente superior à que a natureza lhe oferecia. Mais quente era a luz que brincava na densa folhagem do arvoredado, mais etérea a cordilheira que deslizava para o horizonte distante e quase translúcido, mais ridentes os gramados que atapetavam o vale, mais forte era a voz do rio, confienciando-lhe estranhos sonhos de primitivos deuses — como se o verde das árvores, o cavalgar das nuvens, o vozear do rio, a clareza do sol implorassem a salvação e vida eterna na alma do Poeta.

O comovido jovem não compreendia ainda o significado dessas vozes suplicantes, pois em seu íntimo ainda não despertara comple-

tamente a vocação para refletir, transfigurada, como num espelho mágico, a beleza do mundo. Em sua mente pensativa refletiam-se apenas as íntimas suspeitas, as sugestões semiconscientes, porquanto em sua alma ainda não penetrara o conhecimento de sua solitária e sofrida distinção entre o que os olhos vêem e o espírito sublima. É certo que, por causa de seu alegre temperamento, Eduard procurava esquivar-se muitas vezes ao fascínio desses momentos que o torturavam e sentia a repentina necessidade de procurar consolo, como uma criança assustada, junto de seus amigos, aturdindo-se de música, joviais conversas, risos, que sufocassem os doloridos transe da sua solidão, dissipassem entre mil vozes os seus acessos e de melancolia e sede insatisfeita. Seus olhos, sua boca riam, ébrios de vida; aqueles indícios secretos de uma outra existência — aquela que um estimado Poeta definiu como a comunhão transcendente do mundo e da alma — ainda não transparecia no rosto puro de Eduard ou, quando muito, reduzia-se a uma tímida e passageira sombra.

Assim estava ele parado à janela, sorvendo com os olhos a deslumbrante paisagem estival, por instantes alheios ao mundo e ao tempo, quando um estudante veio ruidosamente descendo as escadas. Notando a presença do absorto Eduard, acercou-se dele, com grande estrépito, e colocou-lhe vigorosamente as mãos sobre os ombros estreitos.

Sobressaltado, como se despertasse bruscamente de um profundo sono, Mōrike voltou-se, com uma sombra de irritação nos grandes e suaves olhos violentamente arrancados à contemplação. Mas logo se recompôs, sorriu e agarrou as mãos que o seguravam de um a outro lado do pescoço.

— Waiblinger! Devia ter pensado que eras tu! Para onde vais correndo outra vez?

Wilhelm Waiblinger olhava o amigo com seus fascinantes olhos azuis-claros. Sua boca era cheia, carnuda e sensual, e ao falar tinha um jeito peculiar de franzir os cantos da boca que lhe davam uma expressão de petulância feminina.

— Para onde? — gritou ele, com modos agitados. — Onde poderei encontrar refúgio, bem longe de vossas predestinadas barrigas de abade, senão em alguma taberna e afogar minha alma imortal em cerveja e vinho, até que somente os picos mais altos sobrenadarem o mar de lodo? Tu, ouriço do mar, bem que poderias ser ainda o meu melhor amigo e companheiro mas ando muito descon-

fiado de que afinal também és um pérfido e corrupto filisteu! Não, já não posso contar com ninguém neste lúgubre inferno, não tenho um amigo que goste de me acompanhar! Não sou eu o truão da corte, o bêbedo inveterado? O traidor que vende a alma dos seus amigos por um ducado cada ao editor Franckh de Stuttgart?

Mòrike sorria e observava o rosto agitado que lhe era tão familiar, na estranha mistura de brutal sinceridade e representação patética. Os compridos cabelos em louros cachos flutuantes, com que Waiblinger chegara a Tübingen e lhe deram tanta fama e comentários trocistas, já tinham caído havia algum tempo. Num momento de fraqueza, deixara que a mulher de um conhecido cidadão os cortasse como lembrança.

— Sim, Waiblinger — disse Eduard pausadamente. — Isso, em parte, é verdade. Mas também pouco fazes para cooperar. Lembra-te de quando sacrificaste os teus cabelos? Havia decidido também que não beberias mais cerveja antes do almoço. Mas assim como os cabelos voltaram a crescer, a tua promessa não resistiu ao crescente desejo de beberes e foi esquecida. És muito volúvel.

Com um exagerado gesto do desafio, Waiblinger jogou para trás a cabeça e encarou o amigo com expressão desdenhosa.

— Ah! Agora também tu comesas com sermões! — disse ele. — Era só o que me faltava! Mas que tristeza. Isto está ficando cada vez mais insuportável! Porém uma coisa te digo, ó ungido de Deus! Um dia ficarás apodrecendo numa fedorenta paróquia, e servirte-ás da filha solteirona e beata do teu sacristão, e criarás barriga, e venderás os dias mais inspirados de teu espírito por um prato de lentilhas, e renegarás teus amigos de infância por um aumento de prebendas! E certamente será um pecado mortal, uma vergonha inominável, ter por amigo um Waiblinger, cujo nome deveria ser extirpado da memória dos justos e devotos! Reverendo Mbrike, cônego Mòrike, bispo Morike, sua eminência sabe o que é? Um ouriço do mar! Fechado e enigmático. E a minha maldição é que tenho de ser teu amigo e picar-me nos teus espinhos, porque estou convencido de que também me consideras um corrupto. Quando te procuro de coração aflito, em busca de refrigério para minhas angústias, o que escuto? Uma descompostura por ter bebido cerveja! Não, só tenho um único e sincero amigo, e é esse que eu vou agora mesmo procurar. É meu semelhante, usa a camisa pendurada fora das calças e está há vinte anos tão louco quanto eu estarei em breve.

Interrompeu-se remexendo nervosamente as pontas do lenço

que enfiara na manga da batina. E, de chofre, num tom de voz mais moderado, quase implorante:

— Ouviste? Eu quero ir visitar Holderlin. Tu vens comigo, não é?

Mürike, um gesto largo das mãos pela janela aberta, exclamou:

— Olha lá fora! Vê como tudo é belo, repousante, respirando paz e uma tão luminosa alegria. Assim terá Hölderhn visto também o que estamos agora contemplando, quando compôs a sua ode sobre o vale do Neckar. Sim, é claro que vou contigo.

Mörike afastou-se da janela e Waiblinger ainda ficou imóvel por alguns instantes, olhando para fora, como se realmente o amigo lhe tivesse feito ver, pela primeira vez, a beleza de um quadro que, afinal de contas, era tão familiar a um quanto a outro. Depois, deu uma corrida para alcançar Mörike, enfiou seu braço no dele e, enquanto caminhavam, Waiblinger abanou repetidamente a cabeça, pensativo. Sua expressão irrequieta e zom-beteira deu lugar a um semblante grave e concentrado.

— Estás zangado comigo? — perguntou bruscamente.

Mörike riu, sem abrandar o passo, e encolheu os ombros.

— Sim, lá fora é tudo muito belo — prosseguiu Waiblinger. — Talvez Holderlin tenha composto seus melhores poemas quando descobriu aqui, em sua terra natal, as paisagens da Grécia de sua alma. Tu deves entender essas coisas melhor do que eu, pois também sabes captar um pedaço de beleza, guardá-lo e refleti-lo de novo. Eu não sou capaz disso e tampouco sei ficar muito tempo quieto e com essa tua maldita paciência. É possível que eu o consiga mais tarde, quando me tornar mais velho e frio.

Atravessaram o claustro pela sombra e saíram do seminário. Waiblinger tirou o chapéu e respirou fundo o ar quente. Seguiram pelas antigas e estreitas ruas de casas silenciosas, com suas gelosias verdes fechadas para o lado sul por causa do calor, rumo à casa do mestre-carpinteiro Zimmer, situada no final da calçada. Diante da porta havia uma pilha de tábuas de pinho bem arrumadas, ainda cheirando a seiva e brilhando sob a luz do sol. A porta da casa estava aberta e tudo era silêncio. O mestre-carpinteiro ainda fazia a sesta.

Os dois jovens entraram discretamente e dirigiram-se para a escada que levava ao quarto de sacada do poeta alienado quando,

no escuro corredor, abriu-se uma porta e de uma sala assoalhada saiu uma bonita moça, a filha do carpinteiro, emoldurada pelo feixe de luz tênue que vinha de dentro.

— Bons olhos a vejam, Srta. Lotte! — disse Mòrike, gentilmente.

Ela fixou por instantes o olhar, tentando perceber os vultos na penumbra do corredor, e aproximou-se.

— Bom dia, meus senhores! Ah, sois vós? Bom dia, Sr. Waiblinger! Sim, ele está lá em cima.

— Queremos levá-lo a passear, se nos permite — disse Waiblinger, com o tom lisonjeador que usava com todas as moças bonitas.

— Claro, com este tempo tão bonito. Vão até ao Pavilhão de Pressel?

— É essa a nossa idéia, Srta. Lotte. Será que alguém poderia ir buscá-lo mais tarde? É apenas uma pergunta. Se for muito incômodo, nós próprios o traremos de volta. É sempre um prazer vir à sua casa, senhorita.

— Não, não. Eu irei depois apanhá-lo. Que não fique muito tempo ao sol. Isso faz-lhe mal.

— Não esquecerei a recomendação. Até logo, então!

Lotte desapareceu de novo e, com ela, a réstia de luz que vinha da sala. Os dois estudantes subiram a escada e encontraram a porta do quarto de Hòlderlin semi-aberta. Com o acanhamento que, apesar de suas freqüentes visitas, sentia cada vez que se enco/itrava diante daquela soleira, Waiblinger adiantou-se um pouco e bateu. Como não recebesse resposta, empurrou de mansinho a porta, que gemeu nos gonzos, e os dois entraram.

A figura esguia do infeliz debruçava-se na sacada do seu modesto mas bonito e arrumado quarto, a contemplar o Neckar, que corria sob a janela. Hblderlin estava em mangas de camisa, a gola aberta, o pescoço fino, a cabeça imóvel e levemente inclinada para o rio de seus antigos e inspirados sonhos. Perto do balcão estava a escrivaninha, um molho de penas de ganso enfiadas no tinteiro e uma outra atravessada sobre algumas folhas de papel já escritas. Uma leve aragem rumorejava nas árvores e penetrava no quarto.

O poeta virou-se para dentro ao ouvir ruído, encarou os dois rapazes com os olhos puros, que caíram primeiro em Mòrike, a quem não deu mostras de reconhecer.

Eduard fez uma breve reverência e disse, algo embaraçado:

— Bom dia, senhor bibliotecário! Como está o senhor?

O poeta pousara os olhos no chão e descreveu uma reverência exageradamente profunda, ao mesmo tempo que murmurava algumas palavras incompreensíveis. Depois, outra e outra reverência, com uma horrível e mecânica humildade, a cabeça levemente grisalha descendo até quase ao nível da cintura e as mãos cruzadas sobre o peito, como se pretendesse fazer uma imitação burlesca da saudação tradicional dos orientais.

Waiblinger adiantou-se, colocou uma mão sobre o braço do poeta e disse:

— Por quem é, estimado senhor bibliotecário!

Hòlderlin inclinou-se outra vez e murmurou:

— Sim, Majestade. Como Vossa Majestade ordenar.

Quando encontrou os olhos de Waiblinger, reconheceu o seu jovem amigo e assíduo visitante. Parou de fazer reverências, deixou que ele lhe apertasse a mão e pareceu mais calmo.

— Viemos buscá-lo para dar um passeio — disse Waiblinger, que, no seu trato com o doente, perdia o ar petulante e estouvado que os colegas lhe conheciam. Eduard notou, surpreendido, como o seu amigo parecia outro ao falar com aquela tão querida sombra humana, dedicando-lhe palavras bondosas que não usava com mais ninguém. Tampouco sabia de uma ligação tão constante como a que mantinha com o poeta alienado, trinta anos mais velho do que ele, e a quem tratava ora carinhosamente, como se convence uma criança ingênua, ora respeitosamente, como se trata um nobre e respeitado amigo.

O seminarista Mòrike observava, com certa emoção, a habilidade e paciência do tão rebelde e temperamental colega.

Waiblinger parecia conhecer bem o quarto de Hòlderlin. De um cabide atrás da porta retirou o jaquetão do poeta, de uma gaveta o seu cachecol de lã, e ajudou-o a vestir-se, como uma mãe ajuda seu filho. Com o próprio lenço sacudiu a poeira dos joelhos das calças de Hòlderlin, procurou-lhe o chapéu de grandes abas descaídas e escovou-o meticulosamente, enquanto falava e o animava constantemente:

— Muito bem, senhor bibliotecário. Agora já estamos prontos para sair. Hoje faz um tempo esplêndido. É uma boa ocasião de irmos todos respirar um pouco de ar fresco, entre as árvores e as flores. Assim... excelente, senhor bibliotecário... Agora só falta o chapéu, *s'il vous plaît...*

Ao que o velho poeta, que durante todo esse tempo não proferira palavra, respondeu em tom gentil mas distante:

— Vossa Excelência manda. *Je vous remercie mi/ig fois* Sr. von Waiblinger.

Deixou-se cuidar docilmente e seu rosto, de nobres e finos traços que a idade e a doença tinham parcialmente deteriorado, parecia observar o afã de Waiblinger ora com distraída indiferença, ora com íntima superioridade.

Mòrike, entrementes, acercara-se da escrivanhinha e, em pé, leu a folha manuscrita sobre a qual estava pousada a pena de pato. Era um poema. Seus versos estavam impecavelmente medidos e neles se refletiam os sombrios pensamentos que turbilhonavam na destroçada mente do Poeta: imagens fulminantes que eram bruscamente interrompidas por lamentações sem nexos; quadros da mais pura e irretocável plasticidade, numa linguagem sensível e musical, cuidadosamente tratada, logo truncados por frases de um maçante e pomposo estilo de púlpito.

— Bom, vamos — disse Waiblinger.

Hòlderlin seguiu-os, obediente, sem deixar de repetir duas ou três vezes, quando chegou à porta:

— O senhor barão manda. Às ordens de Vossa Senhoria

Alto e magro, Friedrich Hölderlin desceu a escada, atravessou o pátio interno e começou caminhando lentamente pela rua afora o grande chapéu puxado para os olhos, murmurando coisas indistintas, aparentemente alheio ao mundo que o cercava. Na ponte sobre o Neckar, onde estavam acorados dois gurus descalços, brincando com uma lagartixa morta, o Poeta parou e, com um gesto solene, tirou o chapéu — respeitosamente — diante das duas crianças. Mòrike caminhava a seu lado e numa ou noutra janela, num ou noutra portal, as pessoas seguiam algum tempo com os olhos o bizarro grupo, sem que manifestassem, entretanto, grande curiosidade ou excitação, pois todo mundo já conhecia o Poeta louco e seu destino.

Subiram a ladeira do ensolarado Oesterberg, ladeando floridos jardins e muros sobre os quais espreitavam latadas de parreiras. Na frente ia agora Waiblinger, com sua figura desempenada e robusta. Ele já sabia, por experiência, que Hölderlin jamais tomava a dianteira e precisava ser sempre guiado, por mais que percorresse o mesmo caminho anos e anos à fio. O Poeta caminhava devagar e de semblante grave, cabisbaixo, e a seu lado ia Mòrike, solícito tra-

jando o mesmo uniforme negro do seu colega. Ao longo do caminho, pelas frestas dos muros pendiam, sobre a ladeira, gerânios arroxeados e milefólios brancos, e Hölderlin cortava, ocasionalmente, uma haste florida e guardava-a consigo. O calor não parecia incomodá-lo e, quando chegaram ao alto da colina, olhou satisfeito à sua volta.

Ali estava situado o "pavilhão chinês" do Assistente Pressel, que no verão ficava sempre à disposição dos estudantes e do qual Waiblinger fizera sua residência, sempre que o tempo o permitia. Tirando do bolso uma pesada chave de ferro, ele subiu os três degraus que levavam à entrada, abriu a porta e, com gesto efusivo, convidou o Poeta:

— Entre, senhor bibliotecário, e seja bem-vindo!

Hölderlin tirou o chapéu e entrou no gracioso pavilhão, que já conhecia e muito amava. Assim que, por sua vez, Waiblinger entrou, o Poeta dirigiu-se-lhe imediatamente, fez uma reverência profunda e disse, com mais vivacidade do que antes:

— Às ordens de Vossa Senhoria. Os meus respeitos ao Senhor Barão. A vossa magnanimidade me proteja. *Votre très humble serviteur.*

Encaminharam-se todos para o pequeno gabinete de estudos e Hölderlin aproximou-se da escrivaninha, sobre a qual estava pendurado um quadro, na parede, que continha apenas, em grandes caracteres gregos, esta misteriosa frase: "Do Todo o Uno e do Uno o Todo." O Poeta ficou alguns instantes em concentrada meditação, defronte do quadro. Com a tênue esperança de encontrá-lo mais acessível a uma conversa, Mòrike chegou-se a ele e perguntou, afaivelmente:

— Creio que está reconhecendo essa frase, não é verdade, senhor bibliotecário?

Hölderlin afastou-se incontinenti, entrincheirado em seu impenetrável cerimonial de corte, dizendo:

— Majestade, a isso não posso nem devo responder.

Segurava ainda na mão o ramo de flores colhidas pelo caminho e começou a desfolhá-lo, metendo as pétalas desfeitas no bolso. Aproximou-se depois da ampla janela que, para além da colina coberta de vinhedos, oferecia um vasto panorama de jardins descendo até o vale do Neckar e, em frente, as encostas iluminadas do Alb. Embebido na tranqüila paisagem, ali ficou o Poeta sorvendo a grandes haustos o ar impregnado de luz e aromas; e sua expressão

descontraída e feliz denunciava que sua alma em trevas ainda era capaz de abrir-se e reagir ao fascínio do maravilhoso quadro ante seus olhos.

Waiblinger tirou-lhe discretamente o chapéu da mão e animou-o a sentar-se no largo parapeito da janela, o que Holderlin fez sem demora. Depois, o anfitrião ofereceu primeiro ao Poeta, depois a Mòrike, bem preparados cachimbos. A expressão do estimado velho abriu-se num sorriso e, fumando contente, silencioso, olhava tranqüilamente o festival de luz e cores ao longo do majestoso vale. O incansável murmúrio que escorria de seus lábios cessara e talvez a sua mente cansada tivesse encontrado o caminho para as altas constelações de sua memória, onde outrora tinham brotado as maravilhosas flores de seu gênio poético. Pobre Holderlin, de quem já nem o nome era lembrado há duas dezenas de anos...

Silenciosamente tinham os dois estudantes ficado, por algum tempo, a observar o desditoso homem à janela enquanto puxavam seu cachimbo. Então Waiblinger ergueu-se, pegou num caderno que estava sobre a escrivaninha e dirigiu-se ao visitante.

— Estimado amigo — disse, em tom solene — como é de seu conhecimento, nós três formamos um *collegium* de poetas, embora nem eu nem o meu jovem colega possamos nos comparar ao imortal poeta de *Hyperion*. Que melhor oportunidade do que esta para cada um de nós apresentar alguns de seus pensamentos e divagações poéticas? Aqui, neste caderno, reuni alguns de seus recentes escritos, senhor bibliotecário, e rogo-lhe encarecidamente que os leia para nós.

Entregou o caderno a Holderlin, que imediatamente pareceu reconhecê-lo. Levantou-se da janela e caminhou a largos passos pela sala. De súbito, estacou e, tocado por uma estranha e veemente paixão, em voz alta, leu o seguinte:

"Quando um homem se contempla em um espelho, vê sua própria imagem como que pintada: parece-se com um homem. O homem do quadro tem olhos, mas a Lua tem luz. O Rei Édipo tinha, talvez, um olho a mais. Os seus sofrimentos foram indizíveis, inexprimíveis e indescritíveis. Se o espetáculo apresenta uma tal coisa, isso provém daí. Que sinto eu, pensando em ti agora? Um rio caudaloso que irá terminar algures, um algures que se estende para o infinito,

imenso como a Ásia. Naturalmente, essa mesma doença tinha Édipo. A ânsia de sair daqui para um outro mundo de estar em outro mundo e querer vir para este. Sim, naturalmente" foi por isso. E Hércules? Hércules também sofreu? Claro que sim. Se lutou com Deus, também sofreu. Mas também é sofrimento ter o corpo coberto de feridas. Os sofrimentos de Édipo equiparam-se aos de um pobre homem caído à beira do caminho, em terras estranhas, exausto e cheio de chagas. Ah filho de Laio, pobre estrangeiro na Grécia! A vida é morte e a morte é vida..."

Enquanto lia, sua voz ganhara uma intensidade patética cada vez maior e os dois estudantes acompanhavam, não sem angústia, as estranhas, às vezes profundas e sempre terrivelmente significativas palavras de Hölderlin.

— Estamo-lhe muito gratos, senhor bibliotecário — disse Mòrike. — Quando foi que o senhor escreveu isso?

O doente, porém, não gostava de ser interrogado e não respondeu. Segurou o caderno diante dos olhos do rapaz e disse-

— Veja, Alteza, aqui tem uma cesura. O desejo de Vossa Alteza é uma ordem para mim. *Mais non, Altesse*, todos os poemas necessitam de cesuras. Vossa Mercê ordene que me retire

Dizendo isto foi novamente sentar-se na janela e começou a puxar o cachimbo apagado. Dirigiu o olhar para o longínquo Rossberg, sobre cujo pico se via uma longa e delgada nuvem, imóvel e de contornos dourados.

— Também tens algo para ler? - perguntou Waiblinger ao seu colega.

Mòrike sacudiu a cabeça e passou os dedos pelos finos cabelos louros. Na pequena estante do seu quarto, no seminário, guardava escondidos dois novos poemas que tinham por título *A Peregrina* e de cuja existência nenhum de seus amigos suspeitava. Alguns estavam a par de sua extravagante e romântica paixão, de que esses poemas eram o único testemunho. Mas nunca os mencionara diante de Waiblinger.

— És um ca.smurro! — disse Waiblinger decepcionado — Por que te conservas sempre tão discreto comigo? Nunca mais ouvi teus poemas e há quantas semanas sua excelência não se digna visitar-

me aqui em cima? Com o Louis Bauer está se passando a mesma coisa. Vocês são uns covardes, vocês, modelos de virtudes!

Mòrike abanava a cabeça, inquieto.

— Eu preferia que não brigássemos diante dele — disse Mòrike em voz baixa, com um leve gesto na direção da janela. — E quanto ao modelo de virtudes, serias muito capaz de ter uma decepção. Meu caro, a semana passada estive outra vez oito horas no calabouço. Isso talvez me reabilite a teus olhos. E brevemente poderei ler-te alguma coisa, prometo.

Waiblinger desapertara o colarinho e tirara a batina. Seu atlético peito parecia querer estourar da camisa, por cuja abertura se lhe viam os pêlos escuros e densos.

— Es um diplomata! — resmungou ele, hostil, e tudo o que sofrerá durante semanas e com o que não se conformava veio à superfície com súbita violência. — Nunca se sabe onde encontrar-te! Mas agora quero saber de uma vez por todas! Por que é que vocês me evitam? Por que nenhum me visita aqui em cima? Por que o Efrorer se retira quando me dirijo a ele? Ah, eu sei! Vocês têm medo vocês, desgraçados seminaristas medricas! São como os ratos que abandonam o navio quando naufraga! Vocês sabem melhor do que eu que qualquer dia serei expulso do seminário. Estou marcado como uma árvore que vai ser derrubada, e vocês encolhem-se e assistem, curiosos, de mãos nos bolsos, perguntando uns aos outros: quando será? E quando eles me serrarem, vocês serão os meninos espertos e podem dizer: não o tínhamos previsto há tanto tempo" Se o governador precisar de diversão, tem de se arranjar alguém para a força. E desta vez serei eu. E tu! Tu também estás do outro lado e acho que, no teu caso, é um absurdo. Por Deus, tens mais valor e talento que o bando todo junto. Não precisas adulá-lo. Mas tens o teu Bauer e o teu Hartlaub, que se julgam uma espécie de gênios só porque correm atrás de ti e se aquecem no teu fogo. Eu posso andar sozinho e sufocar em minha própria angústia, até acabar Ainda bem que tenho Hòlderlin. Creio que, no tempo dele, também lhe vergaram a espinha no mui douto seminário de Tübingen.

— Já desabafaste? — perguntou Mòrike, serenamente. — Pois digo-te que quase me fizeste rir. Queixas-te de que ninguém te visita no pavilhão. Mas onde é que nos encontramos agora? Eu também já subi várias vezes o Oesterberg e nunca lá encontrei um moço chamado Waiblinger. Ah, sim, ele estava muito ocupado na Beckei,

na Lammwirt e outras afamadas tavernas locais. Talvez estivesse algumas vezes aqui mas não quisesse abrir quando eu batia, como tenho a certeza que aconteceu daquela vez que vim com o Ludwig Uhland. — Estendeu a mão ao companheiro. — Vamos, Wilhelm, sabes que não posso estar sempre de acordo contigo... tu próprio nem sempre estás! Mas se julgas que não gosto mais de ti, que tenho mais apreço pelo meu lugarzinho no seminário e receio que me tomem por teu amigo, então, Wil, serei francamente obrigado a rir. Prefiro que me metam mais oito dias no calabouço a servir de Judas de um amigo. Está claro, agora?

Waiblinger apertou com tanta força a mão que se lhe oferecia que Mòrike contorceu a boca de dor. Abraçaram-se efusivamente. Waiblinger sentiu a garganta seca e, de súbito, percebeu que tinha os olhos marejados de lágrimas. A voz saiu-lhe esganiçada:

— Eu sei — disse ele — que não sou digno de ti. As bebedeiras me arruinam. Não podes imaginar como me sinto miserável. Ignoras a profundidade do sofrimento que me mata, Eduard. Não conheces a mulher, essa maravilhosa e misteriosa mulher que aos poucos me liquida.

— Eu já a conheço — respondeu Mòrike. Sentiu-se possuído de uma certa amargura, não pelo sofrimento do amigo mas porque este lhe avivara suas próprias dores a respeito de Peregrina.

— Não a conheces, não, embora saibas o seu nome e já a tenhas visto. Não é terrivelmente bela, Eduard? Terá ela alguma culpa de ser judia, e poderia ser tão terrivelmente bela se não pertencesse a essa raça? Ah, eu me consumo, não mais consigo ler, nem compor, nem dormir! Desde o momento em que beijei o seu colo e repousei meu rosto em seu regaço, fiquei sabendo o que significa o destino.

— Destino significa sempre amor — murmurou Mòrike, pensando mais em Peregrina do que no amigo cujo desabafo tormentoso o embaraçava.

— Tu és puro — disse Waiblinger, recostado em sua cadeira. — A tudo assistes como um espectador e só tomas parte no que for belo e refinado, não no que é feio e pernicioso. És a estrela serena e boa mas eu sou o archote violento que arde durante a noite e logo se extingue com um sopro. E assim quero que seja, quero flamejar e queimar e não é por isso que me compadeço de mim próprio. Mas, se ao menos, antes de se consumir pudesse criar algo de belo e

grandioso, deixar atrás de mim o fulgor de uma só obra nobre e madura! Tudo o que fiz até hoje é medíocre, petulante! Aquele sim, aquele ali na janela soube, antes de morrer em vida, fazer do *Hyperion* uma constelação eterna e um monumento a sua grande alma! E tu também sabes, tu criarás grandes e belas obras imperecíveis! Tu, a quem não consigo perscrutar os segredos do coração! Ah, como conheço bem todos eles, o Pfizer, de Stuttgart, e o Bauer, e todos, todos eles, a quem esvaziei os corações como se quebra e consome o recheio de uma noz! Só tu lograste conservar teus segredos. Ainda não te conheço, Mòrike, não te consigo quebrar e esvaziar. Já estou no declínio e tu mal começas a tua ascensão. Vai-me acontecer o mesmo que a Hòlderlin e as crianças rirão de mim nas ruas. Mas não compus *Hyperion* algum.

— Compuseste o *Phaethon* — disse Morike, gravemente.

— Ah, o *Phaethon*] Quis imitar os gregos e vê a coisa monstruosa e falsa que saiu. Não me fales do *Phaethon*. Recuso-me a acreditar em teus elogios, pois bem sei quanto estás acima dessa criação ridícula e pueril. Não, o *Phaethon* nada vale e eu sou um ignorante, um miserável ignorante. Sempre me acontece o mesmo: começo um poema ardendo de entusiasmo, tudo refulge e vibra dentro de mim, e não paro mais, dia e noite, enquanto não fizer um traço sob o derradeiro verso. Então acho maravilhoso o que criei, julgo-me guindado ao nível dos eleitos. Passado algum tempo, releio tudo e acho-o insípido, falso, empolado. Eu sei que contigo é completamente diferente. Realizas pouco e laboriosamente, sem pressas, mas o que resulta é definitivo e pode-se ler hoje, amanhã, sempre. Eu não. A minha inspiração tem de converter-se logo em livro, num só e contínuo impulso, e devo confessar que não conheço nada mais maravilhoso do que arrojá-lo ao sabor do delírio e do fogo da criação. Mas depois! Eis que Satanás insinua-se em mim, sorri, mostra a pata de cavalo, e todo o entusiasmo era mentira, todo o nobre delírio não era sentimento mas fantasia. Maldição!

— Não devias falar desse modo — interrompeu Mòrike, reconfortante. — Ainda somos quase crianças e podemos dar-nos ao luxo de jogar fora tudo o que fizemos ontem e julgávamos perfeito. Ainda nos falta experiência, maturidade e, sobretudo, ainda não aprendemos a esperar. Goethe também escreveu em sua juventude muita coisa de que depois nem queria ouvir falar.

— Ora, Goethe! — exclamou Waiblinger. — Esse também era um dos tais, um sujeito de paciência, de esperar, de juntar! Não gosto dele!

Calaram-se de súbito. Os dois jovens ergueram os olhos, surpreendidos: Hölderlin abandonara seu lugar na janela, intrigado pela conversa em voz alta, e viera postar-se, de pé, diante de Mòrike; seu rosto agitava-se, inquieto, e sua figura magra e esguia parecia mais desamparada e doente que nunca.

No silêncio embaraçado, Hölderlin inclinou-se sobre a cadeira de Mòrike, tocou-lhe levemente o ombro e disse, com voz neutra e vazia:

— Não, Alteza, não. Quanto ao Sr. von Goethe de Weimar, o Sr. von Goethe... não posso e não devo opinar sobre isso.

A interrupção do Poeta louco e o fato de, aparentemente, ter acompanhado o diálogo, o que nele era extremamente raro, deixou os dois amigos muito impressionados, quase assustados.

Hölderlin pôs-se a caminhar na pequena sala, uma expressão triste e aflita, como um grande pássaro colhido numa traiçoeira armadilha, e murmurando palavras ininteligíveis.

— Tínamo-lo esquecido por completo! — disse Waiblinger, cheio de remorsos. Levantou-se e foi para junto do Poeta, cuidando dele como um enfermeiro dedicado. Encaminhou-o de novo até a janela, exaltando a paisagem e o ar tonificante da colina, voltou a arranjar o cachimbo que Hölderlin deixara cair no chão, dirigiu-lhe palavras de consolo e acalmou-o como faria uma mãe a um filho assustado com o bicho-papão de seus pesadelos noturnos. E Mòrike sentia nesses momentos redobrada simpatia pelo seu indômito e rebelde amigo, ao vê-lo tão carinhosamente preocupado com o bem-estar do Poeta louco, e fazia-se íntimas recriminações por tê-lo abandonado por tanto tempo. Conhecia o temperamento arrebatado e os incríveis altos e baixos do humor de Waiblinger e, pelo que ouvira dizer, o caso entre a tão perniciosa judia e seu amigo era realmente uma coisa que dava muito que pensar. O delicado e sensível Mòrike sempre vira em Waiblinger o ideal da indestrutível alegria de viver da mocidade, com sua exuberante energia, suas gostosas travessuras e irreverências. Agora, porém, a bebida e a autodestruição espiritual, que tanto haviam desfigurado o homem, causavam-lhe uma impressão angustiante, como se o amigo rolasse desesperadamente pela vertente de um abismo, ao encontro de um

destino fatal. Também aquela estranha amizade de Waiblinger pelo Poeta louco lhe parecia revestir-se de um significado tenebroso.

Entrementes, o amigo sentara-se tranqüilamente ao lado de Hiiklerlin no parapeito da janela, o jovem exuberante e o encanecido e desmantelado Poeta, em cujos olhos se apagava a chama da vida. O sol, em sua curva descendente, banhava as montanhas de um colorido mais forte. Uma jangada feita de toros de pinho descia rio abaixo. Ia ocupada por um grupo de estudantes, que cantavam e bebiam; de vez em quando, um raio de sol, batendo no cristal dos copos, desferia lampejos reluzentes e o alegre bando entoava tão alto suas canções acadêmicas que o eco das vibrantes vozes chegava nítido, ao pavilhão.

Mòrike aproximou-se dos dois e também ficou olhando para fora. Como era suave a paisagem de sua tão amada região, como era belo e sereno o Neckar, aqui de um verde profundo do arvoredo refletido nas águas cristalinas, além salpicado de uma poalha dourada do sol da tarde, o ar saturado de cálidos aromas que a brisa trazia misturados às vozes juvenis dos estudantes, como um hálito morno de vida estuante. Por que estavam ali sentados, tão míseros e fracassados, aqueles dois poetas da alienação, o velho alienado, tranqüilo e inofensivo, o jovem alienado, rebelde e exaltado? E por que estava ali ele próprio, o coração oscilando entre amizades transitórias e uma desesperada paixão? Sentia-se tão deprimido e insatisfeito ao lado deles! Seria tudo isso apenas um reflexo de sua extrema sensibilidade, que tantas vezes o fazia fraquejar diante de emoções dramáticas? Ou seria realmente o destino de todos os poetas — que o sol jamais brilhasse para eles e vivessem condenados a devassar as sombras da própria alma?

Compassivo, meditava sobre a vida de Hòlderlin, que fora não só um dos maiores poetas de seu tempo como um erudito filólogo, um crítico clarividente, um educador, correspondendo-se com os mais altos espíritos, amigo de Schiller, respeitado por Hegel, preceptor da família von Kalb. Hòlderlin, tal como Mòrike, também fora aluno do instituto teológico e deveria tornar-se padre, mas rebelara-se contra isso, justamente o que Mòrike também pensava fazer. O Poeta impusera a sua vontade mas a vitória gastara-lhe as forças e aniquilara-lhe o espírito. O mundo não perdoara ao seminarista desleal, ao sensível e tímido Poeta! Pagara-lhe em humilhações, pobreza, fome, obrigando-o a abandonar sua pátria, até que, exausto, contraiu a terrível doença, que parecia menos loucura do

que um profundo cansaço, uma desesperada resignação, a apatia resultante de um espirito e de um coração gastos e desmantelados. Ali estava ele sentado agora, a privilegiada cabeça que abrigara tão grande inteligência, e os olhos ainda tocantemente puros, qual um fantasma de si mesmo, afundado numa surda infância sem esperanças de crescimento. E enchia folhas e mais folhas de papel, nas quais um ou outro poema realmente belo ainda resplandecia como uma jóia engastada em pedras toscas e informes. No todo, os manuscritos do infeliz poeta lembravam um jogo de crianças com coloridas pedras, sendo preciso encaixá-las para que do amontoado brotasse algo com harmonia e nexos.

Enquanto Mòrike se mantinha imóvel atrás dos dois, emocionado e pensativo, Hòlderlin virou-se e encarou-o por instantes, como se procurasse no rosto meigo do jovem, de traços finos e delicados, alguma reminiscência que teimosamente lhe fugia. Talvez o Poeta visse em Mòrike uma imagem de sua própria mocidade, talvez em seus belos olhos, tocados de funda espiritualidade, visse refletidos os generosos sonhos juvenis que outrora lhe haviam abraçado a mente. Não, era muito duvidoso que essa seqüência de pensamentos se desenrolasse no cérebro de Hòlderlin; o mais certo era que seus olhos impenetravelmente sérios tivessem pousado no rosto do estudante por um mero prazer sensorial.

Estavam os três em silêncio, sentindo cada um vibrar ainda em seu íntimo os ecos da anterior e veemente conversa, quando viram a Srta. Lotte Zimmer subindo a colina pelo atalho dos vinhedos. Waiblinger foi quem primeiro a viu ao longe e ficou observando a moça aproximar-se, admirando-lhe a figura robusta mas esbelta com evidente prazer. Quando Lotte já estava perto, acenou para a janela, sorridente, e Waiblinger saudou-a em voz alta, saltou sobre o parapeito para o lado de fora e saiu ao seu encontro, acompanhando-a no último trecho da ladeira.

— É uma grande honra para mim — declamou ele, teatralmente — poder receber e saudar nesta casa uma tão formosa donzela! Entre, querida Srta. Lotte, entre... e três poetas se ajoelham a seus pés!

A moça riu. Tinha o rosto afogueado da rápida escalada da colina. Parou nos degraus da porta e ouviu, divertida, o palavreado do estudante. Depois abanou a cabeça loura e disse:

— Fique de pé, Sr. Waiblinger, não estou habituada a que se

ajoelhem diante de mim. E entregue-me o meu poeta. A mim esse basta.

— Mas entrará por alguns momentos, não? Isto aqui é um templo, Srta. Lotte, não um covil de ladrões. Não sente curiosidade?

— Sei dominá-la quando é preciso, Sr. Waiblinger. E sempre imaginei que os templos fossem diferentes.

— Ah, sim? Como?

— Bom, isso não sei ao certo. Mas suponha que fossem mais solenes e com menos cheiro de tabaco. Não, por favor não insista. Não vou entrar. Tenho de voltar já, já, pois ainda tenho muitas coisas a fazer hoje. Agradeço que me traga o Sr. Holderlin. Vim aqui apenas com o propósito de acompanhá-lo à casa. Foi o combinado, não foi?

Depois de mais algumas trocas de palavras, em tom de gracejo, Waiblinger entrou e fez sinal a Holderlin que era hora de partir. Apanhou-lhe o chapéu e acompanhou-o até a porta. O Poeta parecia levemente contrariado por ter de ir embora; notava-se-lhe no olhar e nos movimentos hesitantes. Mas não disse palavra.

Com a perfeita submissão em que se entrincheirava e escondia de todo mundo, fez uma reverência diante de Mòrike, depois de Waiblinger, e caminhou obediente até a porta, voltando-se para uma última saudação:

— Despeço-me humildemente de Vossas Altezas. As ordens de Vossas Altezas. Um vosso criado...

Amavelmente, Lotte tomou-lhe a mão e guiou-o de volta. Os dois estudantes ficaram parados nos degraus, olhando o par que se afastava pela colina abaixo, entre vinhedos, o homem alto e solene, caminhando com uma postura rígida e hierática, pela mão da Srta. Zimmer, cujo vestido azul e chapéu de palha branco, de largas abas, ainda foram vistos por muito tempo.

Mòrike notou o olhar contristado com que o seu amigo acompanhou o infeliz até desaparecer. Sentiu vontade de animar o sensível e temperamental Waiblinger mas preferiu levar a conversa para coisas supérfluas e alegres, pois tinha medo de que, num momento de fraqueza, ali sozinhos no pavilhão, cedesse ao desejo de revelar ao seu companheiro o que lhe ia no íntimo. Waiblinger já deixara há meses de ser o seu fiel confidente. Mòrike, que nos dias em que um sentimento de solidão o invadia, era capaz de entregar-

se a uma estranha melancolia, evitava sempre revelar aos outros esse lado de seu complexo ser, e muito menos a Waiblinger, que estava sempre disposto a gozar as revelações íntimas dos amigos.

Assim, decidido a quebrar o embaraçoso silêncio e a evitar novas discussões em torno do valor da amizade, bateu ruidosamente num joelho, fez uma careta humorística e disse, num tom de mal disfarçada indiferença:

— Sabes de uma coisa? Encontrei um dia desses um velho conhecido.

Waiblinger encarou-o e julgou perceber na expressão do amigo um breve lampejo da antiga e jovial camaradagem.

— Quem foi? — perguntou ele, animado, numa alegre expectativa. — Vem, Eduard, entremos.

De novo na pequena sala, depois que Mòrike fechou pela metade as gelosias, os dois se sentaram numa aconchegante penumbra.

— Pois imagina quem foi. Vogeldunst, o diretor do Museu Joachim Andreas Vogeldunst, que acabava de chegar de Samarcanda e afirmava encontrar-se aqui numa viagem de negócios extremamente urgente e lucrativa. Passara por Stuttgart, onde arranjara credenciais de Schwab e Matthisson... não era possível ignorá-lo, com tais recomendações!... e queria, na mesma noite, seguir viagem pela mala-posta de Zurique, onde era esperado, dizia ele, com a maior impaciência, por importantes patrocinadores. Somente viera a esta maravilhosa Tübingen atraído pela fama do instituto teológico e por ser lugar favorito de excelsas musas. Eis um motivo suficiente para interromper sua urgente viagem por algumas horas e não se arrependia, não; realmente jamais se arrependeria, apesar dos seus amigos em Zurique, Milão, Paris e não sei onde mais nunca lhe perdoarem uma hora de atraso. Na verdade, Tübingen, berço de tão excelsos espíritos, tinha seu encanto especial, seu charme, como ele disse, sobretudo ao anoitecer, quando reinava nas alamedas do Neckar um *chiaroscuro* delicioso, muito romântico. O emir de Beluquistão encomendara-lhe uma coleção de gravuras de todas as cidades mais bonitas da Europa. Sua Alteza ficaria encantado. Onde poderia encontrar um bom gravador, *un bon graveur sur cuivre*, mas, entenda-se, um verdadeiro mestre, um artista de espírito e imaginação. Ah, existem aqui fontes de águas quentes? Não? Pois ele estava certo de ter ouvido falar nisso... Talvez fosse em Baden-Baden, que não deve ser longe. O Poeta Schubart ainda estava vivo? Vogeldunst referia-se àquele infeliz que foi vendido

por Frederico, o Bom, aos hotentotes, para compor o hino nacional da África, lembras-te? Ah, já falecera? Coitado. Eu já estava ficando meio esquisito com a eloquência barata do sujeito, que enquanto falava não parou de remexer entre os dedos os botões de prata da sobrecasaca. Eu tinha a impressão de já conhecer de algum lado o diretor Vogeldunst, com suas termas e seus longos dedos de aranha. Depois, o homem sacou da sobrecasaca, que lhe chegava quase aos pés, uma caixinha de madeira lavrada, abriu-a com os dedos de fantasma e retirou uma pitada, que dividiu entre as duas narinas, e começou espirrando tão alto e com gritinhos tão esganiçados que por pouco não estourei de rir. Depois, sorri beatamente e ficou tamborilando na tampa da caixa uma marcha parisiense. Tudo aquilo me parecia absurdo e já me sentia torturado como um estudante durante as provas, quando a coisa aperta, o suor começa escorrendo pela testa e os óculos ficam embaciados. O Sr. Vogeldunst de Samarcanda não me dava um momento de folga para raciocinar. Falou-me de Stuttgart e dos graciosos poemas do Matthisson, que recitara pessoalmente para ele. Calcula, os versinhos do Matthisson, que qualquer pessoa medianamente entendida sabe distinguir como bastante fracos. Logo me perguntou se a mala-posta de Zurique passava por Blaubeuren, pois ouvira falar de uma pedra de chumbo que existia por aquelas paragens e que muito valorizaria sua coleção de admiráveis raridades. Pensara também visitar o Lago Boden e, de passagem, faria um oração no túmulo do Dr. Mesmer. AUás, o Sr. Vogeldunst era um antigo e fiel adepto das teorias do magnetismo animal, como também devia ao eminente Prof. Schelling os seus conhecimentos do espírito universal e, aliás, podia afirmar com muita honra que era um sincero amigo da Cultura. Pelo menos, já traduzira os contos fantásticos de Hoffmann para o persa, mandava fazer todo o seu guarda-roupa em Paris e já recebera do saudoso paxá de Assuan uma honrosa condecoração, que era uma estrela cujas pontas eram de dentes de crocodilo. Antigamente usava-a sempre sobre o peito mas, certa vez, quando dançava com uma nobre dama de Berlim, ferira-a no pescoço e, desde então, desistira de ostentar essa valiosa mas agressiva honraria. Enquanto dizia estas coisas, o diretor do museu passava a mão pelos cabelos num gesto tão melífluu que por um triz não caí na gargalhada. Pois agora o reconhecia! Sabes quem era?

— Wispel! — exclamou Waiblinger, divertido.

— Acertaste. Era Wispel. Mas devo reconhecer que estava

muito mudado. Bom, então comecei insinuando cautelosamente a minha descoberta. Primeiro, disse ter a impressão de que já o vira alguma vez. Ele sorriu. Afirmou encontrar-se pela primeira vez nesta maravilhosa região e em tão fascinante cidade, cuja gravura em cobre não poderia esquecer de levar consigo para supremo deleite do emir. Sentia profundamente não se lembrar mas era possível que nos tivéssemos visto alguma vez. Em Berlim? Talvez em São Petersburgo? Não? Possivelmente em Veneza? Seria em Corfu? Também não? Bom, sentia muito, mas certamente devia ser um equívoco do Sr. *Magister*. "Ah", disse eu, "agora me recordo. Foi em Orplid." O homem hesitou um momento. Orplid? Orplid? Ah, sim, também já estivera uma vez, no séquito do velho Rei Ulmon, já falecido. Então, continuei eu, talvez o senhor diretor conhecesse o nosso amigo Wispel? Enquanto lhe fazia a pergunta não tirei os olhos dos dele. Eu juraria que ele era Wispel mas crês que sequer pestanejou? Nada disso. Wi... Wips... Wipf... dizia ele cogitativamente, fingindo não ser capaz de pronunciar direito esse nome que lhe era totalmente desconhecido.

— Formidável! — disse Waiblinger, radiante. — Tenho a certeza de que era ele. Mas o que queria de ti esse danado Vogel-dunst?

— Ah, nada de especial — riu Morike. — Logo te conto. Agora vou sair por um instante.

Abriu novamente as gelosias. O poente estendera seu manto dourado sobre a paisagem perfumada, as montanhas recortavam-se no horizonte como gigantescos dedos azuis apontados para o róseo firmamento.

Morike saltou pela janela baixa e entrou em seguida pela porta, o semblante mudado, com uma expressão alterada, os olhos mortiços e os cabelos caídos na testa. Movia os braços como um pássaro batendo as asas para alçar vôo, os pés com as pontas viradas para fora, e aproximou-se de Waiblinger aos saltinhos. Era a imagem fiel e burlesca de Wispel. Começou falando numa voz esganiçada:

— Muito boa noite, Sr. *Magister*] — disse Morike, fazendo uma rasgada reverência de homem de sociedade, o chapéu seguro na ponta dos dedos da mão esquerda. — Tenho a honra e o prazer de me apresentar a Vossa Senhoria como o Diretor do Museu Vogel-dunst, de Samarcanda. Permite-me que faça uma pequena inspeção

do local? Lugar muito agradável, aqui em cima, muito aprazível *en effet*— Felicito Vossa Senhoria por este delicioso *tusculanum*.

— O que o trouxe por aqui, Wispel? — perguntou Waiblinger, com ar trocista.

— Vogeldunst, por favor. Diretor Vogeldunst. E devo respeitosamente solicitar que não me trate por Excelência, não apenas por ser distinção incompatível com minha modesta pessoa mas também por respeito aos vários e eminentíssimos senhores a quem tenho a honra de servir.

— Então seja, Sr. Diretor. Em quem posso servi-lo?

— Estou falando com o Sr. *Magister* Waiblinger?

— Exatamente.

— Ah, muito honrado! Vossa Senhoria é um gênio da poesia. Por favor, nada de exageradas modéstias. Estou perfeitamente a par de vossos excelsos méritos. Conheço vossas obras imortais, senhor—Três dias me deliciei na leitura de *Phaethon*, esses maravilhosos cantos gregos que nos transportam às subterrâneas paragens onde caiu fulminado o condutor da Luz. Como? Não, não vos incomodeis! Estou inteiramente informado!

— Bom, então ao diabo, Sr. Diretor das terras do Oriente, ,e desembuche!

— O Sr. *Magister* pertence ao seminário de Tübingen? Quero respeitosamente saber se vos encontrais satisfeito em tão douta instituição.

— Satisfeito? No seminário? Homem, para estar satisfeito seria preciso que eu fosse um perfeito animal, Mas todas as questões têm duas faces: o seminário também não está satisfeito comigo.

— Muito bem, *três bien*, estimado senhor! Exatamente o que eu procurava. Encontro-me na grata posição de poder oferecer a Vossa Senhoria uma assaz agradável melhoria na vossa atual situação.

— Oh, muito agradecido. Poderei indagar do que se trata?

Mõrike-Wispel deu um passo atrás, colocou seu chapéu sobre uma estante, executou com os braços mais um de seus etéreos movimentos adejantes e, em voz baixa, disse:

— Por certo Vossa Senhoria vê em mim um homem modesto e de poucos méritos. Mas podeis estar certo de que sei dar conta dos meus recados e, sem querer gabar-me de meus préstimos, já prestei muitos serviços aos mais importantes senhores, para inteira satisfação deles. Serei muito conciso, como convém a um homem cujo

tempo é extremamente valioso. Trago no meu bolso as mais lisonjeiras recomendações dos Srs. Matthisson e Schwab. Trata-se de um assunto de suma importância. Rogo-vos que escuteis atentamente as minhas palavras. Procuo um substituto para Friedrich Schiller!

— Para Schiller! Mas, meu caro senhor...

— Vossa Senhoria me compreenderá e aprovará, se se dignar ouvir-me com atenção. Entre os vários senhores a quem presto os meus humildes serviços conta-se o excelentíssimo Lorde Fox, de Londres, um dos mais ricos e distintos cavalheiros da Inglaterra, país da Grã-Bretanha, amigo e confidente de sua majestade, cunhado do lorde do selo privado, padrinho do Príncipe James de Cumberland, senhor dos condados de...

— Sim, sim, está bem. E o que há com o seu lorde?

— O lorde sabe avaliar os meus talentos, sim, posso vangloriar-me de ser seu amigo, Sr. *Magister*. Durante uma caçada real no País de Gales, ouvi Lorde Fox apresentar-me ao Barão de Castlewood com estas palavras realmente desvanecedoras: "Este homem é um verdadeiro tesouro, meu caro barão!" E uma outra vez, quando a Princesa Vitória acabara de vir ao mundo, estava eu regressando da Espanha, onde...

— Sim, sim, mas continue! O Lorde Fox...

— Ah, o lorde é um homem extraordinário, Sr. *Magister*! Eu tinha a honra de acompanhá-lo às caçadas na sua própria carruagem. Era uma caçada às raposas. Na Inglaterra, a raposa é caçada a cavalo e constitui a diversão preferida da nobreza, *vous savez*. Lorde Chesterfield foi um outro famoso caçador de raposas. E Lorde Bolingbroke também. Morreu de gangrena.

— Mas volte ao assunto, meu caro senhor!

— Eu nunca saio do assunto, Sr. *Magister*! Ora, como dizia, uma caçada às raposas é uma diversão fascinante, embora considere a caça aos búfalos, à maneira russa, ainda mais interessante. Assisti a uma dessas caçadas nos Urais, na companhia do grão-duque. Mas, para ser breve, os grandes senhores ingleses têm singulares e, *je vous assure*, dispendiosas paixões. Conheci um alto comissário da Companhia das Índias Orientais que, por causa de uma simples dor no joelho esquerdo, reuniu em Bombaim duas dúzias de médicos chamados da Europa inteira. Eu lhe recomendara, nessa oportunidade, o médico particular do príncipe eleitor de Braunschweig... agora esqueci o seu nome...

— De quem? Do príncipe eleitor?

— Não, do seu médico particular. Estou inconsolável. Nunca supus que isso fosse possível. De fato, é muito raro que a memória me atraíçoe. De qualquer modo, era um homem muito hábil e entendido em seu ofício. É verdade que ainda não conseguiu curar esse senhor inglês, afirmando que as suas dores são incuráveis, pois não resultam de males físicos mas de pura imaginação. Pode Vossa Senhoria acreditar em semelhante coisa, que a imaginação dê dores nos joelhos? Claro que fiquei muito embaraçado, pois o senhor inglês mostrou-se muito descontente com tudo isso. Mas Vossa Senhoria me interrompeu... Estava eu dizendo que procuro um substituto para Fíriedrich Schiller. Lorde Fox deseja possuir em sua coleção um poeta alemão. Eu próprio o animei nesse sentido, e por que não? Já tem um lama tibetano, um samurai japonês que executa uma excitante dança com seu longo sabre, um feiticeiro da Montanha da Lua e duas bruxas legítimas de Salamanca. Vossa Senhoria sabe, eu próprio sou uma espécie de *homme de lettres* e como faço freqüentes viagens, que me proporcionam numerosos conhecimentos, posso fazer a não de todo desinteressante observação: os poetas alemães, em sua grande maioria, são verdadeiros rouxinóis. E muitos deles pertencem ao instituto teológico de Tübingen, mas não me parecem inteiramente satisfeitos com sua sorte. *Eh bien!* Então pensei que poderia arranjar para Lorde Fox um autêntico poeta-rouxinol de Tübingen. Pagou-me a viagem e recebo dois mil talentos anuais até conseguir um para a sua coleção. As minhas informações levaram-me a concluir que Friedrich Schiller é, no momento, o mais famoso dos poetas alemães e viajei imediatamente para lena. Infelizmente, a minha informação era incompleta e foi-me dito em lena que o pobre Sr. Schiller já falecera. Ora, Lorde Fox quer um poeta vivo, *vous comprenez...*

No meio da frase Mòrike estacou de repente. Da cidade, chegava-lhes o som do relógio da igreja do seminário. O sol já desaparecia no horizonte. Eram sete horas.

— Oh, isto vai dar castigo outra vez! — disse Mòrike, um tanto preocupado. — Não vamos chegar a tempo no seminário e aposto como passarei a noite no calabouço.

— Não me digas que queres deixar a meio a história de Wispel! — disse Waiblinger, contrariado. — Maldito relógio! Vamos, Eduard, recomeçemos!

Mòrike abanou a cabeça. O seu entusiasmo-arrefecera. Passou

a mão pelos cabelos e fechou os olhos por um momento, com expressão preocupada.

— Vens comigo? — perguntou ele. — Se conversarmos bem o porteiro, talvez o homem dê um jeito para entrarmos.

Waiblinger ficou indeciso. A bela judia e seu destino ruim esperavam-no com o cair da noite. Esquecera-se dela havia mais de uma hora. Sentia-se tão bem ali. Entretanto, começou fechando as gelosias. Mòrike ajudou-o. Os dois saíram do pavilhão agora mergulhado nas trevas e Waiblinger fechou a porta.

— Não — disse ele. — Eu vou ficar fora esta noite. Foi uma bela tarde. Há muito que não me sentia tão calmo e animado. Sabes que tenho andado com o espírito perturbado. Peço-te que não me guardes rancor se, por vezes, grito contigo. Pois quando assim procedo não é tanto a ti que me dirijo mas a mim próprio. Se pensas mal de mim, juro-te que não pensaras pior, certamente, do que eu a meu próprio respeito.

Os dois caminhavam à luz do luar na direção da cidade que, com suas chaminés fumegantes, seus telhados oblíquos, parecia agachar-se humildemente em redor da imensa construção do seminário e da igreja.

— Acho que seria melhor vires comigo — aconselhou Mòrike, depois de uma longa pausa. — Não é pelo porteiro. Mas poderíamos ler juntos esta noite o *Hyperion*, ou alguma coisa de Shakespeare. Seria bom.

— Sim, seria bom — suspirou Waiblinger. — Mas já tenho um compromisso. Não vai ser possível. Mas voltaremos a encontrar-nos aqui no pavilhão, não é? E tu trarás também as tuas poesias. Bons tempos aqueles, quando ainda vinham o Louis Bauer e o Gfrorer, e fazíamos aqui as nossas farras! Quem sabe quanto tempo ainda continuaremos juntos, Eduard! Muito não poderá ser. Para mim já começa a faltar o chão e ar em Tübingen.

— Não devias pensar dessa maneira. É certo que estás levando há algum tempo uma vida dissoluta e granjeaste alguns inimigos. Mas tudo poderá ser diferente se tentares outra vez.

A voz de Mòrike era suave e reconfortante mas Waiblinger sacudia a cabeça, com uma expressão de amargura no rosto levemente rechonchudo.

— Diz-me uma coisa — falou Waiblinger. — Se eles me conversassem no seminário, o que é que fariam de mim? Um padre, um

preceptor de alguma família beata. O vigário Waiblinger! O pároco Waiblinger! Ignoro o que possa vir a ser algum dia, mas isso não! Positivamente, não! Aqui não há muito que aprender, tu sabes disso. Os nossos professores são uns meros papagaios, talvez com a única exceção do Haug. Prefiro correr o risco. Tenho de abrir caminho com os meus próprios pés, como o infeliz Hòlderhn tentou no seu tempo, e eu sou mais forte do que ele. Não serei tão nobre e tão puro quanto ele mas tenho mais força e o sangue mais quente. Por isso acho preferível ir logo saindo, voluntariamente, antes que passe pelo vexame de ser expulso. Nunca é cedo demais para começar conquistando a própria vida. Tu sabes o que me segurou até agora em Tübingen... nesse amor quero triunfar ou perecer!

Calou-se de súbito, como se estivesse arrependido de ter falado demais. Na primeira esquina estendeu a mão ao amigo.

— Bom, Eduard, boa noite e um abraço para Wispel!

— Será entregue — disse Mòrike.

Apertaram-se as mãos e Mòrike ainda se voltou uma vez para olhar Waiblinger, que estagara o passo. E, num repentino impulso, elevou a voz e disse, gravemente:

— Não deves renunciar aos dons que possuis, Waiblinger! Acredita no que te digo: para nos engrandecermos e criarmos algo realmente digno e duradouro, é preciso renunciar sempre a muita coisa!

Dito isto, afastou-se rapidamente na direção da Bursagasse e do seminário. Wablinger estacara, surpreendido, ao ouvir a solene advertência do amigo e voltara-se apenas a tempo de ver seu vulto esguio desaparecer nas sombras da rua. Não era costume de Waiblinger tolerar conselhos e admoestações mas ficou imensamente grato por aquelas palavras, pois nelas pressentira um significado bem mais profundo e consolador: Morike ainda acreditava nele. Para quem tanto duvidava de si próprio, essa revelação foi um delicioso refrigério.

Continuou caminhando para a casa de sua bela judia, a sedutora irmã do Prof. Michaelis.

A essa mesma hora, Friedrich Hòlderlin caminhava inquieto no seu quarto de sacada. Acabara de comer a sopa do jantar e, como de costume, colocara o prato no chão diante da sua porta. Nada tolerava em seu quarto que não fosse de sua propriedade e na estreiteza de sua reclusa existência não havia prato nem copo, nem livro ou gravura que lhe pertencessem.

A tarde ainda ecoava fortemente em seu íntimo: o querido pavilhão, o caminho entre os vinhedos, o vasto panorama saturado de verão, o brilho do Neckar e os cantos estudantis na jangada, o diálogo animado entre os dois jovens, sobretudo aquele, de bonito e delicado rosto, cujo nome ele ignorava. Sentia-se inquieto, apesar de fatigado. Caminhou a grandes passadas no quarto e, por vezes, foi parar na janela, perscrutando a noite com olhar vazio.

Mas ele já entendera outrora as vozes da vida, que ainda ecoavam estranhamente no seu mundo de sombras. Juventude e beleza, conversas espirituais e sugestões de um pensamento longínquo tinham penetrado essa tarde em sua mente destroçada, ele, que já fora hóspede de Schiller e conviva no banquete dos deuses. Mas agora estava cansado, não era capaz de unir de novo os fios dourados da existência nem acompanhar a polifonia da vida. Escutava apenas a débil e hesitante melodia do seu próprio passado, uma abafada e nostálgica ária sem continuidade. Estava velho, velho e muito cansado.

Aproximou-se da escrivanhinha e, à luz tênue de uma vela, sob os versos confusos com que enchera uma folha de papel grosso, escreveu, em sua bonita e elegante caligrafia, este breve e triste lamento:

As delícias deste mundo aproveitei,
Da mocidade os prazeres há quanto! quanto tempo! expiraram.
Abril, maio e junho longe estão,
Nada mais sou, de viver não gosto mais.

Pouco tempo depois, Wilhelm Waiblinger abandonava o instituto teológico e Tübingen. Estava fadado a beber a felicidade e a miséria em rápidos e sedentos goles de liberdade, até se corromper irremediavelmente. Emigrara para a Itália e não mais tornaria a ver sua terra natal, nem os amigos. Pobre e abandonado, desapareceria em Roma como um aventureiro sem glória.

Eduard Morike continuou no seminário mas, no final dos estudos, não conseguiu decidir-se a aceitar as regras do sacerdócio. Depois de uma fracassada tentativa de triunfo no mundo secular deu, finalmente, a mão à palmatória. Mas, como nunca foi um padre completo, tampouco gozou de uma felicidade completa. Seu

espírito era freqüentemente assaltado de angustiosas dúvidas mas, de seus sofrimentos e transe, a par de horas serenas e consoladoras, soube extrair inspirados e imorredouros poemas.

Friedrich Holderlin continuou em seu quarto de sacada em Tübingen, e ainda vegetaria cerca de vinte anos na penumbra de sua tardia morte.

o Homem de Muitos Livros

UM CONTO

Era uma vez um homem que, por estranhado pavor ao tumulto da vida, preferira retirar-se, desde sua mocidade, para a companhia tranqüila dos livros. Vivia encerrado em casa, cujos quartos e salas estavam repletos de volumes e não tinha outras convivências e relações senão com os amados livros. Em sua opinião, era muito mais acertado viver na intimidade da Beleza e da Verdade, com os mais nobres espíritos da humanidade, do que expor-se ao convívio ocasional de pessoas e aos acasos de uma existência falsa e traiçoeira.

Seus livros eram todos de autores clássicos, dos sábios e poetas gregos e latinos, cujos idiomas ele amava e cujo mundo lhe parecia tão claro e harmonioso que, freqüentemente, não compreendia por que a humanidade abandonara aqueles excelsos caminhos para se entregar ás piores loucuras. Em todos os domínios do saber e do escrever, os antigos já tinham feito o melhor que se podia exigir do espírito humano, pelo menos, pouca coisa lhes fora acrescentado em épocas posteriores, um Goethe, talvez. E se a humanidade reali-

zou alguns progressos desde então foi, unicamente, naqueles domínios que os antigos não tinham abordado, por considerarem superfluas, prescindíveis e transitórias tais conquistas: a construção de máquinas, as armas de guerra cada vez mais eficientes para a transformação de vivos em mortos, as modificações da natureza em função de números e dinheiro.

Levava o nosso homem uma vida serena, sem sobressaltos. Passeava em seu pequeno jardim, lendo e recitando poemas de Teócrito; colecionava máximas antigas, e saboreava como um delicioso manjar os mais belos pensamentos, sobretudo os de Platão. Por vezes, sentia em sua vida uma certa estreiteza de horizontes e como que uma indigência de emoções, mas logo acudia a um sábio de priscas eras que lhe ensinava, em palavras lúcidas e convincentes, que a felicidade do homem não depende da diversidade e do imprevisto. O ser inteligente encontrá-la-á, igualmente, no autodomínio e na fidelidade a si próprio.

Ora, certa vez, sua vida serena sofreu uma interrupção quando, durante a viagem a uma cidade vizinha, onde fora visitar uma famosa biblioteca, decidiu ir à noite ao teatro. Representava-se um drama de Shakespeare, que ele já conhecia dos tempos de escola mas daquele modo peculiar como se aprendem as coisas na escola e que, muitas vezes, nos tiram a vontade de recordá-las mais tarde. Ocupou seu lugar na ampla e escura sala, um pouco perturbado, pois não gostava de aglomerações. Ao subir o pano, não tardou que o nosso bibliômano se deixasse empolgar e angustiar pelo enredo do drama. Reconheceu que os artistas não eram mais do que razoáveis, mas, por cima de todos os obstáculos e deficiências, sentiu que era dominado por uma força avassaladora, ofuscado por mil relâmpagos fulminantes, arrebatado por sensações que nunca experimentara antes. Atordoado, confuso, saiu do teatro mal o pano caiu sobre o último ato. Antes da viagem de regresso, aproveitou para comprar as obras completas daquele autor inglês e levou-as para casa. Logo no dia seguinte, passou horas delirantes lendo o *Rei Lear*, depois o *Otelo*, e o *Hamlet*, e o *Romeu e Julieta*, sentado, silencioso, dias e dias a fio, envolto numa tempestade de paixões, de pensamentos diabólicos, de aventuras fantásticas. Os meses passavam num constante delírio e, deslumbrado, compreendeu que uma outra face da vida lhe fora revelada, que um outro mundo se lhe abria. Vivía agora, dentro de casa ou no jardim, constantemente cercado pelas figuras da apaixonante galeria gerada por esse

estranho poeta que parecia ter visto o mundo pelo avesso, que era uma contradição de carne e sangue daquela marmórea harmonia que os gregos lhe haviam ensinado e, entretanto, estava aparentemente com a razão e a verdade.

Pela primeira vez, o mundo do bibliômano fora violentamente perturbado e sacudido em seu silêncio clássico... ou talvez já existisse algo em seu íntimo que fora agora acordado e começava a pulsar em suas veias com inquietas asas. Como tudo isso era estranho! Como tudo isso era novo! Esse Shakespeare, que já morrera há muitos anos, parecia ser um poeta despido de ideais ou, pelo menos, eram, bem diferentes dos dos antigos, pois a humanidade não era para ele um templo de recolhidos e sábios pensamentos, antes um oceano de gigantescas tempestades, onde navegavam e naufragavam seres frágeis, angustiados, ébrios de fatalidade mas capazes de viver num êxtase de sentidos enquanto não fossem tragados pelo destino! A humanidade do poeta movimentava-se no universo com as constelações, cada uma delas obedecendo a impulsos predeterminados, cumprindo sua rota em virtude de uma força constante que jamais lhes consente um desvio, até o dia em que se precipitam no abismo e se extinguem em cinzas.

Quando, por fim, o bibliômano, como se tivesse despertado de uma bacanal, meditou sobre o que era e o que fora, e decidiu voltar aos seus clássicos gregos e latinos, notou perplexo que eles tinham um sabor muito diferente, um tanto insípido e mofado. Experimentou ler então alguns livros de poetas atuais. Estes, porém, não lhe agradaram. Interessavam-se apenas por coisas mesquinhas e triviais, seus problemas eram insignificantes e pareciam não estar levando muito a sério o que escreviam.

Mas a fome de novas e grandes sensações não mais deixou de estimular o nosso homem. Quem procura encontra. E, assim o autor que, a seguir, lhe chamou a atenção foi um norueguês chamado Hamsun. Um estranho poeta e um estranho livro. Segundo parecia, Hamsun — que ainda era vivo, ao que constava — dedicou sua vida a vaguear sozinho pelo mundo afora, sem destino certo, sem crença, meio ingênuo e meio degenerado, na busca eterna de sensações que, por momento, colocassem o seu coração em harmonia com a humanidade à sua volta. Esse poeta não criara um mundo, como Shakespeare, com que se pudesse dialogar, preferia falar de si próprio. Mas, em muitas passagens, o leitor era acometido de profundas emoções e, não poucas vezes, de dolorida amargura. Em

outras passagens, porém, era obrigado a rir, de súbito — e também isso era uma experiência nova para ele, pois nunca a leitura de um clássico lhe dera azo a soltar uma boa gargalhada. Como era infantil, esse poeta, e que moço teimoso! Mas era fascinante, sem dúvida, e quem o lia não podia deixar de escutar longínquas e arrasadoras quedas de meteoros ou o trovejar de distantes ressacas em rochosas costas de exóticas terras.

Tempos depois, o bibliômano encontrou um grosso volume que se intitulava *Ana Karenina*. Mais adiante, as poesias de Richard Dehmel. E pouco depois deu com as obras de Dostoiévski. Desde que começara a ler Shakespeare, a poesia como que passara a persegui-lo sem descanso. E, tão logo começava a sentir um certo vazio, surgia-lhe como que por encanto alguém realmente capaz de entusiasamá-lo de novo e com quem poderia falar. O nosso homem chorou e ficou longas noites sem dormir, debruçado sobre esses livros russos. Num momento de raiva, atirou Horácio para longe e desfez-se de uma boa quantidade dos seus outrora tão amados livros clássicos. Por mero acaso, caiu-lhe sob os olhos um livro em latim a que, até então, dera pouco valor. Sentiu então curiosidade de o ler e assim fez, de um só fôlego: eram as *Confissões* de Santo Agostinho. Depois voltou a Dostoiévski.

Certo dia, ao entardecer, quando já estava cansado de ler e lhe doíam os olhos — pois já não era nenhum jovem — caiu em profundas cogitações. Em uma das altas estantes havia mandado gravar em letras douradas, que o tempo já desgastara, uma frase grega que dizia: "Conhece-te a ti mesmo!" Leu aquelas palavras e seu espírito se toldou. Sim, ele nada mais sabia de si mesmo, não se conhecia como antes, quando um verso de Horácio, uma ode de Píndaro, não só o extasiavam mas lhe abriam o caminho luminoso para o conhecimento de si próprio. Sim, em suas antigas leituras ele sentia algo pulsando dentro de si a que chamava humanidade. Com os poetas fora poeta, com os sábios fora sábio, promulgara leis e respeitara-as; e, com uma corajosa dignidade, afastara-se do tumulto da natureza sem alma, renunciara a um mundo de trevas e vícios, caminhando sempre pelo caminho da Luz. Agora tudo isso fora destruído. Não só havia lido terríveis histórias de homicídio, latrocínios, paixões pecaminosas, suicídios, ódios, ambições desvairadas, injustiças, mas também se deslumbrara e fascinara por esse estranho mundo, também amara, assassinara, tinha chorado e pecado, rira e debochava, tinha caído nos abismos mais nefandos

do crime, da miséria, da perdição; trêmulo de desejos e instintos latejantes, fora atraído para domínios proibidos e sentira, simultaneamente, medo e prazer!

Suas meditações não deram frutos. Pelo contrário, não tardou a buscar febrilmente novos e estranhos livros. Embriagou-se no ambiente depravado e excitante de Oscar Wilde, perdeu-se nos meandros nostálgicos e desencantados de Flaubert, leu alguns recentes poetas franceses que lhe pareciam ferozmente hostis à antiga ordem, a tudo o que era harmonia clássica dos helenos e latinos, e que pregavam a revolta, a anarquia, a grandeza do vício, glorificando o feio e cortejando o horror. E o nosso homem concluía que também eles tinham razão, que também tudo isso existia na humanidade, e que assim tinha de ser. Escondê-lo seria uma fraude. A maior de todas as mentiras é quereremo-nos evadir à realidade do sangrento caos da vida.

Seguiu-se um período de abatimento e invencível cansaço. Cada livro que tomasse entre as mãos só lhe evocava novos e perturbadores sentimentos que o distanciavam mais e mais do seu antigo mundo apolíneo. Sentiu-se doente, velho e enganado. Um sonho revelou-lhe seu verdadeiro estado. Sonhou que estava empenhado em erguer uma gigantesca muralha feita apenas de livros. A muralha crescia, crescia, e ele já não podia ver o mundo em seu redor e o próprio sol não penetrava mais no espesso muro de livros. A obrigação dele era empilhar todos os livros do universo e construir um gigantesco monumento. De repente, uma parte da edificação começou balançando, livros escorregavam e caíam no vazio, uma estranha luz penetrou pelas frestas abertas e, do outro lado da muralha em ruínas, ele viu algo pavoroso, viu um caos apocalíptico de formas e figuras, de seres humanos e paisagens, de recém-nascidos e moribundos, crianças e tigres, répteis e soldados, cidades ardendo e navios naufragando, gritos alucinados e exclamações de júbilo, sangue correndo, vinho escorrendo, archotes que corriam de um lado a outro, deslumbrantes e cínicos... e acordou de súbito, sobressaltado, desceu da cama, torturado por um peso esmagador sobre o coração. Foi até à janela do seu quarto em silêncio e deixou-se ficar imóvel, iluminado apenas pelo luar. Reconheceu as árvores defronte da janela e o livro que repousava sobre a mesinha-de-cabeceira. E, num lampejo fulminante, percebeu tudo:

Fora enganado, fora novamente enganado por todos! Tinha lido, folheara milhares e milhares de páginas; devorara papel e tinta

com os olhos e, entretanto, por detrás da obscena muralha de livros, a vida passara em vertiginosa cavalgada, queimando corações, agitando paixões, gerando amores e crimes, abnegações e egoísmos, renúncias e ambições, esparzindo sangue e vinho, derrotas e triunfos. É nada disso lhe pertencera, em nada disso estivera, nada lhe passara pelas mãos... nada!, apenas aquelas finas e lisas sombras estampadas nas folhas de papel de seus livros!

Não voltou para a cama. Desalinhado, saiu e correu pela cidade, correu por cem ruas à luz dos mortícios lampiões, olhando para milhares de janelas escuras, ouvindo atrás das portas fechadas o ruído de centenas de vozes alegres, ameaçadoras, esperançosas, desesperadas. Despontou a manhã, as ruas acordaram e, como um ébrio sem rumo, continuou vagando na pálida luz da alvorada, a cabeça estonteada, as pernas doridas, prestes a desfalecer. Uma moça pálida e de aspecto doentio apareceu à sua frente; ele cambaleou e a moça levou-o consigo.

Na alcova dela, o nosso homem viu-se recostado numa cama simples e desataviada, sobre a qual havia um leque japonês, cheio de poeira e teias de aranha. Viu a moça brincando com as suas moedas de dez talentos entre os dedos e agarrou-lhe a mão fina e exangue:

Não me deixes só! Ajude-me! Sou velho, não tenho ninguém, só a ti! Fica comigo! Talvez eu já nada mais tenha a esperar senão doença e morte. Mas, ao menos, quero sofrer e morrer eu mesmo com o meu próprio sangue e o meu coração. Como és bonita! Importas-te que eu te toque? Não? Como és gentil. Imagina que passei toda minha vida enterrado, enterrado em montanhas de papel! Podes entender o que isso significa? Não? Tanto melhor. Oh, ainda quero viver, ainda viveremos, sim! O sol já nasceu? Pela primeira vez verei o sol com os meus olhos!

A moça sorria, alisava-lhe os cabelos com suas finas mãos e escutava. Não entendia o homem e, na luz cinza da madrugada, parecia ser uma frágil e mísera criatura. Também ela passara a noite inteira na rua.

Sim, sim, vou te ajudar — disse ela. — Fica calmo, eu te ajudarei.

Um Homem Chamado Ziegler

Em tempos idos, viveu na Brauergasse um jovem de nome Ziegler. Pertencia àquele gênero de pessoas que encontramos todos os dias em nossa rua mas cujo rosto nunca conseguimos recordar direito, porque todas têm um rosto idêntico — uma cara coletiva.

Ziegler era e fazia tudo o que essas pessoas sempre são e fazem. Não era ignorante mas tampouco era uma inteligência rara, gostava de dinheiro e diversões, gostava de se vestir bem e tinha aquela dose de covardia da maioria das pessoas: sua vida e ações eram menos pautadas por ambições e impulsos do que por proibições, pelo medo de ser punido. Além disso, tinha alguns rasgos de honestidade e era uma pessoa agradável, enfim, um homem normal, para quem a própria vida era a coisa mais importante e cara. Tinha-se na conta, como toda a gente, de uma personalidade, quando em apenas um espécime, e julgava-se o centro do universo, como toda a gente. Dúvidas não existiam em sua mente e se os fatos contradiziam sua concepção do mundo, fechava os olhos em desaprovação.

Como pessoa moderna, tinha Ziegler um respeito ilimitado pelo dinheiro e, além deste, por uma outra grande força: a ciência. Não saberia definir exatamente o que era a ciência, imaginava-a alguma coisa assim como a estatística, ou um pouco como a bacteriologia, e estava bem a par de quanto dinheiro e honrarias o Estado outorga aos homens de ciência. Tinha particular respeito pelas pesquisas sobre o câncer, pois seu pai morrera dessa doença e Ziegler esperava que, quanto mais desenvolvida estivesse a ciência, menores seriam as probabilidades dele morrer de câncer. Não, os cientistas não permitiriam que tal coisa acontecesse.

Exteriormente, Ziegler distinguia-se pela ambição de trajar sempre acima do que seus recursos o permitiam, nunca deixando de mudar o guarda-roupa de acordo com a moda do ano. Não lhe permitindo os recursos acompanhar a moda do mês e da estação, desprezava os que podiam fazê-lo naturalmente, considerando-os uns mascarados, uns palhaços. Dava muito valor à firmeza de caráter e não temia ofender, entre os seus iguais e desde que estivesse em lugar seguro, seus superiores e o governo. Talvez tenha demorado demais com esta descrição. Mas Ziegler era, realmente, um moço encantador e não é culpa nossa se, sem o querermos, perdemos demasiado tempo com ele. Pois a verdade é que, contra todos os seus laboriosos planos e merecidas esperanças, Ziegler encontrou um prematuro e estranho fim.

Pouco depois de ter chegado à nossa cidade, resolveu ele, certa vez, passar um domingo alegre e distraído. Não fizera ainda relações pessoais e, por falta de decisão, tampouco ingressara em qualquer dos clubes sociais e recreativos da cidade. Talvez tenha sido essa a causa de sua desgraça. Nunca é bom que um homem fique só.

Assim dependia de sua própria iniciativa escolher alguma das atrações oferecidas pela cidade aos forasteiros. Fez minuciosas indagações e, após cuidadoso estudo, decidiu-se por uma visita ao Museu Histórico e ao Jardim Zoológico. Aos domingos de manhã, a entrada no museu era gratuita e o Jardim Zoológico podia ser visitado de tarde a preços reduzidos.

Trajando seu novo terno de passeio com botões forrados, de que ele gostava muito, Ziegler dirigiu-se, no domingo de manhã, ao Museu Histórico. Levava uma fina e elegante bengala de castão quadrado e laqueado de vermelho, que lhe conferia muita pose e

elegância; para seu profundo desgosto, porém, o porteiro do museu intimara-o a deixá-la no bengaleiro, antes de entrar nas salas.

Nas extensas galerias de tetos altos havia muita coisa digna de ser vista e o curioso visitante exaltava, em seu íntimo, a todopoderosa ciência que também ali exibia fielmente sua grandeza, como Ziegler pôde constatar através da leitura das esclarecedoras inscrições nas vitrinas. Velhas bugigangas imprestáveis e enferrujadas de ferro batido, colheres quebradas e cheias de azinhavre, e muitas coisas semelhantes ganhavam com essas doudas explicações um surpreendente interesse. Era maravilhoso como a ciência se ocupava de tudo, como sabia pôr nomes em tudo... ah, sim! Em breve acabariam também com o câncer e, quem sabe, com a própria morte!

Na segunda sala havia um mostruário envidraçado cujos cristais eram tão polidos e reluzentes que, despercebidamente, Ziegler pôde dar um toque de arrumação no terno, pentear os cabelos, ajeitar o colarinho, verificar o vinco das calças e o nó da gravata com o zelo de um sargento passando em revista o pelotão de guardas. Sorriu satisfeito e continuou seu passeio, dedicando a maior atenção a alguns objetos de talha de séculos passados. Rapazes competentes, esses entalhadores, pensou ele, embora muito ingênuos. Observou também, com um sorriso benevolente, um antigo relógio de caixa alta, com figurinhas de marfim que dançavam o minueto quando os carrilhões badalavam as horas. Depois, aquela geringonça toda começou a causar-lhe um certo tédio. Bocejou e, por mais de uma vez, puxou o relógio de bolso que, aliás, tinha o maior prazer em exhibir, pois era de ouro maciço — herança do pai.

Ainda lhe sobrava muito tempo até à hora do almoço e resolveu passar a uma outra galeria do museu que talvez lhe despertasse mais interesse. Lá se expunham diversos objetos relacionados com as superstições da Idade Média, pergaminhos que explicavam como fazer feitiços, tratados de magia, amuletos, utensílios de bruxaria e, num canto, fora reconstituído um laboratório completo de alquimista, com fogão, retortas, almofarizes, bexigas de porco, foles e uma infinidade de outras coisas. Este recanto estava isolado dos visitantes por um cordão e uma tabuleta advertia ser proibido tocar nos objetos expostos. Porém, essas tabuletas nunca são lidas com muita atenção e, além do mais, Ziegler estava sozinho na sala.

Assim, esticou o braço por cima do cordão e tocou, despreocupadamente, em alguns desses extravagantes objetos. Já tinha

lido um pouco sobre a Idade Média e suas engraçadas superstições; não lhe entrava na cabeça como as pessoas, nessa época, podiam se ocupar em coisas tão infantis e que, simplesmente, as autoridades não tivessem proibido essa farsa da bruxaria e das artes mágicas. As autoridades, por vezes, têm desses descuidos. A alquimia, porém, era diferente; podia ser perdoada pois dela resultaria a tão útil e prestimosa química. Santo Deus, pensando bem, todos esses potes, e tubos, retortas de alquimista talvez tivessem sido indispensáveis, porque sem eles era muito possível que ainda hoje não existissem a aspirina e as bombas de gás asfíxiante.

Com a displicência do curioso que mata o seu tempo, Ziegler pegou numa bolinha de cor escura, que parecia com uma pílula; era um pedaço de massa leve e seca, virou-o entre os dedos e já se dispunha a repô-lo em seu lugar quando ouviu passos atrás dele. Virou-se e era outro visitante, caminhando na sua direção. Ziegler ficou com vergonha de que o vissem com a bolinha na mão pois, naturalmente, tinha lido o aviso na tabuleta. Por isso, fechou a mão, meteu-a no bolso e saiu.

Já estava de novo na rua quando se lembrou da pílula. Tirou-a do bolso e pensou em jogá-la fora mas, antes, levou-a perto do nariz e cheirou. Tinha um -aroma levemente resinoso que lhe agradou e resolveu enfiá-la de novo no bolso.

Dirigiu-se então a um restaurante, encomendou o almoço, fofleou um jornal, ajeitou o nó da gravata e dirigiu aos outros comensais olhares ora respeitosos, ora petulantes, conforme eles estivessem vestidos. Como a refeição demorasse, o jornal já estivesse lido e os outros comensais inspecionados, Ziegler tirou do bolso a sua, por mero acidente, roubada pílula de alquimista e cheirou-a outra vez. Depois, raspou-a um pouco com a unha do dedo indicador e, finalmente, obedecendo a um impulso pueril, levou-a à ponta da língua para ver que gosto tinha. Assim que a pílula lhe tocou na boca derreteu-se num abrir e fechar de olhos. Não tinha gosto desagradável e Ziegler acabou engolindo-a com um trago de cerveja. Logo depois chegou o almoço.

Às duas horas, o jovem saltou do bonde em frente ao Jardim Zoológico e comprou um ingresso a preço reduzido.

Sorridente, encaminhou-se para o setor dos macacos e foi postar-se diante da grande jaula do chimpanzé. O símio piscou-lhe o olho, acenou cordialmente e, em voz grave, disse:

— Como vai, querido irmão?

Enojado e surpreendido, Ziegler afastou-se rapidamente e, na retirada, ainda ouviu o cliimpanzé dizer, irritado:

— Não querem ver o orgulhoso? Nem responde a um cumprimento, o ignorante pé-chato!

Já assustado, Ziegler dirigiu-se rapidamente ao cercado dos cercopitecos. Pulavam e corriam, em suas costumeiras diabruras, e gritavam:

— Dá-me açúcar, companheiro!

Como ele não tivesse torrões de açúcar para jogar-lhes, os macacos enfureceram-se, xingaram-no de "pobre-diabo" e mostraram-lhe os dentes arreganhados. Ziegler não suportou mais; consternado e confuso, fugiu do cercado e dirigiu-se para o setor dos cervos e veados, dos quais esperava um comportamento mais natural.

Um grande e belo alce estava perto da vedação e olhou para o visitante. Aí é que Ziegler realmente se alarmou. Percebeu que, desde que engohra a velha pílula mágica, entendia a língua dos animais. E o alce falava-lhe com os olhos, dois grandes e expressivos olhos castanhos. E esse olhar tranqüilo, que para os outros significava altivez, resignação e tristeza, para Ziegler traduziu um sentimento de profundo e aviltante desprezo. De acordo com a expressão majestosa do alce, o jovem compreendeu que, apesar do seu terno domingueiro, do chapéu, da bengala de castão iaqueado, do relógio de ouro, o cativo apenas via no visitante um ridículo e repugnante animal. Ziegler viu o alce voltar-lhe as ancas e resmungar "canalha".

Fugiu para a cerca dos bodes, dali para a das camurças, passou pelo lhama, pelos gnus, os javalis e os ursos. Por nenhum deles foi insultado mas por todos desprezado. Escutava-os falando entre eles e ficou sabendo o que pensavam dos homens. Sobretudo, admiravam-se que a esses feios, fedorentos e cruéis bípedes fosse permitido circularem livremente, metidos em suas espalhafatosas fantasias.

Ouviu um puma conversar com seu filhote. Era uma fala cheia de dignidade e objetiva sabedoria, como raras vezes se ouve entre os humanos. Escutou uma pantera manifestar-se, em termos aristocráticos, sobre a gentalha que a visitava aos domingos. Encarou o nobre leão de juba loura e ficou sabendo como era vasto e maravilhoso o mundo selvagem onde não existiam jaulas nem seres humanos. Viu um milhafre, triste mas orgulhoso, pousado num galho

seco e que observou Ziegler com uma expressão de confrangedora melancolia. Os gaios e pegas suportavam seu cativo com muita decência, indiferentes ao que se passava do lado de fora das gaiolas, ou trocando apenas alguns comentários trocistas e bem-humorados.

No auge da perturbação e arrancado às normas do seu raciocínio habitual, Ziegler dirigiu-se, em seu desespero, para um agrupamento de homens, na esperança de encontrar um olhar que compreendesse sua aflição e medo. Escutou as conversas para ouvir algo consolador que o sossegasse, observou os gestos dos numerosos visitantes, ansioso por surpreender em algum deles um gesto de dignidade, uma expressão de pobreza e silenciosa superioridade humana.

Mas ficou terrivelmente decepcionado. Ouvia as vozes e palavras, via os gestos e olhares mas como observava tudo, agora, através de uma visão animal nada mais encontrou senão uma sociedade degenerada falsa mentirosa, de criaturas ammalescas e feias que pareciam constituir o refugio de todas as outras espécies animais.

Ziegler pôs-se a vaguear Pelo jardim, imensamente envergonhado de si mesmo. A bengala de castão laqueado já fora há muito jogada para o meio dos arbustos. Seguiram-se-lhe as luvas. Mas quando arrancou o chapéu, descalçou as botas, tirou a gravata, e foi encostar-se soluçando, no tapume do cercado do alce, causou uma enorme admiração entre os visitantes de domingo, e foi internado num manicômio-